



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Pensar a Arquitetura para a Comunidade

Habitação Intergeracional como Proposta de Reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora na Ajuda

CAROLINA DA SILVA BARREIRA

(Licenciada)

Projeto final elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica

Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri

Presidente: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Orientador: António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Vogal: Professor Fernando Sanchez Salvador

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, novembro, 2021

RESUMO

O presente trabalho consiste numa proposta de reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora/ Antigo Hospital Militar de Belém, situado na Freguesia da Ajuda, em Lisboa, com o objetivo de atribuir um novo uso ao edifício e, simultaneamente, integrá-lo na comunidade e tecido urbano.

Esta zona de intervenção, marcada por um grande valor histórico e pela favorável situação geográfica, apresenta um conjunto de desafios que incluem a falta de condições adequadas de habitação para várias gerações de habitantes, alguma carência de serviços comunitários, e ainda a falta de uso do edifício do antigo Convento, que se encontra no Largo da Boa Hora.

Através de um programa de “habitação intergeracional”, pretende-se promover o diálogo dentro da comunidade local, entre famílias e dentro de famílias. Para tal, pretende-se propor uma reestruturação e uma maior permeabilidade urbana naquele local, oferecer um conjunto de serviços e tipologias diversas, e valorizar a pré-existência, intervindo em contemporaneidade.

Para concretizar esta proposta de promoção de intergeracionalidade (sobretudo ao nível dos fogos) entendeu-se importante estudar e aplicar o conceito de “flexibilidade passiva”.

A elaboração do presente trabalho permitiu, assim, uma abordagem crítica de diferentes conceitos que permitissem valorizar um edifício dotado de um grande valor histórico e patrimonial e, dessa forma valorizar aquele lugar.

PALAVRAS-CHAVE

intergeracionalidade; comunidade; família; flexibilidade; reabilitação do Convento da Boa Hora;

ABSTRACT

This work consists of a proposal for the rehabilitation of the Antigo Convento da Boa Hora/ Antigo Hospital Militar de Belém, located in Freguesia da Ajuda, Lisbon, with the goal of giving the building a new use and simultaneously integrating it into the community and urban fabric.

This intervention area, marked by its great historical value and favorable geographical situation, presents a set of challenges that include the lack of adequate housing conditions for several generations of inhabitants, some lack of community services, and also the lack of use of the building of the former Convent, which is located in Largo da Boa Hora.

Through an "intergenerational housing" program, it is intended to promote dialogue within the local community, between families, and within families. To do so, it is intended to propose a restructuring and a greater urban permeability in that place, to offer a set of services and diverse typologies, and to value the pre-existence, intervening in contemporaneity.

To realize this proposal to promote intergenerationality (especially at the level of dwellings) it was considered important to study and apply the concept of "passive flexibility".

The elaboration of the present work allowed, thus, a critical approach to different concepts that would allow to value a building endowed with a great historical and heritage value and, in this way, to enhance the value of that place.

KEYWORDS

intergenerationality; community; family; flexibility; rehabilitation of the Convento da Boa Hora;

AGRADECIMENTOS

Um profundo agradecimento ao Professor Doutor António Lobato dos Santos,

Um profundo agradecimento ao Professor Doutor José Luís Crespo,

que acompanharam esta importante etapa com grande generosidade, disponibilidade, partilha, profissionalismo e empatia.

Aos meus Pais e Irmão.

Ao meu Marido, pela força incondicional.

Muito Obrigada.

ÍNDICE

| | |
|--|------------|
| RESUMO..... | II |
| ABSTRACT..... | IV |
| AGRADECIMENTOS..... | VI |
| 01 INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 02 TEMAS: INTERGERACIONALIDADE E FLEXIBILIDADE..... | 9 |
| 2.1 Definições..... | 13 |
| 2.2 Intergeracionalidade e Comunidade..... | 18 |
| 2.3 Intergeracionalidade e Família..... | 19 |
| 2.4 Implicações em Projeto: Flexibilidade..... | 21 |
| 2.5 Casos de Referência..... | 31 |
| 03 LOCAL: FREGUESIA DA AJUDA..... | 40 |
| 3.1 Enquadramento Histórico e Geográfico..... | 43 |
| 3.2 Diagnóstico da Situação Atual..... | 45 |
| 04 OBJETO: ANTIGO CONVENTO DA BOA HORA..... | 50 |
| 4.1 Origem e Evolução..... | 53 |
| 4.2 Diagnóstico da Situação Atual: Teoria de Valor..... | 55 |
| 05 PROPOSTA: UNIDADE INTERGERACIONAL..... | 62 |
| 5.1 Formulação da Proposta Intergeracional..... | 65 |
| 5.2 Percorrer as Casas..... | 92 |
| 06 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 104 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 110 |
| ANEXOS..... | 116 |

ÍNDICE DE FIGURAS

01 INTRODUÇÃO

- 1.1 Vista aérea do Convento da Boa Hora, 2016
In: LX Conventos
Consultado: 23.02.2021

02 TEMAS: INTERGERACIONALIDADE E FLEXIBILIDADE

2.1 Definições

- 2.1.1 Pintura de Mário Fresco, Gerações, 2011
In: www.artmajeur.com/pt/mariofresco/
Consultado: 29.07.2021
- 2.1.2 Grupos ou tipos de Intergeneracionalidade
Autora
- 2.1.3 Edifício do projeto *Humanitas Deventer*
In: Printversie: Seniorenwoningen, 55 plus woningen, Humanitas Deventer - Woonzorg Nederland
Consultado: 24.08.2021
- 2.1.4 Edifício do projeto *Humanitas Deventer*
In: Printversie: Seniorenwoningen, 55 plus woningen, Humanitas Deventer - Woonzorg Nederland
Consultado: 24.08.2021
- 2.1.5 Os Cohabitantes
In: PAIVA, 2002, 222

2.3 Intergeracionalidade e Família

2.3.1 Evolução da Família

Autora

2.3.2 Linha do Tempo de uma Família e a sua desejável relação com uma habitação

Autora

2.4 Implicações em Projeto: Flexibilidade

2.4.1 Gerrit Rietveld com a *Casa Schröder*, 1924

In: <https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rietveld-schroder-gerrit-rietveld/great-buildings-online-1293607034-schroder25>

Consultado: 24.08.2021

2.4.2 Le Corbusier com a *Planta Livre*, 1926

In: <https://www.archdaily.com.br/br/897128/entendendo-a-planta-moderna-10-residencias-iconicas>

Consultado: 24.08.2021

2.4.3 Alison et Peter Smithson com a *House of the Future*, 1956

In: www.cca.qc.ca

Consultado: 24.08.2021

2.4.4 Yonna Friedman com a *Architecture Mobile*, 1958

In: www.ungstad.com/information Architecture and Yona Friedman's La Ville Spatiale | UNGSTAD information architects

Consultado: 25.08.2021

2.4.5 Herman Hertzberger com a Diagoon House, 1971

In: krmlks.wordpress.com/2015/03/20/diagoon-houses/

Consultado: 25.08.2021

- 2.4.6 Steven Holl com a *Fukuoka House*, 1991
In: integrated4xdx.wordpress.com/2012/05/16/steven-holl-housing-fukuoka
Consultado: 25.08.2021
- 2.4.7 Hans Kollhoff, Helga Timmermann, Planta da Habitação em Berlim
In: PAIVA, 2002, 275
- 2.4.8 Hans Kollhoff, Helga Timmermann, Interior da Habitação em Berlim
In: PAIVA, 2002, 275
- 2.4.9 Kuhn, G. Pfiffner, apartamentos em Lenzburg, 1994
In: PAIVA, 2002, 200
- 2.4.10 Casa antes e depois dos habitantes
In: MONTEYS, X., FUERTES. P., 2001, 15
- 2.5 Casos de Referência**
- 2.5.1 Unidade de Habitação Le Corbusier, Marselha
In: HABITAR, 2010, 26
- 2.5.2 Convento da Boa Hora, 2019
Autora
- 2.5.3 Bloco das Águas Livres, Lisboa
In: A+A BOOKS, 2019, 43
- 2.5.4 Convento da Boa Hora, 2019
Autora
- 2.5.5 Luztur, Acessos
In: ARENGA., 2017

- 2.5.6 Convento da Boa Hora, Claustro, 2016
In: LX Conventos
- 2.5.7 Convento das Bernardas, Claustro, 2017
In: behance.net/.../Convento-das-Bernardas-Trienal-de-Lisboa-O
Consultado: 21.08.2021
- 2.5.8 110 Rooms, Planta das habitações, 2016
In: divisare.com/projects/375221-maio-jose-hevia-110rooms
Consultado: 26.08.2021
- 2.5.9 110 Rooms, Esquema com possibilidades de ocupação dos compartimentos, 2016
In: divisare.com/projects/375221-maio-jose-hevia-110rooms
Consultado: 26.08.2021
- 2.5.10 Tabela com os Casos de Referência
Autora

03 LOCAL: FREGUESIA DA AJUDA

3.1 Enquadramento Histórico e Geográfico

- 3.1.1 Vista para o rio Tejo desde a ala sul do Convento da Boa Hora, 2019
Autora
- 3.1.2 Mapa da Freguesia da Ajuda, 2016
In: google.maps
Consultado: 21.08.2021

3.1.3 Mapa da Freguesia da Ajuda, Duarte Fave, 1807

In: LXI

Consultado: 18.07.2021

3.1.4 Mapa da Freguesia da Ajuda, 2016

In: google maps

Consultado: 18.07.2021

3.1.5 Análise SWOT- Freguesia da Ajuda

Autora

3.1.6 Freguesia da Ajuda, 2019

Autora

3.1.7 Freguesia da Ajuda, 2019

Autora

3.1.8 Freguesia da Ajuda, 2019

Autora

3.2 Diagnóstico da Situação Atual

3.2.1 Freguesia da Ajuda, 2019

Autora

3.2.2 Freguesia da Ajuda, 2019, Levantamento do número de pisos

In: google maps

Autora

04 OBJETO: ANTIGO CONVENTO DA BOA HORA

4.1 Origem e Evolução

4.1.1 Convento da Boa Hora

Autora

4.1.2 Convento da Boa Hora, 1833

In: Momumentos sacros

4.1.3 Análise SWOT- Convento da Boa Hora

Autora

4.2 Diagnóstico da Situação Atual: Teoria de Valor

4.2.1 Convento da Boa Hora, 2019

Autora

4.2.2 Modelo da tabela de Brand e Riegl

Autora

4.2.3 Tabela de Brand e Riegl

Autora

Sofia Pinheiro

4.2.4 Tabela de Brand e Riegl

Autora

Sofia Pinheiro

05 PROPOSTA: UNIDADE INTERGERACIONAL

5.1 Formulação da Proposta Intergeracional

5.1.1 Fachada do Convento da Boa Hora, 2019

Autora

5.1.2 Maquete da Situação Existente, 1.1000

Autora

5.1.3 Planta da Situação Existente

Autora

5.1.4 Maquete da Situação Existente, 1.1000

Autora

5.1.5 Maquete da Situação Proposta, 1.1000

Autora

5.1.6 Vista Nascente, Existente, 2019

Autora

5.1.7 Vista Nascente, Proposto

Autora

5.1.8 Vista Norte, Existente, 2019

Autora

5.1.9 Vista Norte, Proposto

Autora

5.1.10 Vista Norte, Existente, 2019

Autora

5.1.11 Vista Norte, Proposto

Autora

5.1.12 Vista Sul, Existente, 2019

Autora

5.1.13 Vista Sul, Proposto

Autora

5.1.14 Vista Nascente, Existente, 2019

Autora

5.1.15 Vista Nascente, Proposto

Autora

5.1.16 Claustro, Existente, 2019

Autora

- 5.1.17 Claustro, Proposto
Autora
- 5.1.18 Lutzur, Galerias
In: ARENGA., 2017
- 5.1.19 Lutzur, Galerias
In: ARENGA., 2017
- 5.1.20 Convento da Boa Hora, Galeria interior, 2019
Autora
- 5.1.21 Convento da Boa Hora, Galeria interior, 2019
Autora
- 5.1.22 Lutzur, Planta do Piso 1
In: ARENGA., 2017
- 5.1.23 Proposto, Planta do Piso 0
Autora
- 5.1.24 Proposto, Planta do Piso 1
Autora
- 5.1.25 Galeria sobre o claustro, Proposto
Autora
- 5.1.26 Proposto, Planta do Piso 2
Autora
- 5.1.27 Proposto, Planta do Piso 3
Autora
- 5.1.28 Vista de Lisboa a partir da cobertura do Bloco das Águas Livres,
2011
In: flickr.com/photos/biblarte/5976965475/in/photostream
Consultado: 28.08.2021

5.1.29 Cobertura Acessível, Proposto

Autora

5.1.30 Convento das Bernardas, Lisboa, 2017

In: [behance.net/.../Convento-das-Bernardas-Trienal-de-Lisboa-0](https://www.behance.net/.../Convento-das-Bernardas-Trienal-de-Lisboa-0)

Consultado: 21.08.2021

5.1.31 Claustro, Proposto

Autora

5.1.32 Tabela da distribuição do programa

Autora

5.1.33 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 0

Autora

5.1.34 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 1

Autora

5.1.35 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 2

Autora

5.1.36 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 3

Autora

5.1.37 Gráfico com os conceitos de reabilitação aplicados

Autora

5.1.38 Tabela da aplicação dos revestimentos na proposta

Autora

5.1.39 Corredor tipo

Autora

5.1.40 Lavandaria tipo

Autora

5.1.41 Ambiente da lavandaria tipo

Autora

5.1.42 Sala tipo

Autora

5.1.43 Cozinha tipo

Autora

5.1.44 Gabinete tipo

Autora

5.1.45 Quarto tipo

Autora

5.2 Percorrer as Casas

5.2.1 Tabela com a distribuição das tipologias propostas

Autora

5.2.2 Planta do quarto tipo da Unidade S

Autora

5.2.3 Maquete 1:50 da Unidade S

Autora

5.2.4 Planta da tipologia tipo da Unidade M

Autora

5.2.5 Maquete 1:50 da Unidade M

Autora

5.2.6 Maquete 1:50 da Unidade M

Autora

5.2.7 Atelier Maio, 110 Rooms interior, referência do apartamento

In: divisare.com/projects/375221-maio-jose-hevia-110rooms

Consultado: 28.08.2021

5.2.8 Planta da tipologia tipo da Unidade L

Autora

5.2.9 Casa Três Gerações, Amesterdão BETA office, 2018

Esquema da utilização da casa hoje e amanhã como se pretende na Unidade L

In: Casa Três Gerações / BETA office for architecture and the city
| ArchDaily Brasil

Consultado: 28.08.2021

5.2.10 30 Casa Três Gerações, Amesterdão BETA office, 2018

Princípio adotado na Unidade L, permeabilidade dentro da habitação

In: Casa Três Gerações / BETA office for architecture and the city
| ArchDaily Brasil

Consultado: 28.08.2021

5.2.11 Vista Nascente, Proposto

Autora

01 INTRODUÇÃO

Enquadramento

O presente documento corresponde ao relatório de um Projeto Final de Mestrado (PFM), desenvolvido entre setembro de 2020 e setembro de 2021, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado.

Este trabalho foi desenvolvido no local abordado durante o 4º ano do Curso de Mestrado, o Antigo Convento da Boa Hora / Hospital Militar de Belém e os terrenos da sua atual cerca.

Desta forma, foi possível aproveitar todas as bases e informação recolhida no ano letivo de 2019/21, tendo-se desenvolvido um projeto integralmente distinto do ano anterior em termos temáticos e de programa funcional.

Ressalva-se que o presente projeto contempla apenas uma atribuição programática para o edifício mais recente do antigo hospital (construído na década de 1970) de forma a concentrar o esforço de projeto no Antigo Convento, cuja extensão e complexidade se entenderam suficientes para suportar um PFM.

A proposta será então a reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora [fig. 1.1.] com um programa de habitação intergeracional que surge tendo como base os conhecimentos obtidos sobre a freguesia e a comunidade local.



1.1 Vista aérea do Convento da Boa Hora, 2016

Motivação

A motivação para a escolha deste tema surge do interesse em analisar conceitos que se relacionam com a noção de comunidade, especificamente as diferentes gerações e as relações entre as mesmas.

Importa referir que na impossibilidade de contacto direto com o objeto de estudo do 5º ano (Lanceiros na Freguesia da Ajuda), optou-se por desenvolver o presente trabalho sobre o objeto Convento da Boa Hora, que já tinha sido visitado e estudado anteriormente, um aspecto considerado fundamental numa proposta de reabilitação.

Paralelamente refere-se também uma motivação social, ou seja, após o estudo realizado anteriormente sobre a freguesia, constatou-se a existência de diversos problemas e carências, como a falta de coesão geracional (destacada pelos moradores locais em conversas pelas ruas), a falta de oferta habitacional acessível a diferentes gerações ou a falta de aproveitamento da favorável posição geográfica. Fatores que cruzados com o facto de o edifício estar desocupado¹, contribuem para a oportunidade de abordar simultaneamente diferentes questões.

Objetivos

Ao longo do presente projeto/investigação, procurou-se atender aos seguintes objetivos:

- Apresentar brevemente o conceito de intergeracionalidade e como este foi sendo introduzido e evoluindo em resposta a problemas existentes numa comunidade.
- Apresentar sinteticamente a evolução do conceito de família, a sua estrutura e organização, de forma a retirar as ideias e padrões para que a proposta possa sustentar-se de dados atuais.

¹ O edifício foi brevemente reativado como Hospital de Retaguarda durante a pandemia COVID-19 entre o ano 2020 e 2021.

- Abordar genericamente o conceito de flexibilidade passiva, que permita diferentes soluções dentro do mesmo espaço, adaptadas a diferentes grupos etários e possibilitando a relação intergeracional não só dentro de uma família como também entre vizinhança.
- Formular um programa habitacional coletivo que privilegie as particularidades das diferentes gerações, compatível com as condições particulares do edificado existente, ou seja, a dimensão dos compartimentos, a sua orientação solar, as vistas, acessibilidades, entre outros.

Na sequência dos anteriores objetivos, propõe-se soluções de:

- Ativação e dinamização urbana, com uma proposta que torne o edifício num elemento colaborante do tecido urbano e funcional, possibilitando solucionar diferentes questões como vazios urbanos, ruas existentes, transições de cotas e percursos pedonais.
- Habitação individual, espaços comuns e espaços exteriores, oferecendo diferentes soluções de habitação para diferentes grupos etários e de diferentes etapas de vida.
- Flexibilidade interior sem alteração de elementos construídos.

Metodologia

Esta investigação divide-se em três fases.

Na primeira fase, com uma abordagem qualitativa, ou seja, investigar acontecimentos e processos passados, fazendo-se uma revisão bibliográfica dos principais conceitos identificados para este trabalho, através da recolha e análise de livros, artigos, revistas e outros documentos. Esta revisão estende-se a casos de referência que abordem o tema e as problemáticas identificadas ao nível da investigação, do projeto e do programa, através da recolha e análise de documentos, de sites especializados e outras referências bibliográficas.

A análise do local de intervenção e do Antigo Convento da Boa Hora será suportada por informação estatística, nas componentes física, urbana e social do território, através dos dados estatísticos dos censos do INE² e de outros organismos que produzem informação útil e adequada ao diagnóstico a realizar. Será utilizada também cartografia, antiga e atual, como método e como fonte de informação para a análise do território. Também da observação direta ao local, com conversas com pessoas locais, onde se retirou a vontade de revitalizar e dinamizar o objeto do Antigo Convento da Boa Hora.

Para o levantamento e análise do Antigo Convento da Boa Hora, serão utilizadas as fontes documentais, incluindo o arquivo municipal da Câmara Municipal de Lisboa. Na impossibilidade de aceder ao interior do edifício por motivos de pandemia, serão reutilizados os elementos produzidos no ano letivo anterior (2019/2020), ou seja, o levantamento fotográfico do interior.

Na segunda fase, a revisão da informação encontrada, retirando as ideias principais e as citações de diferentes autores a serem depois utilizadas como sustentação da investigação. Nesta fase, recorrendo a quadros, tabelas e gráficos como elementos de apresentação dos dados pesquisados. A análise crítica consiste na revisão dos documentos já estudados, de forma a obter a síntese e resumo que irá apoiar a investigação.

Por fim, na terceira e última fase, o projeto, utilizando a componente teórica como ponto de partida para a proposta de habitação intergeracional incluindo:

- a) Formulação de uma Teoria de Valor sobre o existente, com base no estudo da evolução do edificado ao longo do tempo, cruzado com o conhecimento do edifício obtido na visita e nos estudos realizados;
- b) Definição de um programa funcional que considera o tema geral (intergeracionalidade) e a síntese das duas primeiras fases da metodologia;
- c) Estudos de distribuição programática considerando as características dos espaços existentes e da Teoria de Valor;
- d) Propostas para os espaços exteriores contidos dentro da cerca do Convento, a disponibilizar à comunidade local e visitantes;
- e) Estudos de soluções volumétricas e especiais em modelos tridimensionais;

² Instituto Nacional de Estatística

- f) Estudos de ambientes interiores, com recursos a amostras de materiais;
- g) Produção de peças desenhadas a escalas convencionais, desde a dimensão urbana (1:1000) a desenhos de detalhe (1:50 e 1:20);

Estrutura

O documento contém seis capítulos, sendo que se inicia com a *Introdução*.

O capítulo dois, a *Intergeneracionalidade e Flexibilidade*, sendo o tema do presente trabalho e o ponto de partida da investigação. Como subtema, a comunidade e família e a habitação flexível que surgem como complemento da intergeracionalidade de forma a consolidar a intervenção projetual. Ainda no capítulo dois, estarão apresentados e analisados alguns casos de referência com relevância para a proposta projetual.

O capítulo três, a *Freguesia da Ajuda*, onde se fará o diagnóstico do território a intervir, com a análise da envolvente próxima ao edifício a intervir.

O capítulo quatro, *Antigo Convento da Boa Hora*, com a caracterização e evolução do edifício e uma proposta de Teoria de Valor relativa ao mesmo.

O capítulo cinco, a *Proposta*, que descreve a proposta urbana, o enquadramento conceptual que sustenta a intervenção, as tipologias propostas, e por fim os espaços comuns e exteriores propostos.

O documento conclui-se com o capítulo seis, as *Considerações Finais*, e por último a *Bibliografia e Anexos*.

02 TEMAS: INTERGERACIONALIDADE E FLEXIBILIDADE

Neste capítulo pretende-se desenvolver o enquadramento dos temas que sustentam a investigação e consequentemente, o projeto.

Pretende-se abordar o significado do conceito de intergeracionalidade e abreviadamente conceitos como a comunidade e a família, assim como a flexibilidade na habitação pois consideram-se estar diretamente relacionados com a intergeracionalidade e importa entender como poderão contribuir para o presente trabalho.

Por fim, a apresentação de alguns casos de referência que abordam exemplos de habitação intergeracional numa vertente comunitária e habitacional.

2.1 Definição

As relações intergeracionais são um conceito abrangente e complexo. Primeiramente é necessário perceber o que significa “relações intergeracionais”. A palavra intergeracional advém de “inter + geracional³” ou seja “entre gerações”.

Na procura de clarificar o significado de “gerações”, salientam-se alguns pontos como:

- Conjunto de pessoas com o mesmo progenitor
- Grau de filiação ou de descendência
- Conjunto de pessoas da mesma época ou de idade próxima

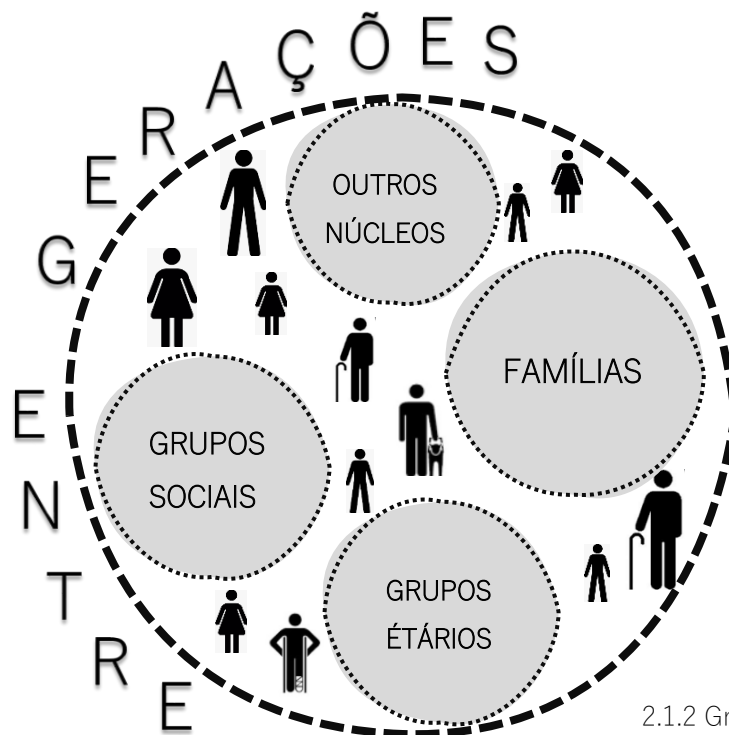
No primeiro contato com o tema e após as leituras realizadas, percebe-se que a promoção das relações intergeracionais é sobretudo explorada tendo em conta os grupos etários dos extremos das faixas, por exemplo entre avós e netos. Não é incorreto, porém o que importa retirar é que estas relações são estabelecidas entre duas pessoas ou mais, com diferentes idades mas também entre pessoas de diferentes fases de vida, de diferentes culturas e vivências [fig. 2.1.1].



2.1.1 Pintura de Mário Fresco, Gerações, 2011

³ Dicionário Online Priberam de Português

Ou seja, a intergeracionalidade não é só uma questão de relação entre gerações opostas, como por exemplo entre jovens e idosos (tendo em conta o grupo etário) estratificadas por idade, mas sim um tema abrangente e aplicado a diferentes vertentes. Não se deverá limitar estas relações aos grupos etários, seria restrito e eles já estão inevitavelmente dentro de cada grupo ou tipo de intergeracionalidade. Assim promove-se as relações intergeracionais entre grupos ou tipos, simultaneamente entre diferentes gerações e consequentemente entre diferentes grupos etários [fig. 2.1.2].



2.1.2 Grupos ou tipos de Intergeracionalidade, Autora

Contextualizando, este tema tem sido sobretudo estudado e implementado numa tentativa de inclusão dos mais idosos, de forma a atenuar uma possível solidão e simultaneamente uma tentativa de colmatar as fragilidades de uma comunidade. Tem vindo a ser alvo de estudo, aliado ao interesse crescente sobre o que é e quais são os benefícios para uma comunidade. Contudo, os tipos de intergeracionalidade são variados, como referido, e isso remete-nos para uma solução capaz de abranger vários pontos de interesse e com diferentes frentes.

Em Portugal, é notório que é necessário obter conhecimentos sobre o impacto das relações intergeracionais. No país o apoio está relacionado com a população mais idosa através de centros de convívio, centro de dia, apoios ao domicílio entre outros.

No caso português, constatamos que este se apresenta ainda como um assunto com pouca visibilidade por parte da comunidade científica, no entanto é de louvar os últimos investimentos na área (OLIVEIRA, 2011, p.5).

Existem algumas propostas que procuraram a relação intergeracional através de programas de centros comunitários, partilha habitacional, programas de apoio a idosos, promovendo atividades conjuntas de forma a haver um cruzamento entre os diferentes utilizadores. Estes foram programas propostos na vertente social visto que estes invocam a solidariedade de gerações e a promoção da relação entre família e comunidade.

A relação direta entre jovens e idosos é muitas vezes explorada com soluções que promovem a junção de ambos no mesmo espaço. Como exemplo, o *Viure i Conviure*⁴, que se caracteriza por um programa de habitação intergeracional em Espanha, onde os idosos que habitam sozinhos e os estudantes universitários se juntam numa partilha da mesma habitação.

Existe ainda um projeto holandês, *Humanitas Deventer*⁵, que se caracteriza por um alojamento num lar de idosos a jovens estudantes, de forma a promover a relação e companhia entre ambos, sendo que os jovens prestam apoio aos idosos, entre os quais preparar refeições, ensinar novas tecnologia e atividades partilhadas. O edifício funciona como uma comunidade, com espaços comuns e espaços exteriores partilhados [fig. 2.1.3. e 2.1.4].



2.1.3 Edifício do projeto *Humanitas Deventer*



2.1.4 Edifício do projeto *Humanitas Deventer*

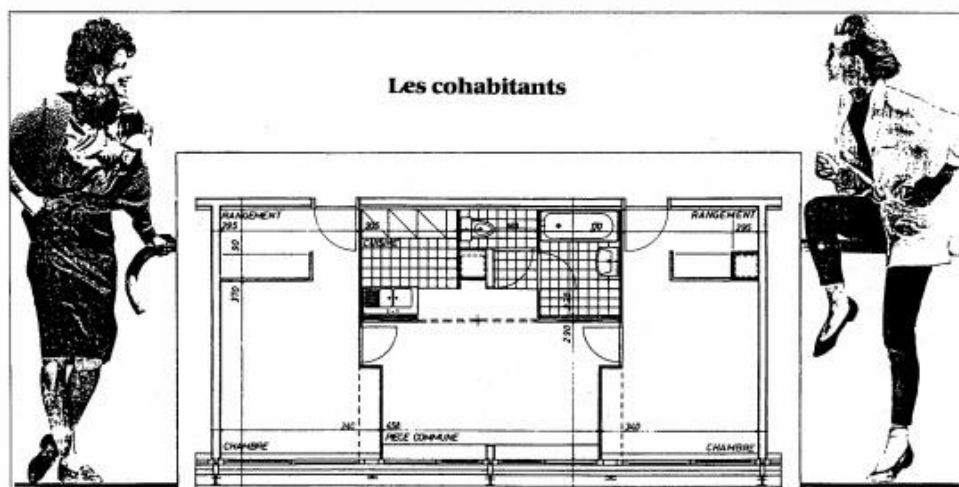
⁴ Esta iniciativa teve origem em 1996/1997, através de uma Obra Social de Caixa Catalunha em conjunto com várias universidades fazendo assim frente à solidão das pessoas.

⁵ Centro de cuidados residenciais independente no distrito de Deventer

Numa primeira parte, para maior clareza do tema e maior aproximação ao benefício destas relações, são ponto de referência os mais jovens e os mais idosos de forma a perceber onde está o equilíbrio entre estes dois grupos etários. No caso dos mais idosos, promove o contacto direto com outras gerações, desempenham um papel ativo numa comunidade, colmata o isolamento, e oferece benefícios na sua qualidade de vida e saúde mental. Nos mais jovens, o contacto poderá beneficiar o aumento de saberes, o sentido de responsabilidade, e respeito pelos outros grupos etários.

Posteriormente, entende-se que a promoção das relações intergeracionais deve ser abordado numa perspectiva relacionada com a família, que é o meio ideal para esta promoção, com a relação entre as várias gerações que a compõem, pois pensa-se ser uma relação mais fácil de implementar dada a sua reduzida dimensão. Dentro da família, o benefício das relações intergeracionais poderá ser variado e para todos, desde o indivíduo à comunidade.

Esta promoção da intergeracionalidade poderá ir além das relações familiares, ou seja, poderá também ser uma solução para quem se encontra numa fase de vida mais solitária por outros motivos, como por exemplo na emigração, ou jovens que estão temporariamente longe das suas residências, jovens e adultos deslocados da sua área de residência para efeitos de atividade profissional. Ou seja, a inclusão destes grupos (não estratificados em grupo etário nem membros familiares, mas em fases da vida), num programa intergeracional é válida e importante pois ao mesmo tempo que é vantajoso para o emigrante, estudante ou trabalhador, também o residente local irá beneficiar com a partilha de hábitos, saberes, com outros [fig. 2.1.5].



2.1.5 Os Cohabitantes

No fortalecimento das relações intergeracionais, tendo em conta os diferentes tipos de grupos que a podem compor, surge outro conceito importante, a articulação entre grupos. Ou seja, será ainda mais benéfico possibilitar uma relação de partilha, entre diferentes grupos dentro do mesmo espaço.

Por exemplo:

- Jovens que procuram frequentemente a sua primeira habitação e independência que poderão partilhar o mesmo espaço;
- Estudantes, nacionais ou internacionais, poderão partilhar o mesmo espaço entre eles ou com idosos;
- Trabalhadores deslocados da sua área de residência, como referido, que poderão se articular a outros na mesma situação e partilhar a mesma habitação beneficiando de uma vertente social mas também de um conforto económico;
- Emigrantes, onde o fator solidão é ainda mais acentuado, a possibilidade de articulação poderá ser importante e vantajosa mais uma vez socialmente, economicamente e também, afetivamente;

Estas articulações, que poderão ser ainda mais variadas, promovem uma contribuição mútua de experiências, saberes e valores.

No seguimento desta articulação diversa, importa perceber que a autonomia e independência devem estar asseguradas para todos, pois é difícilmente ter em conta as especificidades de cada grupo, ou pessoa.

Assegurando essas questões, poderá ser criada uma coesão comunitária. Ou seja, estas relações intergeracionais deverão funcionar simultaneamente na vertente habitacional e da comunidade, pois só assim esta promoção é constante, diversificada e capaz.

2.2 Intergeracionalidade e Comunidade

No estudo do tema da intergeracionalidade, importa abordar conceitos que estão diretamente relacionados, como o “sentido de comunidade”, a “comunidade enquanto conceito evolutivo”, as famílias e a sua caracterização. Nesta investigação interessa entender estes temas e conceitos de forma a sustentar a proposta do programa intergeracional.

O “sentido de comunidade”, do que é comunitário, é importante numa perspectiva intergeracional pois, numa proposta abrangendo diferentes grupos etários e diferentes modos de vida, que estarão em contacto direto, o papel da comunidade enquanto grupo que sustenta este programa, é fundamental.

Este “sentido de comunidade” será reforçado nas relações entre vizinhança por exemplo, na utilização de espaços partilhados, que vão desde espaços exteriores a interiores, na partilha de atividades e tarefas, no cuidado pelo que é comum a todos, entre outros. Isto poderá impulsionar um ambiente seguro e sentido de responsabilidade para incentivar a participação coletiva dos indivíduos.

Numa comunidade existem diferentes aspetos que se vão alterando e que permite uma maior diversidade e simultaneamente definem os diferentes grupos de indivíduos que contribuem para uma proposta intergeracional.

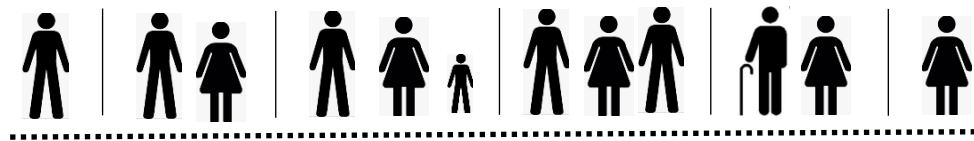
Outro fator que influencia uma comunidade é o meio urbano onde se insere, pois uma maior população dificulta mais a articulação numa comunidade. No caso da Freguesia da Ajuda, apesar de se situar na cidade de Lisboa, a sua dimensão enquanto freguesia e a sua população, poderá ser fator positivo na implementação de um edifício habitacional intergeracional contrariando a ideia de que as comunidades urbanas são menos aptas a que se estabeleça uma relação favorável em comunidade.

2.3 Intergeracionalidade e Família

No “sentido de comunidade” a dimensão da família influencia positivamente: quanto maior for o agregado familiar, maior a intersecção entre o agregado e também a comunidade.

É importante promover uma diversidade e flexibilidade de opções da comunidade, repensar estes temas tendo em conta aquilo que os caracteriza: os indivíduos.

Os indivíduos enquanto famílias, não estão em constante alteração como muitas vezes é referido nalguma literatura. Essa ideia poderá promover uma errada justificação para as falhas existentes no tema da habitação e da sua relação com a comunidade. O que acontece é que as famílias vão evoluindo e uma só família que é constituída por diferentes gerações, passa por diferentes fases e necessidades ao longo do tempo [fig. 2.3.1].



2.3.1 Evolução da Família, Autora

As famílias contemporâneas são o resultado de uma individualização que foi surgindo ao longo dos anos e este fator tem consequências na comunidade e na habitação. Posto isto, mais que a necessidade de encontrar sempre modelos atuais para responder às necessidades, é atentar ao sentido de comunidade.

De acordo com o INE, as famílias são distinguidas em dois tipos:

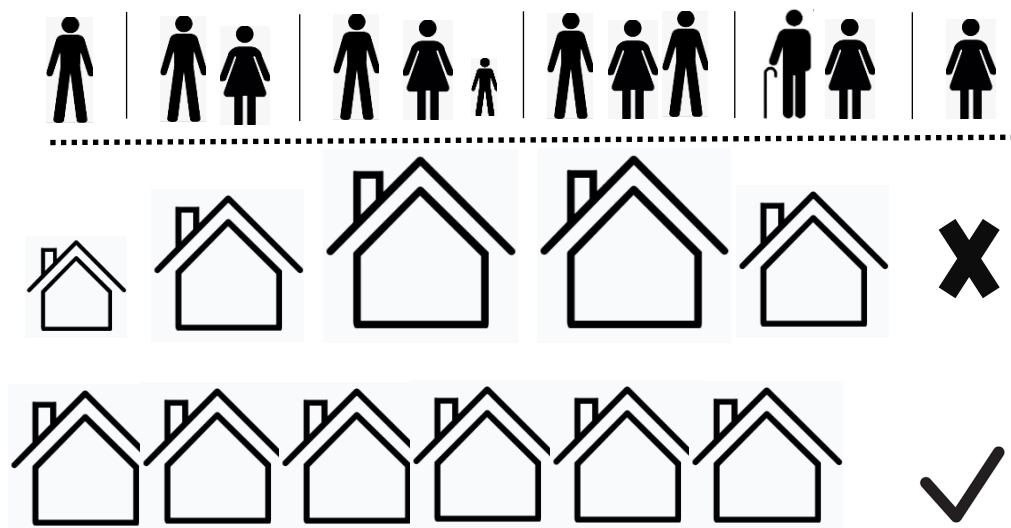
- a) Clássica, que significa partilha da mesma habitação e simultaneamente uma relação de parentesco;
- b) Institucional, que significa habitação coletiva sem grau de parentesco.
Houve um aumento das famílias monoparentais, e o divórcio tornou-se cada vez mais comum, o que aumenta este tipo de família;

Ou seja:

- a) As famílias unipessoais aumentaram, onde se enquadram viúvos e solteiros;
- b) A dimensão média da família contemporânea compõe-se por dois a três elementos, sendo que muitos casais têm o primeiro filho tardiamente;
- c) Poderá ser devido à individualização, pois aumentaram também as pessoas que habitam sozinhas;

No entanto, apesar da família tradicional continuar a ser o modelo dominante, existe um número crescente de outro tipo de famílias, tais como os casais com filhos de varios casamentos, pessoas sós, solteiras ou divorciadas, casais sem filhos, dois adultos que coabitam com ou sem filhos, pessoas idosas, em casal ou sós, etc (PAIVA,2002,p.15).

A arquitetura não deverá responder a um único modelo de família contemporânea, pois seria difícil se concentrar em todas as suas individualidades e particularidades, mas deverá sim focar-se nas suas diferentes fases e usos, inerentes a todas as famílias, que apesar das suas diferenças, funcionam sob um princípio de agregação e desagregação [fig. 2.3.2].



2.3.2 Linha do Tempo de uma Família e a sua desejável relação com uma habitação,
 Autora

*Podemos dizer que o desenvolvimento da vida em família não é mais forçosamente linear, mas sim uma sucessão de sequências : vida de solteira, vida em casal, famílias monoparentais e depois novamente vida de casal*⁶ (BONVALET, e MERLIN,p.1988,886).

2.4 Implicações em Projeto: A Flexibilidade

Para a intergeracionalidade funcionar como impulso de uma comunidade, em termos de habitação, é necessário contemplar o recurso à “flexibilidade” no desenho dos fogos.

Pode afirmar-se que os modelos de habitação hoje generalizadamente propostos estão desajustados e que as casas que habitamos, herdeiras das propostas da arquitetura moderna funcionalista, constituem modelos rígidos a nível da sua pré-determinação funcional, da sua configuração espacial e compartimentação, e da hierarquia dimensional e de circulação entre compartimentos (FARIAS, 2014, p.2).

Na procura de uma solução, existem diferentes estratégias, executadas por diferentes autores, de forma a haver uma aproximação às necessárias atuais. Para a proposta apresentada, o objetivo foi explorar a “flexibilidade passiva”. Este é um conceito relevante para o presente trabalho, pois numa proposta intergeracional, o conceito de flexibilidade passiva permite libertar o ocupante da tarefa de alterar fisicamente o espaço, ao contrário da flexibilidade ativa⁷.

O conceito de “flexibilidade passiva” significa a estabilidade espacial e neutralidade e polivalência de usos sem necessidade de alterações físicas no espaço, (algo claramente de mais fácil alcance do utilizador comum).

⁶ Tradução livre do original : *On peut dire que le déroulement de la vie familiale, n'est plus forcément linéaire, mais est devenu une succession de séquences : vie solitaire, vie de couple, familles monoparentales puis de nouveau vie de couple* (BONVALET, e MERLIN,1988,886).

⁷ Flexibilidade ativa: implica manipulação física na compartimentação do espaço através de paredes, portas e móveis deslizantes.

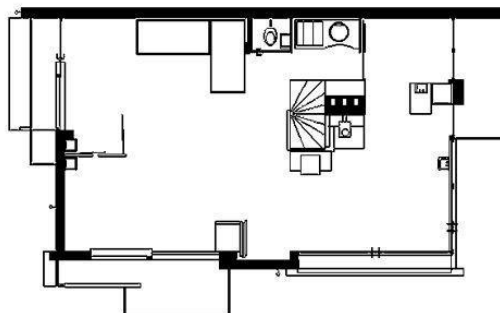
Importa na investigação presente, entender como este conceito foi sendo utilizado numa vertente social e familiar, ou seja, salientar os princípios que foram experimentados e que foram eficazes na busca pela flexibilidade nas soluções de organização do espaço interior tendo em conta uma família mas também a sua evolução, agregação e desagregação.

Pretende-se retirar um princípio primário na sua utilização e que possa ser simultaneamente eficaz.

A “habitação flexível” foi um tema em discussão entre 1900 e 1940, sendo que na década de 1920 teve mais impacto. Também foi objeto de discussão entre 1960 e 1975, sendo que depois houve um resfrear na abordagem ao tema, apesar de estar continuamente em discussão.

A aposta em soluções flexíveis aconteceu com a revolução industrial e com a procura pela redução do espaço útil habitacional associada à reconstrução da Europa Pós 1ª Guerra Mundial e ao progressivo êxodo rural.

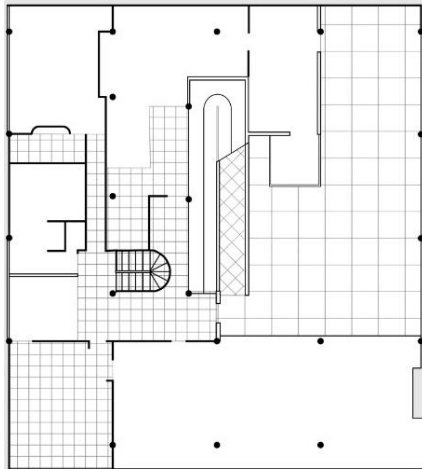
Obras de Gerrit Rietveld com a *Casa Schröder* (1924) [fig. 2.4.1], Le Corbusier com a *Planta Livre* (1926) [fig. 2.4.2], Alison e Peter Smithson com a *House of the Future* (1956) [fig. 2.4.3], Yonna Friedman com a *Architecture Mobile* (1958) [fig. 2.4.4], Herman Hertzberger com a *Diagoon House* (1971) [fig. 2.4.5], Steven Holl com a *Fukuoka House* (1991) [fig. 2.4.6], são exemplos de habitação unifamiliar com flexibilidade espacial, na procura de uma solução transversal a qualquer ocupante. Na vertente do presente trabalho, o entendimento dos princípios adoptados numa habitação unifamiliar, irá possibilitar retirar ideias chave que poderão ser aplicadas na proposta a realizar.



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Divisórias móveis
- Ambiguidade espacial
- Múltiplos acessos ao exterior

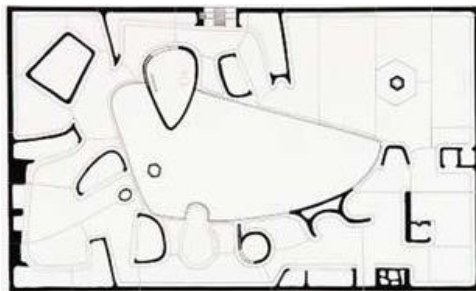
2.4.1 Gerrit Rietveld com a *Casa Schröder*, 1924



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Autonomia estrutura
- Liberdade espacial
- Divisórias móveis

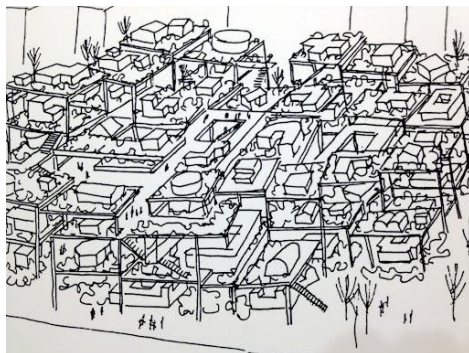
2.4.2 Le Corbusier com a *Planta Livre*, 1926



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Autonomia estrutura
- Ambiguidade espacial

2.4.3 Alison e Peter Smithson com a *House of the Future*, 1956



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Possibilidade de transformação
- Adaptabilidade

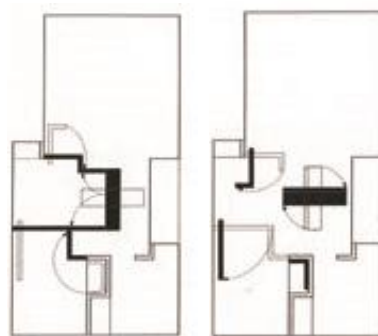
2.4.4 Yonna Friedman com a *Architecture Mobile*, 1958



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Variedade de funções
- Adaptabilidade
- Divisórias móveis

2.4.5 Herman Hertzberger com a *Diagon House*, 1971



Princípios de Flexibilidade Passiva e Ativa:

- Variedade de funções
- Divisórias móveis

2.4.6 Steven Holl com a *Fukuoka House*, 1991

Como referido por Xavier Monteys, em *Edifício Comum*, não importa o uso original de um espaço, mas o facto de ser parte integrante da casa, faz com que possa ser interpretado de um modo distinto e possa servir tanto nos primeiros passos na emancipação de algum dos membros de uma família, como aos que afetam a dependência das pessoas no final da idade adulta ou como lugar de trabalho.

Os espaços parecem ter adquirido estatutos de utilização cada vez mais explícitos, o que conduz a uma espécie de imagem guia do funcionamento arquitetónico em que cada compartimento tem atribuído um uso específico (PAIVA,2002,p.13).

Em contraciclo com a redução do tamanho das famílias, o número de espaços na habitação tem vindo a aumentar. Isto poderá ser devido à necessidade de privatização e intimidade, associado à individualização da sociedade e também das famílias. A atividade laboral também poderá influenciar as formas de habitar, levando à necessidade de uma maior flexibilidade.

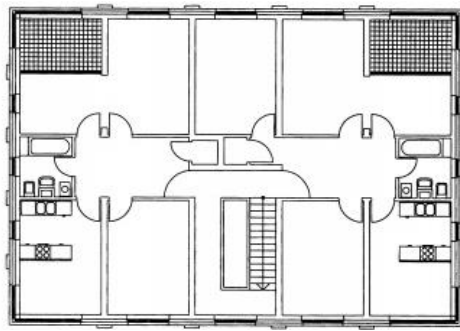
Sendo que a “intergeracionalidade” deve começar dentro da habitação individual, percebemos que as soluções existentes poderão ser capazes de responder positivamente em um determinado momento de uma família, mas que acabarão depois por ser inadequadas e desajustadas.

Importa saber responder aos modos de habitar de diferentes gerações, importa que a intervenção permita flexibilidade não sendo rígida e limitativa e possibilitando a durabilidade da e na habitação, pois não se pretende prever todas as alterações possíveis, mas sim permitir diferentes interpretações.

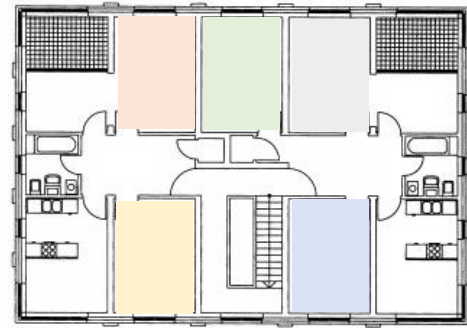
Apropriamo-nos das palavras de Eduardo Souto de Moura para constatar que as tipologias que existem chegam. Já existiram na história, podem ser alteradas, manipuladas, podem sofrer inversões, do gênero casas antigas que se alteram... mas a tipologia de casa está lá, há é mudanças de usos (ABREU,2016,p.19).

Contrariamente à ideia de um formalismo no espaço, esta flexibilidade espacial deverá promover uma ambiguidade no espaço tanto ao nível das áreas como compartimentação, libertando a ideia de zonas pré-concebidas numa habitação (zona de dormir, zona de comer, zona de lazer) [fig. 2.4.7 e 2.4.8].


A ideia de ambiguidade surge da vontade de contrariar a excessiva pré-determinação funcional que a maioria das habitações correntes apresenta (FARIAS, 2014, p.48).



2.4.7 Hans Kollhoff, Helga Timmermann,
Planta da Habitação em Berlim
Ambiguidade (desafogo funcional)



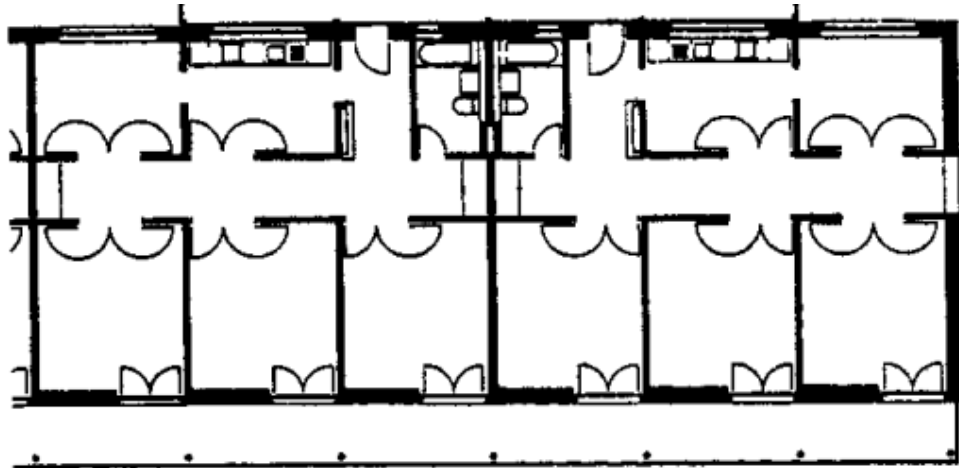
2.4.8 Hans Kollhoff, Helga Timmermann,
Interior da Habitação em Berlim
Ambiguidade (desafogo funcional)
Esquema: Autora

 Possibilidades: Quartos,
salas de estar, salas de
refeições, outros

A ambiguidade alimenta a flexibilidade (MONTEYS,2001,p.48).

Significa que a interpretação do utilizador deverá possibilitar uma liberdade de pensamento na organização e utilização do espaço sem qualquer manipulação, para que haja um diálogo, sempre que possível direto, entre a concepção e recepção.

Neste sentido é importante que não se atribuíam usos específicos a um compartimento, deixando o ocupante escolher onde tenciona colocar a sala, o quarto, ou se quer abdicar de um destes espaços ou de outros. Será assim o mobiliário o único elemento a caracterizar o tipo de uso, contribuindo assim para a dinâmica de uma família. Esta solução permite que seja o habitante a manipular o espaço sem alterações físicas [fig. 2.4.9].



2.4.9 F. Kuhn, G. Pfiffner, apartamentos em Lenzburg, 1994
Habitação com compartimentação ambígua e múltiplos acessos

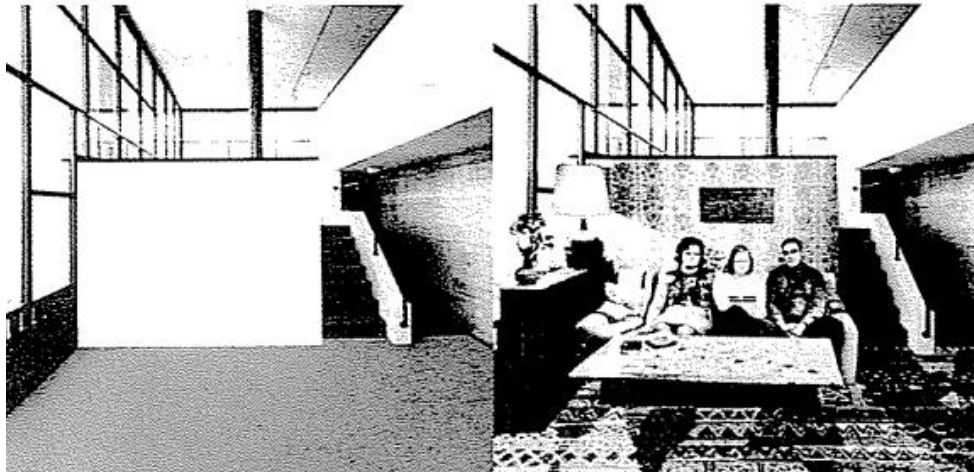
Uma estrutura poderá parecer desorganizada à primeira vista, mas é um reflexo da diversidade de aspetos a que recorre e acaba por se tornar útil aos seus usuários (MONTEYS,2001,p.6).

A solução de “habitação mínima”, muito associada também à questão da flexibilidade, poderá também induzir em erro. Ou seja, num determinado momento da família, ou para a grupo etário específico, esta solução poderá ser a ideal, porém poderá também se tornar desatualizada e sem conforto, por exemplo para os mais idosos onde o “mínimo” poderá significar “excessivo”.

Reforçando novamente a relação entre família, habitação e flexibilidade, percebemos que o conceito de “agregação e desagregação”, já referido e existente nas famílias, deverá ser um conceito igualmente aplicado na habitação, assim poderá conseguir-se uma conexão mais satisfatória e tentar solucionar o aumento ou diminuição das famílias.

A casa é o resultado de uma operação de agregação mais do que a subdivisão do espaço convertido em distintas peças (MONTEYS,2001,p.56).

Esta condição na habitação é importante e permitirá o potencial tanto do espaço físico como do utilizador. O utilizador terá sempre um papel fundamental no destino do espaço, ou seja, o arquiteto projeta um espaço e faz questão de o fotografar, sempre antes que este seja ocupado, e quando se tem a possibilidade de o fotografar novamente após estar ocupado, as diferenças são notórias e muito relevantes na compreensão do papel do arquiteto e do utilizador num determinado espaço [fig. 2.4.10].



2.4.10 Casa antes e depois dos habitantes

Não se pode controlar o investimento pessoal do utilizador no espaço que foi projetado e idealizado para ser utilizado de uma certa forma, da maneira que o arquiteto julga ser a correta. Por isso, muitas das soluções de habitação mínima apresentam um modelo semelhante em que as zonas húmidas são fixas e as restantes zonas flexíveis, mas com mobiliário fixo já incorporado em paredes por exemplo, na tentativa de solucionar e automaticamente incutir no ocupante uma determinada disposição do espaço ou mobiliário.

Usar uma coisa de outra maneira diferente da que estava prevista, é um tipo de ação crítica que devíamos estar atentos (MONTEYS,2001,p.17).

Estes são exemplos de uma forma do arquiteto oferecer mais flexibilidade mas de também controlar o destino do espaço. É importante perceber que a melhor forma de controlar o espaço é dar-lhe a liberdade total na sua interpretação e ambiguidade.

Em complemento, deverão também ser valorizados os espaços públicos e os espaços comuns, isto para promover esta relação fora da habitação individual, que serão espaços de encontro cruciais e igualmente determinantes.

Estes espaços serão o primeiro contacto exterior à habitação individual antes do acesso ao espaço público. Se por um lado se procura a flexibilidade no interior da habitação, por outro propor espaços comuns que nos induzam a espaços de passagem, rígidos na sua forma e utilização, não será o mais correto e será contraditório, sendo que a arquitetura deverá responder em todas as camadas de forma eficaz (espaço exterior comum, espaço interior comum, espaço interior privado).

É assim necessária uma aposta nos espaços comuns e que estes sigam igualmente o princípio da flexibilidade tanto no sentido comunitário como espacial. Possibilitando assim uma requalificação nos espaços comuns, através de uma experiência agradável ao utilizador e que simultaneamente contribua para a promoção das “relações intergeracionais”.

2.5 Casos de Referência

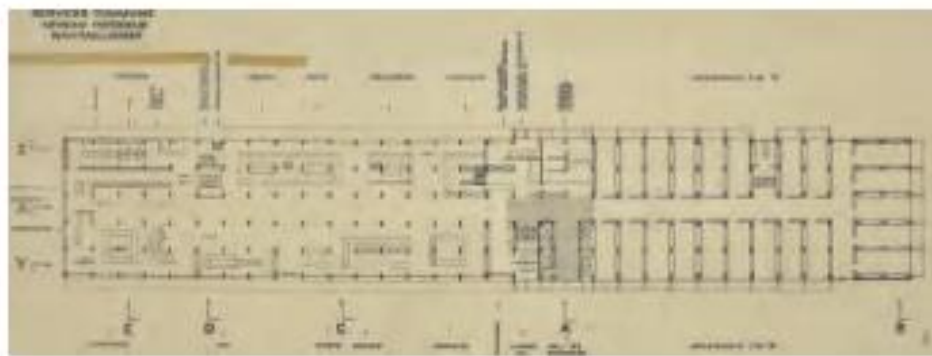
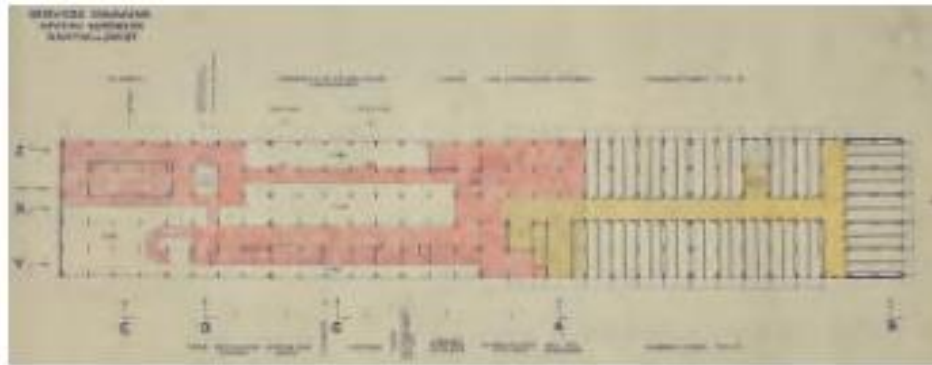
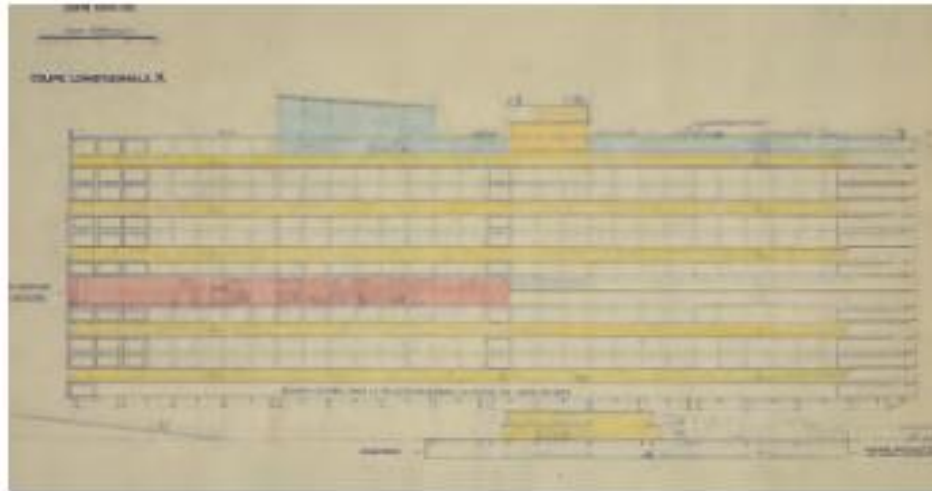
Os casos de referência foram escolhidos tendo em conta o tema e os seus contributos possíveis para implementar “intergeracionalidade” no objeto de trabalho, seja em termos globais (no edifício e na sua relação com a envolvente) seja a nível dos fogos.

Pretende-se que estes casos de referência sejam um suporte teórico e projetual e que ilustrem os princípios que se pretendem abordar na proposta deste trabalho.

Apresentam-se exemplos de habitação coletiva, na escala urbana e comunitária, e de fogos, possibilitando a análise de referências onde a “intergeracionalidade” acontece entre membros da mesma família e na comunidade.

Importa referir que o caso de referência que iniciou esta pesquisa foi a *Unité d’Habitation* de Le Corbusier em Marselha, como princípio de referência comunitária e habitacional, porém, pretendiam-se casos de referência nacionais de forma a uma maior aproximação ao caso de estudo [fig. 2.5.1].

Para os casos de referência será feito o enquadramento, a análise e a sua ligação ao projeto, tendo como complemento uma tabela comparativa com as conclusões comuns a cada exemplo.



2.5.1 *Unité d'Habitation*, Le Corbusier, Marselha

Bloco das Águas Livres | Lisboa | Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral | 1956

O *Bloco das Águas Livres* da autoria de Nuno Teotónio Pereira, tornou-se em Lisboa um representante do Movimento Moderno, sendo a *Unité d'Habitation* sua referência. O edifício dispõe de habitações com diferentes tipologias, ateliers para artistas, comércio e escritórios. Pretendia-se um modelo para a comunidade e que na mesma lógica da *Unité d'Habitation*, fosse capaz de ser autónomo e dar resposta às variadas necessidades do indivíduo. O sistema de circulação reforçava esse princípio, combinando diferentes átrios, elevadores e galerias.

Na sua ligação ao caso de estudo, o Antigo Convento da Boa Hora, é importante retirar os princípios comunitários aplicados e como os espaços de circulação horizontal e vertical podem contribuir para as relações entre os habitantes. Para as relações intergeracionais que se pretende, estes são elementos importantes que poderão contribuir e valorizar o sentido comunitário. As galerias de acesso e circulação do *Bloco das Águas Livres*, são também uma referência importante para o Antigo Convento da Boa Hora, que dispõe de galerias de circulação interiores e exteriores, associadas à matriz conventual mas que poderão ser impulsores desta relação entre espaços comuns e habitações, e conseqüentemente de espaços de circulação, transição ou permanência [fig. 2.5.2 e 2.5.3].



2.5.2 Convento da Boa Hora, 2019
Galeria exterior



2.5.3 Bloco das Águas Livres, Lisboa
Galeria exterior

LUZTUR | Luz | José Veloso | 1978

O edifício encontra-se ainda vivo e válido na proposta cívica que nos faz, no sentido comunitário (ARENGA,2017,p.11). Com uma presença contestada desde a sua construção, tem qualidades arquitetónicas singulares, com particular interesse no universo dos edifícios multifuncionais nos quais a habitação coletiva se articula com outras funções complementares, capazes de servir tanto a comunidade residente no edifício quanto a comunidade sua vizinha (ARENGA,2017,p.41).

O edifício *Luztur* situa-se na Luz, próximo da cidade de Lagos e foi projetado na década de 1970. Este edifício, da autoria do arquiteto José Veloso, teve como objetivo criar uma pequena comunidade, como local de passagem ou permanência. O programa variado, contribui hoje para a riqueza deste objeto, desde habitações, comércio, lojas, ruas interiores, pátios, espaços de estar e lazer.

O seu sistema distributivo e de acessos é também muito particular, através de percursos urbanos de atravessamento do edifício e com acessos ambíguos, ou seja, não é perceptível a entrada ao edifício, e pode ser feito de diversas formas e de diferentes cotas. Pretende-se recriar na proposta esta permeabilidade entre as ruas a diferentes cotas, como o Largo da Boa Hora, a Trav. Nova de Dom Vasco e a Rua do Guarda-Jóias. Nas habitações do *Luztur* as tipologias são variadas, oferecendo uma grande diversidade de fogos e formas de acesso. Este princípio será também aplicado ao Antigo Convento da Boa Hora, tendo em conta que o facto de se tratar de uma pré-existência implicará limitações nas possibilidades [fig. 2.5.4 e 2.5.5].



2.5.4 Convento da Boa Hora, 2019

Zona a norte



2.5.5 Luztur

Acessos

Convento das Bernardas | Lisboa | Arqui III | 2001

Os conventos, devido à sua morfologia diversificada e multi-celular, dispõem de grande flexibilidade para outros usos, não havendo necessidade de grandes alterações estruturais, para a sua reutilização como hospitais, quartéis entre outros, e mais recentemente pousadas, como refere o Professor Jorge Gaspar (GIL,2017,p.63).

O *Convento das Bernardas* situa-se no Bairro da Madragoa, em Lisboa. Fundado em 1653, passou por vários usos como recolhimento de mulheres penitentes, convento, colégio e residência para as famílias mais carenciadas.

Após as queixas acerca do seu estado de degradação, a CMLisboa adquiriu o convento no ano de 1998, e abriu um concurso público para a reabilitação do *Convento das Bernardas*. Para além da necessidade de resolução do problema habitacional, havia também que dotar o edifício de novos usos. Atualmente é ocupado por habitação, lojas, um restaurante, um centro de uma coletividade local e o Museu da Marioneta.

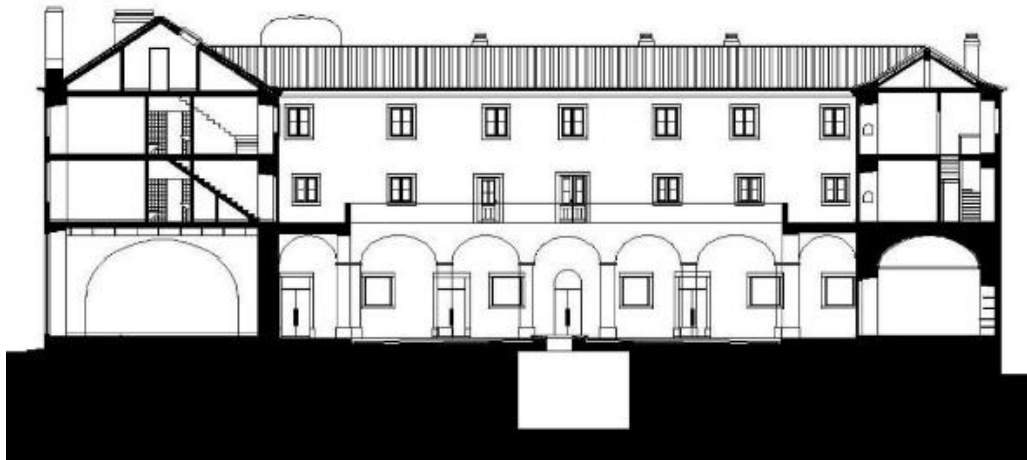
Em relação ao objeto de estudo, a matriz conventual e o programa do edifício são semelhantes. O *Convento das Bernardas* foi reabilitado tanto na vertente habitacional, como para outras funções e pretendeu-se repor o traçado inicial do claustro [fig. 2.5.6 e 2.5.7].

Para o aproveitamento da luz das fachadas existentes, as habitações foram implantadas junto à fachada e a circulação passou a ser feita pelo interior sobre o claustro, como antigamente e como se propõe no Antigo Convento da Boa Hora. As tipologias foram assim adaptadas ao existente, conseguindo fogos de diferentes dimensões e diferentes acessos.

A reabilitação das habitações e de edifícios com valor patrimonial tem enorme impacto na vida dos bairros pois leva a que se apoiem novamente “as coletividades locais, as festas, a valorização dos vestígios do passado” (GIL, 2017,p.70).



2.5.6 Convento da Boa Hora, Claustro, 2016



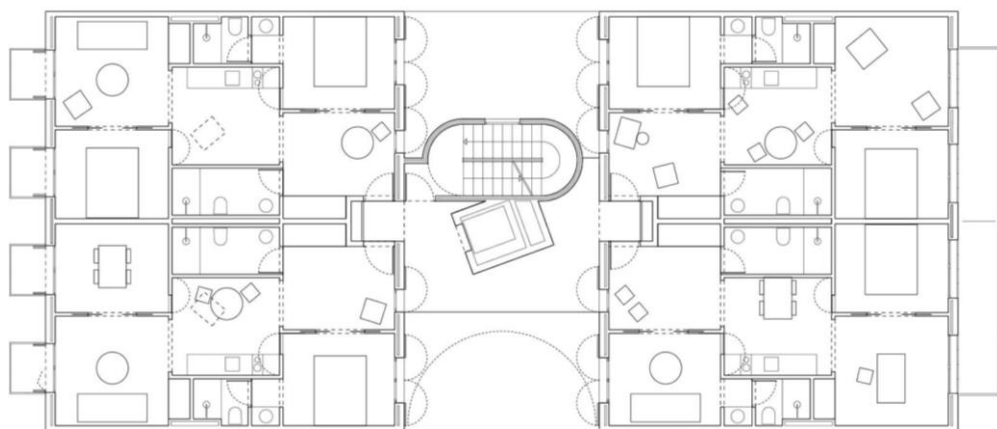
2.5.7 Convento das Bernardas, Claustro, 2017

110 Rooms | Barcelona | MAIO | 2016

O bloco habitacional *110 Rooms* situa-se em Barcelona, Espanha e surge inspirado por um estudo realizado aos edifícios habitacionais pombalinos de Lisboa. Este exemplo de flexibilidade passiva, ou seja, compartimentação ambígua, oferece uma maior liberdade aos ocupantes. A compartimentação indeterminada, e cada compartimento pode ser utilizado para diferentes usos.

Existe também a possibilidade de agregação e desagregação entre fogos, podendo um apartamento variar na sua dimensão. O sistema de distribuição é inexistente sendo que se circula diretamente entre os compartimentos. A cozinha e instalações sanitárias localizam-se ao centro, libertando as fachadas para os compartimentos destinados a quartos ou salas. Não existem espaços de circulação (corredores, átrios), pelo que a circulação se faz pelo fogo ao passar de uns compartimentos a outros [fig. 2.5.8].

Este exemplo relaciona-se diretamente com a proposta de intervenção no Convento da Boa Hora, pois esta flexibilidade interior poderá ser uma mais valia, adaptando-se à pré-existência. No objeto de estudo pretende-se igualmente libertar as fachadas para maior aproveitamento da malha estrutural existente, os acessos, vãos, aproveitando a luz natural e vistas, assim como o sistema de distribuição, colocando estrategicamente a cozinha e instalações sanitárias ao centro, como no bloco habitacional *110 Rooms*.



2.5.8 110 Rooms, 2016
Planta das habitações



2.5.9 110 Rooms, 2016

Esquema com possibilidades de ocupação dos compartimentos

| | | Escala Comunitária | | Escala Habitacional |
|-----------------------|---|---|---|---|
| Nome | Bloco das Águas Livres | Luztur | Convento das Bernardas | 110 Rooms |
| Arquiteto | Nuno Teotónio Pereira | José Veloso | Arqui III | MAIO |
| Local | Lisboa | Luz | Lisboa | Barcelona - Lisboa |
| Ano | 1956 | 1978 | 2001 | 2016 |
| Programa | Habitação, comércio, escritórios, ateliers | Habitação, comércio, lojas | Habitação, lojas, restaurante, centro de dia, coletividade local, museu | Habitação |
| Aplicação na Proposta | A vertente comunitária e a sua relação com a habitação | A vertente comunitária e a sua permeabilidade com o espaço público | A matriz conventual | Flexibilidade passiva |
| Análise – Conclusões | <ul style="list-style-type: none"> • Vertente comunitária importante; • Espaços de circulação horizontal e vertical podem contribuir para as relações entre os habitantes; • As galerias de acesso e circulação do Bloco das Águas Livres podem promover as relações intergeracionais; | <ul style="list-style-type: none"> • Sistema distributivo e de acessos é muito particular, através de percursos urbanos de atravessamento do edifício e com acessos ambíguos; • Não é perceptível a entrada ao edifício, e pode ser feito de diversas formas e diferentes cotas; • Habitações de tipologias variadas, não havendo um modelo replicado mas sim uma adaptação ao espaço e uma agregação das casas; | <ul style="list-style-type: none"> • O Convento das Bernardas foi reabilitado tanto na vertente habitacional como para outras funções; • Reposição do traçado inicial do claustro e foram demolidos as novas construções; • Para aproveitamento da luz das fachadas existentes, as habitações foram implantadas junto à fachada e a circulação passou a ser feita pelo interior sobre o claustro; • As tipologias foram adaptadas ao existente, conseguindo fogos de maior dimensão, duplex e diferentes acessos; | <ul style="list-style-type: none"> • Adaptação a qualquer habitante ou tipo de família; • Compartimentação ambígua e indeterminada que permite liberdade do ocupante; • Variedade de usos de cada compartimento; • Ausência de sistema distributivo permite maior aproveitamento das áreas úteis; |

03 LOCAL: FREGUESIA DA AJUDA



3.1.1 Vista para o Rio Tejo, 2019
Autora



3.1.2 Mapa da Freguesia da Ajuda, 2016

Neste capítulo será apresentado o território, a Freguesia da Ajuda, localizada em Lisboa. Pretende-se fazer uma contextualização em termos de localização, enquadramento histórico e geográfico, apresentando a evolução da freguesia ao longo dos anos assim como a sua situação atual [fig. 3.1.2].

Será também realizado o diagnóstico da envolvente mais próxima da zona de intervenção (O Largo da Boa Hora), já com uma análise de forma a perceber que tipo de população residente existe atualmente, a oferta no setor imobiliário e os seus valores, a proximidade de universidades, e se existem já propostas para a freguesia em relação à habitação coletiva numa vertente comunitária ou intergeracional.

3.1 Enquadramento Histórico e Geográfico

Situa-se geograficamente na zona Oeste de Lisboa, numa encosta a Sul e delimitada pelas Freguesias de Alcântara, Belém e pelo Parque Florestal de Monsanto. A Freguesia da Ajuda teve origem em 1587 e é composta por construções de grande valor e importância, desde o valor monumental e patrimonial que se caracteriza maioritariamente por património militar. São exemplos o Palácio da Ajuda, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, o Antigo Convento da Boa Hora e Antigo Hospital Militar de Belém, o Quartel do Conde de Lippe, a Igreja da Memória entre outros exemplos.

Para a afirmação desta zona, a reconstrução pós terramoto de 1755 foi muito importante. Sendo a zona menos afetada com o terramoto, o rei mudou-se para o Alto da Ajuda e mandou construir a Real Barraca, o atual Palácio Nacional da Ajuda, o que originou um crescimento, caracterizava-se por quintas e espaços agrícolas e mais tarde, a partir do século XVI, começaram a surgir as construções de habitações entre outras [fig. 3.1.3 e 3.1.4].

Atualmente é uma freguesia dotada de potencial com questões a resolver [fig. 3.1.5, 3.1.6, 3.1.7, 3.1.8].



3.1.3 Mapa da Freguesia da Ajuda,
1807



3.1.4 Mapa da Freguesia da Ajuda,
2016

| | |
|--|--|
| <p>Forças</p> <p>Bom enquadramento geográfico Orientação solar História do local Vista sobre o Rio Tejo</p> | <p>Fraquezas</p> <p>Distância ao centro da cidade Comunicação com o centro Carência de espaço público qualificado Manutenção do edificado Pouca coesão social e geracional Topografia com pendentes acentuadas</p> |
| <p>Oportunidades</p> <p>Zona de comércio Espaço público com potencial Regeneração do Local Valorização da zona do Rio seco Largo da Boa Hora Terrenos vazios Edificado desocupado Acessibilidades Regeneração urbana em curso</p> | <p>Ameaças</p> <p>Gentrificação Destruição do Património Perda de identidade local Pressão imobiliária</p> |

3.1.5 Análise SWOT- Freguesia da Ajuda

Autora



3.1.6 Freguesia da Ajuda,
2019
Autora



3.1.7 Freguesia da Ajuda,
2019
Autora



3.1.8 Freguesia da Ajuda,
2019
Autora

3.2 Diagnóstico da Situação Atual

População Residente e Oferta Habitacional na envolvente ao caso de estudo

De acordo com os Censos de 2011 – BGRI (INE, 2011), a Ajuda possuía uma população envelhecida, 47% das famílias são compostas por pessoas com 65 e mais anos de idade. Sobre o índice de envelhecimento, em 2001 a Ajuda acolhia 230 idosos para cada 100 jovens com idade até aos 15 anos, sendo que em 2013 observa-se um aumento do número de pessoas com mais de 65 anos, situando-se o índice em 250 idosos (LOIO,2019,p.55).

No diagnóstico da envolvente do edifício do caso de estudo, importa referir que a Freguesia da Ajuda tem uma população maioritariamente envelhecida. Sendo este o grupo etário predominante (mais de 65 anos), deverá ser tido em conta numa proposta. Será igualmente importante atrair jovens e adultos para esta freguesia, dada a sua localização, podendo este ser um fator importante para que os mais jovens vejam nesta freguesia uma mais valia em relação à habitação, e simultaneamente, criar a possibilidade de equilibrar os grupos etários da população na freguesia [fig. 3.2.1].



3.2.1 Freguesia da Ajuda, 2019, Autora

Na envolvente próxima existem equipamentos escolares, como as faculdades no Alto da Ajuda, a Universidade Lusíada, entre outros. Estes equipamentos acabam por atrair jovens à Freguesia da Ajuda numa vertente de passagem e não permanência, criando fenómenos de ocupação sazonal, associados ao decurso dos anos letivos.

Em relação à habitação, segundo (LOIO,2019,p.54): *A Ajuda possui um edificado antigo, predominantemente constituída por construções baixas e com fins residenciais.* A oferta habitacional existente, é maioritariamente antiga e sem condições e as novas construções que foram surgindo são dotadas de um valor económico elevado o que limita o acesso a esta oferta.

O valor da habitação na freguesia teve o seu pico máximo de valor, segundo o site Idealista e tendo em conta os últimos cinco anos, no mês de julho do ano 2019, atingindo o valor de 4343 €/m². Em 2016 os valores rondavam os 1824 €/m² e no ano 2021 apresentam um valor de 3903 €/m², descida que poderá ser consequência da crise económica relacionada com a pandemia.

Estes valores são reflexo de uma atividade imobiliária que se pretende direccionar para a classe alta, tornando assim a acessibilidade à habitação na Freguesia da Ajuda muito restrita e seletiva.

Após consulta de agências imobiliárias, através da internet sobre imóveis à venda, confirmam-se os valores elevados que são justificados, no site de venda, pela localização do imóvel, a sua tranquilidade, a sua proximidade a acessos à grande Lisboa assim como a sua proximidade a Monsanto, ao rio Tejo e a Belém.

É também frequentemente referido que esta zona se destina à residência de famílias, estudantes e que é igualmente muito procurada por estrangeiros. Também a oferta de equipamentos é mencionada, desde atrações turísticas, comércio, restauração, espaços de lazer e a rede de transportes.

Porém importa referir que a maior oferta é entre a tipologia T0 e T2, (segundo o site Imovirtual acedido a 21.02.2021) e que os edifícios habitacionais são maioritariamente de 2 a 3 pisos, segundo levantamento realizado, [fig. 3.2.2] fator relevante que é consequência destes imóveis serem maioritariamente reabilitações de edifícios antigos e de pequenas dimensões.



Este fator associado aos valores praticados, originam uma seleção nos habitantes, em termos económicos e sociais. Não existe portanto uma oferta variada, acessível a todas as classes e agregados familiares existentes na freguesia. Assim, deveria ter-se em conta, em novos projetos, uma maior variedade de oferta tanto na tipologia, como nos valores de venda e aluguer. Estima-se que a proposta de intervenção com um programa de habitação intergeracional que se pretende acessível a todos em termos habitacionais e económicos, poderá contribuir com uma maior oferta e escolha dos habitantes locais e não locais.

04 OBJETO: ANTIGO CONVENTO DA BOA HORA



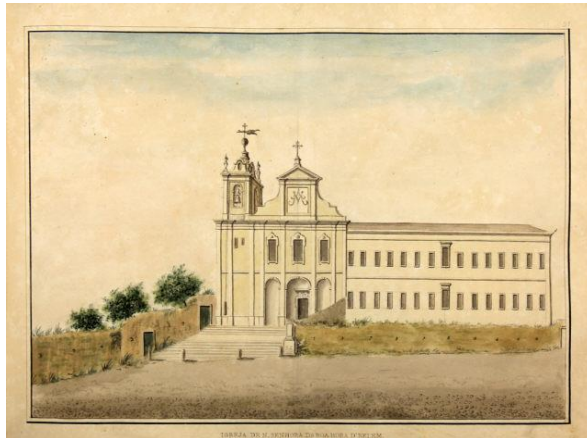
Neste capítulo será apresentado o objeto de estudo, o Antigo Convento da Boa Hora na Ajuda. Importa referir que simultaneamente à escolha do tema “intergeracionalidade”, este objeto foi escolhido de forma a ter uma nova oportunidade de revisitá-lo e propor a sua reabilitação.

Pretende-se fazer uma caracterização do edifício, numa vertente histórica com a descrição do seu estado atual e da sua organização interior.

Por fim, será apresentada uma “Teoria de Valor” do edifício, de forma a catalogar os elementos de maior e menor valor existentes de forma a perceber o que deve ser ou não mantido desde paredes estruturais, paredes divisórias, portas, janelas, escadas, entre outros.

4.1 Origem e Evolução

O Antigo Convento da Nossa Senhora da Boa Hora, foi fundado em 1758. Contextualizando, após o terramoto e incêndio que ocorreram em 1755, o convento que até então existia na Baixa de Lisboa, foi reconstruído na Ajuda com o plano de Eugénio dos Santos em 1758 [fig. 4.1.2].



4.1.2 Convento da Boa Hora, 1833

Após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, o Antigo Convento da Nossa Senhora da Boa Hora passou a estar ocupado pela Brigada da Região Militar de Monsanto e Queluz e passou a designar-se de Hospital Regimental de Infantaria 1.

Em 1934 começou a dar assistência aos doentes por tuberculose após construção de vários pavilhões no lado Norte da cerca. Em início de 1970s, estes pavilhões são substituídos por um novo edifício.

No início do século XX, o hospital passa a chamar-se Hospital Militar de Belém. Em 2012 é criado o Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas e o Hospital Militar de Belém é desativado, permanecendo até hoje (2021) desocupado. Como mencionado, no ano 2020, o bloco dos anos 1970 é reativado como Hospital de Apoio durante a pandemia COVID-19⁸. Em 2013 é classificado de monumento de interesse público. Desde 2013, o edifício da Igreja e Convento está classificado como Monumento de Interesse Público como mencionado na DGPC⁹.

⁸ Vírus que surgiu no ano 2020 e originou uma pandemia no Mundo.

⁹ Direção Geral do Património Cultural.

As diversas alterações de funções do Antigo Convento da Boa Hora, implicaram e originaram diversas intervenções no edifício ao longo do tempo, sendo muitas delas prejudiciais no que diz respeito à estrutura original do edifício e aos seus princípios. A intervenção de maior consequência no edifício foi na ala norte, em meados do século XX. Esta intervenção correspondeu a alterar as compartimentações existentes e a criar áreas de maior dimensão.

Na mesma época em que foi construído o Bloco Novo do lado norte do terreno, foi acrescentado um novo piso na ala norte, com estrutura em betão armado sobre as paredes portantes dos pisos inferiores. Esta intervenção foi causadora de graves problemas estruturais causando igualmente uma nova imagem no edifício descontextualizada da sua imagem inicial.

Para a presente proposta é importante ter em conta a origem do objeto assim como a sua evolução, tanto para a sua reabilitação como para o novo programa [fig. 4.1.3].

| | |
|--|--|
| <p>Forças</p> <p>Fachadas em bom estado de conservação</p> <p>Asnas de madeira na ala norte</p> <p>Elementos decorativos (azulejos, portadas de janelas, janelas e portas)</p> <p>Guarnições de portas e janelas em pedra</p> <p>Vistas a sul, rio, claustro</p> | <p>Fraquezas</p> <p>Falhas estruturais no piso 3</p> <p>Fachada a norte</p> <p>Alterações de compartimentação interior</p> <p>Introdução de estruturas em betão armado (ala nascente e ala norte)</p> |
| <p>Oportunidades</p> <p>Possibilidade de ligar com envolvente a Tv. D. Vasco e Tv. Guarda Jóias</p> <p>Diferentes cotas de contacto com a envolvente</p> <p>Fachada a sul</p> <p>Boa exposição solar</p> <p>Sistema distributivo</p> <p>Claustro</p> <p>Cerca</p> | <p>Ameaças</p> <p>Acessibilidades</p> <p>Pouca visibilidade (cerca)</p> |

4.1.3 Análise SWOT - Convento da Boa Hora, Autora

4.2 Descrição da Situação Atual: Teoria de Valor

A partir de uma análise da situação atual do Antigo Convento da Boa Hora, foi realizada uma “Teoria de Valor”, que para o presente trabalho, se dividiu entre uma teoria por “elemento ”realizada individualmente [anexo IX] e ainda uma tabela resumo realizada em colaboração com a Sofia Pinheiro.

Através da Teoria de Valor, foi possível retirar e perceber o nível de intervenção a adotar para cada ala e piso [fig. 4.2.1].

Assim foram classificados os diferentes elementos e acabamentos com três cores:

- a) Cor vermelha, para elementos considerados de grande valor e consequentemente a manter;
- b) Cor laranja, para elementos com algum valor que devem ser repensados;
- c) Cor amarela, para elementos sem valor e que devem assim ser demolidos ou substituídos;



4.2.1 Convento da Boa Hora, 2019, Autora





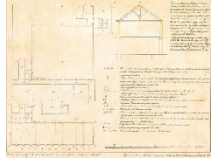
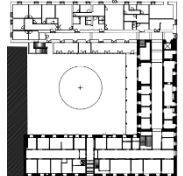




4.2.1 Tabela de Riegl e Brand

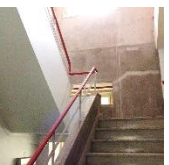


Esta tabela surge baseada num artigo de Clarke et al. (2019) que propõe cruzar as categorias de valor de uma obra postulada por Riegl e o entendimento dos edifícios compostos por camadas que envelhecem de forma distinta, definido por Brand [fig. 4.2.2]. Os conceitos originais aplicados são os seguintes:

| | RIEGL | Valor de Idade | Valor Histórico | Valor Comemorativo | Valor Não Intencional | Valor de Uso | Valor de Novidade | Valor Artístico | Valor de Raridade | Outros Valores |
|---------------------|-------|----------------|-----------------|--------------------|-----------------------|--------------|-------------------|-----------------|-------------------|----------------|
| BRAND | | | | | | | | | | |
| Contexto Envolvente | | | | | | | | | | |
| Lugar | | | | | | | | | | |
| Pele | | | | | | | | | | |
| Estrutura | | | | | | | | | | |
| Espaço | | | | | | | | | | |
| Áreas Interiores | | | | | | | | | | |
| Serviços | | | | | | | | | | |
| Material | | | | | | | | | | |
| Espirito do Lugar | | | | | | | | | | |

4.2.2 Modelo da tabela de Brand e Riegl, Autora

Nota Informativa: Na tabela ilustrada na próxima página, [fig. 4.2.3] constam as categorias originais e categorias adicionais pertinentes ao objeto de estudo. A discussão de conceitos e elaboração da tabela foi realizada com Sofia Pinheiro em abril de 2021. A organização da tabela no documento e as fotografias são da Autora.

| BRAND - CAMADAS | RIEGL – TIPOS DE VALOR | | | | | | | |
|--------------------------|--|--|---|--|----------|---|---|---|
| | Idade - Antiguidade | Histórico | Artístico | Uso | Novidade | Raridade* | Material | Ordem |
| 1) Contexto (Envolvente) | | Conjunto com a Igreja; Autonomia do edificado envolvente | | | | | | |
| 2) Lugar | | Cerca exterior e araucária  | | | | | | |
| 3) Estrutura | Gaiola pombalina na ala sul; paredes portantes na ala norte e nascente; arcos  | | Os arcos pelo seu desenho e detalhe | Estrutura de betão armado na ala nascente piso 2; arcos que assinalam transição | | Asnas da ala norte  | Arcos de pedra e em bom estado de conservação | |
| 4) Pele (Exterior) | Fachada norte e fachada nascente | Fachada sul lógica compositiva  | Esquema cromático da fachada | | | | | |
| 5) Sistema Distributivo | Sistema original pois foi representado desde 1852  | Circulação em torno de um centro (claustro)  | Iluminação ao fundo dos corredores  | Galeria piso 1 com possibilidade de circulação interna e externa; escada de ligação da galeria ao claustro | | | | Ala norte tinha apenas 1 piso e tinha a ordem (vãos e dimensão) da ala sul. Piso 2 (visível em 1895) e o piso 3 (visível em 1997) |
| Galerias | | Existiu uma galeria de ferro e vidro (1934) na ala norte e nascente, substituída depois por uma galeria de betão armado (planta de 1997) | O conjunto perde-se sem a existência de uma galeria a sul; mas a escada já não | Estrutura em betão armado na ala nascente; laje de betão na ala norte (sobrecarga estrutural) | | | Feita em betão armado e revestido com azulejos e mosaico cerâmico | Existência de galeria a norte e nascente quando se esperaria uma galeria que delimitasse o pátio (a sul) |
| Escada Entrada | Escadas visíveis a partir da planta de 1895  | Estas escadas marcam o acesso principal da ala sul até hoje (2021)  | | Acessibilidade da cota da rua para piso 1 sendo que tem a fragilidade da pouca dimensão do patamar de descanso | | | | Entrada a eixo da ala sul  |

| BRAND - CAMADAS | RIEGL – TIPOS DE VALOR | | | | | | | |
|--|--|---|--|--|----------|-----------|--|--|
| | Idade - Antiguidade | Histórico | Artístico | Uso | Novidade | Raridade* | Material | Ordem |
| Escada Metálica | Escadas visíveis a partir da planta de 2019 | | | Acessibilidade exclusiva a compartimentos do piso 0 da ala sul (dimensão não adequada) | | | | |
| Escada de acesso ao piso 0 | Escadas visíveis a partir da planta de 1997 | | | Acessibilidade exclusiva a compartimentos do piso 0 da ala sul (dimensão não adequada) | | | | |
| Escada de acesso entre pisos | Escadas visíveis a partir da planta de 1852  | As escadas a sul estão no canto cego de forma a não interferir com vãos virados ao claustro; a norte estão na fachada nascente (devido à inexistência do piso 2 da ala norte) | | Ligação entre pisos e, 2 e 3 | | | Estrutura de betão armado revestidas a pedra | Estas escadas estão estrategicamente na transição das alas norte e sul para nascente |
| Escada exterior | Escadas visíveis a partir da planta de 1997 | Em 1895 existiram 2 escadas simétricas a eixo da ala norte (não existia galeria); estas escadas no canto oeste na galeria norte vieram substituí-las | | Tem o uso prático para evacuação e pela acessibilidade da galeria ao claustro | | | Betão armado e estão em bom estado de conservação | |
| Vãos | Todos os vãos exceto alguns da ala norte | Todos os vãos exceto os da ala norte que se foram adaptando ao programa do edifício | Marcas de passagem do tempo visíveis nas cantarias de pedra | Vãos com passagens a norte para edifício adjacente; vãos nas extremidades dos corredores qualificam-nos pela iluminação natural | | | | Interior: vãos nas extremidades dos corredores permite leitura clara no edifício e em relação ao exterior; fachadas sul: 7 vãos simétricos em relação ao eixo; nascente: ordem menos rígida com relações de dimensão e posição; norte: ordem regular |
| 6) Sistema Espacial (Paredes) | Compartimentação original ao nível do piso do claustro (a sul, nascente e norte) | | | Conformam compartimentos para as necessidades do edifício conforme a sua função | | | | Paredes interiores da ala sul estão ordenadas pela posição dos vãos |
| 7) Revestimentos interiores (Pavimentos, Paredes, Tetos) | Azulejos das paredes da sala da ala nascente piso 1; azulejos da entrada sul; mosaicos hidráulicos anos 20 numa sala a este  | | Lambrins com brilho qualificam o lugar; pavimento pedra lioz nos corredores do piso 1  | Azulejos da galeria exterior na ala norte e nascente; azulejos dos corredores piso 1 ala sul e nascente; pavimento pedra lioz nos corredores do piso 1 | | | Azulejos existentes com diferentes graus de conservação; restantes revestimentos nos compartimentos da ala sul e norte estão maioritariamente em bom estado de conservação | |
| 8) Serviços | | Grelhas de ventilação fachada sul e norte | | Elevador na ala nascente | | | | |
| 9) Mobiliário | | | | | | | | |

4.2.3 Tabela de Brand e Riegl, Autora, Sofia Pinheiro

4.2.2 Tabela de Riegl e Brand: Conclusão

Após a análise da tabela, conclui-se que o valor que se verifica com mais regularidade no edifício é o valor de idade. Em seguida o valor histórico e de uso. Estes três valores estão relacionados entre si e demonstram a evolução do edifício nos diferentes anos que foram sendo referidos na tabela.

A camada com mais elementos de valor é o sistema distributivo, sendo um sistema original de 1852 e que se mantém, transparecendo a matriz conventual.

Os elementos que se destacam para preservação no edifício são os vãos, a pele exterior, o posicionamento das escadas que ligam os pisos nos cantos das alas e a escada de entrada na ala sul.

05 PROPOSTA: UNIDADE INTERGERACIONAL



Neste capítulo será apresentada a proposta e a sua relação com o tema da intergeracionalidade. Inicia-se com a proposta urbana e os principais objetivos. Segue-se a aproximação ao edifício e termina com a incidência na caracterização dos espaços interiores e nas tipologias. Importa perceber os elementos importantes que foram retirados de toda a investigação e implementados como fio condutor da solução proposta.

A referir que os desenhos da situação existente utilizados neste trabalho foram disponibilizados aos estudantes do 4º ano do MIARQ-INT-REAB¹⁰ durante o ano letivo de 2019/2020, tendo sido produzidos a partir de levantamentos e as vetorizações realizadas pelos estudantes de 4º ano do MIARQ-INT-REAB em 2018/2019, revistos e complementados pelo Prof. Doutor António Lobato dos Santos, em finais de 2019.

¹⁰ Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado.

5.1 Formulação da Proposta Intergeracional

Procurou-se promover a intergeracionalidade através da proposta urbana, com os percursos, os acessos, sistema distributivo e acessibilidade. No edifício, antes da introdução do programa, procurou-se entender como a pré-existência poderia contribuir e valorizar os espaços, adaptando o programa ao edifício existente e não o inverso. Com o programa, esta promoção da intergeracionalidade acontece através da variedade, ou seja, variedade programática e espacial com diferente usos e pontos de encontro. Além do edifício, numa vertente comunitária, procurou-se explorar esta intergeracionalidade igualmente nos fogos, com diferentes tipologias, que apresentam características da flexibilidade passiva.

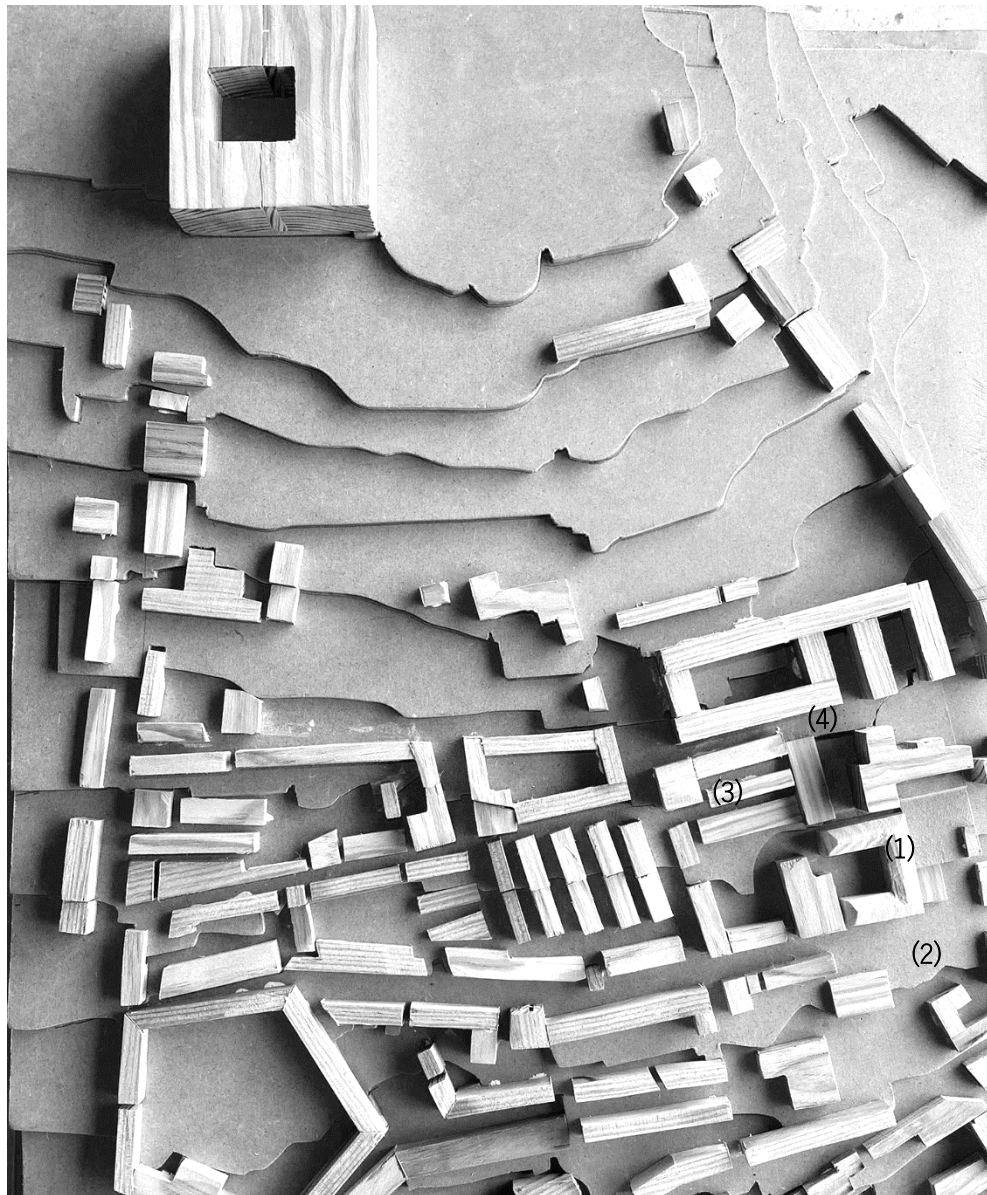
Na formulação da proposta, foi fundamental a Teoria de Valor realizada. Um dos princípios conceptuais é respeitar a pré-existência e ter em conta as suas diversas diretrizes deixadas pelo tempo, intervindo com uma linguagem contemporânea nos elementos que assim o necessitem.

Este é um programa de habitação coletiva e caráter intergeracional, que se compõe de espaços de caráter público (Cafetaria, Ateliers e Centro de Saúde) e de três unidades habitacionais distintas (Unidade S, Unidade M e Unidade L) que incorporam espaços distributivos, sociais, de serviço e íntimos.

5.1.1 Proposta Urbana



Na proposta urbana, pretendeu-se valorizar as ruas existentes criando percursos públicos que se relacionam com o edifício, de forma a reforçar o sentido comunitário. A promoção da intergeracionalidade é explorada com a introdução de novos espaços públicos requalificados, sejam de passagem ou estadia, novas construções e com o programa proposta no Convento da Boa Hora (1).

Destaca-se a rua do Largo da Boa Hora (2), que tem acesso direto ao edifício. A Travessa de Dom Vasco (3), atualmente uma rua sem saída, será requalificada permitindo um novo acesso ao edifício e reforçando a malha urbana. A Travessa do Guarda-Jóias (4) terá igualmente um acesso direto a norte [fig. 5.1.2].








5.1.2 Maquete da Situação Existente, 1.1000, Autora

As principais propostas em termos urbanos passaram por:

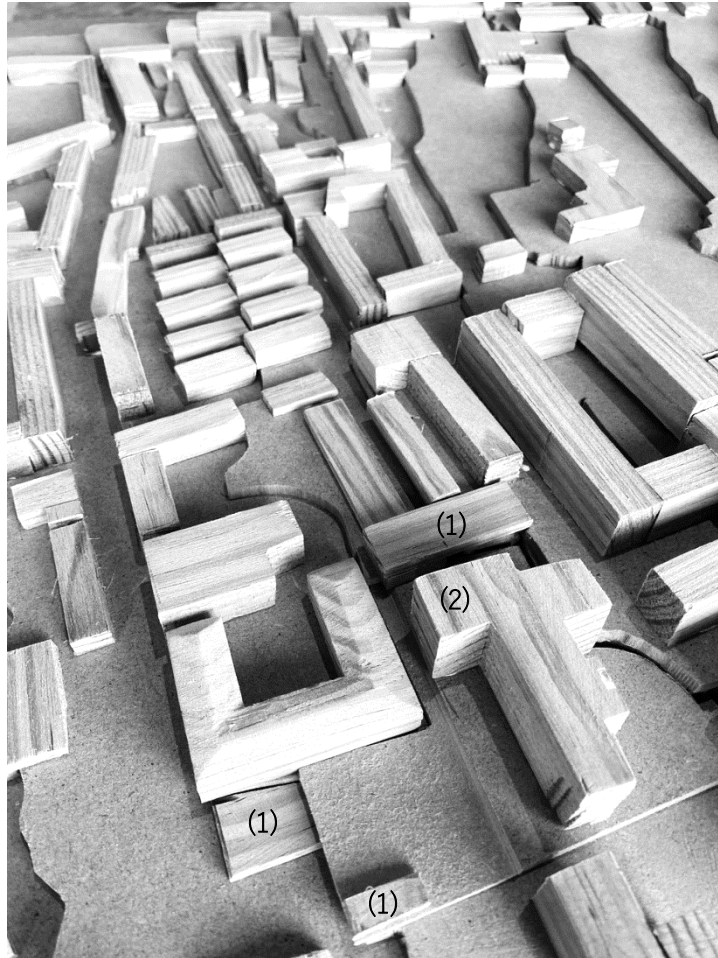
- Proposta de intervenção das ruas existentes para a valorização dos percursos públicos pedonais; 
- Criar a permeabilidade urbana através dos vários acessos de forma a que o edifício e o seu espaço envolvente seja parte integrante do espaço público; 
- Valorização dos espaços de passagem e da introdução de novas construções que acolhem um programa de caráter público e que reforçam os percursos públicos (1);
- Espaços de permanência e de contemplação criando uma diversidade urbana envolvente ao edifício (2);
- Novo programa para o edifício existente a norte, o Bloco Novo, que incorpora um Hotel, em complemento ao Antigo Convento da Boa Hora (3);



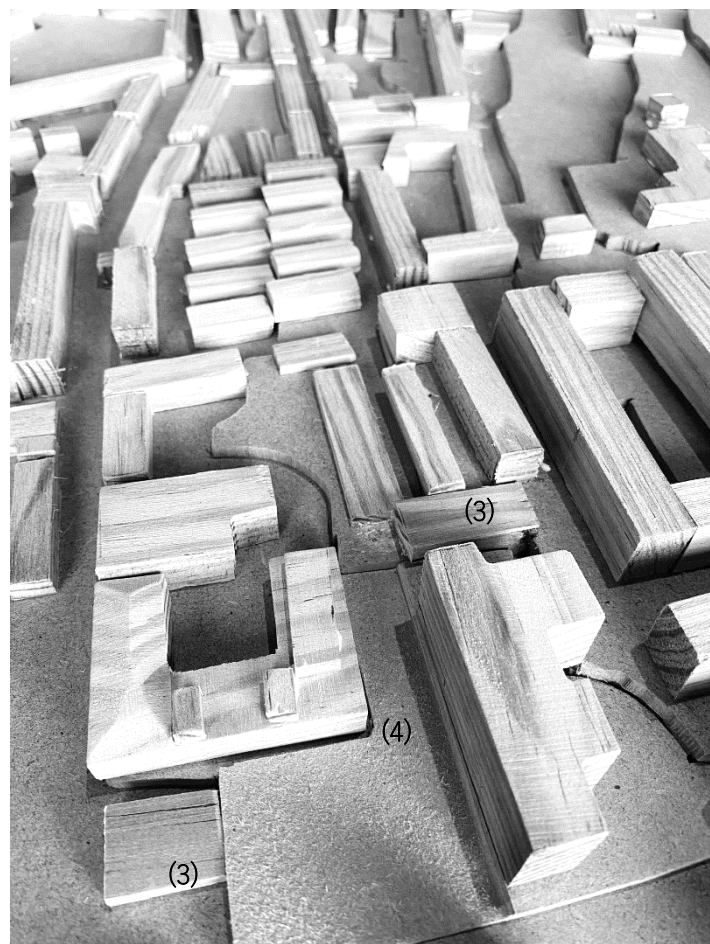
-  Construção
-  Quarteirão
-  Ruas
-  Vazio Expectante
-  Percurso Principal



5.1.3 Planta da Situação Existente, Autora



5.1.4 Maquete da Situação
Existente, 1.1000
Autora



5.1.5 Maquete da Situação
Proposta, 1.1000
Autora

- Demolições de volumes; (1)
- Demolição de volume no bloco norte; (2)
- Novos volumes; (3)
- Requalificação do espaço envolvente; (4)



5.1.6 Vista Nascente, Existente, 2019 a)



5.1.7 Vista Nascente, Proposto, Autora



5.1.8 Vista Norte, Existente, 2019 b)



5.1.9 Vista Norte, Proposto, Autora



5.1.10 Vista Norte, Existente, 2019 b)



5.1.11 Vista Norte, Proposto, Autora



5.1.12 Vista Sul, Existente, 2019, d)



5.1.13 Vista Sul, Proposto, Autora



5.1.14 Vista Nascente. Existente. 2019. d)



5.1.15 Vista Nascente. Proposto. Autora



5.1.16 Claustro, Existente, 2019 e)



5.1.17 Claustro. Proposto. Autora

5.1.2 Proposta Programática

5.1.2.1 Acessos, Sistema Distributivo e Acessibilidades

Nos **acessos** é importante permitir o atravessamento do edifício, sendo que se pretende que este seja parte integrante do espaço público e consequentemente da comunidade. Este atravessamento pretendido, como referido nos casos de referência é valorizado na distribuição programática que se aplicou e que valoriza o edifício e a sua relação com o espaço público. Neste princípio de atravessamento e partilha, é importante garantir a segurança, inerente à habitação e encontrar o equilíbrio entre o público-privado, e apresentando uma diversidade que poderá contribuir para a promoção da intergeracionalidade.

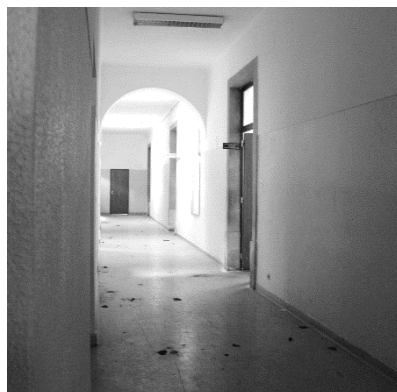
Como no caso de referência *Luztur*, esta relação com o exterior através da permeabilidade, irá beneficiar a comunidade local, e articular o habitante com o visitante. Pretende-se criar uma ambiguidade de acessos, ou seja, oferecer uma diversidade de acessos e no interior do edifício, como arruamentos, e ter a separação entre o público e o privado, que se pretende ser imperceptível por quem o percorre o espaço [fig. 5.1.18, 5.1.19, 5.1.20, 5.1.21].



5.1.18 Luztur, Galerias



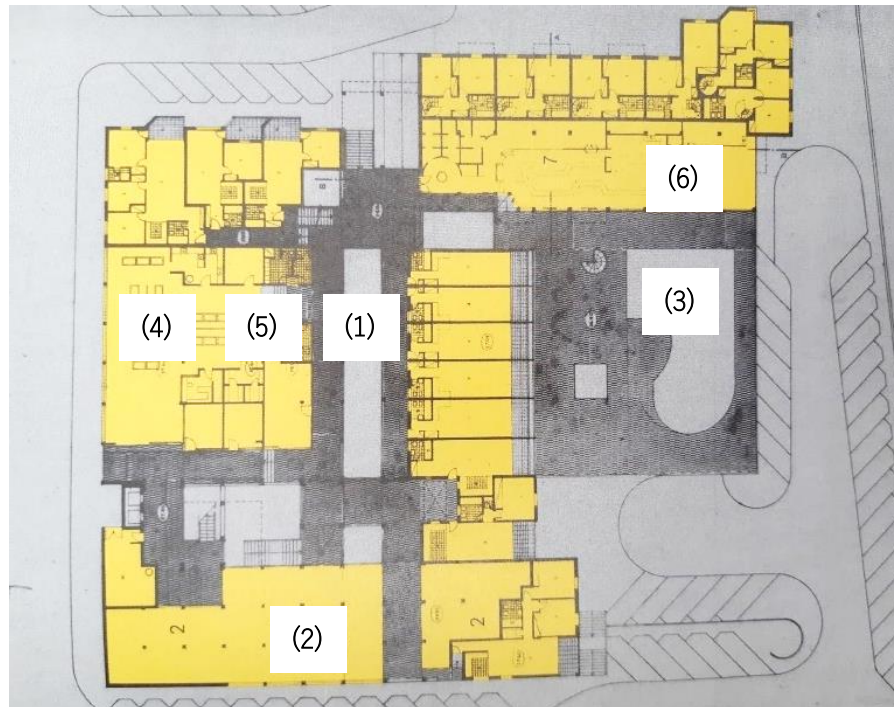
5.1.19 Luztur, Galerias



5.1.20 Convento da Boa Hora,
Galeria Interior



5.1.21 Convento da Boa Hora,
Galeria Interior



5.1.22 Luztur, Planta do Piso 1

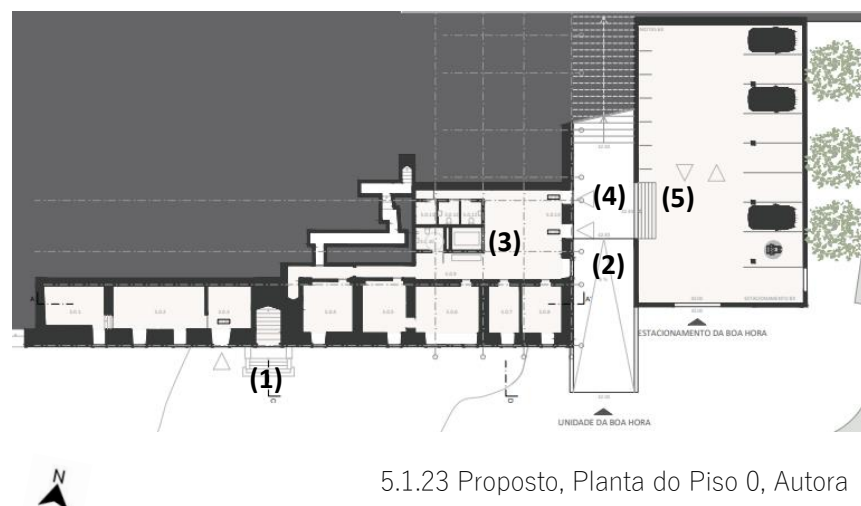
A permeabilidade através do programa e ruas

(1)Pátio (2)Comércio (3)Piscina (4)Mercado (5)I.S. Públicas (6)Restaurante

Os acessos (verticais e horizontais) ao edifício são os seguintes:

a) Piso 0

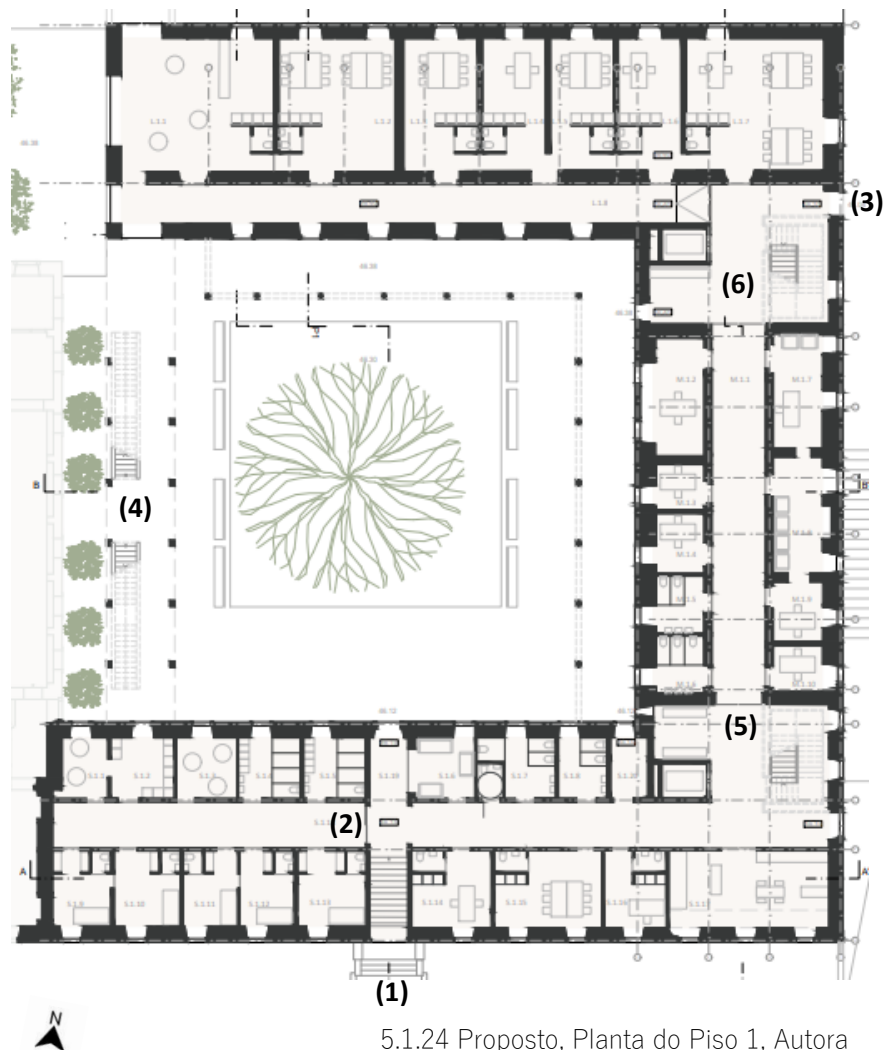
Os acessos são feitos diretamente pelo Largo da Boa Hora. Existe um acesso direto (1) e a entrada ao edifício (2) pela lateral. Para aceder ao piso superior, piso 1, existe o elevador (3). Existe a rampa a escada exterior que possibilita o acesso ao piso 1 (4). Este eixo funciona como um arruamento público, já existente mas agora valorizado. O estacionamento (5) na proximidade com a rua e o edifício facilita os acessos [fig. 5.1.23].



5.1.23 Proposto, Planta do Piso 0, Autora

b) Piso 1

Neste piso, os acessos ao edifício são variados e contribuem para uma promoção da intergeracionalidade com o cruzamento de diferentes percursos e pontos de encontro. Na ala sul, é feito através da ligação ao Largo da Boa Hora, com a escada existente (1). Para a Unidade S, propõe-se um acesso restrito a habitantes (2). Dispõe também de acesso pela ala nascente (3) ou através das escadas na galeria, que permitem o acesso desde uma cota mais elevada, exterior ao edifício (4). Todos permitem aceder ao claustro. O acesso vertical a sul (5), permite aceder ao piso 0. Sendo um cruzamento, existe a valorização deste espaço com mobiliário para promoção das relações entre habitantes e gerações. Permite também o acesso ao piso 2, (onde se encontra a Unidade S), com acesso restrito apenas para os habitantes. Na ala norte e nascente, o acesso vertical (6), dispõe igualmente de um espaço qualificado de estadia. Este acesso será apenas para os habitantes do piso 2, ou seja, para a ala norte (Unidade L) e para a ala nascente (Unidade M) [fig. 5.1.24].



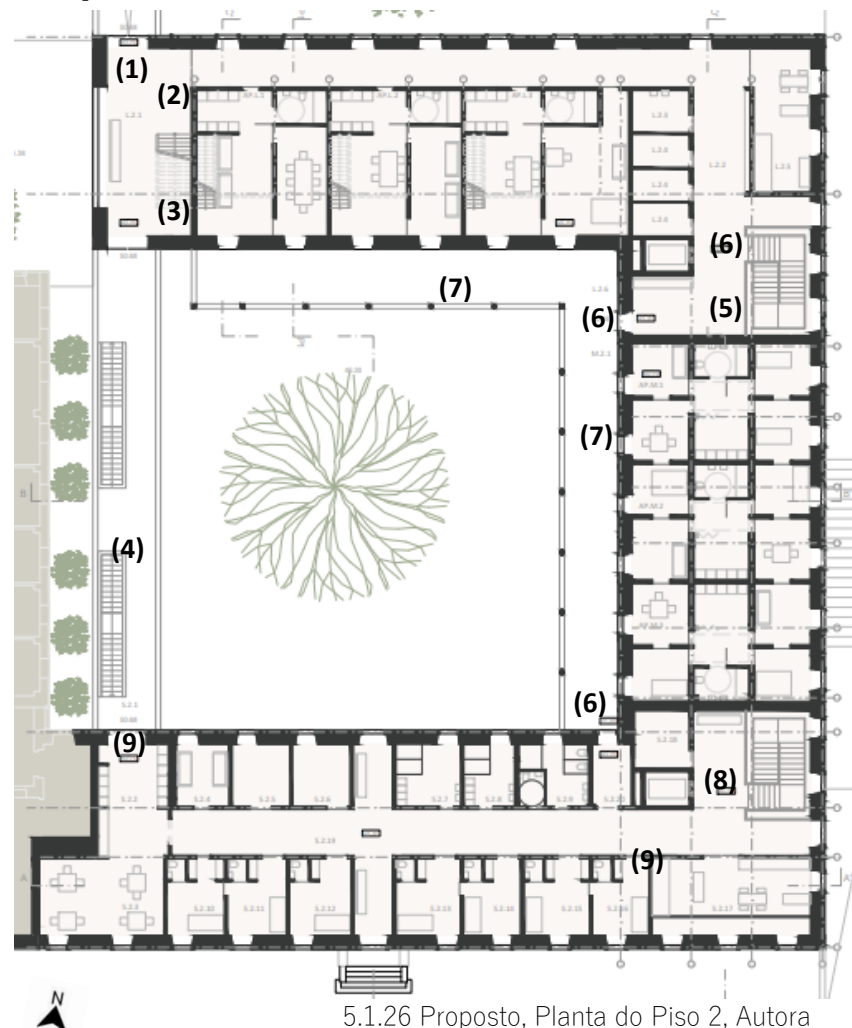
5.1.24 Proposto, Planta do Piso 1, Autora



2.1.25 (4) Galeria sobre o claustro, Proposto, Autora

c) Piso 2

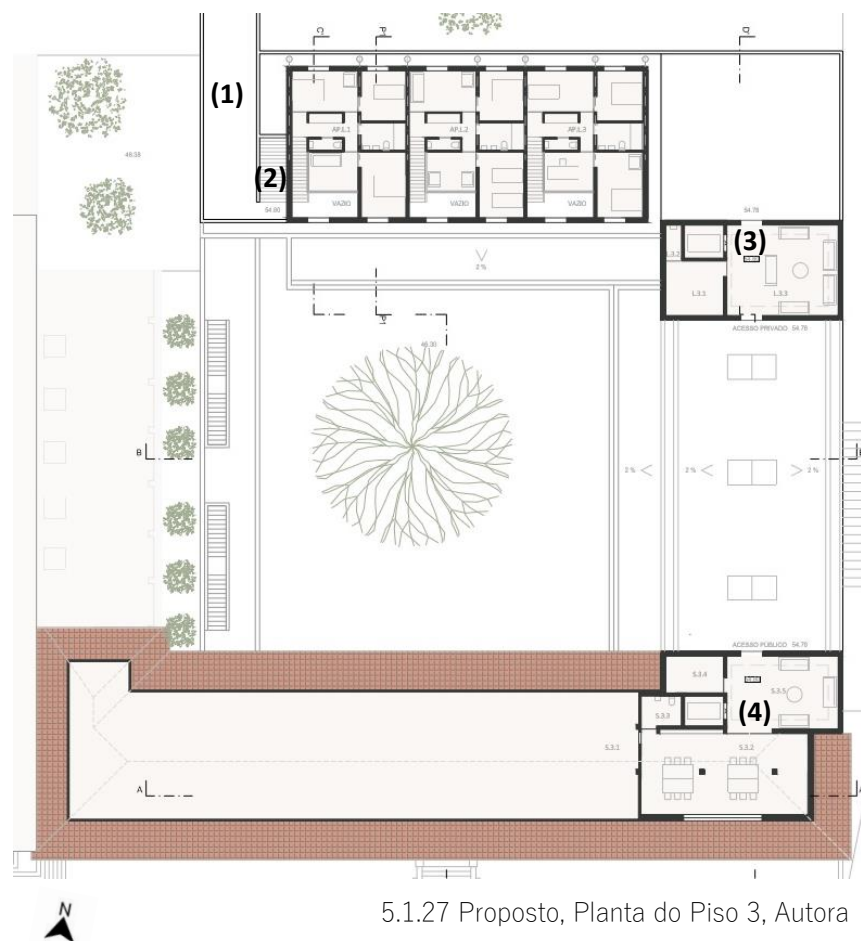
Através do exterior, é possível aceder ao edifício pela galeria a norte que faz a ligação com o estacionamento proposto. Já dentro do edifício (1), um espaço de encontro, dada a afluência que este poderá ter, é qualificado com uma área generosa e mobiliário. Existe uma porta com acesso restrito para habitantes (2) da Unidade L e Unidade M, atribuindo-lhes maior independência. No mesmo compartimento, está uma escada (3), que permite o acesso à cobertura do edifício. Para descer ao piso 1 e aceder ao claustro, utilizam-se os acessos verticais da galeria (4). No interior, o acesso à Unidade L e Unidade M é através do acesso vertical a norte (5) com o acesso restrito para habitantes (6). A galeria existente é para habitantes (7) e apesar de não haver separação física dentro da galeria (serventia a norte e serventia a nascente), esta galeria tem usos distintos. A norte (Unidade L) pode ser de acesso ou estadia, enquanto a nascente (Unidade M) é obrigatoriamente de acesso. O acesso a sul (8) permite aceder à Unidade S deste piso, que tem acesso restrito a habitantes (9) e aceder ao piso 3, sem restrição [fig. 5.1.26].



5.1.26 Proposto, Planta do Piso 2, Autora

d) Piso 3

Pelo exterior é possível aceder à cobertura do edifício (1), desde a Travessa N. de Dom Vasco ou a Travessa do Guarda-Jóias. Na cobertura existe um acesso vertical (2) que permite descer ao piso 2. No interior, o acesso ao volume a norte (3) é restrito e permite apenas aos habitantes aceder a esta zona da cobertura e aos espaços comuns. Estes espaços de encontro e estadia pretendem oferecer espaços de convívio entre habitantes, na promoção da intergeracionalidade. São espaços com valor acrescido pela sua exposição solar e vistas. Pelo acesso (4) à cobertura, que é público, não havendo no elevador nenhuma restrição de acesso desde os pisos inferiores. Aqui valoriza-se o sentido comunitário, do edifício como parte integrante ao possibilitar que este espaço seja acedido por outros que não habitantes. A diferenciação entre os núcleos (3) e (4) nos acessos (público ou privado), foi feita tendo em conta os pisos inferiores e a privacidade das habitações [fig. 5.1.27].

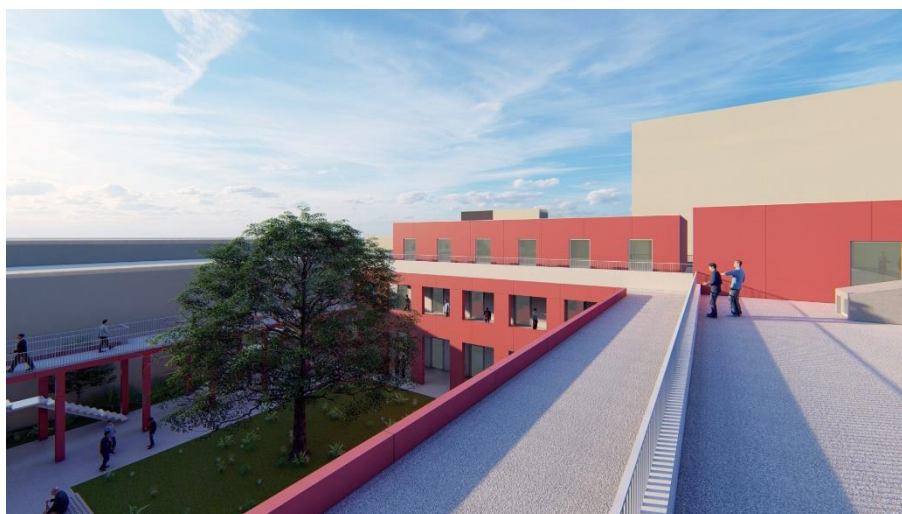


5.1.27 Proposto, Planta do Piso 3, Autora

O acesso à cobertura do edifício pretende reforçar a permeabilidade de acessos que se procura, desde o piso 0 até ao piso 3, de cobertura. Possibilita um espaço de contemplação, tendo como referência a cobertura do Bloco das Águas Livres em Lisboa [fig. 5.1.28. 5.1.29].



5.1.28 Vista de Lisboa a partir da cobertura do Bloco das Águas Livres, 2011



5.1.29 Cobertura Acessível, Proposto, Autora

O **sistema distributivo** mantém-se como o existente apenas no piso 1, valorizando os corredores de acesso aos diferentes compartimentos. Permanecem na mesma localização os acessos verticais nas ligações entre as diferentes alas, são agora adaptados à nova função programática do edifício.

No piso 2, tal como acontece no *Convento das Bernardas*, a existência do claustro permite manter a matriz conventual. As galerias exteriores existentes funcionam como sistema distributivo para o lado nascente (Unidade M) que tem apenas esta frente de acessos, e do lado norte (Unidade L) que dispõe também de um corredor a norte, . As galerias são como uma extensão do interior e contribuem para a promoção da intergeracionalidade, favorecendo as relações entre habitantes [fig. 5.1.30, 5.1.31].



5.1.30 Convento das Bernardas, Lisboa, 2017



5.1.31 Claustro, Proposto, Autora

Daqui resulta, portanto, a necessidade destas pausas, que de certo modo desmaterializam a casa e criam uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior (SIZA., 2018,p.47).

Para um programa intergeracional, pretendia-se garantir as **acessibilidades** na maioria dos espaços. Todos os espaços públicos permitem o acesso à mobilidade reduzida. Nas unidades habitacionais procurou-se sobretudo que as tipologias de maior dimensão (Unidade M e Unidade L) pudessem ser acessíveis a todos. Então é possível na ala nascente (Unidade M) e na ala norte (Unidade L), visto haver maior liberdade de intervenção e consequentemente espacial. Na ala sul (Unidade S) não é possível tendo em conta que se manteve as dimensões das portas e dos compartimentos existentes.

5.1.2.2 A Pré-Existência

A pré-existência foi o elemento orientador na introdução do programa. O programa intergeracional passou pela implementação de espaços distributivos, sociais, serviços e íntimos. A reabilitação deste edifício, promove a intergeracionalidade pelo fato de já ser parte integrante daquele lugar e pelo seu interior, que existe e determinou o programa.

Importa salientar que esta relação constante que se procura entre a pré-existência e o programa, é explorada em diferentes vertentes, para que se complementem [fig. 5.1.32].

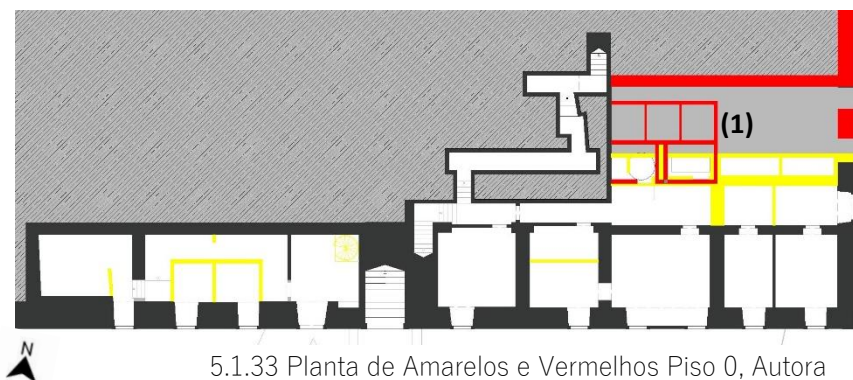
| | Ala Sul | Ala Nascente | Ala Norte |
|-----------------|---|-----------------|-----------------------|
| Íntimos | Quartos | Habitação | Habitação |
| Sociais | Lavandarias Cozinhas Refeitórios Balneários Salas de Estar Salas de Convívio Sala de Trabalho | | Lavandarias |
| Serviços | Ateliers | Centro de Saúde | Ateliers Cafetaria |

5.1.32 Tabela de distribuição do programa, Autora

A ala sul do Convento é a parte que melhor mantém a sua estrutura original, composta por paredes da época da gaiola pombalina, também apresenta no corredor da entrada principal azulejos do final do século XVIII e início do século XIX (LOIO,2019,p.59).

a) Piso 0

Ala Sul: Esta ala contém o programa de carácter administrativo de apoio ao edifício, como recepção e administração. Pretende-se manter o mais possível a compartimentação existente, introduzindo apenas o elevador e instalações sanitárias (1) [fig. 5.1.33].



5.1.33 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 0, Autora

b) Piso 1

Ala Sul: Dotada de um valor acrescido pela sua exposição solar, as suas vistas para a envolvente próxima e a sua fachada, intemporal e imponente na sua ordem. Neste piso, é a ala mais original em termos de configuração e construção e a mais compartimentada, logo a mais adequada a quartos ou espaços mais individualizados. Pretende-se aqui assim a mínima intrusividade¹¹ e máxima legibilidade¹², visto o seu bom estado de conservação, conforme visível na [fig. 5.1.34].

O piso 1 apresenta um carácter mais público, e o acesso origina uma divisão, sendo que a zona habitacional, a Unidade S, e os espaços comuns partilhados: salas de convívio, salas de estudo, zonas de refeição, cozinha, instalações sanitárias e lavandaria, são de acesso restrito (1) e a restante ala neste piso 1 incorpora um programa de carácter público, como ateliers, favorecendo assim a circulação pública e o atravessamento do edifício (2).

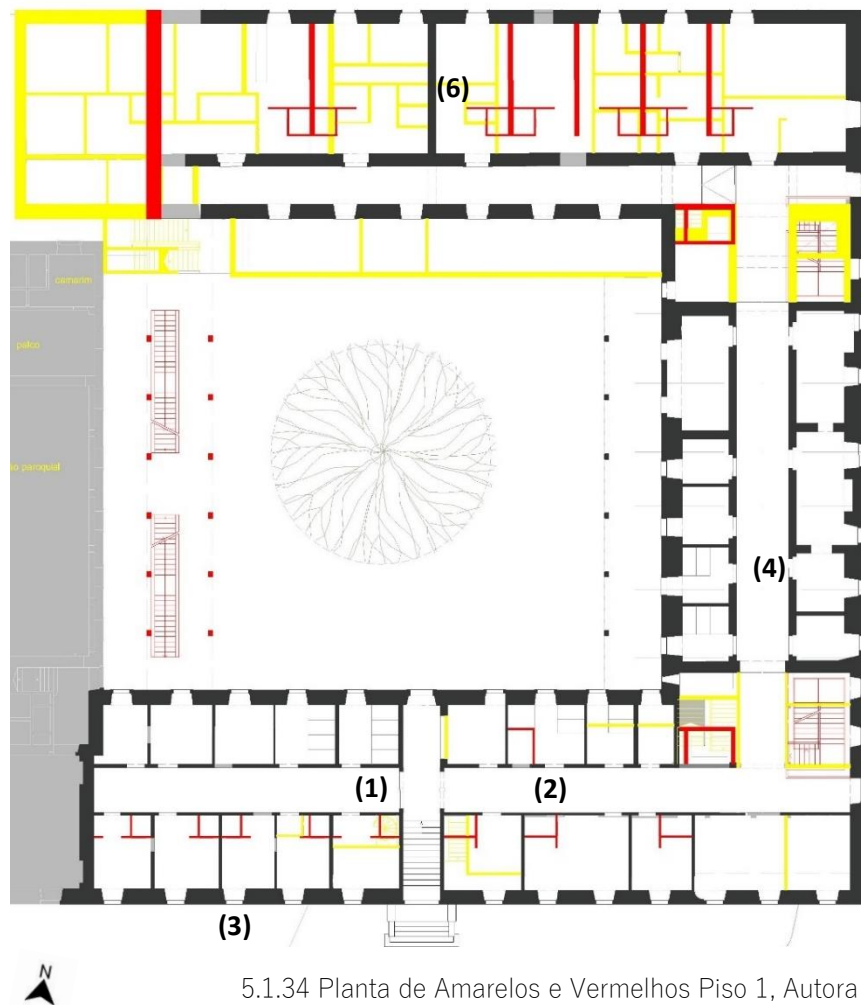
A fachada a sul contém os quartos (3) e espaços públicos de maior permanência, enquanto os restantes estão orientados a norte.

¹¹ Intervir o mínimo possível na pré-existência.

¹² Permitir a leitura da pré-existência e dos elementos com valor.

Ala Nascente: Apresenta paredes mestras originais no corredor do piso 1 [fig. 5.1.34]. No piso 1, tendo em conta os elementos históricos existentes e o seu bom estado de conservação, pretende-se a mínima intrusividade e máxima legibilidade, sendo proposto um Centro de Saúde para habitantes no edifício e locais, introduzindo assim um espaço de caráter comunitário (4).

Ala Norte: Visto o seu médio-mau estado de conservação, pretende-se uma maior intrusividade mas também alguma reversibilidade¹³ (espacial e programática). Localizam-se os ateliers de trabalho ou estudo, em contato direto com o claustro, explorando uma métrica ditada pelos vãos e por uma parede existente (6) a manter, articulada com a métrica estrutural e compositiva que determina o dimensionamento dos fogos nos pisos superiores.



5.1.34 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 1, Autora

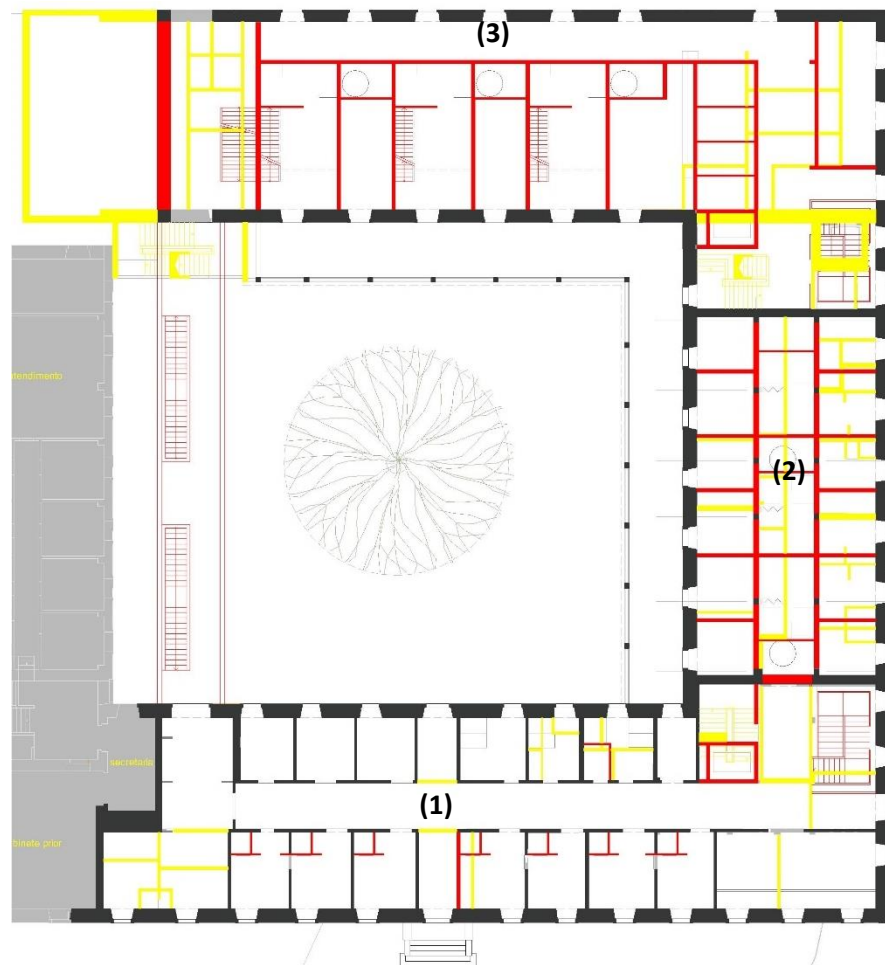
¹³ Facilidade em alteração do espaço em relação a sua função programática.

c) Piso 2

Ala Sul: Aqui encontra-se a Unidade S, correspondendo aos quartos individuais dada a pequena dimensão dos espaços habitacionais [fig. 5.1.35]. O seu estado de conservação é bom pelo que se pretende a mínima intrusividade. São igualmente propostos os espaços comuns partilhados tirando partido da compartimentação existente nesta ala (1).

Ala Nascente: Médio estado de conservação, e apresenta paredes mestras originais com intervenções na estrutura de betão armado na década de 1970. Encontra-se aqui a Unidade M, que se articula com a estrutura existente a manter (2).

Ala Norte: Através da máxima intrusividade, dado o seu mau estado de conservação, localizam-se as habitações pertencentes à Unidade L, as habitações de maior dimensão (3).



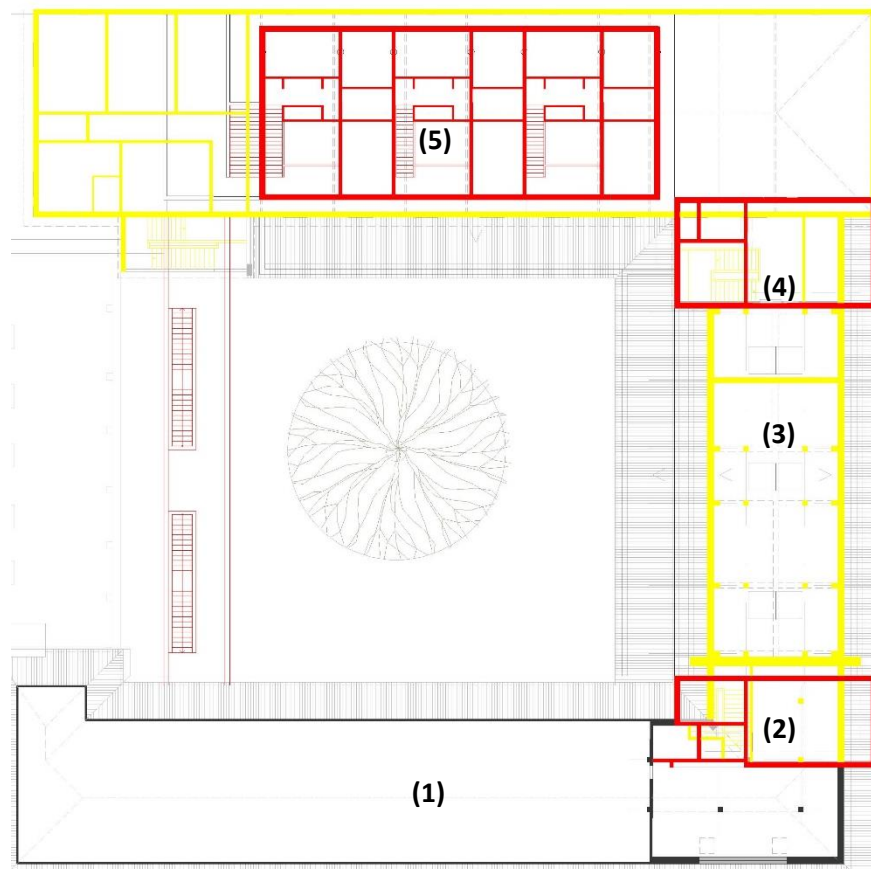
5.1.35 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 2, Autora

d) Piso 3

Ala Sul: Piso original mantido, e localiza-se uma área técnica (1), espaços comuns e acesso à cobertura, feito através de nova construção (2) [fig. 5.1.36].

Ala Nascente: A cobertura acessível, sendo que a cobertura de duas águas é removida, criando-se um terraço e lanternins para iluminar a zona central dos fogos no piso inferior (3) (Unidade M). Também a introdução de um novo volume (4).

Ala Norte: Demolição do existe mas mantém-se a volumetria no edifício, com uma nova construção. Propõe-se duplexes, pertencentes à Unidade L (5).

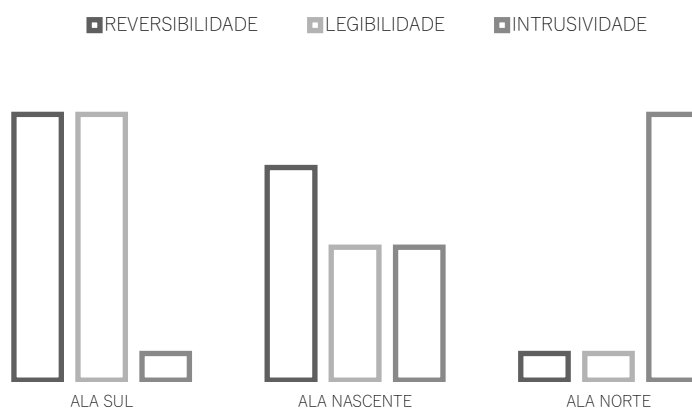


5.1.36 Planta de Amarelos e Vermelhos Piso 3, Autora

e) Conclusão

Pode-se concluir que o programa introduzido no objeto tendo em conta as especificidades de cada piso, e simultaneamente cada ala, é eficaz na sua utilização. As diferenças entre cada ala são importantes mas também dentro de cada ala existem diferenças, visíveis nos diferentes pisos. Conclui-se que a proposta de reabilitação do objeto teve em consideração os três conceitos mencionados ao longo do texto, a reversibilidade, a legibilidade e a intrusividade. Conceitos importantes que sustentam a presente proposta programática, do geral ao particular.

Na [fig. 5.1.37] apresenta-se um resumo por alas do que predomina. Percebe-se que apesar das diferenças entre pisos a ala sul é maioritariamente a manter, através da mínima intrusividade. A ala nascente apresenta a maior reversibilidade, dada a adaptação à estrutura existente que permite incorporar qualquer espaço. A ala norte predomina com a máxima intrusividade, que se pretende dadas as condições estruturais do existente. Na inexistência de elementos de valor, não se pretende na presente proposta reversibilidade nem legibilidade.



5.1.37 Gráfico com os conceitos de reabilitação aplicados

Autora

5.1.2.3 Sistema Estruturais, Construtivos e Acabamentos

Importa referir que não foi realizada qualquer análise estrutural ao edifício. Sendo que os conhecimentos sobre o mesmo, remetem a apenas uma visita ao edifício.

O edifício retoma a sua cor original, que não se sabe a cor exata mas que era clara, pois é visível através de registos históricos como por exemplo no ano 1833. Nas intervenções e construção nova, propõe-se o aço leve, LSF¹⁴, que tem vantagens como:

- a) Baixo peso do material;
- b) Facilidade de transporte;
- c) Facilidade de mão de obra;
- d) Rapidez na construção;

Os novos volumes terão uma cor aproximada da atual do edifício, numa analogia com uma intervenção mais recente e clarificando o tempo de cada intervenção. Em alguns casos propõe-se o reforço estrutural do edifício, como por exemplo na fachada nascente ao propor uma escada no lugar da rampa atual. Para estes novos volumes serão utilizados os painéis GRC¹⁵, que serão igualmente aplicados sobre a atual estrutura de betão existente nas galerias orientadas para o claustro. Este sistema construtivo permite:



- a) Liberdade nas formas;
- b) Facilidade de aplicação;
- c) Peso reduzido;
- d) Variedade de acabamentos;
- e) Baixa manutenção;

¹⁴ Light Steel Frame que significa Estrutura de Aço Leve.

¹⁵ Glass Fiber Reinforced Concrete que significa Betão Reforçado com Fibra de Vidro.

5.1.2.4 Interiores

Os espaços procuram transparecer uma identidade através da escolha dos revestimentos, para maior facilidade de localização de um espaço e atribuir-lhe uma função por tipo de espaço (espaços íntimos, espaços sociais, espaços de serviços, espaços distributivos) conforme [fig. 5.1.38].

| | | Acesso Público | | | Acesso Privado |
|---------------|------------|-------------------------------------|---|-------------------------|--|
| | | Distributivos | Sociais | Serviços | Íntimos |
| Revestimentos | Pavimentos | Cerâmico | Resina Epoxi | Resina Epoxi | Madeira |
| | | Pedra existente | | | |
| | Cor | | | | |
| Vantagens | | Fácil manutenção; Fácil limpeza; | Fácil manutenção; ausência de juntas; | | Conforto térmico e visual; |
| | Paredes | Pintura | Pintura Valchromat | Pintura | Pintura |
| | Cor | | | | |
| | | |  | | |
| Vantagens | | Continuidade cromática; | Versatilidade e continuidade cromática e de matéria; | Continuidade cromática; | Continuidade cromática; |
| | Tetos | Pintura | Pintura Valchromat | Pintura | Cortiça |
| | Cor | | | | |
| | | |  | | |
| Vantagens | | Continuidade cromática; | Versatilidade e continuidade cromática e de matéria; Conforto visual; | Continuidade cromática; | Conforto térmico, acústico e visual; Sensação de ampliação do espaço; |

5.1.38 Tabela da aplicação dos revestimentos na proposta

Autora

Para reforçar o programa intergeracional, foi tido em conta conceitos como continuidade e contraste, na aplicação dos revestimentos, de forma a clarificar o uso no edifício.

A proposta assenta numa continuidade de cor do pavimento, de forma a que o espaço transpareça que é um todo, sobretudo nas zonas habitacionais, por exemplo entre um quarto, o corredor ou uma sala comum. Para a matéria, será em contraste, atendendo a aspetos de conforto visual, térmico, acústico, de segurança, limpeza e manutenção.

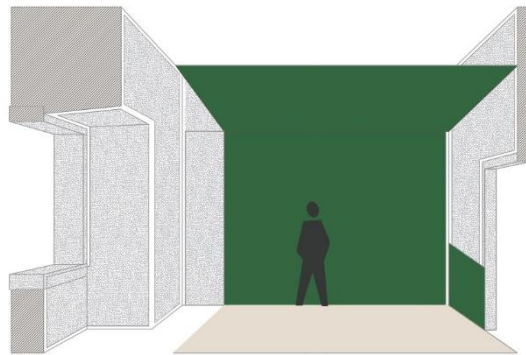
Pretende-se também clarificar o que é existente e novo, no mesmo princípio que o exterior. Ou seja, no interior a percepção do tempo da intervenção será por exemplo visível nas paredes. As paredes interiores existentes que passam por um processo de reforço e limpeza, terão um acabamento em areado que se pretende rugoso. As paredes interiores novas terão um acabamento liso. Os espaços foram catalogados como:

- a) Distributivos: Estes espaços maioritariamente já existentes, são espaços centrais que não recebem muita luz natural, apenas através da extremidade a nascente. Pretende-se criar uma continuidade entre estes espaços e apostar em tons claros para melhor conforto visual. Propõe-se cerâmico bege para o pavimento, nos corredores novos ou com maior intervenção, e manter a pedra existente no corredor da ala sul e nascente no piso 1. A pedra existente que se mantém, localiza-se nas alas menos ou quase nada intervencionadas, serão um elemento de valor a manter. No cruzamento destes corredores encontram-se os acessos verticais, que dispõem de zonas de estar, valorizando o encontro entre habitantes ou visitantes ao edifício [fig. 5.1.39].



5.1.39 Corredor tipo
Autora

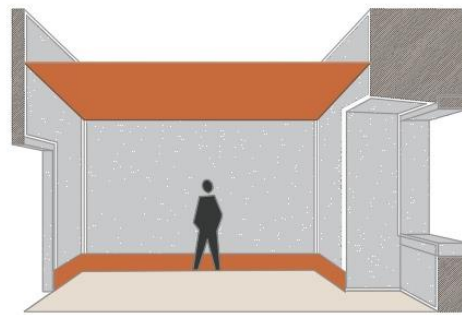
- a) Sociais: A continuidade entre estes espaços é assegurada pelas cores do pavimento. Pretende-se atribuir elementos diferenciadores de cada espaço, nas paredes e tetos, para que cada habitante possa ter a percepção que os espaços são personalizados e não visualmente monótonos. Quando existe mobiliário fixo, como nas lavandarias e cozinhas, o material no teto desce a parede e incorpora o móvel, que é realizado no mesmo material (valchromat). As paredes com pintura, são diferenciadas por parede existente ou nova construção [fig. 5.1.40, 5.1.41, 5.1.42, 5.1.43].



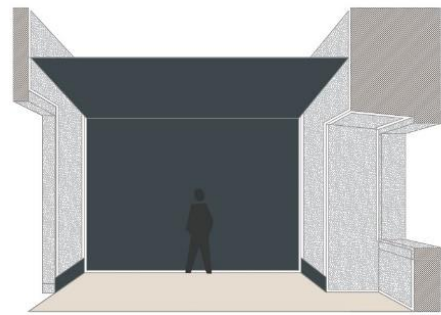
5.1.40 Lavandaria tipo
Autora



5.1.41 Ambiente da lavandaria tipo
Autora

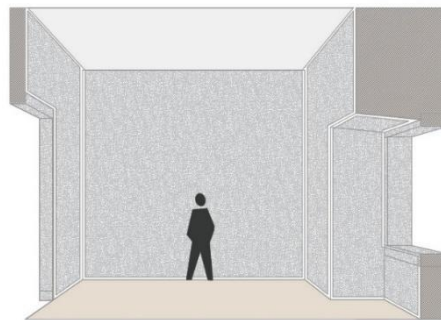


5.1.42 Sala tipo
Autora



5.1.43 Cozinha tipo
Autora

- b) Serviços: Estes espaços pretendem-se neutros, mantendo o mesmo princípio de continuidade no pavimento, paredes existentes e teto cor neutra [fig. 5.1.44].



5.1.44 Gabinete tipo
Autora

- c) Íntimos: Os espaços íntimos, como quartos e as habitações, apresentam o mesmo princípio. O pavimento em madeira permite um maior conforto e tem continuidade cromática com os restantes espaços. As paredes com pintura e o teto falso em cortiça, tornando o espaço maior e com mais conforto [fig. 5.1.45].



5.1.45 Quarto tipo
Autora
















5.1.2.5 Mobiliário Fixo

O mobiliário fixo desempenha um papel importante nesta proposta intergeracional. Para responder a este conceito e a uma maior flexibilidade que se pretende, todos os quartos e habitações contém o seu módulo que se adequa a área do compartimento e à sua tipologia. Estes módulos, que contém cozinhas, armários e instalações sanitárias, são aplicados de forma a parecerem autônomos das paredes e destacam-se pela sua volumetria e matéria em contraste com o restante espaço. São fabricados em Valchromat.

5.2 Percorrer as Casas

Para a promoção da intergeracionalidade, as tipologias surgem após uma organização por tamanho (áreas) ou seja, tendo em conta o estudo do tema, a variedade de possíveis utilizadores e da escala do seu agrupamento bem como as condições dos espaços existentes, levou a criação de três tipos de “unidades” que incorporam as diferentes tipologias. São desenvolvidas tendo em conta o conceito de flexibilidade passiva [fig. 5.2.1].

A descrição dos fogos é feita como se o espaço estivesse a ser percorrido, numa vertente qualitativa.

| | Ala Sul Bom estado de conservação | Ala Nascente Médio estado de conservação | Ala Norte Mau estado de conservação | |
|-----------------|---|---|--|--|
| Tipologia | Unidade S - 12 X | Unidade M – 3 X | Unidade L – 3 X | |
| Ocupantes | Unidade de Habitação de menor dimensão (quartos); unidades com módulos básicos que variam conforme os m ² do compartimento existente; | Unidade de Habitação de média dimensão; módulos repetidos para as 3 habitações que são semelhantes, alterando apenas a sua posição em relação à estrutura existente; | Unidade de Habitação de maior dimensão; 3 unidades em duplex; | |
| | <p>1 estudante </p> <p>1 divorciado </p> <p>1 jovem adulto trabalhador </p> <p>1 emigrante </p> <p>1 emigrante </p> | <p>1 jovem adulto + 1 idoso </p> <p>1 jovem adulto + 1 jovem adulto </p> <p>1 idoso + 1 idoso </p> <p>1 jovem adulto + 1 criança </p> <p>1 idoso + 1 criança </p> | <p>1 casal </p> <p>1 casal + 1 criança </p> <p>1 casal + 1 idoso </p> <p>1 casal + 2 crianças </p> <p>Outro </p> | |
| Área Útil | Entre 10 m ² a 28 m ² | 70 m ² | Entre 130 m ² a 150 m ² | |
| Características | | | | Flexibilidade Passiva |
| | | | | I.S. Privativa |
| | | | | I.S. Partilhada |
| | | | | Cozinha Privativa |
| | | | | Cozinha Partilhada |
| | | | | Acessibilidades |
| | | | | Compartimentos de Igual Dimensão |
| | | | | Agregação e Desagregação |
| | | | | Conjunção de Fogos |
| | | | | Compartimentação Ambígua |
| | | | | Elemento de divisão – Porta |
| | | | | Multiplicidades de acessos exteriores |
| | | | | Matéria (em continuidade ou contraste) |

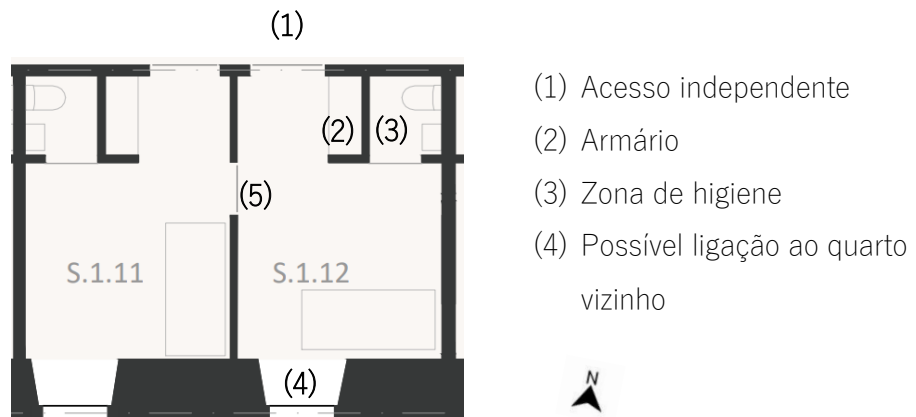
O Ponto de Partida

Pensei que a maneira mais fácil de perceber todos os pontos inerentes a uma casa, seria olhar para a minha própria casa. Como círculo? Que compartimentos tenho? Quais as áreas úteis? Como estão definidos os vãos? E a matéria, é em contraste ou continuidade? São questões que posso responder e usá-las como referência na presente proposta. Agora

A Descrição

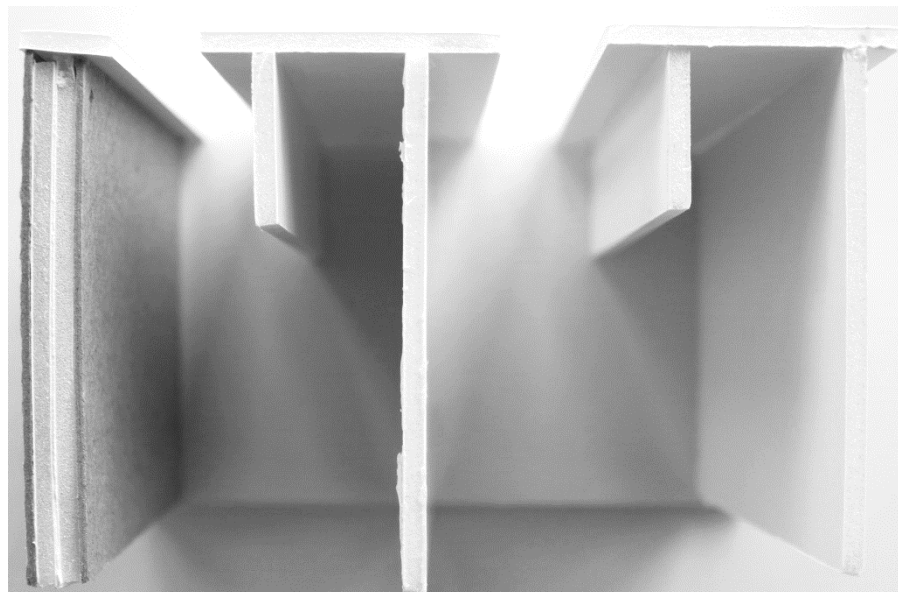
No piso 1 consigo ter acesso direto da rua ou do claustro. Tenho um acesso privado para a zona dos quartos. Apesar de estar na proximidade com o exterior e não me sentir sozinha, o fato de ter esta zona com acesso restrito é confortável. O corredor distributivo é um ponto de encontro entre cada compartimento, um arruamento interior entre vizinhança. O meu quarto é acedido por uma porta (1). Logo à entrada tenho um armário (2), ou posso ter dois, depende da área do quarto. Tenho uma zona de higiene (3), o suficiente para a minha permanência neste quarto. Tenho acesso visual para o exterior, na fachada orientada a sul (4). Todo o quarto recebe luz natural. Este compartimento pode ter relação com o vizinho, tenho uma porta interior (5) que acede ao quarto do lado. Posso conviver de forma mais intimista sem ter de sair do meu quarto, se assim pretender [fig. 5.2.2]. Agora

5.2.1 Unidade S (Ala Sul)



5.2.2 Planta do quarto tipo da Unidade S, Autora

A casa continua espalhada neste modelo: a função de dormir, a função de estar, a função de lazer, a função de cozinhar e tal. Quando, hoje, se vive de forma completamente diferente (LOPES,2012,p.81).



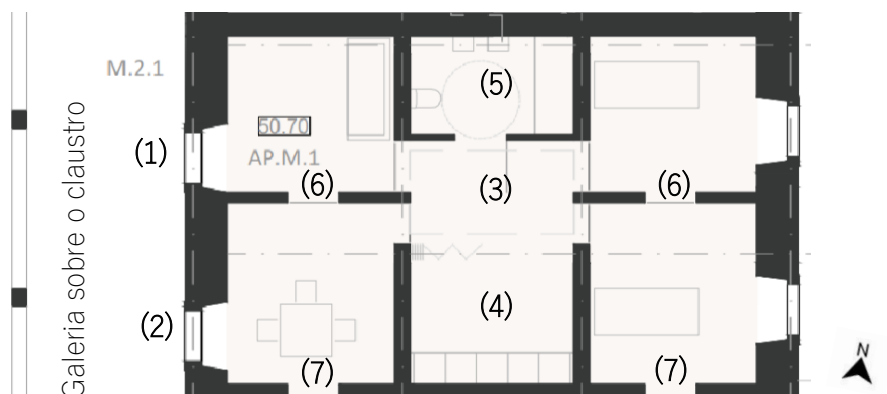
5.2.3 Maquete 1:50 da Unidade S, Autora

5.2.2 Unidade M (Ala Nascente)

A Descrição

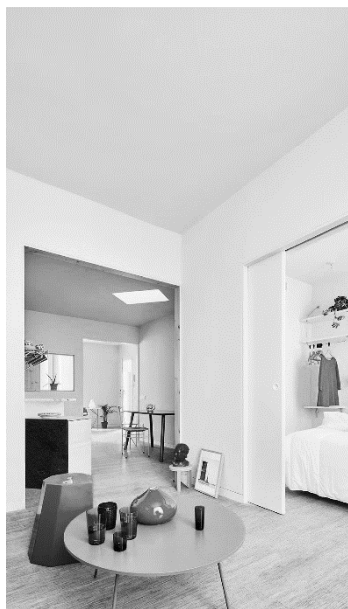
O facto de aceder pela galeria do claustro (1) e (2), permite-me uma relação mais próxima entre vizinhança. Estou entre o exterior e interior mas de certa forma protegido do exterior público. Às vezes acedo a casa pela porta da sala (1) ou (2), outras vezes pelo quarto (1) ou (2) em caso de necessidade ou quando quero alguma privacidade. O centro é um é um espaço de contemplação de toda a casa, recebe luz natural pela cobertura (3) e ainda estou na proximidade da cozinha (4), o que é bom para conviver. A ausência de zonas distributivas permite-me que tudo seja área útil. Tenho uma instalação sanitária completa, capaz de responder à mobilidade reduzida (5). Cada compartimento recebe luz natural, o que permite ter diferentes temperaturas na casa. Tem uma porta para o espaço central e outra para o compartimento vizinho (6). Em caso de necessidade, conseguimos também requisitar o compartimento do lado (7), se estiver livre, e ter mais um habitante nesta casa [fig. 5.2.4].

Autora

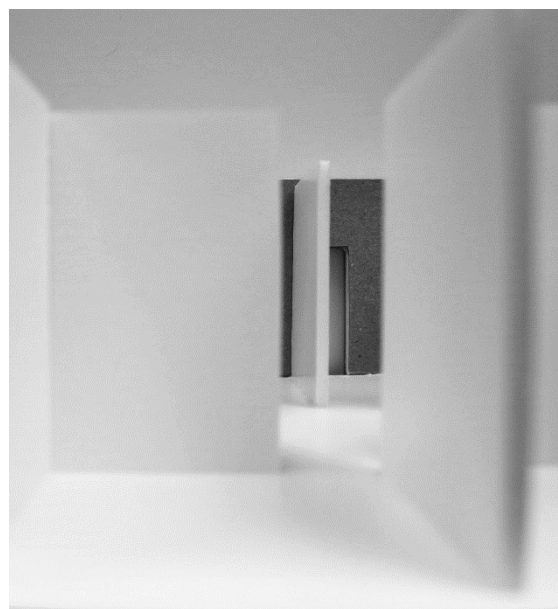


- (1) Acesso independente
- (2) Acesso independente
- (3) Lanternim
- (4) Cozinha
- (5) Instalação sanitária
- (6) Ligação entre compartimentos
- (7) Possível ligação entre fogos

5.2.4 Planta da tipologia tipo da Unidade M, Autora



5.2.7 Atelier Maio, 110
Rooms interior
referência apartamento

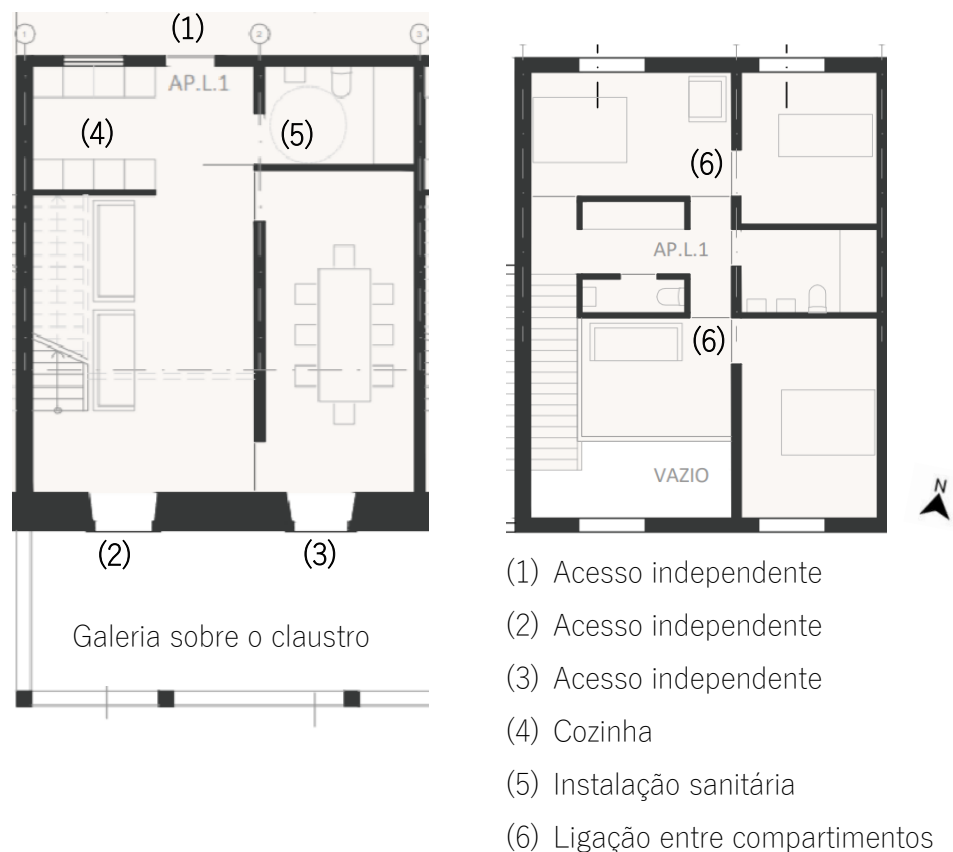


5.2.5 e 5.2.6 Maquete 1:50 da Unidade M
Autora

5.2.3 Unidade L (Ala Norte)

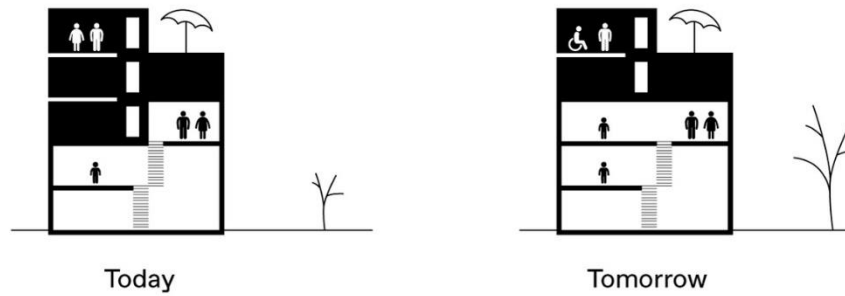
A Descrição

Posso aceder pelo corredor a norte (1), ou pela galeria partilhada com a Unidade M (2) e (3). Entro e tenho logo acesso à cozinha (4), muito prático para uma família. Ao nível da galeria tenho a zona social, até podemos almoçar no exterior. Tenho um compartimento, que posso atribuir a zona de refeições para mais privacidade ou como quarto independente, visto poder aceder diretamente ao exterior (3). A zona privada está no piso superior o que me permite maior tranquilidade e a luz é ótima, com duas frentes e uma zona de duplo pé direito. No piso superior posso escolher onde quero os quartos ou até uma sala de estar, a dimensão idêntica dos compartimentos e a ligação entre ambos (6) dá-me essa possibilidade [fig. 5.2.8]. Autora



5.2.8 Planta da tipologia tipo da Unidade L , Autora

As famílias vão evoluindo e isso tem conseqüências nas casas
(LOPES,2012,p.111).



5.2.9 Casa Três Gerações, Amesterdão BETA office, 2018
Esquema da utilização da casa hoje e amanhã como se pretende na
Unidade L



5.2.10 Casa Três Gerações, Amesterdão BETA office, 2018
Princípio adotado na Unidade L, permeabilidade dentro da habitação



5.2.11 Vista Nascente, Proposto, Autora

06 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da vontade de revisitar o Antigo Convento da Boa Hora com o objetivo de torná-lo num objeto de referência através da sua reabilitação.

Com o presente trabalho, percebeu-se a importância e o valor da articulação entre conceitos que se relacionam com comunidade e o que implica. As diferentes gerações e a relação entre elas, contribuem de forma importante para a comunidade, e o cruzamento destes conceitos retiram pistas para soluções habitacionais que se pretendem ser eficazes para todos.

Considera-se que os objetivos foram cumpridos.

A dinamização urbana que se pretendia foi conseguida no geral pois houve articulação das ruas existentes com o edifício e os acessos ao mesmo.

A formulação do programa habitacional coletivo revelou-se um programa capaz de se adaptar à pré-existência, ou seja, o edifício revelou-se muito adequado e receptível à introdução deste programa, e encaminhou as decisões programáticas de forma natural. Isto é visível nos espaços comuns, distributivos e nas tipologias apresentadas.

O entendimento do conceito de intergeracionalidade foi conseguido, apesar da sua complexidade, conseguiu-se retirar os princípios a aplicar nesta proposta como contributo à comunidade e famílias.

A abordagem e aplicação do conceito de flexibilidade passiva revelou-se muito benéfico para o tema da intergeracionalidade e para a reabilitação do objeto, permitindo explorar uma diversidade de soluções tipologias menos interventivas.

A vontade de preservação dos elementos de valor da pré-existência com o novo programa considera-se cumprida, através da aplicação dos conceitos de reabilitação de forma individual, atendendo a cada ala e cada piso do Convento da Boa Hora.

A referir que em complemento ao trabalho, e que acabou por não ser feito pelo aparecimento da pandemia COVID-19, estava prevista a realização de inquéritos à população residente na Freguesia da Ajuda, com o propósito de maior sustentação do tema.

As aprendizagens foram muitas, a começar na elaboração deste documento, o processo de escrita, de questionar conceitos, de sintetizar ideias, e de as aplicar numa proposta de reabilitação. Considera-se um processo complexo e de grande crescimento académico e pessoal.

O tema foi uma aprendizagem importante pois permitiu abordar diferentes questões e simultaneamente aplicá-las num edifício existente com muitas particularidades. De salientar a importância do tema aplicado ao património, apelando à preservação e valorização destes objetos.

Por fim, considera-se o presente trabalho muito desafiante, estimulante e de seriedade, atendendo às diversas condicionantes que acompanharam este processo.

BIBLIOGRAFIA

A+A BOOKS, 2019. *Bloco das Águas Livres – a perfect building*. Lisboa, A+A BOOKS

ABREU, M., 2016. *Uma sociedade para todas as idades*. Porto, Faculdade de Arquitetura, Tese de Mestrado (Dissertação em Arquitetura)

AGUIAR, J., 1999. A Cidade do Futuro já Existe Hoje. *ATIC Magazine*, 24, pp:1-17

AMARAL, F., 1945. *O Problema da Habitação*. Porto, Latina

ARENGA, N., 2017. José Veloso *LUZTUR 1970-1978 Um edifício singular*. Casal de Cambra, Caleidoscópio

BONVALET, C., MERLIN, P., 1988. Transformation de la famille et habitat. *Travaux et documents*, 4-5, pp: 881-892

BORBA, A., LIMA, H., 2011. Exclusão e inclusão Social nas sociedades modernas. *Serviço Social*, 106, São Paulo, pp: 219-240

BRANCALEONE, C., 2008. Comunidade, Sociedade e Sociabilidade. *Revista de Ciências Sociais*, 39, São Paulo, pp: 98-104

COELHO, A., 2009. *Entre Casa e Cidade, a Humanização do Habitar*. Porto, Dafne

COSTA, P., 2020. *Qualidade na Habitação em Portugal (1950-2010) Os Princípios*. Lisboa, Caleidoscópio

FARIAS, H., 2014. *Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, Adaptabilidade, Ambiguidade Funcional e Desierarquização do Espaço Doméstico*. Lisboa

FARIAS, H., 2016. *A more versatile and adaptable dwelling, for a changing society*. Lisboa, CRC Press Taylor & Francis Group

GIL, M., 2017. *O Convento das Bernardas: um caso de recuperação e reutilização do património edificado*. Lisboa,

Universidade Lusíada, Tese de Mestrado (Dissertação em Arquitetura)

GONCALVES, A., GARCIA, O., MAH, S., 2000. Jovens Estudantes e Idosos, Suportes Geracionais em Contexto Metropolitano, *Congresso Português de Sociologia*, Coimbra

HABITAR, 2010, *Rehabitar, habitaciones satélite 2*. Barcelona, Departamento de proyectos arquitectónicos

LEGER, J., 2011. Modos de Habitar e Arquitetura. *Cidade, Comunidade e Território*, 3, pp: 41-54

LEITE, A., 2019. *7 Casas Imaginárias: Sete Caminhos de Identidade*. Lisboa, Caleidoscópico

LOIO, H., 2019. *Adaptação e Integração do Antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora*. Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Tese de Mestrado (Projeto em Arquitetura de Interiores)

LOPES, C., 2012. *Arquitetura e Modos de Habitar. Pedro Ramalho*. Porto, CIAMH

MARTIN, I., SANTINHA, G., RITO, S., ALMEIDA, R., 2012. Habitação para pessoas idosas: problemas e desafios em contexto português. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, pp: 1-27

MONTEYS, X., FUERTES. P., 2001. *Casa collage*. Barcelona, Gustavo Gili

NEUFERT, E., 1981. *Arte de Projetar em Arquitetura: Princípios, Normas e Prescrições sobre Construção, Instalações, Distribuição e Programa de Necessidades, Dimensões de Edifícios, Locais e Utensílios*. 7ª Edição Alemã, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

OLIVEIRA, C., 2011. *Relações Intergeracionais*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Tese de Mestrado (Dissertação em Arquitetura)

PAIVA, A., 2002. *Habitação Flexível*. Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Tese de Mestrado (Dissertação em Arquitetura)

PEREIRA, R., 1963. Problemática da Habitação em Portugal. *Análise Social*, pp: 33-66

PEREIRA, S., 2008. Novos Tipos de Habitação: o caso de Lisboa. *VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa

PORTAS, N., 1969. *Funções e Exigências de Áreas de Habitação*. Lisboa, LNEC

SBRIGLIO J., 2013. *L'Unité d'Habitation de Marseille*. Marselha, Éditions Parenthèses

SINGLY, F., 2011. *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa, Edições Texto e Grafia

SIZA, Á., 2018. *Imaginar a Evidência*. Lisboa, Edições 70

VILAS BOAS, S., OLIVEIRA, A., RAMOS, N., 2015. Elaboração de Programas Intergeracionais, O Desenho do Perfil Comunitário. *Educação, Sociedade e Cultura*, 44, Coimbra, pp: 31-47

VINAGRE, A., 2016. Residência para a terceira idade. *Revista online Ipog*, 012, Goiana, pp: 1-20

ZUMTHOR, P., 2006. *Atmosferas*. Barcelona, Gustavo Gili

Webgrafia

<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2621/3/Cristina%20Kanya%20Caselli3.pdf>
(consultado a 16.03.2021)

<http://www.lisboarendaaccessivel.pt/localizacoes/alto-da-ajuda/>
(consultado a 21.02.2021)

<https://archello.com/pt/project/sta-zweiplus-intergenerational-living>

(consultado a 10.03.2021)

<https://eco.sapo.pt/2020/06/19/alto-da-ajuda-em-lisboa-tem-projetos-para-construcao-de-119-habitacoes-a-renda-acessivel/>

(consultado a 21.02.2021)

<https://trans-city.at/tc/portfolio/stavangergasse/?lang=en>

(consultado a 16.03.2021)

<https://www.idealista.pt/media/relatorios-preco-habitacao/venda/lisboa/lisboa/ajuda/>

(consultado a 21.02.2021)

<https://www.maio-architects.com/project/110-rooms>

(consultado a 17.04.2021)

<https://www.revistamilitar.pt/artigo/897>

(consultado a 07.03.2021)

Penser l'habité: le logement en questions, PAN 14 - Monique Eleb-Vidal, Thierry Mandoul - Google Livres

(consultado a 23.08.2021)

ANEXOS

Anexo I) Cartografia Histórica

Anexo II) Levantamento Fotográfico Histórico

Anexo III) Cartografia de Enquadramento

Anexo IV) Situação Existente (2020): Levantamento Dimensional

Anexo V) Situação Existente (2020): Levantamento Fotográfico

Anexo VI) Plantas Históricas

Anexo VII) Palimpsesto

Anexo VIII) Evolução Cronológica

Anexo IX) Teoria de Valor

Anexo X) Painéis de Seminários

Anexo XI) Maquetes de Estudo

Anexo XII) Materialidade

Anexo XIII) Projeto Final de Mestrado

Anexo I) Cartografia Histórica

Elaborado e organizado por Cristina Fonseca

Carta *Topográfica* de Lisboa e Seus Subúrbios

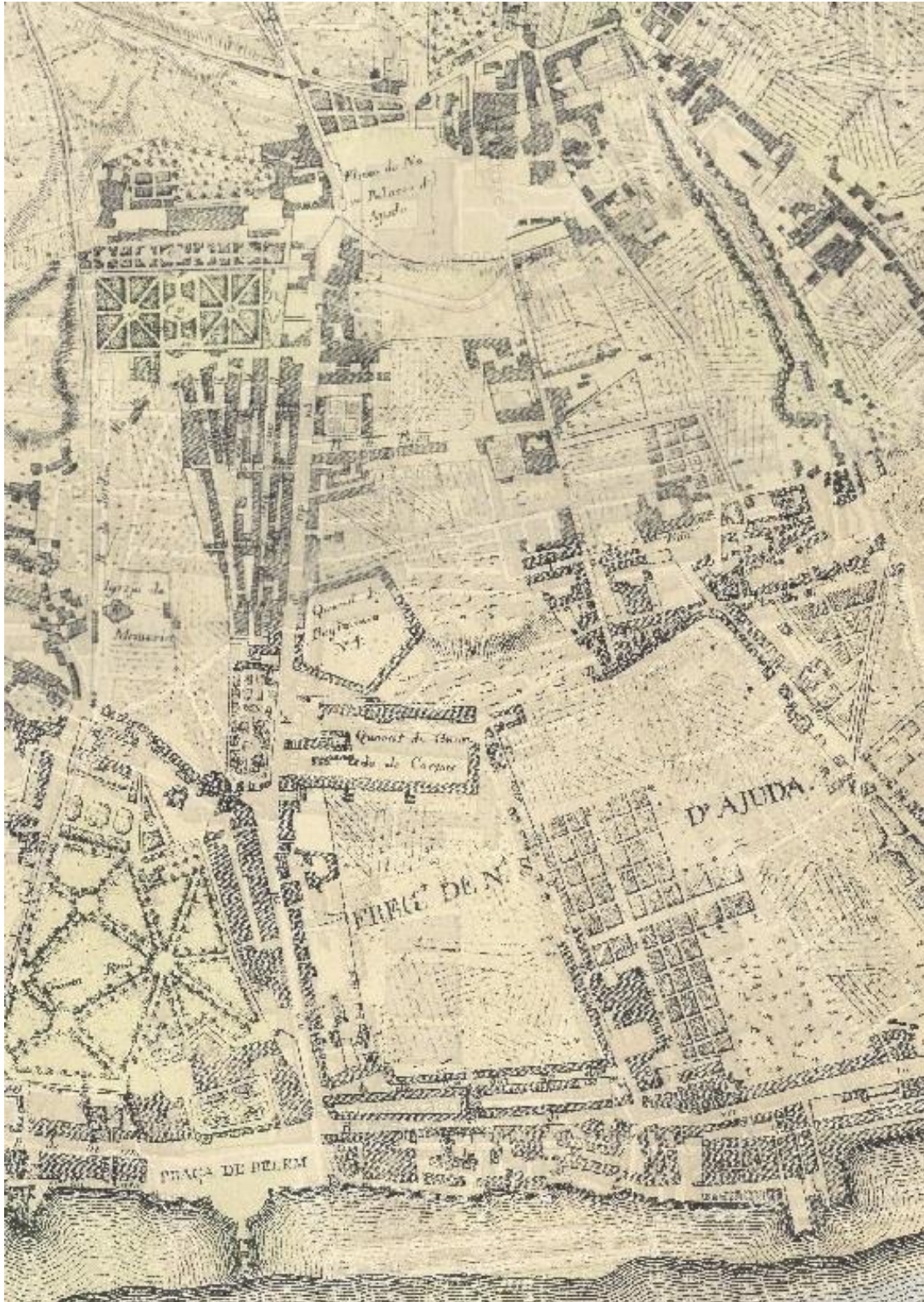


Autor: Duarte Fava

Ano: 1807

Escala: 1:5000





Mapa da Cidade de Lisboa e Belém em 1812



Autor: Duque de Wellington

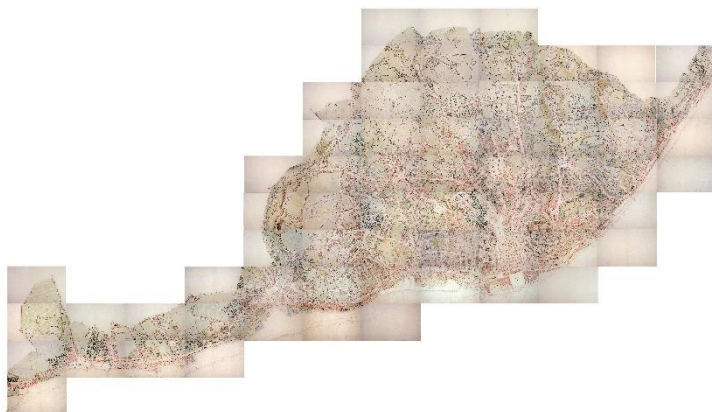
Ano: 1812

Escala: ---





Carta Topográfica de Lisboa



Autor: Filipe Folque

Ano: 1856 - 1858

Escala: ---

Fonte: Câmara Municipal
de Lisboa





(Cartografia Histórica produzida por Silva Pinto entre 1904 e 1911)



Autor: Silva Pinto

Ano: 1911

Escala: 1:2500





Planta da Cidade de Lisboa



Autor: ---

Ano: 1940 - 1950






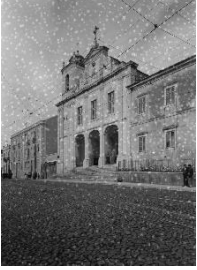
Escala: 1:5000




Fonte: Câmara Municipal de Lisboa





Anexo II) Levantamento Fotográfico Histórico

Elaborado e organizado por Cristina Fonseca

| | | |
|---|--|---------------------|
|  | <p>1833 Monumentos Sacros (cores) - Boa Hora</p> | <p>Outubro 2019</p> |
|  | <p>1943 PORTUGAL CML POR059741</p> | <p>Outubro 2019</p> |
|  | <p>1964 MADUREIRA CML A47554</p> | <p>Outubro 2019</p> |
|  | <p>facebook.lisboadeantigamente</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1943 PORTUGAL CML POR059742</p> | <p>Outubro 2019</p> |
|  | <p>1950s OLIVEIRA CML A23699</p> | <p>Outubro 2019</p> |

| | | |
|---|--|---------------------|
|  | <p>1967 BASTOS CML A58864</p> | <p>Outubro 2019</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/003</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/005</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/008</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/010</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/014</p> | <p>Março 2021</p> |

| | | |
|---|--|-------------------|
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/015</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/022</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/023</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/024</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/025</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/026</p> | <p>Março 2021</p> |

| | | |
|--|--|-------------------|
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A34/0 993/027</p> | <p>Março 2021</p> |
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/003</p> | <p>Março 2021</p> |
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/018</p> | <p>Março 2021</p> |
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/019</p> | <p>Março 2021</p> |
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/021</p> | <p>Março 2021</p> |
| | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/022</p> | <p>Março 2021</p> |

| | | | |
|---|--|---|-------------------|
|  | | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/023</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/025</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | | <p>1970 ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR PT/AHM/FE/CAVE/CFE/A39/1 081/030</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | | <p>1966 FERNANDES, A. ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF /002567</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | | <p>1940s PORTUGAL, E. ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA PT/AMLSB/POR/059902</p> | <p>Março 2021</p> |
|  | | <p>1960s S.N. REVISTA MILITAR S/ CÓDIGO https://www.revistamilitar.pt/artigo/1462</p> | <p>Março 2021</p> |

| | | |
|--|---|-------------------|
|  <p>FOTO.00502238</p> | <p>1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502238</p> | <p>Março 2021</p> |
|  <p>FOTO.00502242</p> | <p>1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502242</p> | <p>Março 2021</p> |
|  <p>FOTO.00502244</p> | <p>1952 COUTO, A. SIPA IPA.00003139 FOTO.00502244</p> | <p>Março 2021</p> |
|  <p>FOTO.00005746</p> | <p>1996 SIPA IPA.00003139 FOTO.00005746</p> | <p>Março 2021</p> |

Anexo III) Cartografia de Enquadramento

Elaborado pela Autora

Ano de Construção Edificado



Cheios e Vazios, Planta de Nolli



IN

Palimpsesto

Sobreposição da cartografia histórica



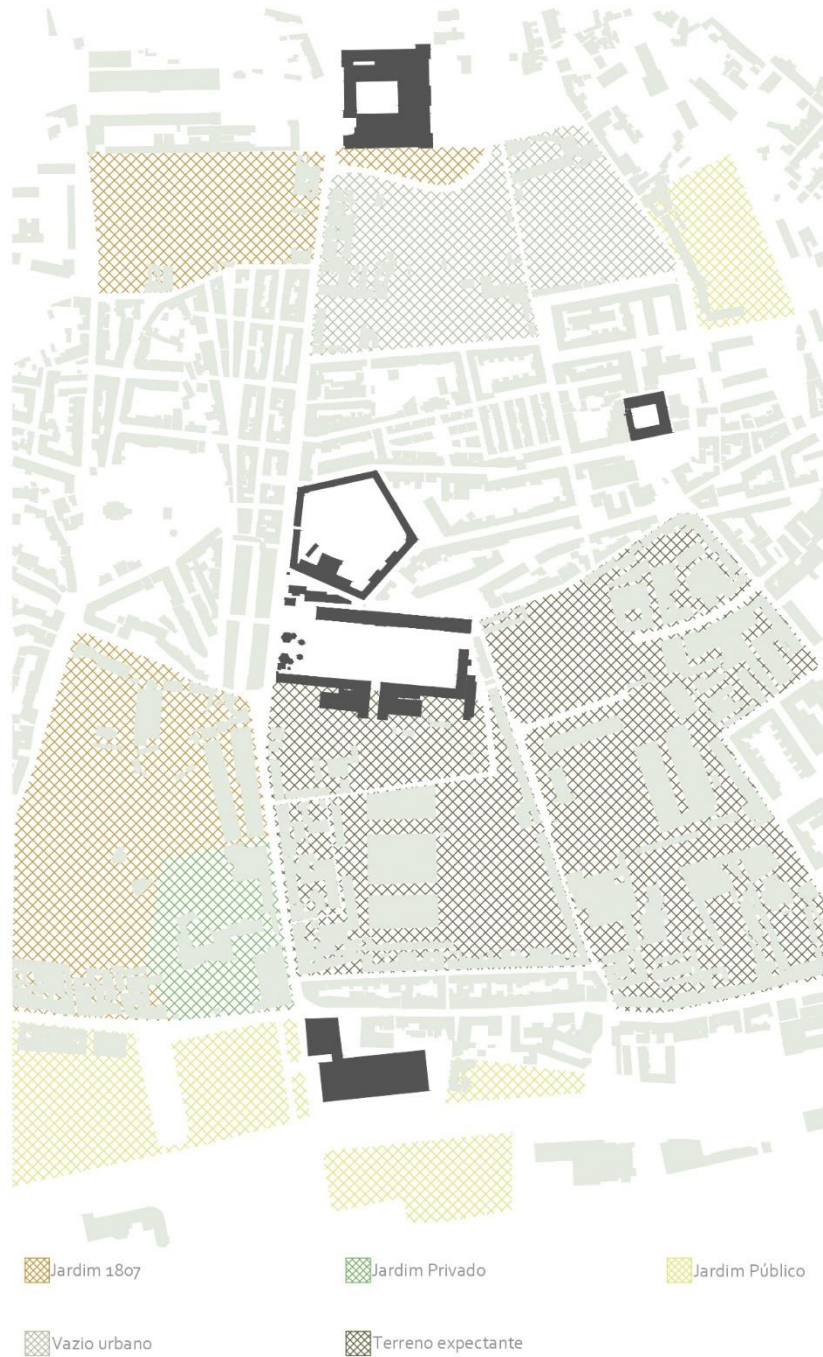
Malha Urbana



Sistema Hídrico



Espacos Verdes



Número de Pisos

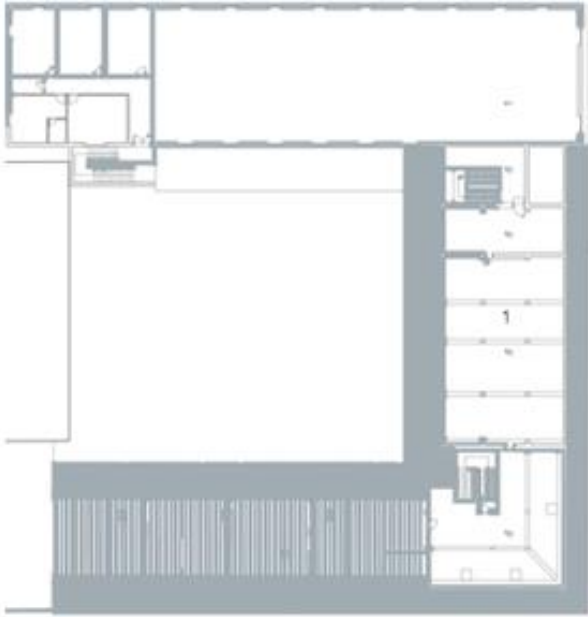


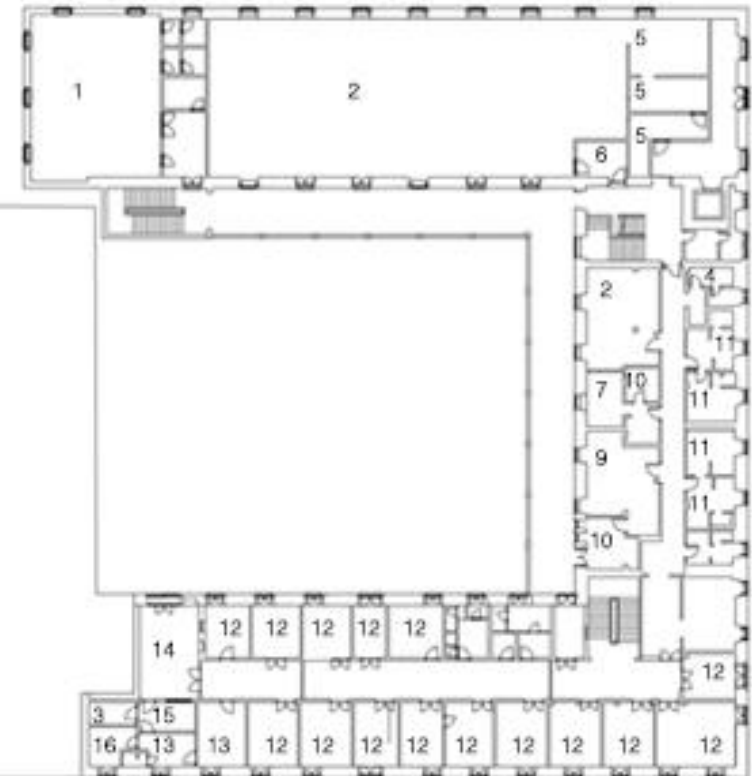
Usos



Anexo IV) Situação Existente (2020): Levantamento Dimensional

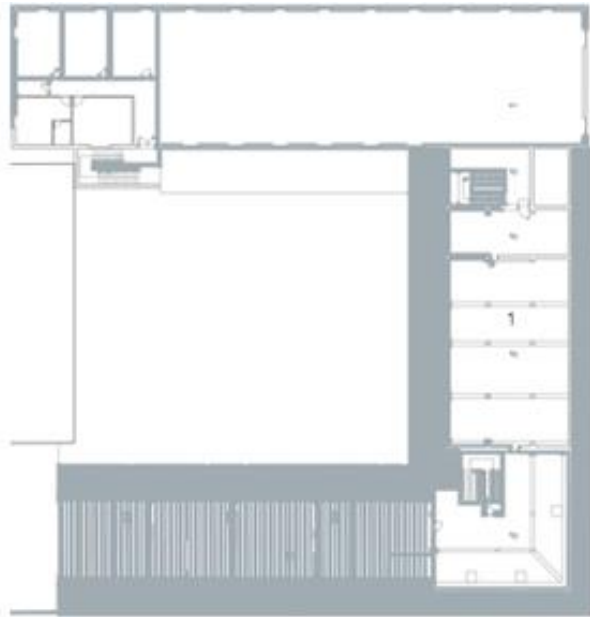
Organização e legendas realizadas pela Autora

| | |
|---------------|--|
| <p>PISO 3</p> |  <p>1 – Sala de Jogos</p> |
|---------------|--|

| | |
|---------------|--|
| <p>PISO 2</p> |  <p>1 – Bar 2 – Refeitório 3 – Arrumos 4 – Instalação Sanitária 5 – Copa 6 – Lavatórios 7 – Arquivo/Secretaria 8/9 – Arquivo/Sala de Espera 10 – Sala de Arquivo 11 – Vestiário 12 – Quarto 13 – Gabinete 14 – Sala Raio-X 15 – Sala Apoio Raio-X 16 – Vestiário Apoio Raio-X</p> |
|---------------|--|

| | |
|---------------|--|
| <p>PISO 1</p> | |
|---------------|--|

PISO 3



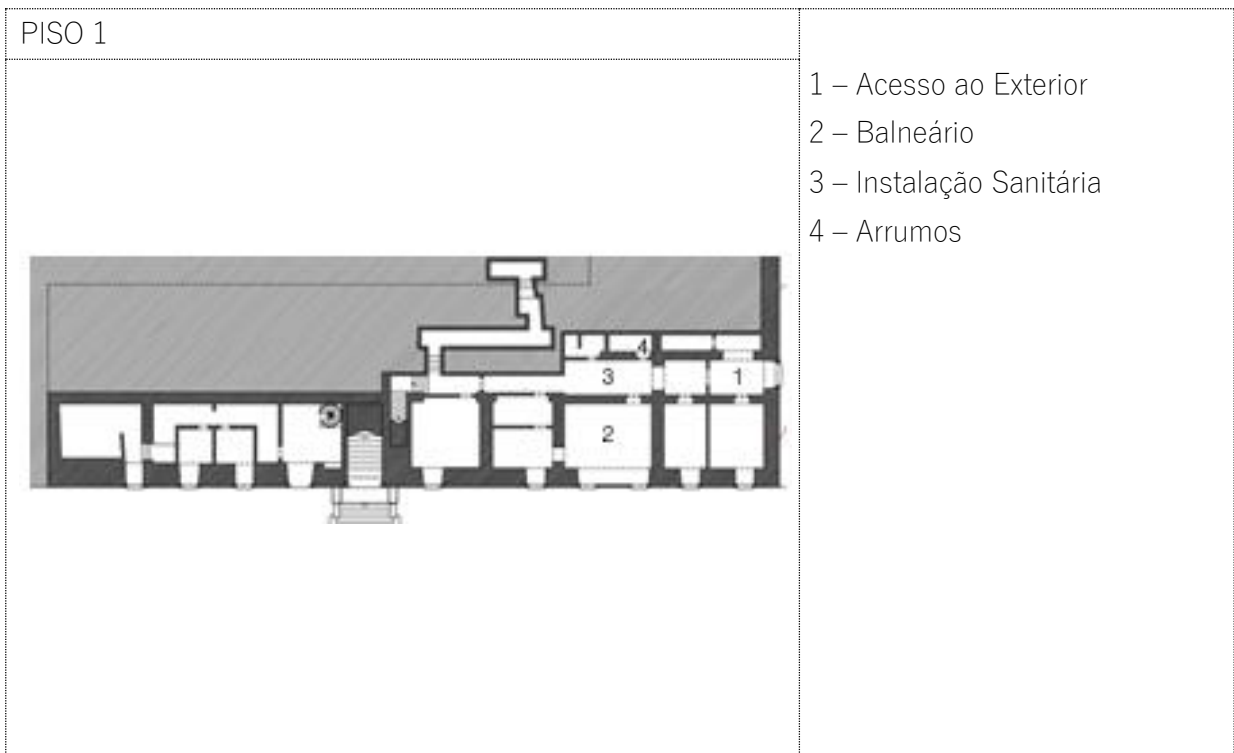
1 – Sala de Jogos

PISO 2



- 1 – Bar
- 2 – Refeitório
- 3 – Arrumos
- 4 – Instalação Sanitária
- 5 – Copa
- 6 – Lavatórios
- 7 – Arquivo/Secretaria
- 8/9 – Arquivo/Sala de Espera
- 10 – Sala de Arquivo
- 11 – Vestiário
- 12 – Quarto
- 13 – Gabinete
- 14 – Sala Raio-X
- 15 – Sala Apoio Raio-X
- 16 – Vestiário Apoio Raio-X

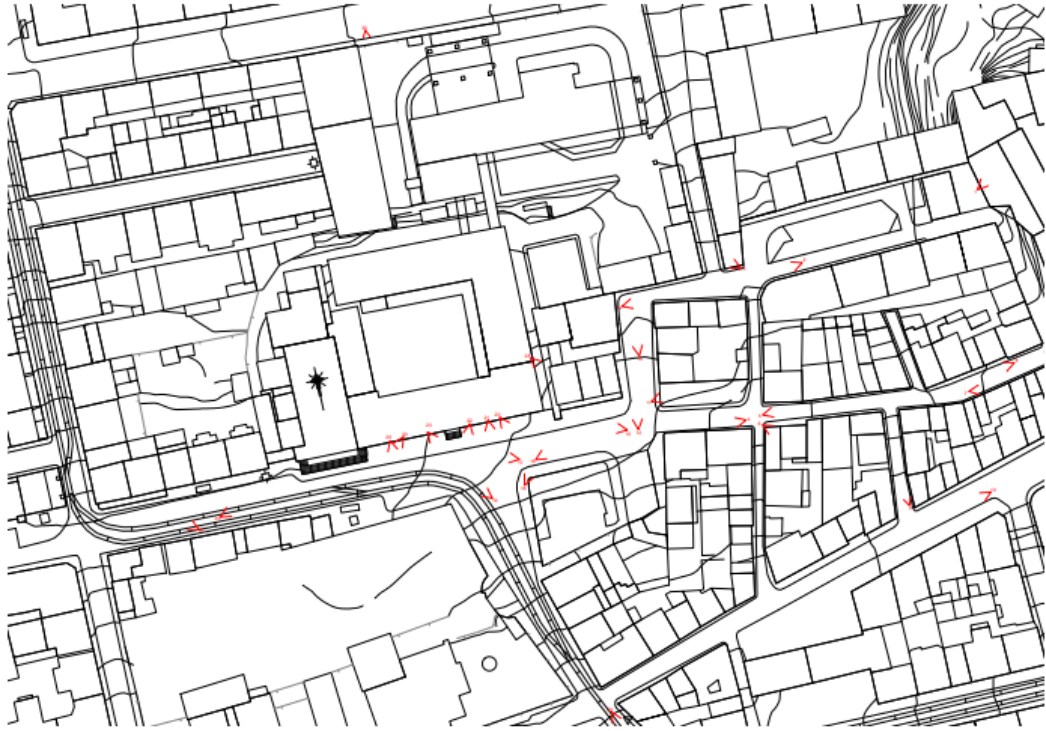
PISO 1



Anexo V) Situação Existente (2020): Levantamento Fotográfico

Exterior

Elaborado e organizado por Sofia Pinheiro



Levantamento Fotográfico Exterior - Envolvente Próximo ao Convento da Boa-Hora



01 Carolina Barreira



02 Carolina Barreira



03 Carolina Barreira



04 Carolina Barreira



05 Carolina Barreira



06 Carolina Barreira



07 Carolina Barreira



08 Sofia Pinheiro



09 Carolina Barreira



10 Carolina Barreira



11 Mariana Sousa



12 Mariana Sousa



13 Mariana Sousa



14 Mariana Sousa



15 Mariana Sousa



16 Carolina Barreira



17 Mariana Sousa



18 Mariana Sousa



19 Carolina Barreira



20 Carolina Barreira



21 Pedro Pinheiro



22 Carolina Barreira



23 Pedro Pinheiro



24 Pedro Pinheiro



25 Pedro Pinheiro



26 Mariana Sousa



27 Mariana Sousa



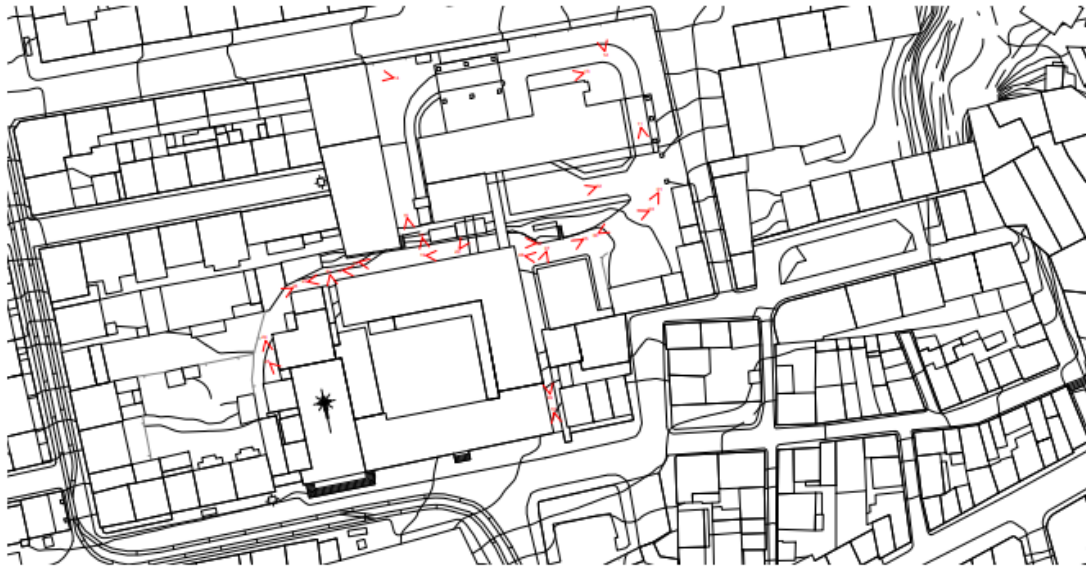
28 Pedro Pinheiro



29 Carolina Barreira



30 Pedro Pinheiro



Levantamento Fotográfico Exterior - dentro da cerca do Convento da Boa-Hora



01 Pedro Pinheiro



02 Pedro Pinheiro



03 Mariana Sousa



04 Pedro Pinheiro



05 Mariana Sousa



06 Pedro Pinheiro



07 Mariana Sousa



08 Mariana Sousa



09 Mariana Sousa



10 Pedro Pinheiro



11 Pedro Pinheiro



12 Pedro Pinheiro



13 Pedro Pinheiro



14 Pedro Pinheiro



15 Pedro Pinheiro



16 Pedro Pinheiro



17 Mariana Sousa



18 Pedro Pinheiro



19 Pedro Pinheiro



20 Pedro Pinheiro



21 Pedro Pinheiro



22 Mariana Sousa



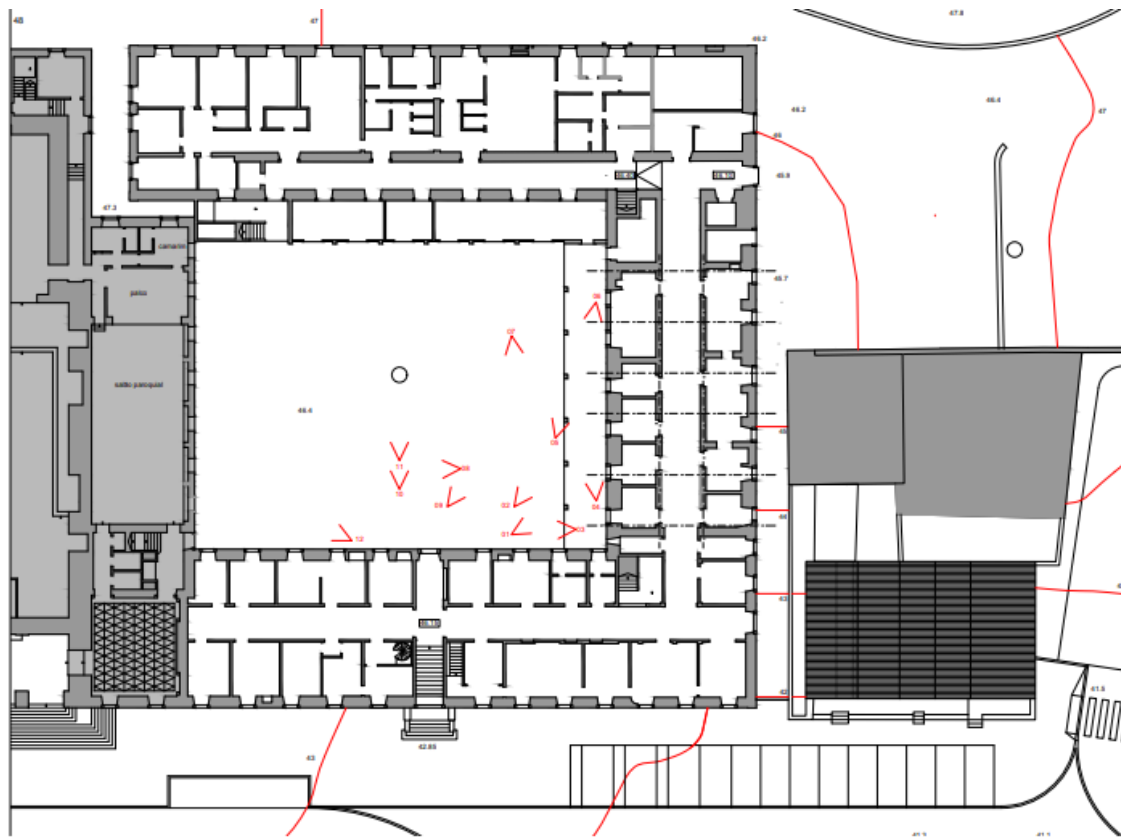
23 Pedro Pinheiro



24 Pedro Pinheiro



25 Pedro Pinheiro



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso térreo



01 Carolina Barreira



02 Clara Branco



03 Mariana Sousa



04 Mariana Sousa



05 Pedro Pinheiro



06 Mariana Sousa



07 Mariana Sousa



08 Pedro Pinheiro



09 Clara Branco



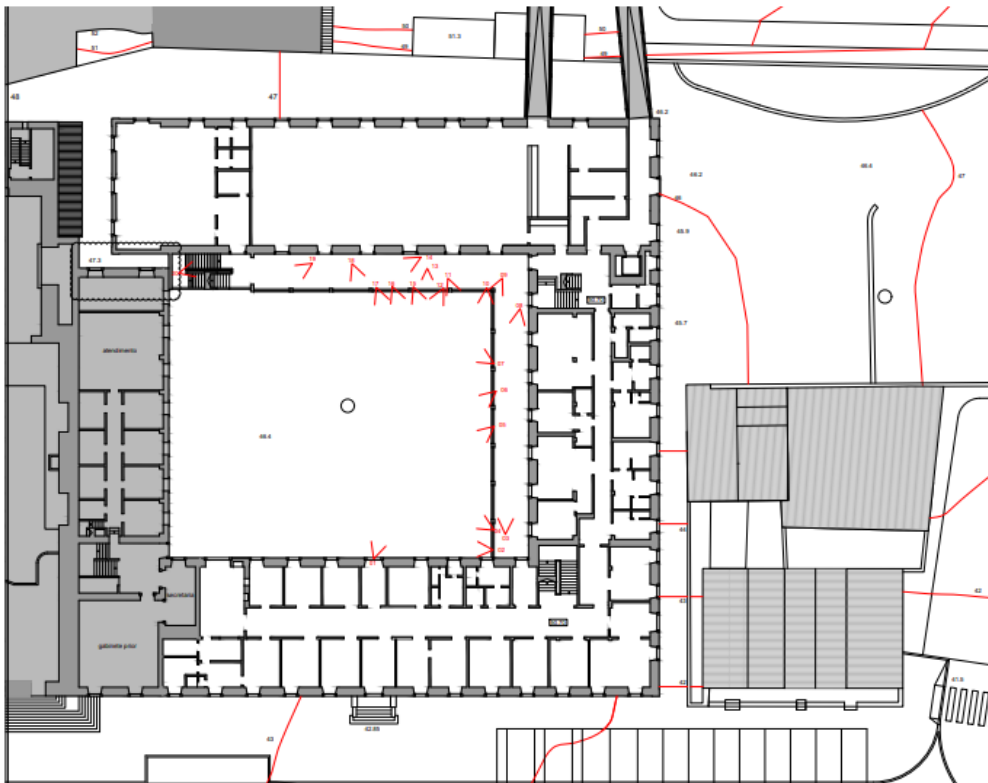
10 Pedro Pinheiro



11 Pedro Pinheiro



12 Clara Branco



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso 1



01 Mariana Sousa



04 Mariana Sousa



02 Mariana Sousa



03 Mariana Sousa



05 Mariana Sousa



06 Pedro Pinheiro



07 Mariana Sousa



08 Carolina Barreira



09 Carolina Barreira



10 Mariana Sousa



11 Clara Branco



12 Clara Branco



13 Carolina Barreira



14 Clara Branco



15 Clara Branco



16 Mariana Sousa



17 Mariana Sousa



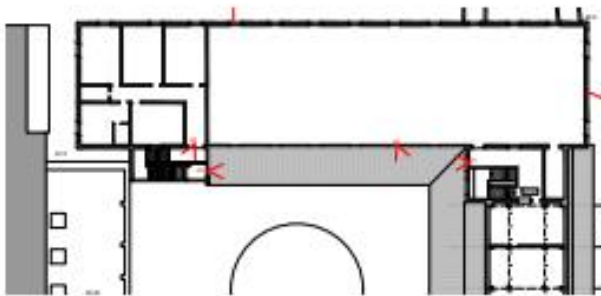
18 Mariana Sousa



19 Mariana Sousa



20 Mariana Sousa



Levantamento Fotográfico Exterior- Pátio piso 2 Ala Norte



01 Carolina Barreira



02 Carolina Barreira



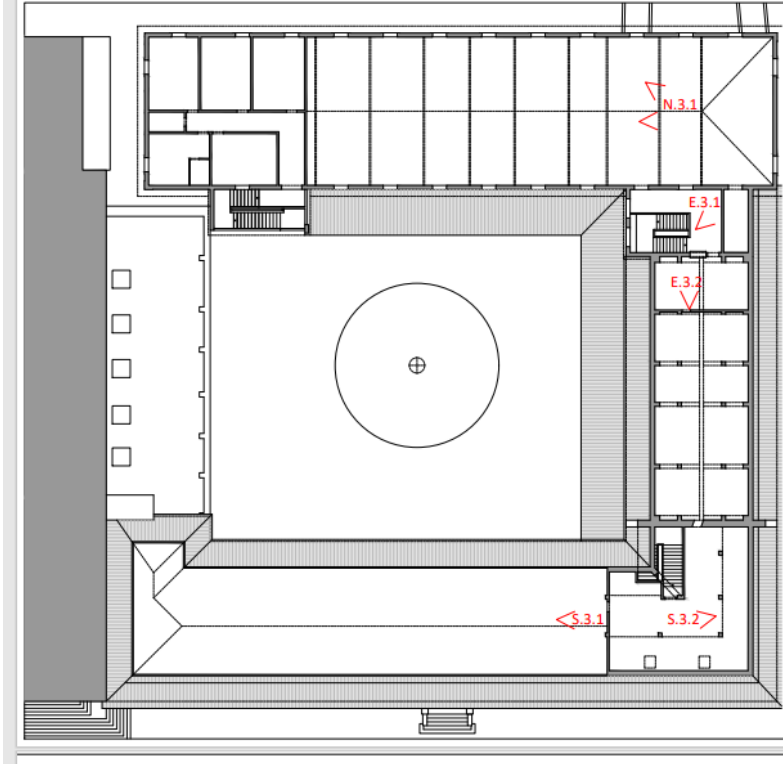
03 Mariana Sousa



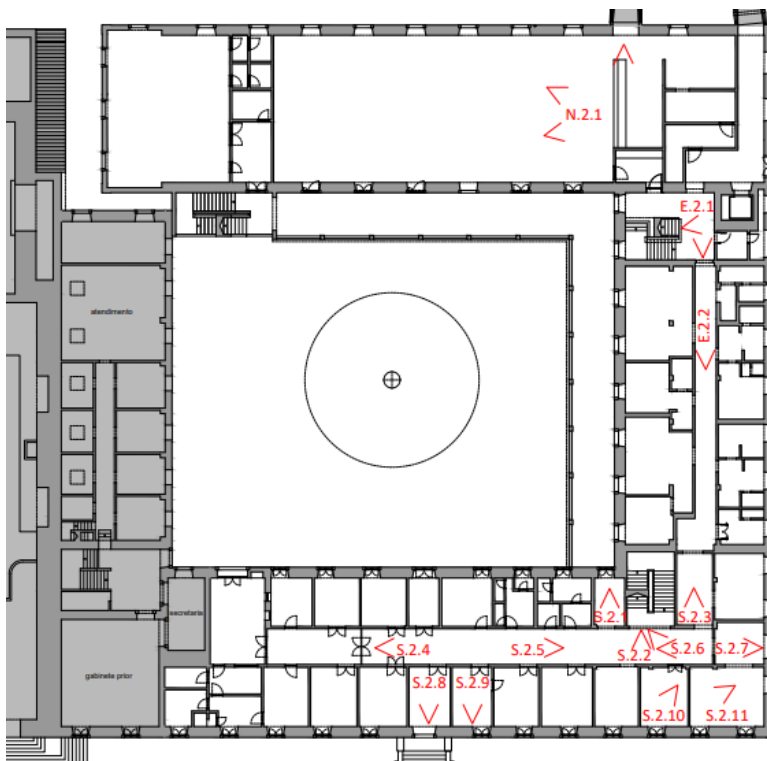
04 Mariana Sousa

Interior

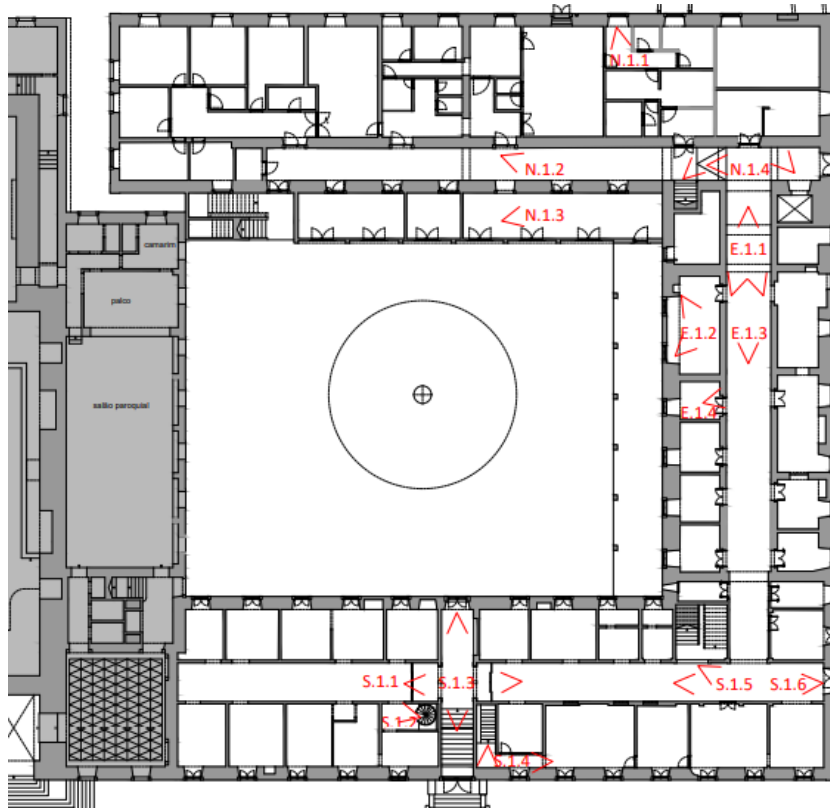
*Elaborado e organizado pela Autora
O código corresponde à ala, piso e número de fotografia*



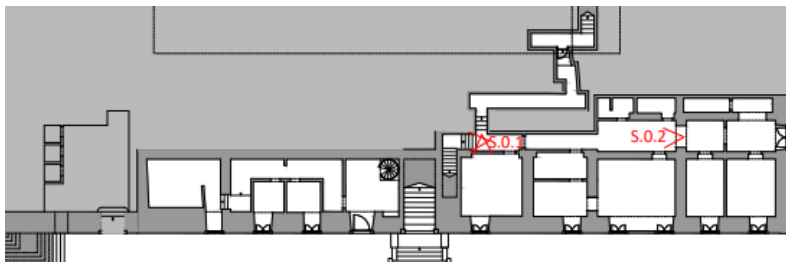
Piso 3



Piso 2



Piso 1



Piso 0



N.3.1 Carolina Barreira



N.3.1 (1) Carolina Barreira



E.3.1 Carolina Barreira



E.3.2 Mariana Sousa



S.3.1 Carolina Barreira



S.3.2 Carolina Barreira



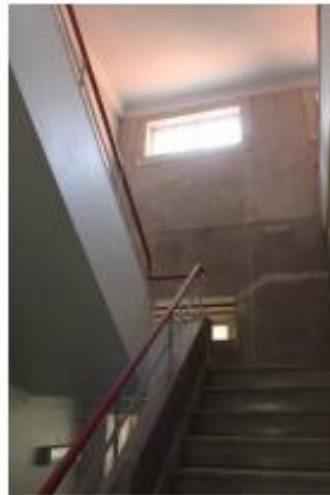
N.2.1 Carolina Barreira



N.2.1 (1) Clara Branco



N.2.1 (2) Clara Branco



E.2.1 Carolina Barreira



E.2.1 Mariana Sousa



E.2.1 (1) Mariana Sousa



E.2.2 Carolina Barreira



E.2.2 (1) Mariana Sousa



S.2.1 Carolina Barreira



S.2.2 Carolina Barreira



S.2.2 (1) Mariana Sousa



S.2.3 Carolina Barreira



S.2.4 Mariana Sousa



S.2.5 Mariana Sousa



S.2.6 Carolina Barreira



S.2.6 (1) Carolina Barreira



S.2.7 Mariana Sousa



S.2.8 Carolina Barreira



S.2.9 Carolina Barreira



S.2.10 Mariana Sousa



S.2.11 Mariana Sousa



N.1.1 Carolina Barreira



N.1.2 Carolina Barreira



N.1.3 Mariana Sousa



N.1.4 Mariana Sousa



N.1.4 (1) Mariana Sousa



N.1.4 (2) Clara Branco



E.1.1 Carolina Barreira



E.1.1 (1) Clara Branco



E.1.1 (2) Mariana Sousa



E.1.2 Carolina Barreira



E.1.2 (1) Mariana Sousa



E.1.3 Mariana Sousa



E.1.4 Mariana Sousa



S.1.1 Carolina Barreira



S.1.1 (1) Carolina Barreira



S.1.2 Clara Branco



S.1.3 Clara Branco



S.1.3 (1) Carolina Barreira



S.1.3 (2) Carolina Barreira



S.1.3 (3) Mariana Sousa



S.1.4 Clara Branco



S.1.4 (1) Clara Branco



S.1.5 Carolina Barreira



S.1.5 (1) Carolina Barreira



S.1.5 (2) Clara Branco



S.1.6 Clara Branco



S.0.1 Carolina Barreira



S.0.1 (1) Carolina Barreira

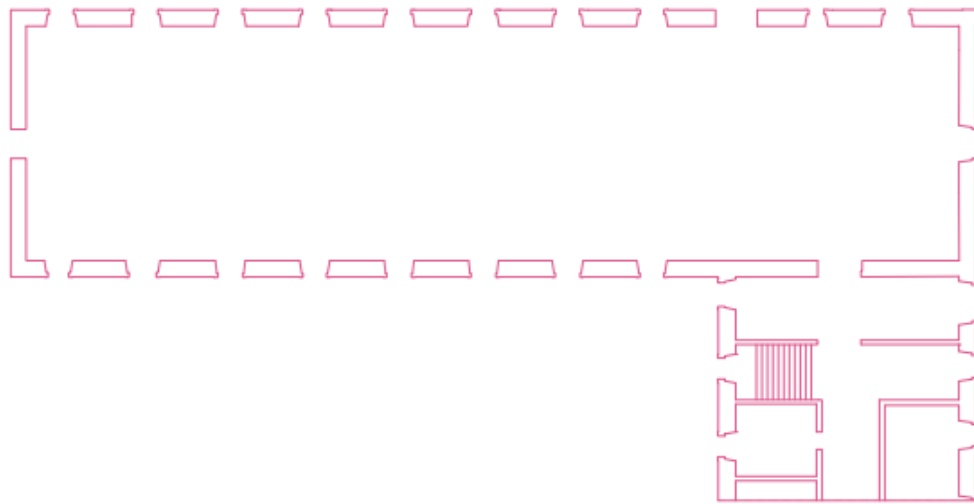


S.0.2 Carolina Barreira

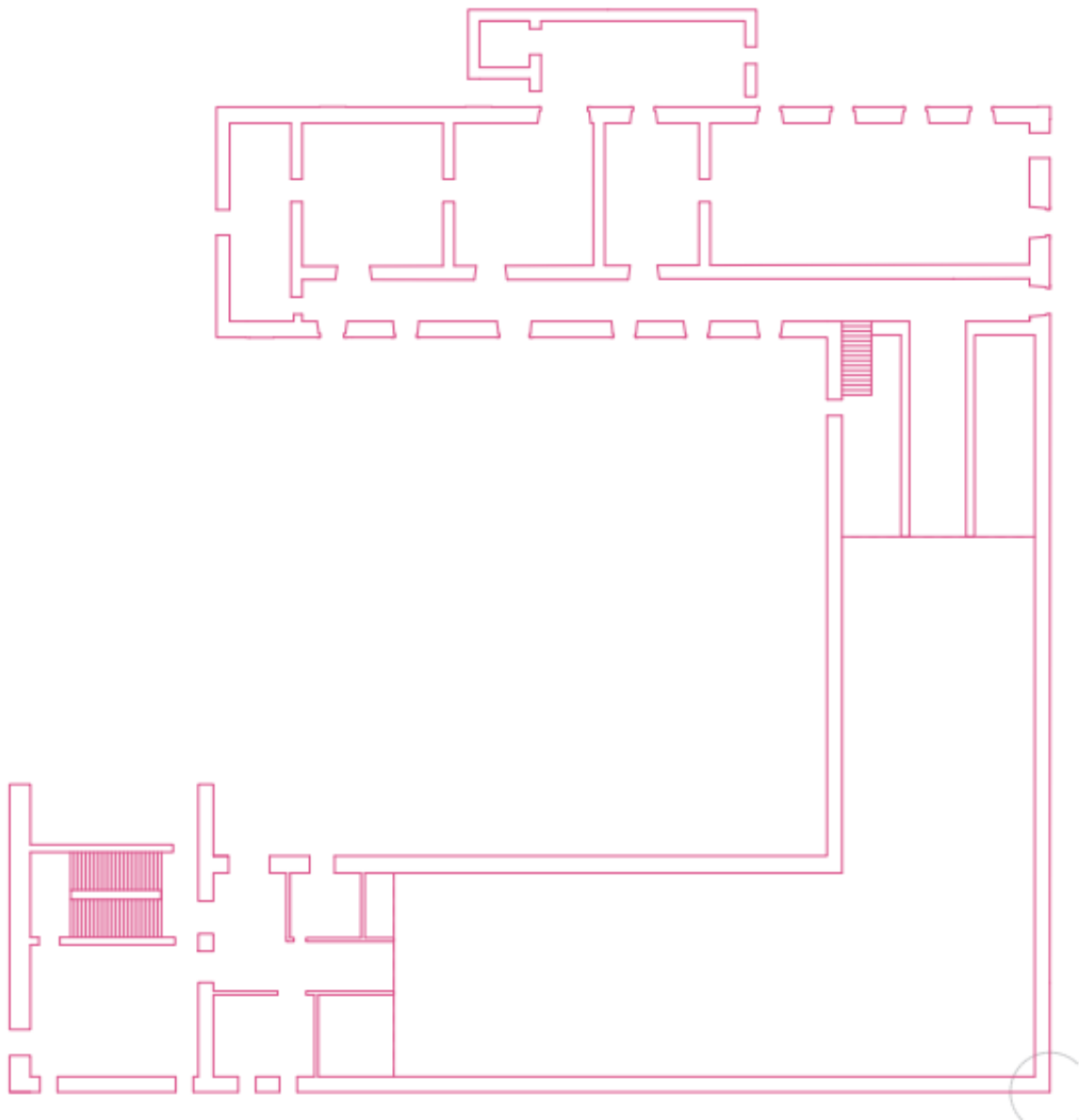
Anexo VI) Plantas Históricas

Vetorização elaborada e organizada pela Autora

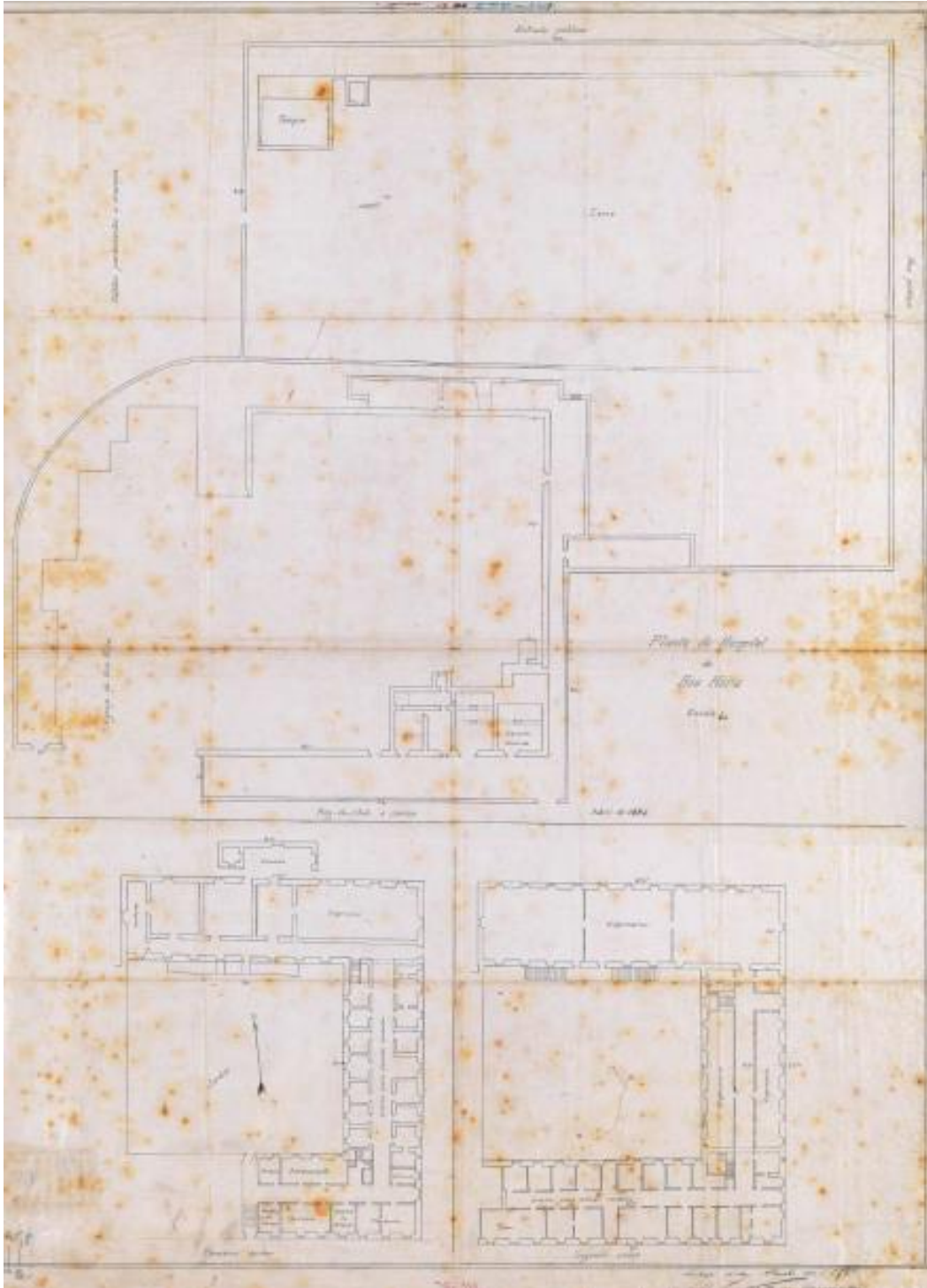
PISO 2



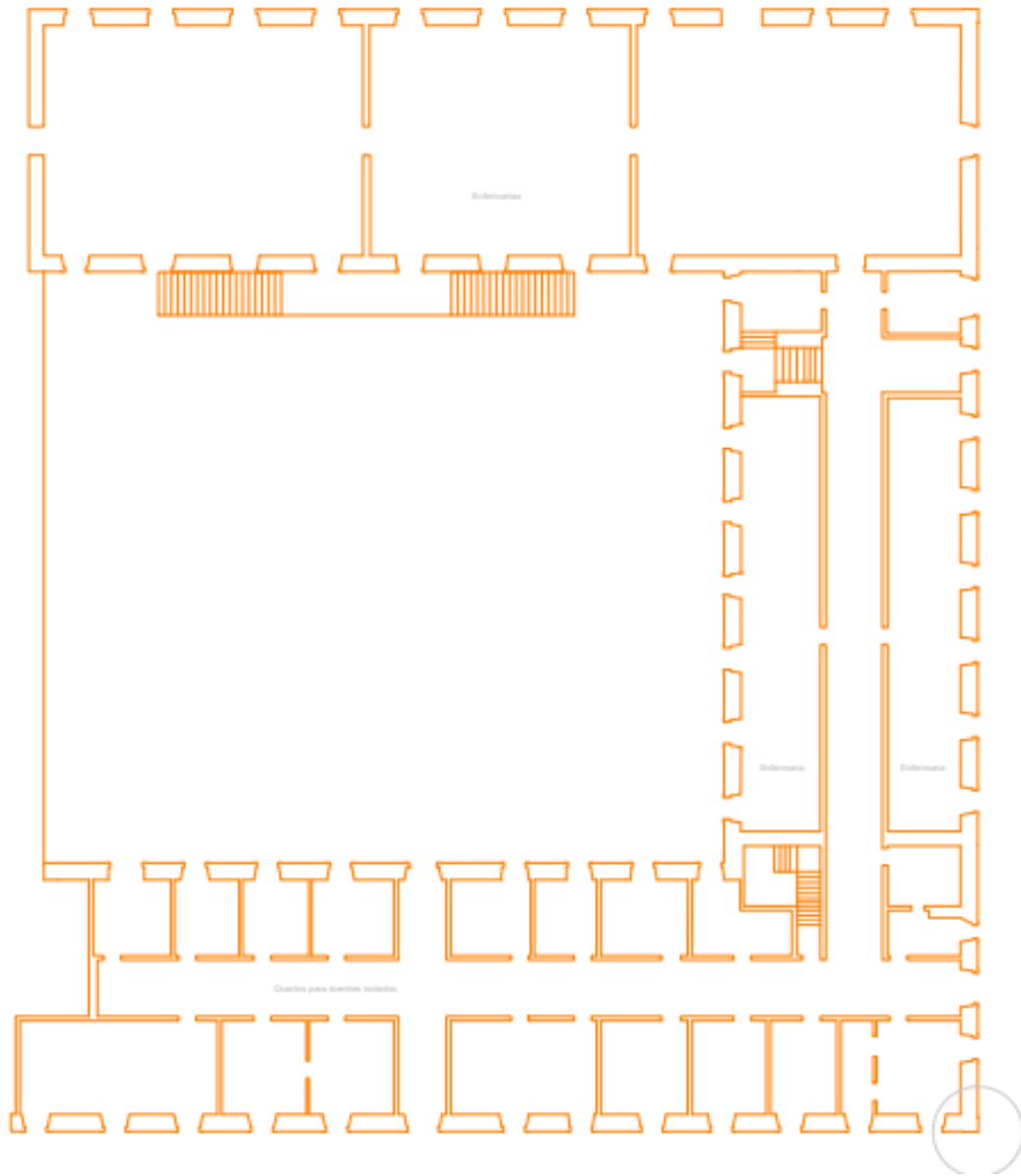
PISO 1



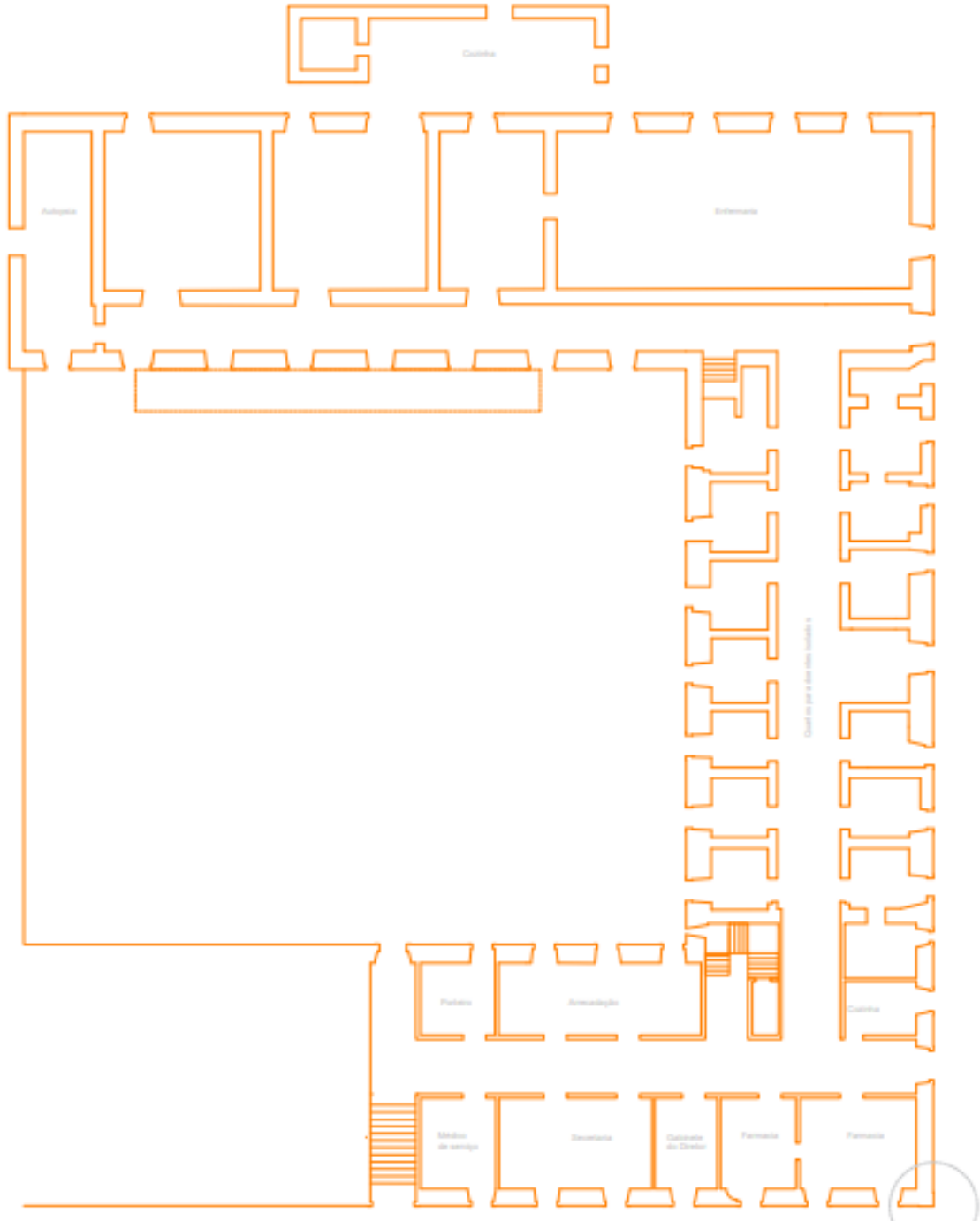
ANO 1895



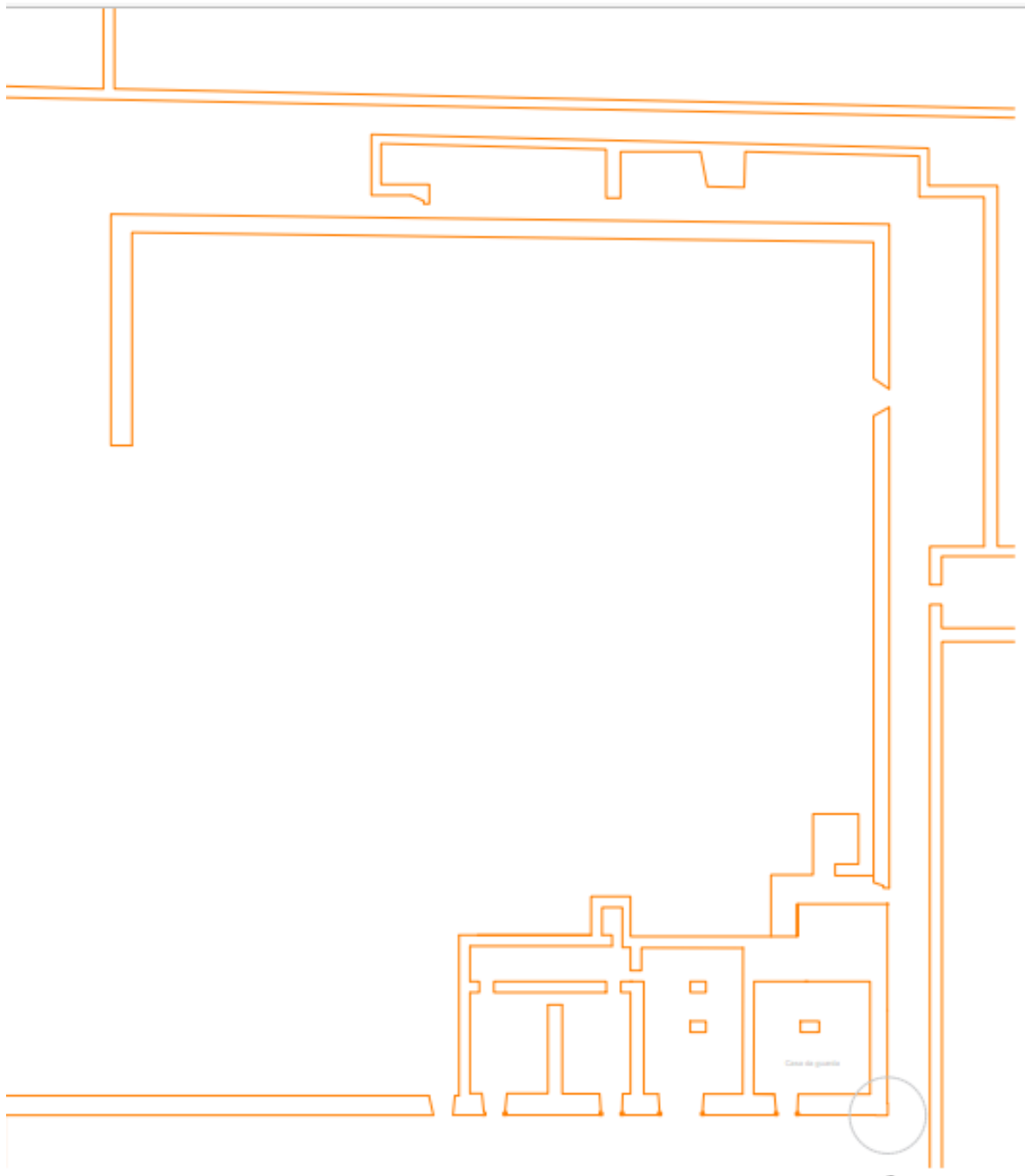
PISO 2



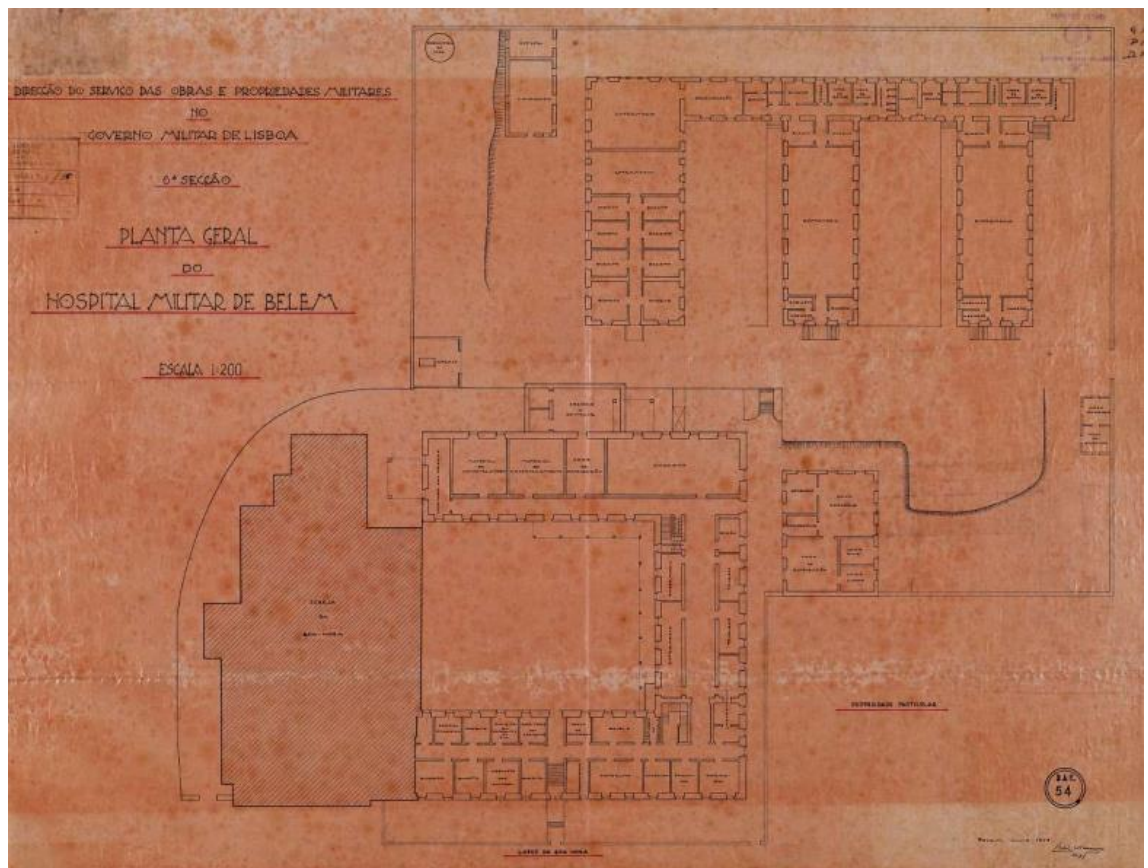
PISO 1



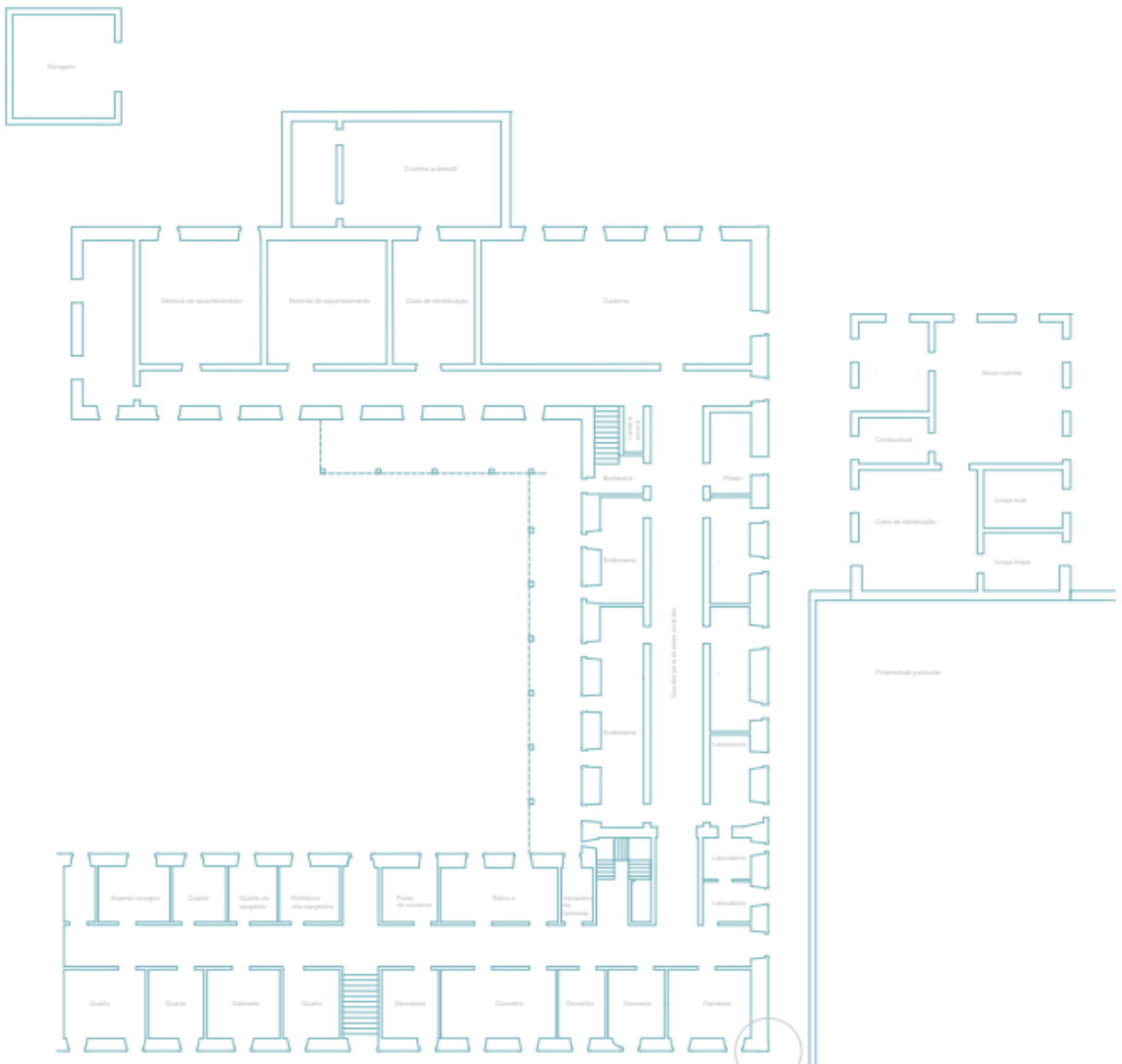
PISO 0



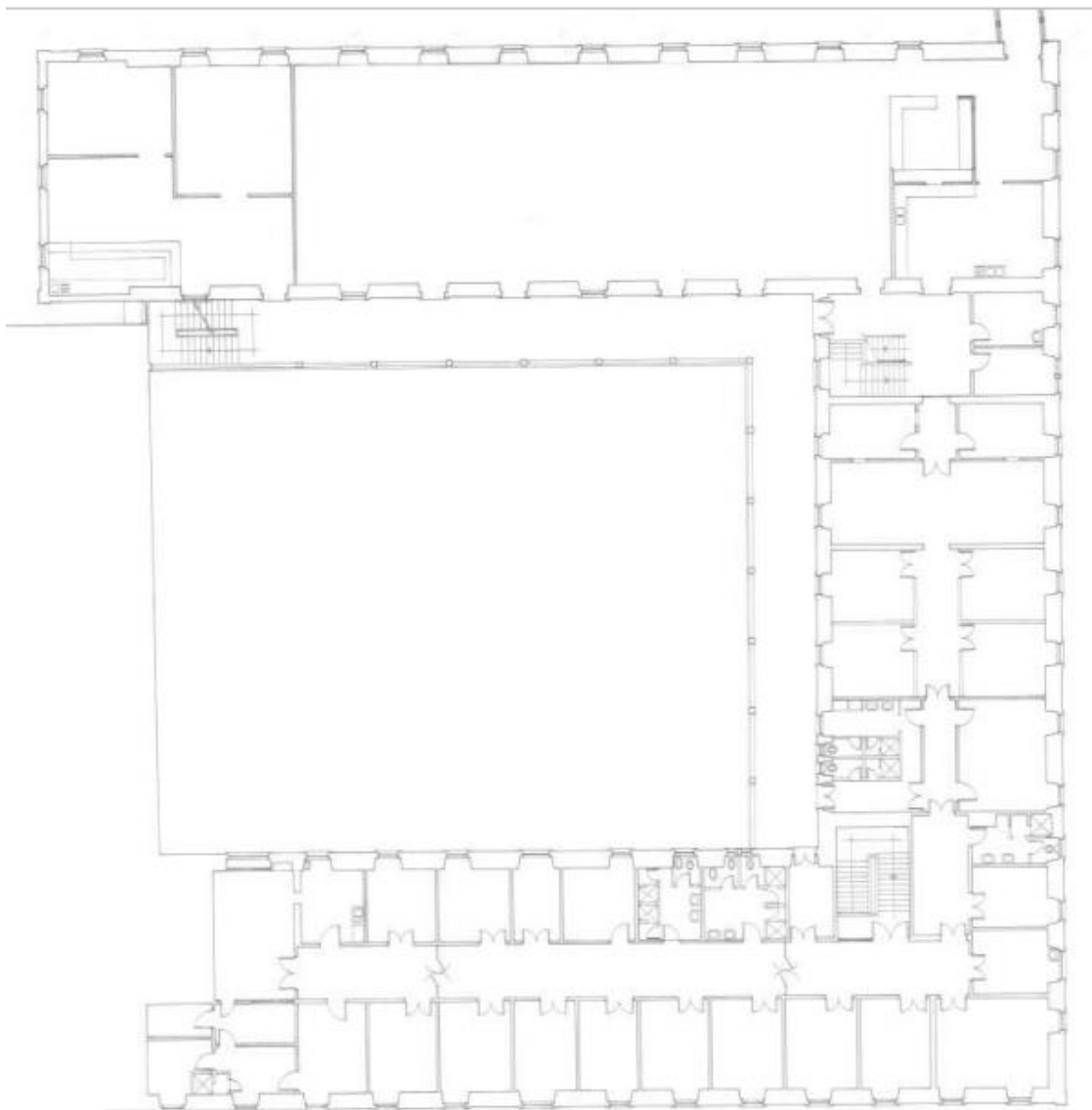
ANO 1934



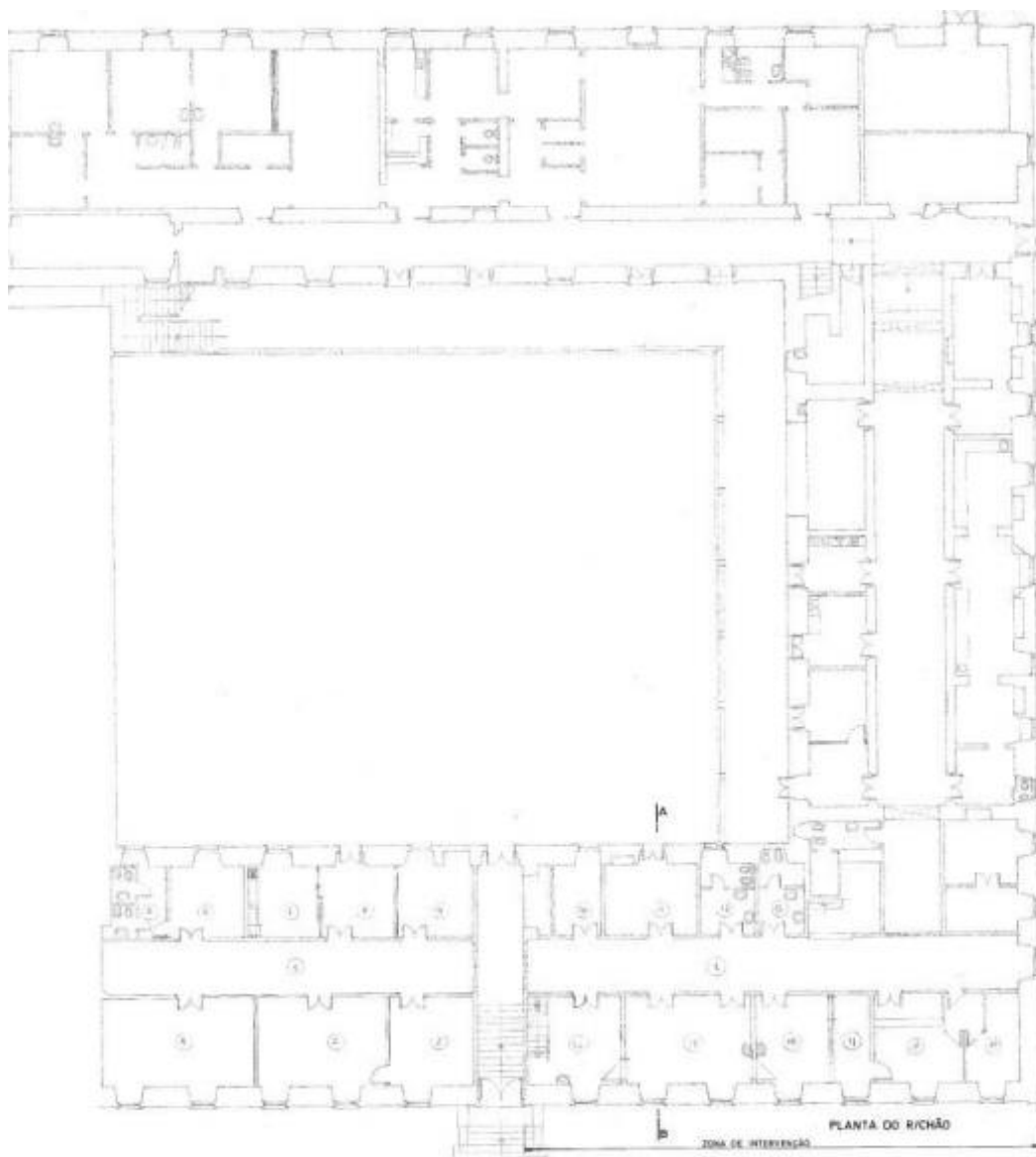
PISO 1



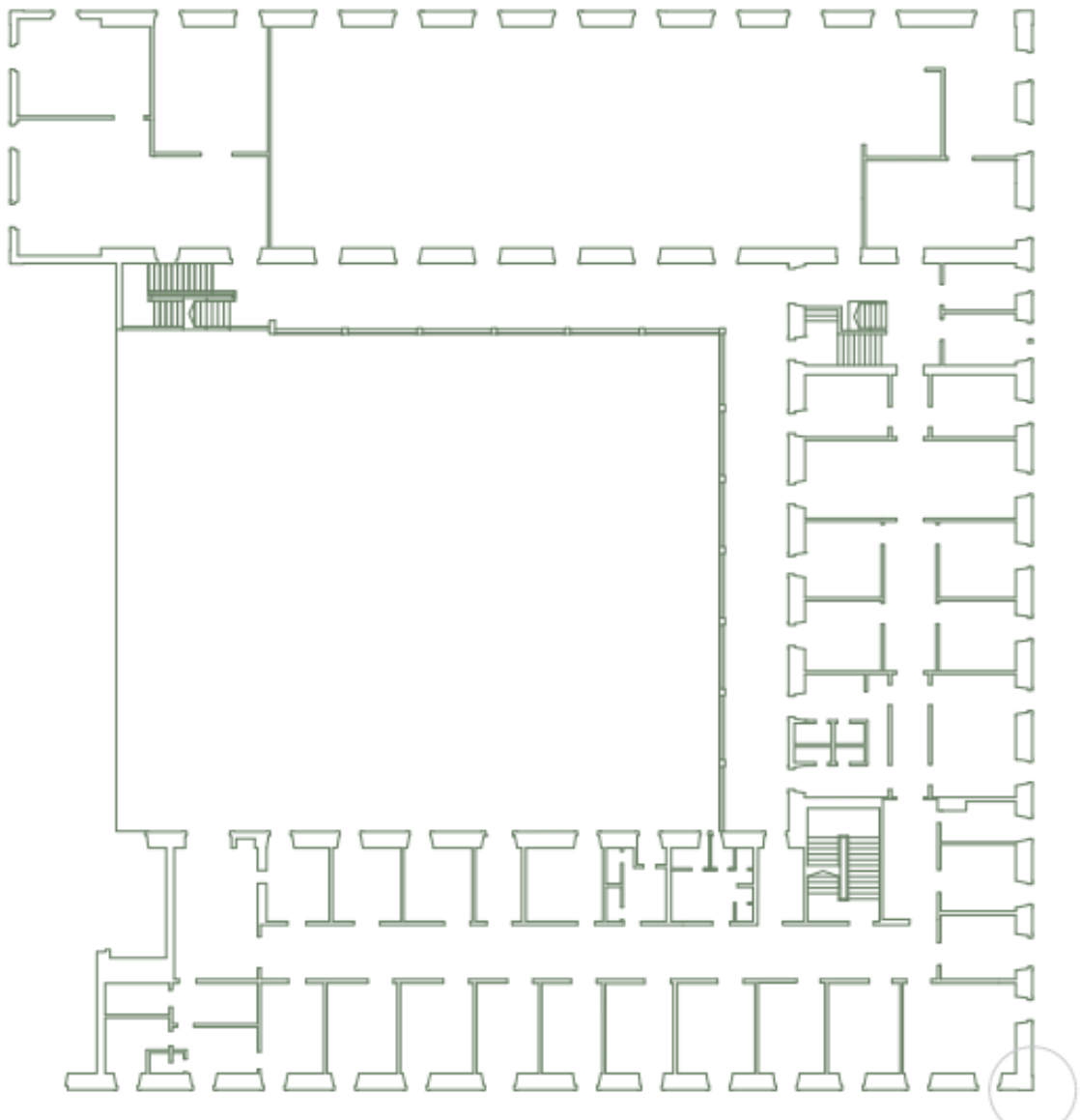
ANO 1997



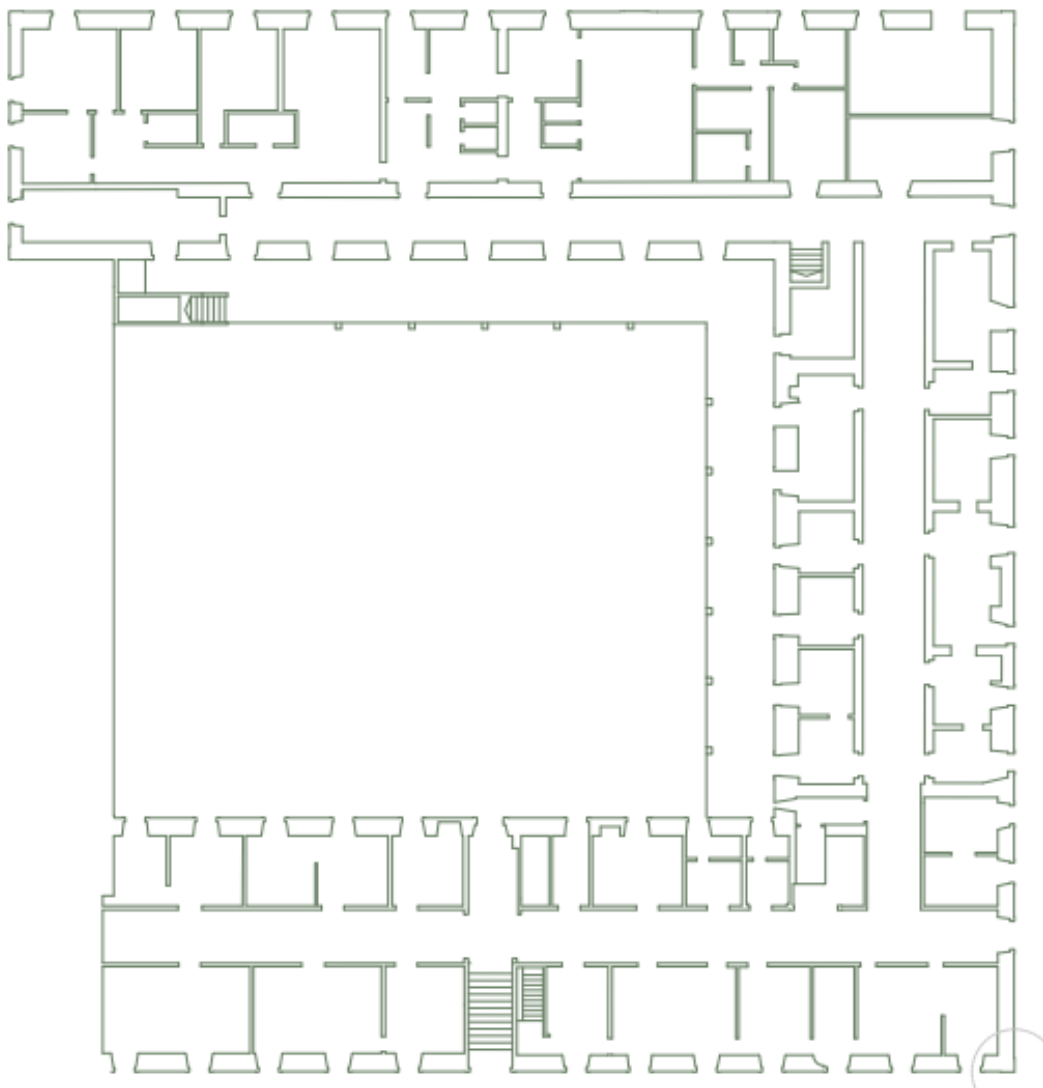
PISO 1



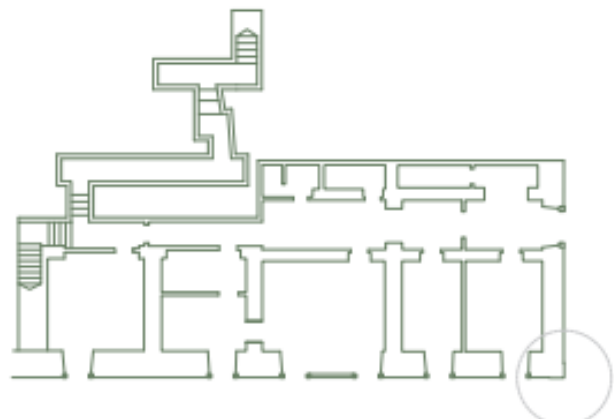
PISO 2



PISO 1

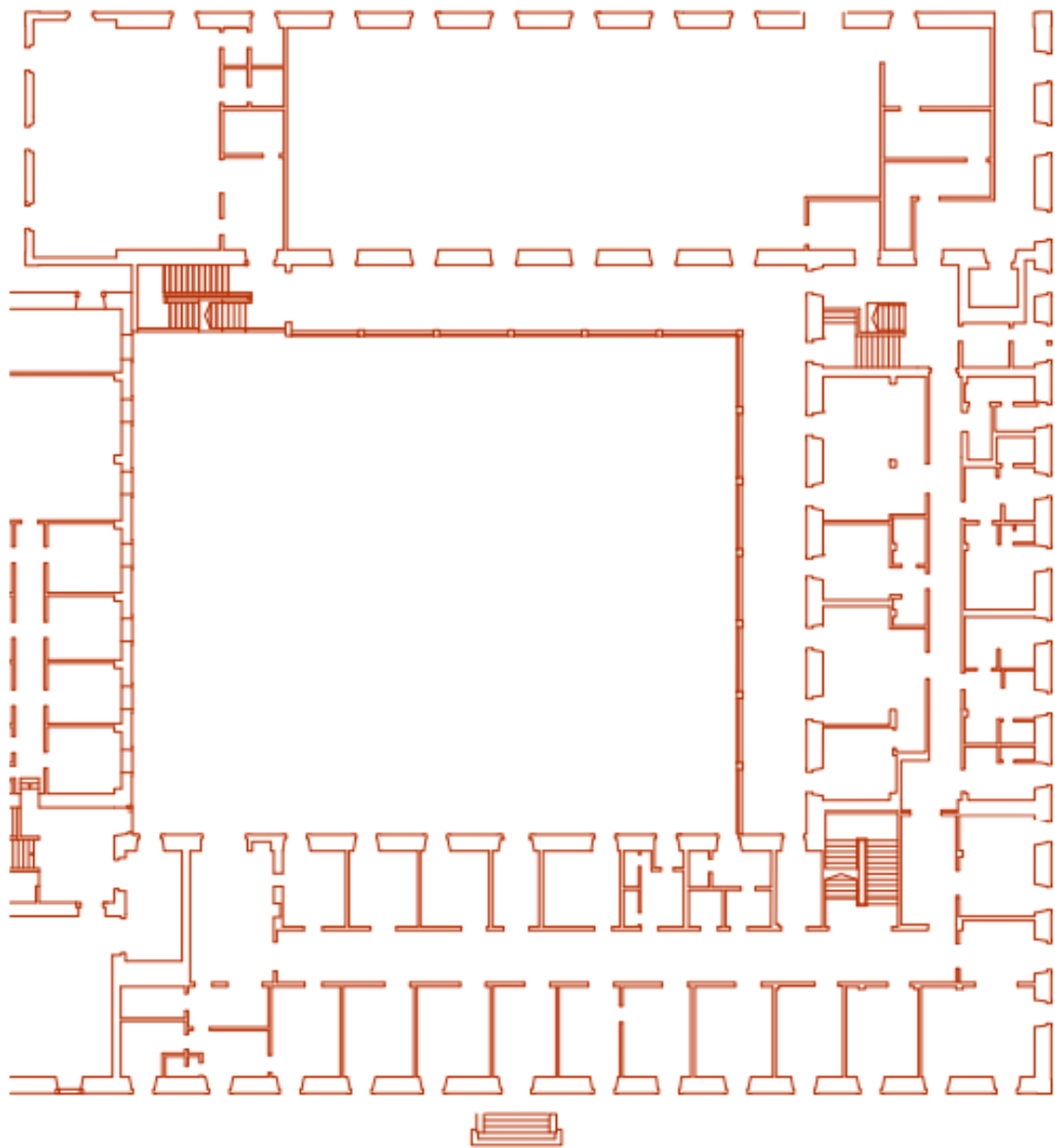


PISO 0

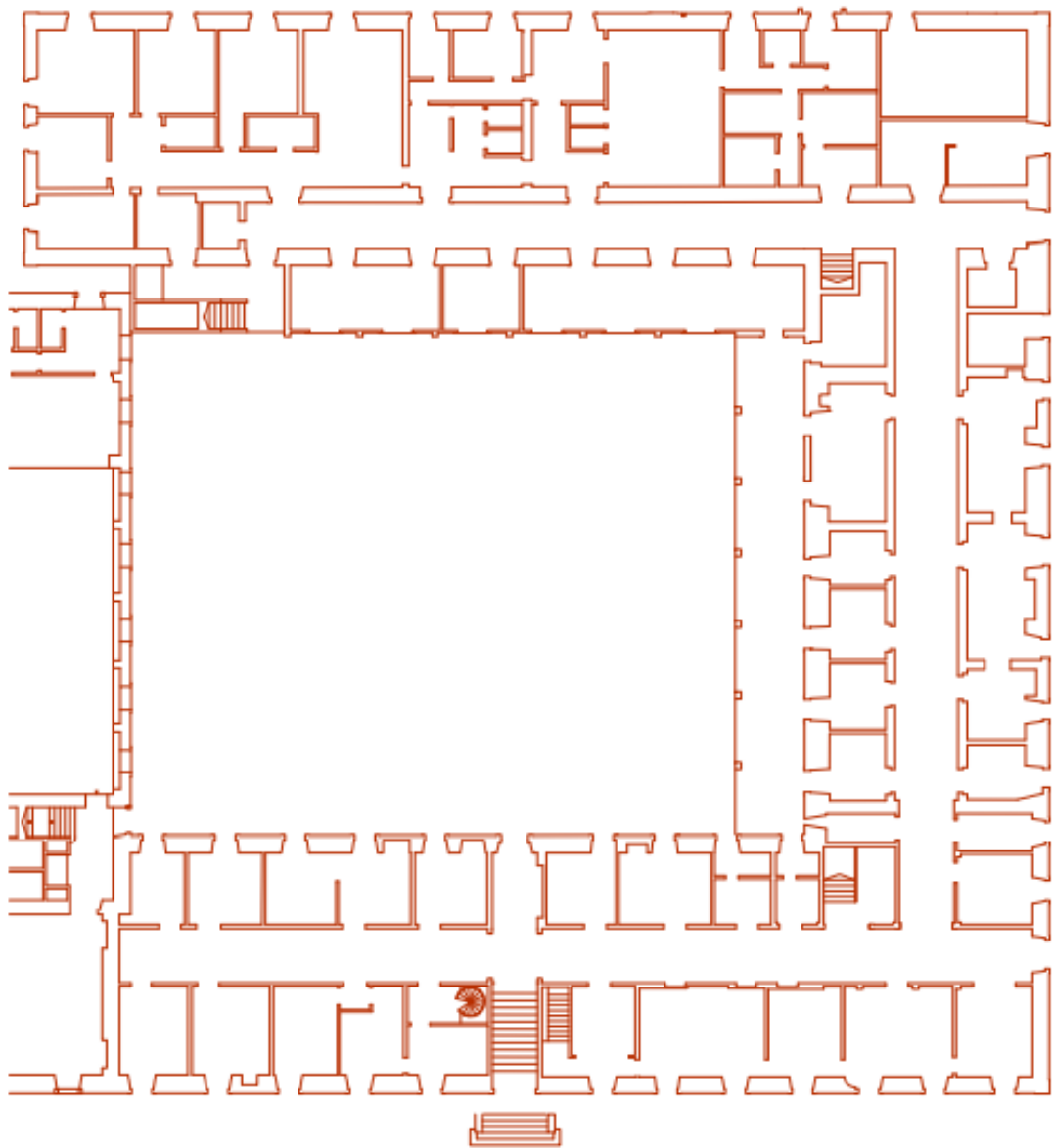


ANO 2019

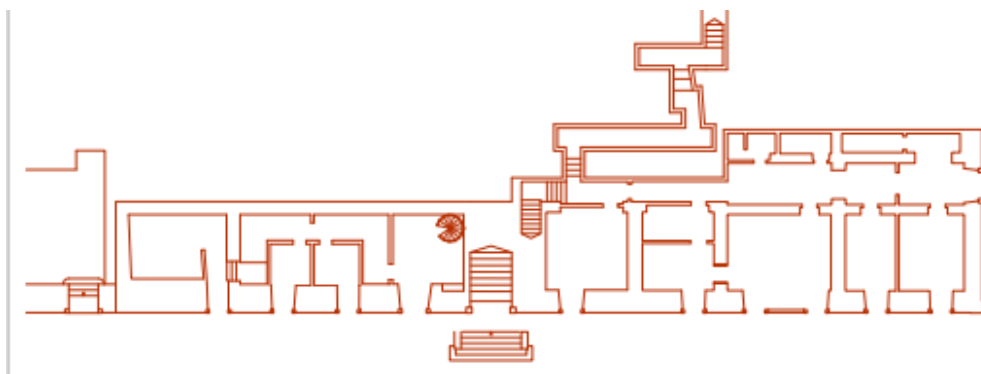
PISO 2



PISO 1



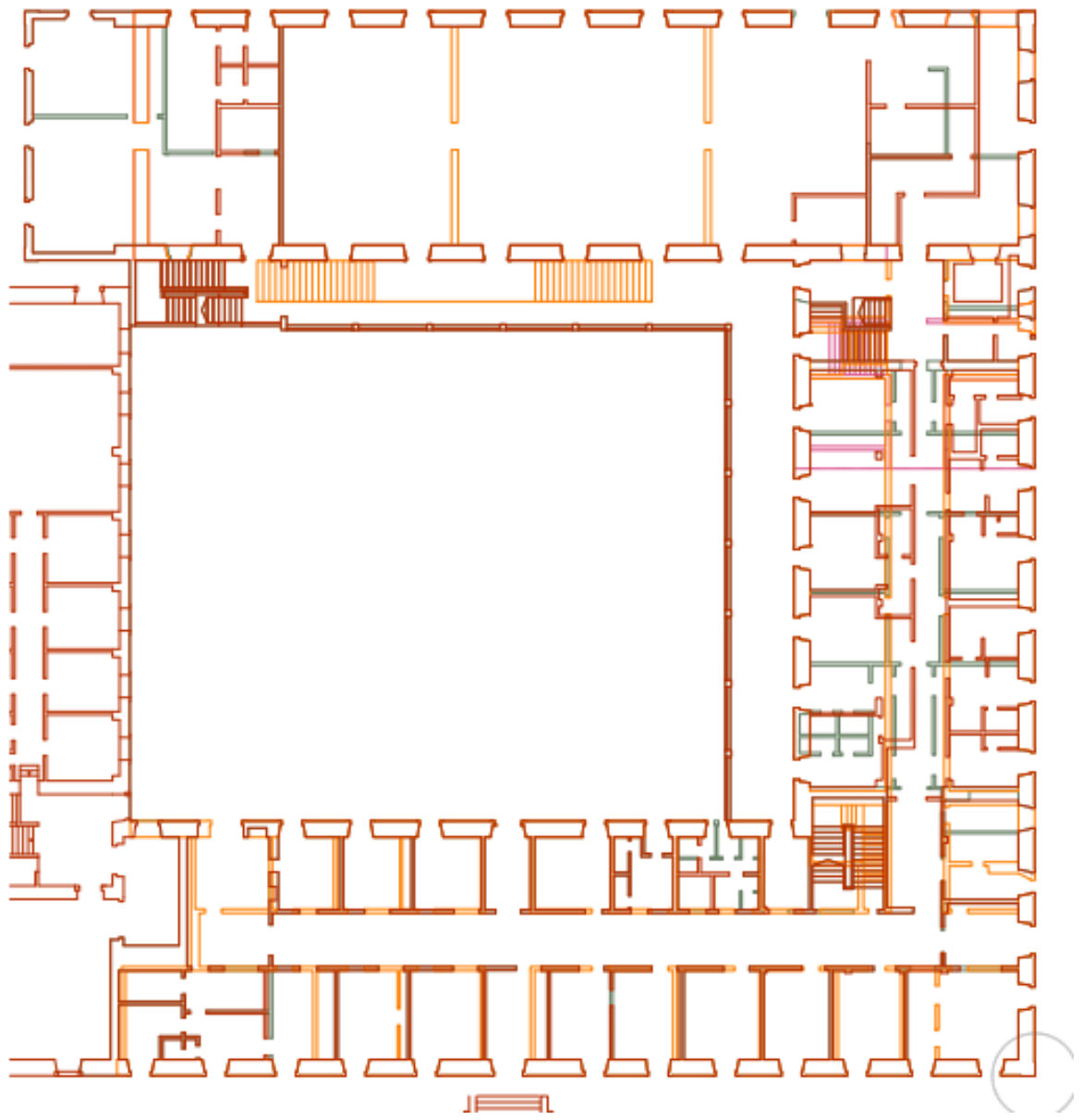
PISO 0



Anexo VII) Palimpsesto

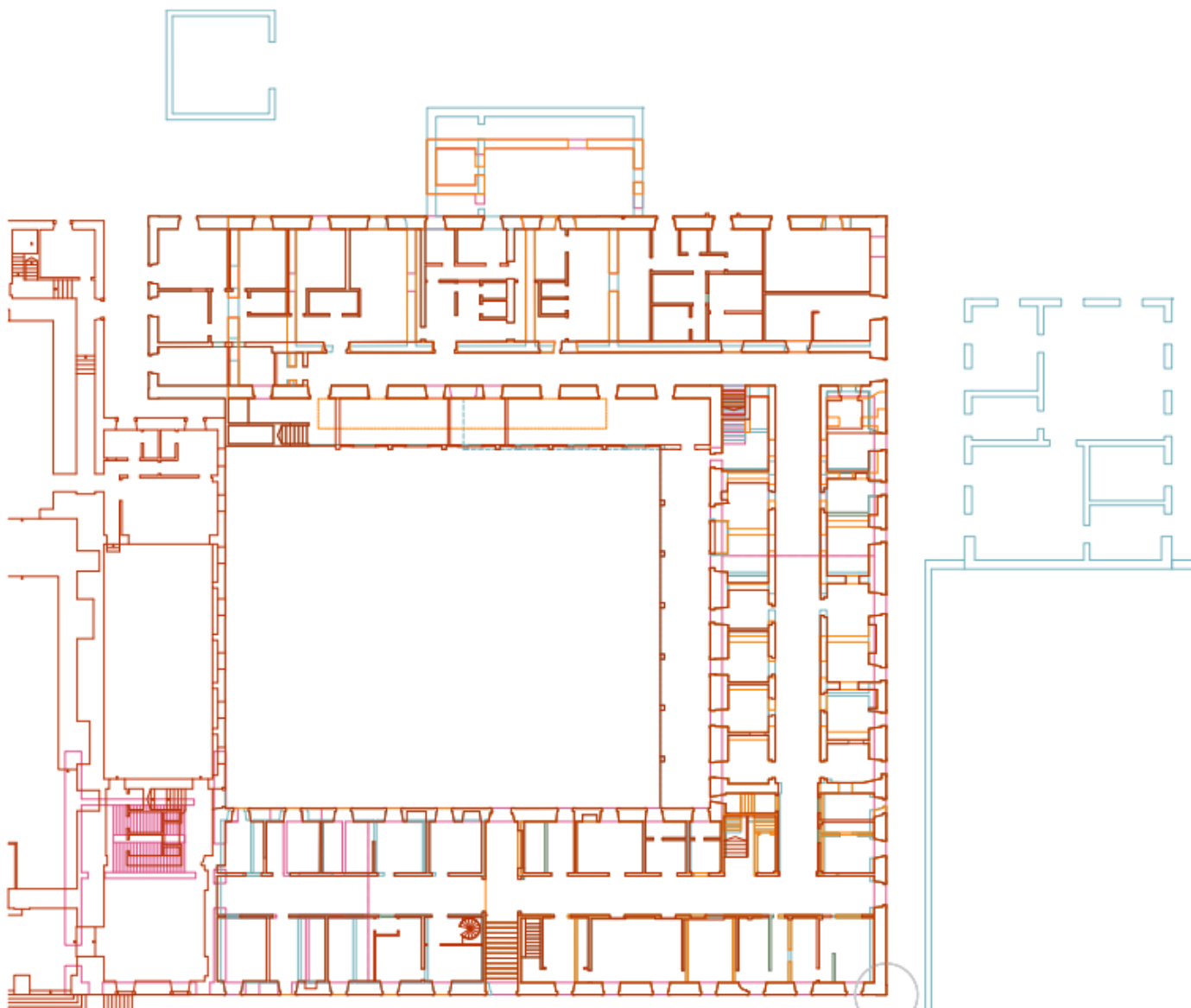
Vetorização elaborada e organizada pela Autora

PISO 2



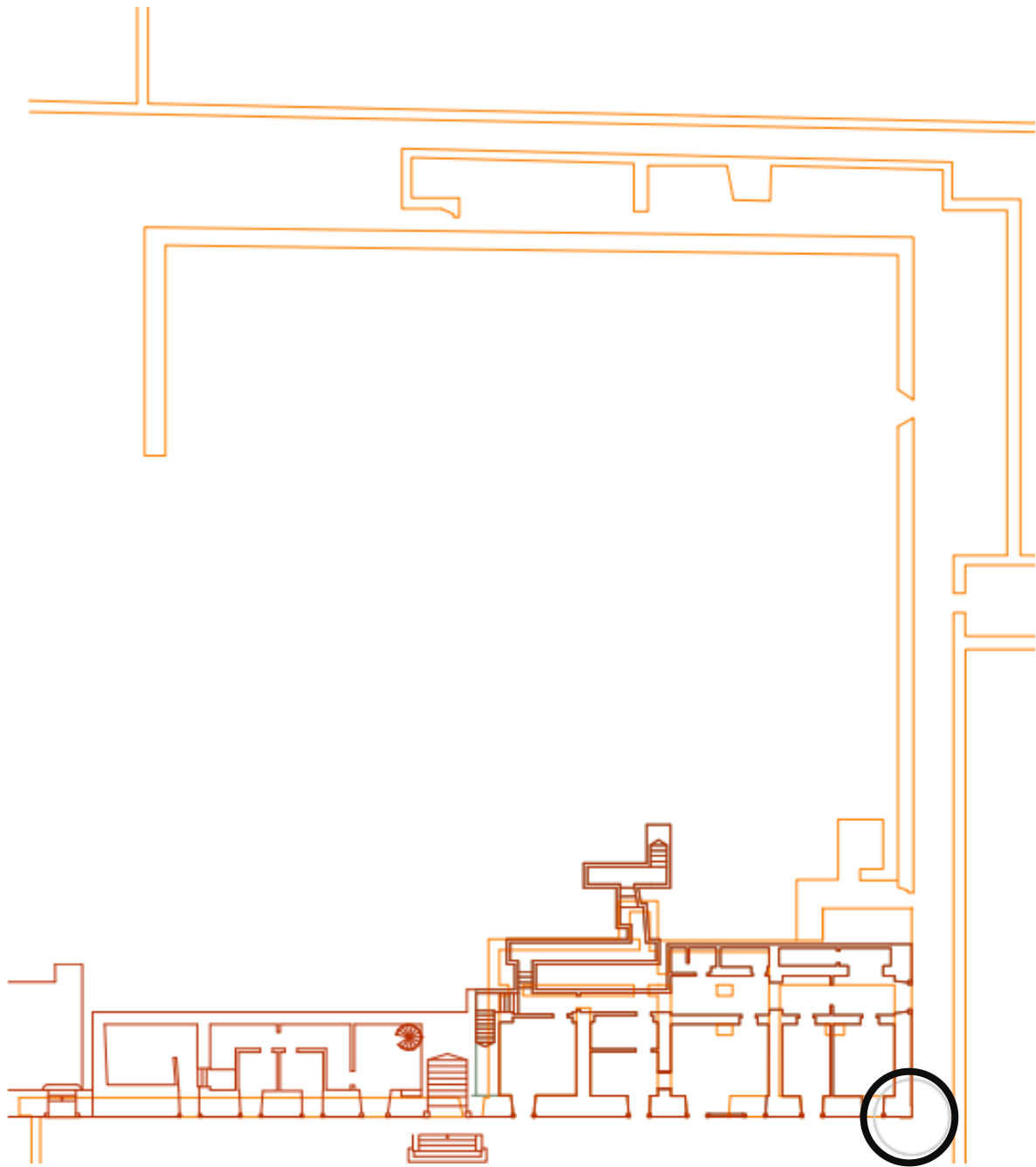
2019 1997 1934 1895 1852

PISO 1



2019 1997 1934 1895 1852

PISO 0



2019 1997 1934 1895 1852

Anexo VIII) Evolução Cronológica

Elaborado e organizado por Sofia Pinheiro

| PISO | ALA | 1852 | 1895 | 1934 | 1997 | 2019 |
|--------|-------|--|---|---|---|---|
| PISO 0 | SUL | - | Apenas o lado mais este do edifício continha espaços nos interiores neste piso. Casa do guarda à direita. | - | Existe apenas o lado este. Existe agora o corredor sentido este-oeste que faz a comunicação entre os compartimentos a sul e uns pequenos compartimentos mais a norte e ainda o acesso a um túnel de acesso ao pátio. Destruição de paredes / muros de suporte e construção de novo acesso (porta) a este. | Já existe agora o lado esquerdo da cave. Construção de um novo acesso vertical (escadas em caracol) no compartimento à direita das escadas principais. Sem alterações no lado direito. |
| PISO 1 | SUL | Na planta de 1852 apenas se percebe a existência do corredor central. | Escadas que fazem acesso ao Largo Boa Hora a meio da ala (está na localização atual) corredor central (posição atual), o médico, a antiga secretaria, e o gabinete do que seria o diretor e farmácia virados a sul. Porteiro e arrecadação virada para o pátio. Acesso vertical situado no canto do pátio. | Sem alterações. | Alterações: Abertura de vãos (portas) entre compartimentos. Acrescento de acesso vertical a este das escadas principais. | Abertura / rompimento de nichos em algumas paredes exteriores. Construção de novas 5 paredes divisórias (betão armado). |
| PISO 1 | ESTE | Corredor central e vão de escadas no canto norte junto ao pátio. | Corredor central (posição atual). Vão maior virado para a rua, a eixo do centro da ala. Nesta ala situavam-se os Quartos para doentes isolados: pequenos compartimentos (com apenas 1 janela cada um). | Destruição de muitas das paredes que compartimentam os espaços. | Voltam a ser fechados alguns compartimentos: construção de paredes divisórias. Abertura de vãos (portas) entre compartimentos. | Abertura / rompimento de nichos em algumas paredes exteriores. Construção de paredes novas: construção de um elevador a nordeste desta ala. |
| PISO 1 | NORTE | Corredor a sul, junto ao pátio. A norte existiam 4 grandes espaços. E no topo oeste existia um espaço comunicante com o fim do corredor. | Corredor situado na lateral a Sul. A norte deste corredor existiam grandes espaços (enfermarias, autopsia etc.). Edifício de cozinha, adjacente ao lado norte desta ala. | Sem alterações interiores. Alteração da fachada a oeste: destruição do vão existente e abertura de 2 novos. Edifício da cozinha alterado, ganhou dimensão. | Alterações: Destruição de partes das paredes existentes e construção de novas paredes para compartimentação do espaço. Destruição da fachada oeste desta ala. Acrescento e nova fachada. | Sem grandes alterações interiores. Construção de umas porções de paredes divisórias. Construção de salas interiores no pátio, por baixo da galeria de betão armado. Transformação dos vãos da Fachada que era exterior e passou a interior (janelas passam a portas). |
| PISO 2 | SUL | | Corredor central interrompido por um pequeno corredor ortogonal, a eixo deste ala (com um vão em cada topo). Nos 2 lados do corredor existe uma sequência de pequenos compartimentos (a maioria com apenas 1 janela). Aqui existiam quartos para doentes isolados. | | Sem grandes alterações. Acrescento de paredes divisórias em alguns espaços. Destruição das escadas preexistentes e construção de umas novas, no mesmo lugar das anteriores, em betão armado. | Sem grandes alterações. Destruição de porções de paredes divisórias (zona das escadas e do compartimento no canto sudeste). |
| PISO 2 | ESTE | Corredor central e vão de escadas no canto norte junto ao pátio. | Corredor central ladeado por 2 grandes espaços contínuos, não compartimentados, ao longo do comprimento da ala (enfermarias). A norte, 2 pequenos compartimentos e o acesso vertical. | | Construção de paredes em betão armado que compartimentam os 2 grandes espaços preexistentes. Algumas dessas paredes perlongam-se sobre o corredor central. Construção de escadas que comunicam com o novo piso acima, junto das escadas existentes. | Muito alterada. Destruição de paredes existentes, construção de paredes divisórias. Estreitamento do corredor central com construção de paredes que criam novos compartimentos de acesso. Construção de nova estrutura de pilares em betão armado. Construção do elevador a nordeste desta ala. |
| PISO 2 | NORTE | Ala sem qualquer compartimentação. | Não existe corredor. grandes espaços. | | Construção de paredes novas betão armado nos topos este e oeste desta ala. | Sem grandes alterações interiores. Construção de 5 novas paredes divisórias. Fecho do vão mais a oeste virado para o pátio. Construção de "pontes" de acesso ao edifício hospital anos 70. |
| PISO | ALA | 1852 | 1895 | 1934 | 1997 | 2019 |

| | | | | | | |
|--------------------|-------|--------------|---|--|---|-----------------|
| PISO 3 | NORTE | Não existia. | Não existia. | Não existia. | 1963- Criação do 3º piso. | Sem alterações. |
| PÁTIO | SUL | | | | | Sem alterações. |
| PÁTIO | ESTE | | | Saída do túnel – 1934. Construção de uma galeria assente em pilares (1912-1967). | Nova galeria em betão armado. | Sem alterações. |
| PÁTIO | NORTE | | Existem 2 acessos verticais simétricos de acesso do pátio ao interior do piso 1 da ala norte. | Destruição dos acessos verticais simétricos. Construção de uma galeria (1912-1967). | Nova galeria em betão armado. Construção de escadas em betão armado | Sem alterações. |
| CERCA E ENVOLVENTE | SUL | | Cerca: Abrange um murete a sul, junto ao Largo Boa Hora. | Cerca afasta-se do Convento a sul, lado do Largo Boa-Hora. | Em 1963 foi projetado o novo bloco Hospitalar que substituiu o edifício em E. | |
| CERCA E ENVOLVENTE | ESTE | | A Este contém um pequeno compartimento, a eixo do centro da ala este. | | Construção dos volumes a este. | |
| CERCA E ENVOLVENTE | NORTE | | A Norte, a cerca contorna o terreno e protege um tanque situado no canto mais a noroeste. | Acrescento de garagem a noroeste do Convento. Nova construção a este do Convento: Nova cozinha. 2 novos edifícios a nordeste do Convento. (um em bloco e outro em forma de E). | | |

Anexo IX) Teoria de Valor

Elaborado e organizado pela Autora

CATEGORIA A

Elementos considerados de índole patrimonial, identitários e exemplares da tipologia, morfologia, processos construtivos, materiais, revestimentos, ou elementos arquitetônicos, que pelo seu valor devem ser preservados.

CATEGORIA B

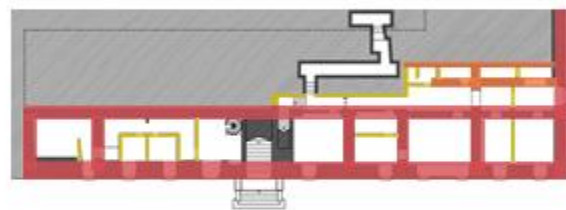
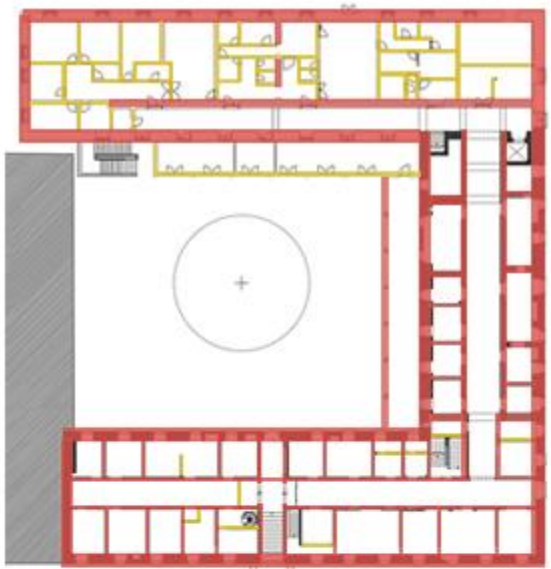
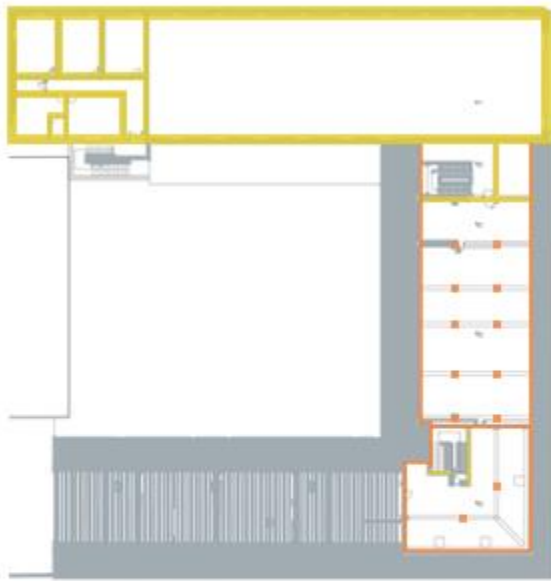
Elementos com valor estético, material ou construtivo intrínseco, mas que necessitam de outro enquadramento para assegurar o seu lugar qualitativo no processo de reabilitação, devendo ser encarados numa estratégia de “deve e haver” relativamente às novas intervenções a executar. Podem ser removidos, substituídos ou reenquadrados sempre que daí resulte um benefício explícito do ponto de vista qualitativo para o Projeto e para o Programa, nunca colocando em causa a leitura e qualidade total do objeto de intervenção nem a sua identidade.

CATEGORIA C

Elementos sem valor Patrimonial, material ou estético, podendo originar ações de demolição ou substituição, nunca colocando em causa a leitura e qualidade total do objeto de intervenção nem a sua identidade.

Nota: Os elementos e acabamentos sem cor, significam que o espaço não foi acedido ou registado durante a visita e por isso não foi realizada a sua avaliação no âmbito da teoria de valor;

Paredes - Elemento

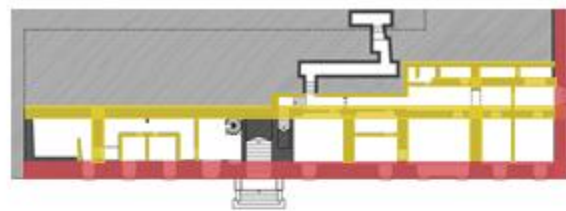
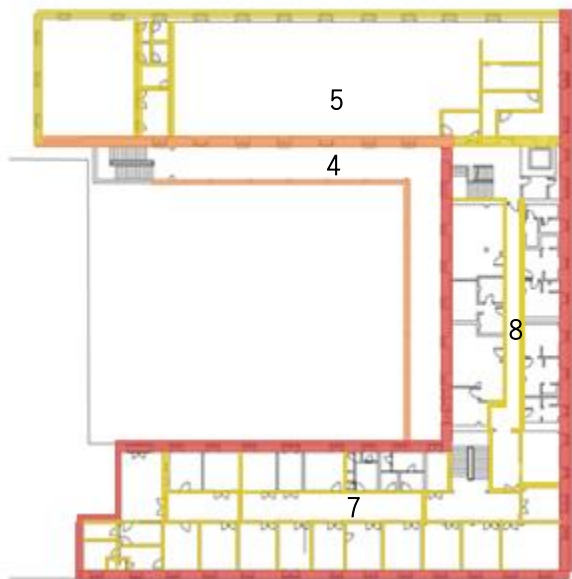
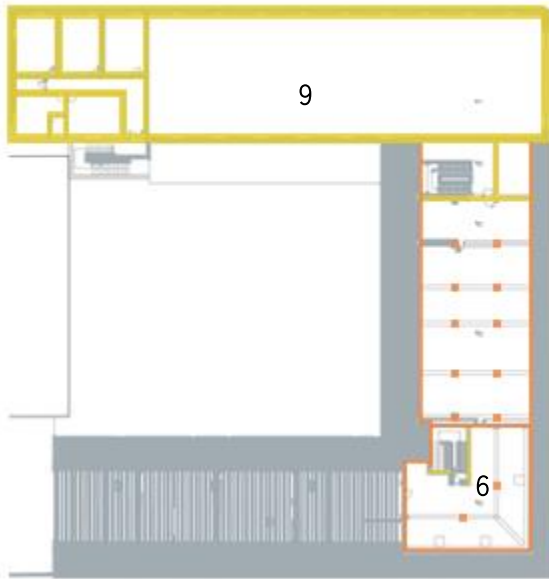


CATEGORIA A – Preservar

CATEGORIA B – Reenquadrar

CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Paredes - Acabamento



- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Paredes – Elemento e Acabamento

| ALA | PISO | ELEMENTO | CODIGO |
|----------|------|----------|--------|
| Sul | 1 | PAR | 1 |
| Nascente | 1 | PAR | 2 |
| Sul | 1 | PAR | 3 |
| Norte | 2 | PAR | 4 |
| Norte | 2 | PAR | 5 |
| Nascente | 3 | PAR | 6 |
| Sul | 2 | PAR | 7 |
| Nascente | 2 | PAR | 8 |
| Norte | 3 | PAR | 9 |

Fotografias



1 | Autor : Carolina Barreira



2 | Autor : Carolina Barreira



3 | Autor : Carolina Barreira



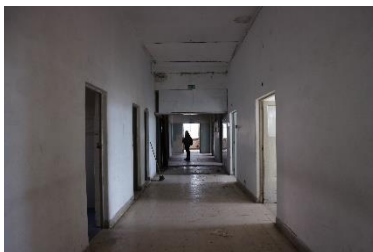
4 | Autor : Mariana Sousa



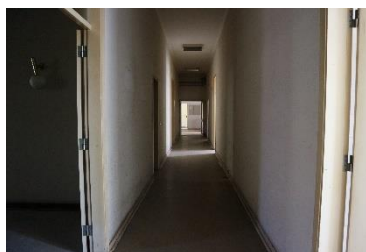
5 | Autor : Carolina Barreira



6 | Autor : Carolina Barreira



7 | Autor : Mariana Sousa

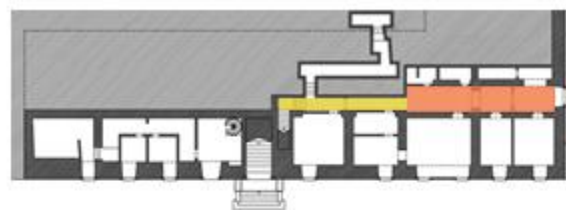
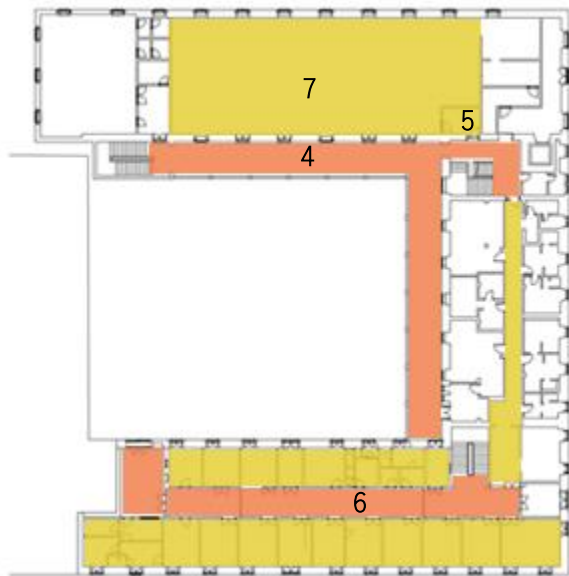
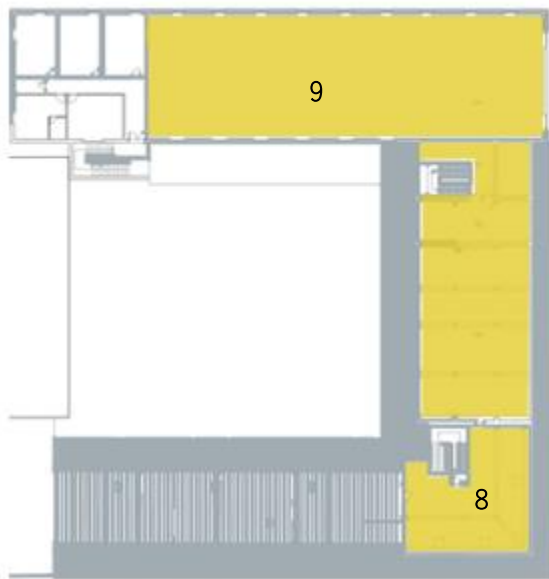


8 | Autor : Mariana Sousa



9 | Autor : Mariana Sousa

Pavimentos - Acabamento



CATEGORIA A – Preservar

CATEGORIA B – Reenquadrar

CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Pavimentos - Acabamento

| ALA | PISO | ELEMENTO | CODIGO |
|----------|------|----------|--------|
| Sul | 1 | PAV | 1 |
| Sul | 1 | PAV | 2 |
| Nascente | 1 | PAV | 3 |
| Norte | 2 | PAV | 4 |
| Norte | 2 | PAV | 5 |
| Sul | 2 | PAV | 6 |
| Norte | 2 | PAV | 7 |
| Nascente | 3 | PAV | 8 |
| Norte | 3 | PAV | 9 |

Fotografias



1 | Autor : Carolina Barreira



2 | Autor : Carolina Barreira



3 | Autor : Carolina Barreira



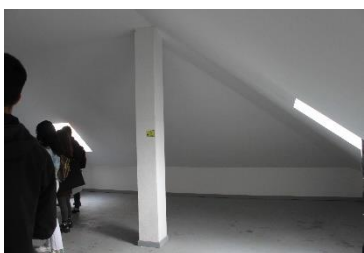
4 | Autor : Carolina Barreira



5 | Autor : Carolina Barreira



6 | Autor : Carolina Barreira



9 | Autor : Carolina Barreira

Portas – Acabamento



- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Portas – Acabamento

| ALA | PISO | ELEMENTO | CODIGO |
|----------|------|----------|--------|
| Sul | 1 | POR | 1 |
| Nascente | 1 | POR | 2 |
| Norte | 1 | POR | 3 |

Fotografias



1 | Autor : José Rodrigues

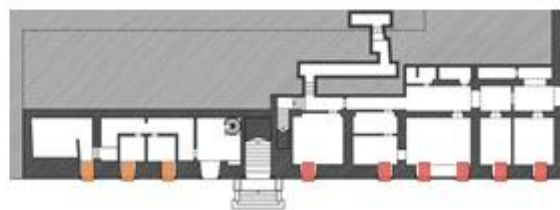
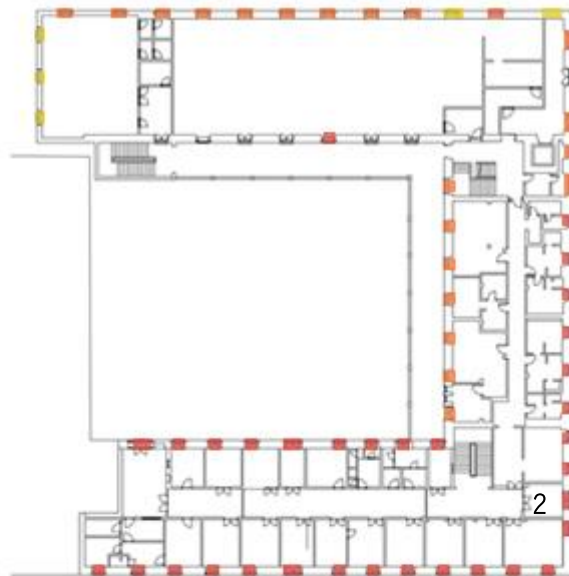
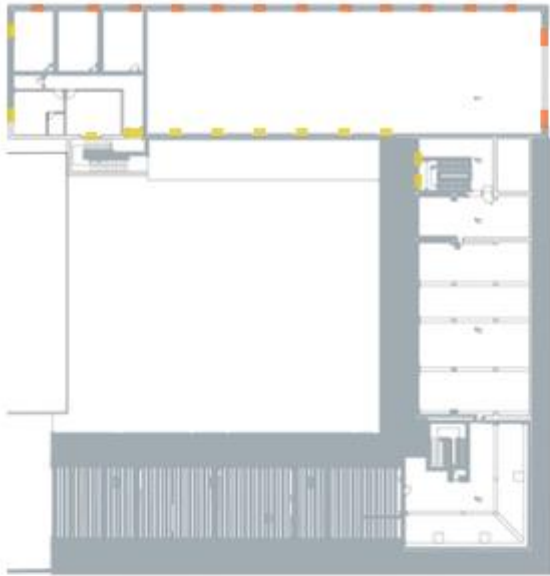


2 | Autor : José Rodrigues



3 | Autor : José Rodrigues

Vãos – Folha e Guarnição



- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Janelas - Acabamento

| ALA | PISO | ELEMENTO | CODIGO |
|----------|------|----------|--------|
| Sul | 1 | JAN | 1 |
| Nascente | 2 | JAN | 2 |
| Nascente | 1 | JAN | 3 |

Fotografias



1 | Autor : Mariana Sousa

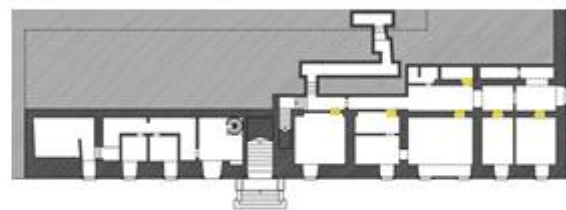


2 | Autor : Mariana Sousa



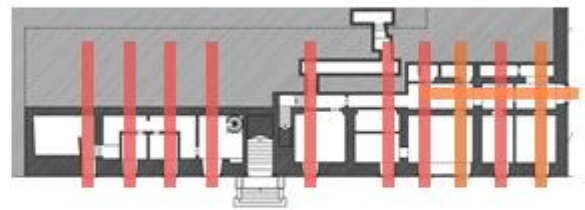
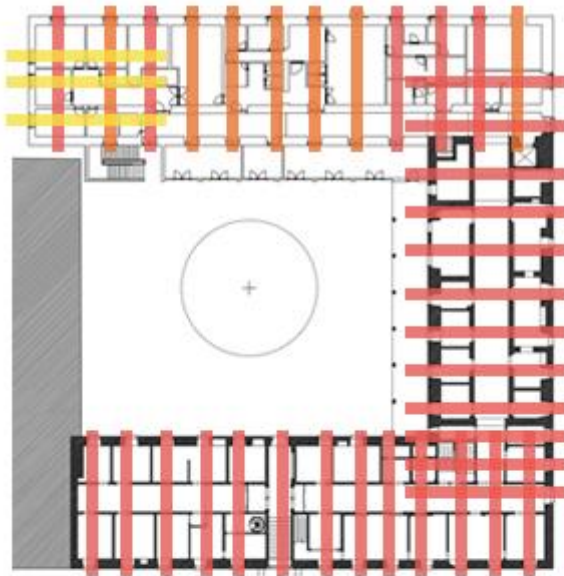
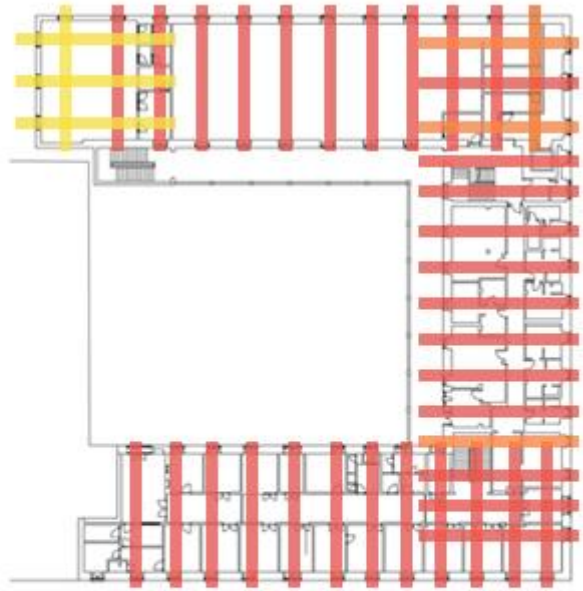
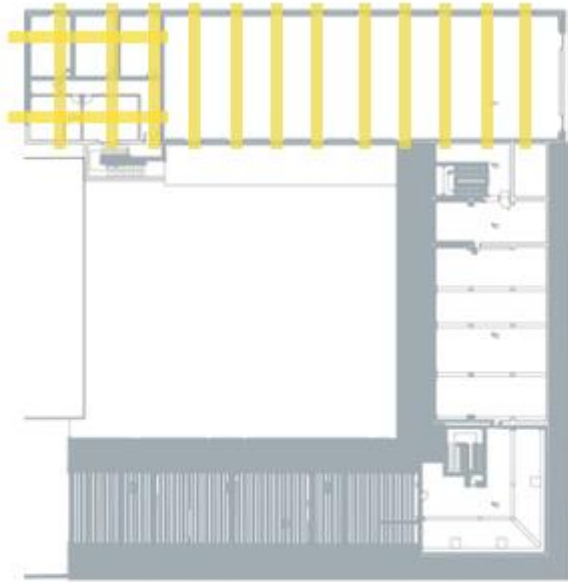
3 | Autor : Mariana Sousa

Portas Interiores - Elemento

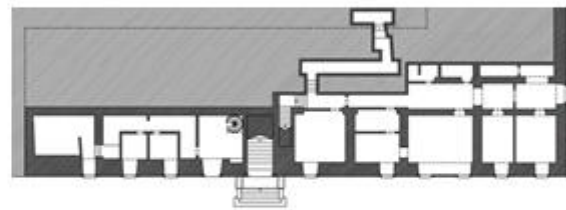
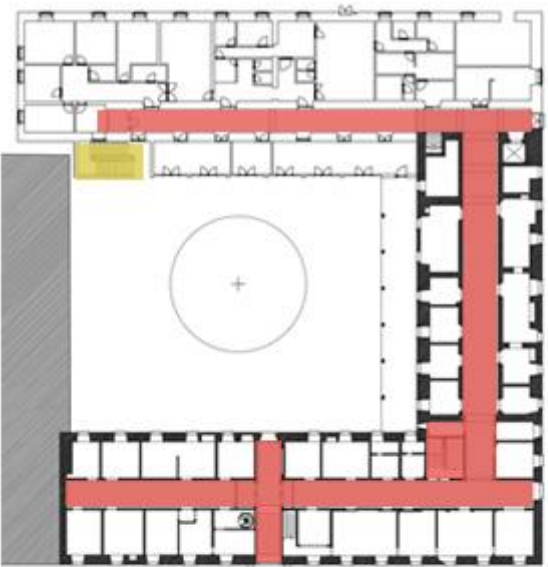
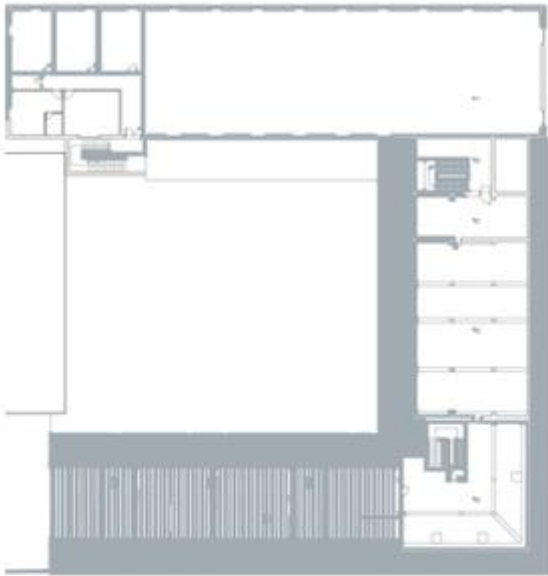


- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Ordem – Fachada - Elemento

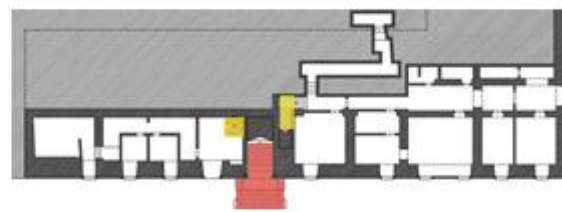
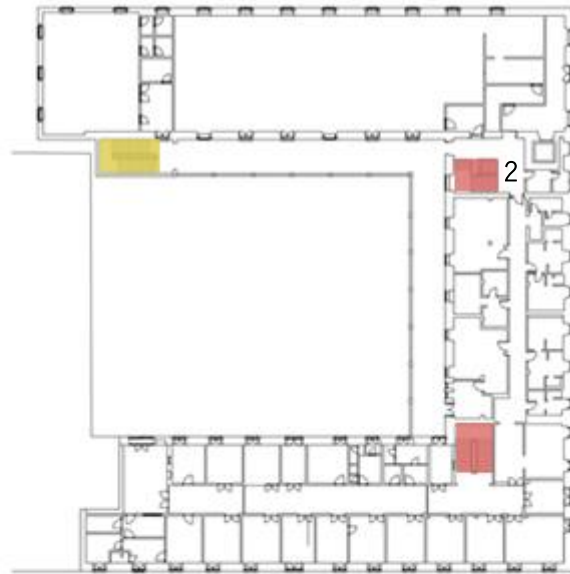
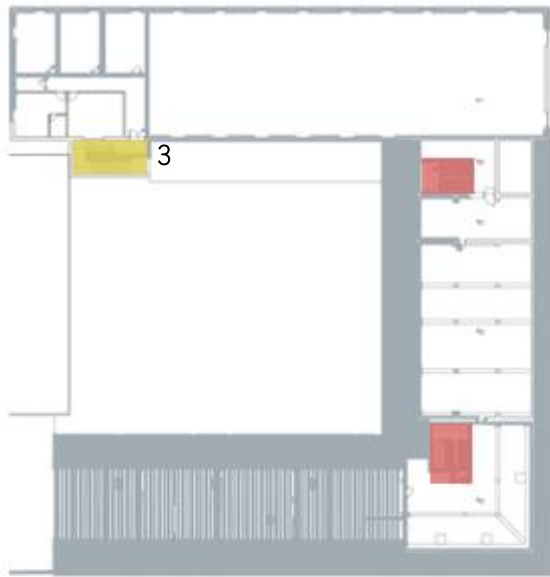


- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição



- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Escadas



- CATEGORIA A – Preservar
- CATEGORIA B – Reenquadrar
- CATEGORIA C – Demolição ou Substituição

Escadas

| ALA | PISO | ELEMENTO | CODIGO |
|----------|------|----------|--------|
| Sul | 1 | ESC | 1 |
| Nascente | 2 | ESC | 2 |
| Norte | 2 | ESC | 3 |

FOTOGRAFIAS



1 | Autor : Carolina Barreira



2 | Autor : Mariana Sousa



3 | Autor : Mariana Sousa

RE(H)ABILITAR PARA ABRIGAR

Habitação Intergeracional na Reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora, Ajuda

ESTRUTURA DO DOCUMENTO

- 01 INTRODUÇÃO
 - 1.1 Enquadramento
 - 1.2 Motivação
 - 1.3 Objetivos
 - 1.4 Metodologia
 - 1.5 Estrutura
- 02 INTERGERACIONALIDADE
 - 2.1 Definição
 - 2.2 Intergeracionalidade e Comunidade
 - 2.3 Intergeracionalidade e Família
 - 2.4 Inovações de Projeto – Flexibilidade
 - 2.5 Casos de Referência
- 03 LOCAL
 - 3.1 Enquadramento Histórico e Geográfico
 - 3.2 Diagnóstico da Situação Atual
- 04 OBJETO
 - 4.1 Antigo Convento da Boa Hora
 - 4.2 Origem e Evolução
 - 4.3 Diagnóstico da Situação Atual – Teoria de Vairo
- 05 PROPOSTA
 - 5.1 Proposta Urbana
 - 5.2 Formulação do Programa
 - 5.3 Inovações
- 06 CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 07 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

N.º de palavras total no relatório PFM: 8880

INTERGERACIONALIDADE

- As relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estados de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multidividade.

- A intergeracionalidade não é só uma questão de relação entre jovens e idosos (sendo em conta o grupo etário) mas sim um tema abrangente e é importante referir que estas relações não são apenas classificadas pelo grupo etário, como referido anteriormente, mas também pelos distintos modos de vida, os valores, costumes, entre outros;

- As vantagens dos programas intergeracionais são variadas, desde a aprendizagem, socialização, iniciativa, flexibilidade, disponibilidade e responsabilidade;

Características importantes a implementar numa família e consequentemente, numa comunidade;

- A intergeracionalidade além das relações pessoais ou familiares, poderá ser uma solução para quem se encontra numa fase de vida mais solitária por outros motivos, como por exemplo na emigração, ou jovens que estão temporariamente longe das suas residências por motivos de formação académica e ainda jovens e adultos descolados da sua área de residência para efeitos do atividade profissional. Ou seja, a inclusão destes grupos, não estratificados em grupo etário mas em fases da vida;
- Em Portugal, é notório que é urgente obter conhecimentos sobre o impacto das relações intergeracionais. No país o apoio está relacionado com a população mais idosa através de centros de convívio, centro de dia, apoios ao domicílio entre outros;
- Em Portugal, é notório que é urgente obter conhecimentos sobre o impacto das relações intergeracionais. No país o apoio está relacionado com a população mais idosa através de centros de convívio, centro de dia, apoios ao domicílio entre outros;

N.º de palavras total no relatório PFM: 1770

COMUNIDADE E FAMÍLIA

- O sentido de comunidade, do que é comunitário, é importante numa perspetiva intergeracional;

- As famílias vão evoluindo e uma só família que é constituída por diferentes gerações, passa por diferentes fases e necessidades ao longo do tempo;

- As famílias contemporâneas são o resultado de uma individualização que foi surgindo ao longo dos anos, sendo que isso se traduz em cada vez mais pessoas que vivem sozinhas;

- De acordo com o INE, houve um aumento das famílias monoparentais, e o divórcio tornou-se cada vez mais comum, o que aumenta este tipo de família;

- As famílias unipessoais aumentaram, onde se enquadram viúvos e solteiros. A dimensão média da família contemporânea compõe-se por dois a três elementos;

- A arquitetura não pode, nem deve, responder a um único modelo de família contemporânea pois seria incapaz de se concentrar em todas as suas individualidades e particularidades, mas deverá sim focar-se nas suas diferentes fases e usos, inerentes a todas as famílias, que apesar das suas diferenças, funcionam sob um princípio de agregação e desagregação.

N.º de palavras total no relatório PFM: 1202

OBJETIVOS

- Analisar o conceito de intergeracionalidade e como este foi introduzido de forma geral no mundo e evoluindo como resposta a problemas existentes na comunidade. Também salientar como este foi aplicado em Portugal;
- Analisar de forma genérica conceitos como a comunidade e a família, sendo estes fatores diretamente relacionados com o tema da intergeracionalidade;
- Entender como evolui a família, a sua estrutura e organização, que serão dados fundamentais para perceber os padrões existentes deste a pessoa singular à família, que pode agregar pessoas com diferentes idades;
- Contrariamente ao que já acontece através de equipamentos comunitários, o objetivo é formular um programa habitacional ativo que privilegie as particularidades de cada grupo etário;
- Na proposta valorizar-se-á a habitação individual, os espaços comuns e os espaços exteriores, oferecendo diferentes soluções de habitação para diferentes grupos etários e de diferentes etapas de vida;
- Importa também analisar a flexibilidade na habitação e de que forma esse conceito de flexibilidade poderá ajudar numa proposta atual e adaptada a todos;
- Pretende-se propor uma flexibilidade interior que permita diferentes soluções dentro do mesmo espaço, adaptadas a diferentes grupos etários e possibilitando a relação intergeracional dentro de uma família;
- Pretende-se encontrar uma proposta que contribua para dinamizar a Freguesia da Ajuda e alisar novamente o edifício através da atribuição de uma nova função;

N.º de palavras total no relatório PFM: 350

PALAVRAS-CHAVE

intergeracionalidade, comunidade e família; habitação flexível; reabilitação;

FLEXIBILIDADE

- Procura-se explorar o conceito de flexibilidade passiva, introduzido por Alisona Pavesi, que significa a estabilidade espacial e neutralidade e polivalência de usos sem necessidade de alterações físicas no espaço;

- Contrariamente à ideia de um formalismo no espaço, esta flexibilidade espacial mas que a introdução ou supressão de elementos, deverá promover uma amigabilidade no espaço;

A amigabilidade alinha a flexibilidade (MONTÉYS, 2001, 40)

- A flexibilidade não deve ser a previsão das diversas organizações espaciais;
- A interpretação do utilizador deverá possibilitar uma liberdade de pensamento na organização e utilização do espaço sem qualquer manipulação, para que haja um diálogo sempre que possível direto entre a concepção e o receptor;
- Os espaços interiores foram repensados e redimensionados, tanto a nível de distribuição de compartimentos como o seu próprio valor. A importância do quarto, da cozinha e sala são alvo de discussão;
- As soluções existentes poderão ser capazes de responder positivamente em um determinado momento de uma família, mas se acabarem por ser inadequadas e desajustadas mais tarde;

Apresentamos nas palavras de Eduardo Souto de Moura para constatar que as tipologias que existem chegam, já existiram na história, podem ser alteradas, manipuladas, podem sofrer inversões, do género casas antigas que se alteram, mas a tipologia de casa está lá, há é mudanças de usos.

N.º de palavras total no relatório PFM: 1450

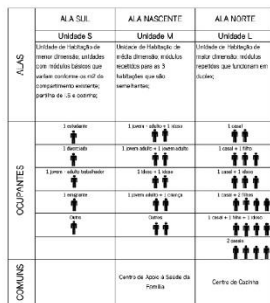


Tabela: Princípio de distribuição programática no Antigo CBH tendo em conta o estado de conservação do edifício, a sua malha estrutural, e os princípios retráteis dos conceitos;



Fotografia da fachada do Antigo CBH



Fotografia interior do Antigo CBH

Localização do Antigo CBH

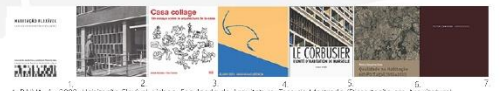
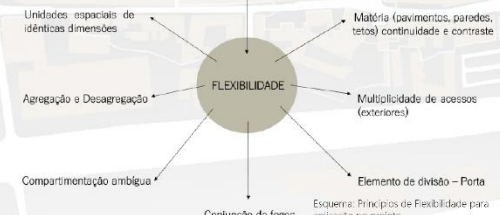


Fotografia interior do Antigo CBH

Cartografia 1807 - Duarte Faria

| | COMUNIDADE | COMUNIDADE | CASA | CASA | CASA |
|---------------------|---|---|--|--------------|--------------------|
| ESCALA MAIOR | Unidade d' Habitação | Bloco das Águas Livres | Inter-city 27 Gestel | ESCALA MENOR | Casa Três Gerações |
| ARQUITETO | Le Corbusier | Nuno Teófilo Pinheiro | Zwei + Plus | MMO | BETA Office |
| LOCAL | Marçanha | Lisboa | Viena | Barcelona | Amadora |
| ANO | 1947 | 1966 | 2016 | 2016 | 2018 |
| PROBLEMA | condensação, humidade, ruído, poluição, ausência de espaço exterior, falta de luz natural | despercebido, centralidade, espaços comuns, ausência de espaço exterior, falta de luz natural | apartamento, cozinha, cozinha, espaço comum, espaço exterior, jardim e piscina | despercebido | despercebido |
| DESENHOS | | | | | |
| DETALHE FOTOGRAFICO | | | | | |

Casos de Referência - Tabela comparativa



1. PAVES, A., 2002. Habitação flexível. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Tese de Mestrado (Dissertação em Arquitectura)
2. AIA A BODYS, 2019. Block das Águas Livres - a perfect building. Lisboa: AIA A BODYS
3. MONTÉYS, X., RUBIÉS, E., 2001. Casa ecologia. Barcelona, Gustavo Gili
4. SOZA, A., 2018. Imaginar a Estabilidade. Lisboa, Fátimas 707
5. SERRIÑO, J., 2013. El arte de descubrir de Mies van der Rohe. Ediciones Parenthesias
6. COSTA, P., 2002. Qualidade na Habitação em Portugal (1950-2010) Os Princípios. Lisboa: Caleidoscopio
7. ZUMTHOR, P., 2008. Atmosféricas. Barcelona, Susanna Tàll

Referências Bibliográficas

RE(H)ABILITAR PARA ABRIGAR

Habitação Intergeracional na Reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora, Ajuda

PALAVRAS-CHAVE

intergeracionalidade; comunidade e família; habitação flexível; reabilitação



Plano de Localização | Proposta Regenerativa Urbana



Plano de Implantação | Proposta Urbana

- Convento da Boa Hora
- Risco Novo - Novo uso
- A requalificar com novo uso
- Volumes a demoler
- Volumes a demoler para novo uso
- Espaço a requalificar
- Zona a regenerar
- Acessíveis

INTERGERACIONALIDADE
PERMEABILIDADE URBANA
 Edifício como parte integrante do espaço público

Valorização do espaço público
 Espaços de permanência
 Espaços de passagem
 Estacionamentos

Princípios de Regeneração Urbana



Ex. a reabilitar
 Passagem a requalificar
 Zona a requalificar com nova construção



Daqui resulta, portanto, a necessidade destas pausas, que de certo modo desmaterializam a casa e criam uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior (SIZA, A., 2018, 47).

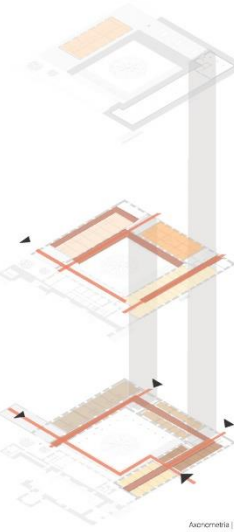
| INTERGERACIONALIDADE | | | |
|---------------------------------------|--|--|--|
| | ESCALA COMUNITÁRIA | Convento das Sereias | |
| NOME | Ritmo das Águas Livres | LUTITUM | Convento das Sereias |
| ARQUITETO | Ricardo Testeiro Pereira | João Veloso | Artur II |
| LOCAL | Lisboa | Lisboa | Lisboa |
| ANO | 1996 | 1978 | 2001 |
| PROGRAMA | habitação, comércio, escritórios, ateliers; | habitação, comércio, lojas; | habitação, lojas, restaurantes, centro de dia, a catedral local, Museu da Marinha; |
| A DIFERENÇA PARA A PROPOSTA PROJETUAL | A vertente comunitária e a sua integração com a habitação | A vertente comunitária e a sua permeabilidade com o espaço público | A matriz comunitária |
| ANÁLISE CRÍTICA ESTRATÉGICA | Exatidão no uso do espaço comunitário, permitindo sempre a gestão da proposta para além do edifício. O programa prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. | Exatidão no uso do espaço comunitário, permitindo sempre a gestão da proposta para além do edifício. O programa prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. | Exatidão no uso do espaço comunitário, permitindo sempre a gestão da proposta para além do edifício. O programa prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e a criação de espaços de passagem e de permanência para a comunidade. |
| REGISTO FOTOGRÁFICO | | | |
| CONCLUSÕES | Integração do edifício no contexto urbano. Sensação de continuidade entre o interior e o exterior. Criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade. Valorização do espaço público. | Integração do edifício no contexto urbano. Sensação de continuidade entre o interior e o exterior. Criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade. Valorização do espaço público. | Integração do edifício no contexto urbano. Sensação de continuidade entre o interior e o exterior. Criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade. Valorização do espaço público. |

RE(H)ABILITAR PARA ABRIGAR

Habitação Intergeracional na Reabilitação do Antigo Convento da Boa Hora, Ajuda

PALAVRAS-CHAVE

intergeracionalidade; comunidade e família; habitação flexível; reabilitação

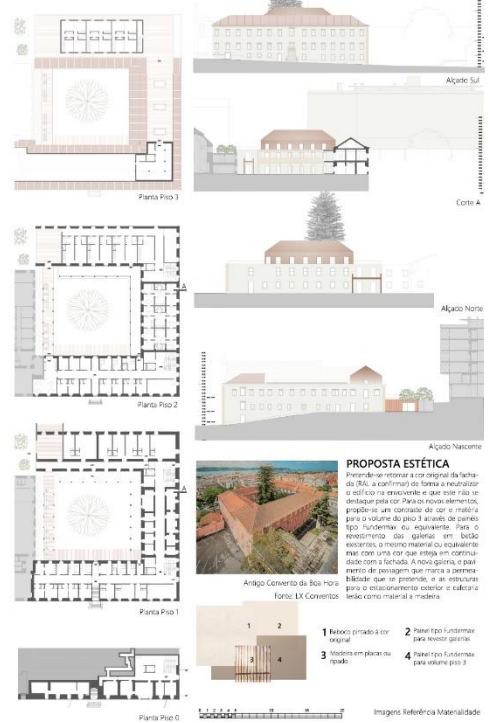
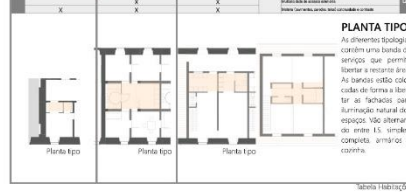


- PROPOSTA CONCEPTUAL, FUNCIONAL E PROGRAMÁTICA**
- Unidade L
 - Unidade M
 - Unidade S
 - Circulação horizontal
 - Ateliers
 - Cafeteria
 - Centro de Saúde
 - Ateliers
 - Atravessamento Público

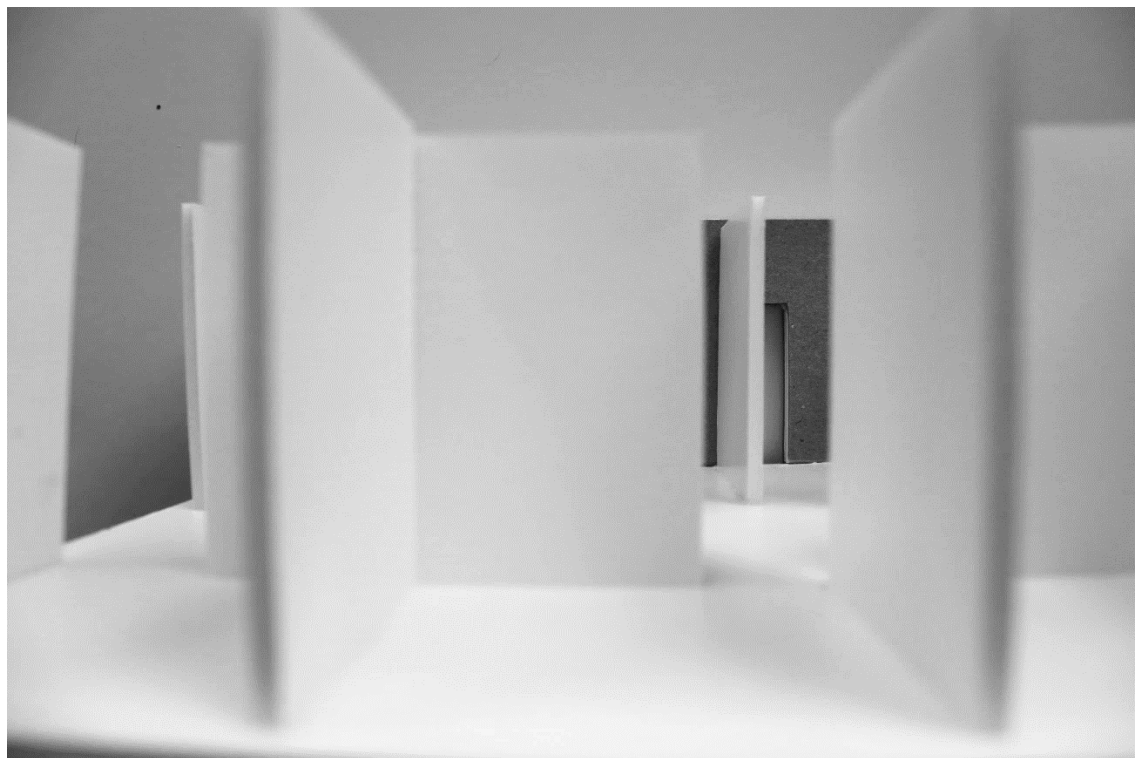
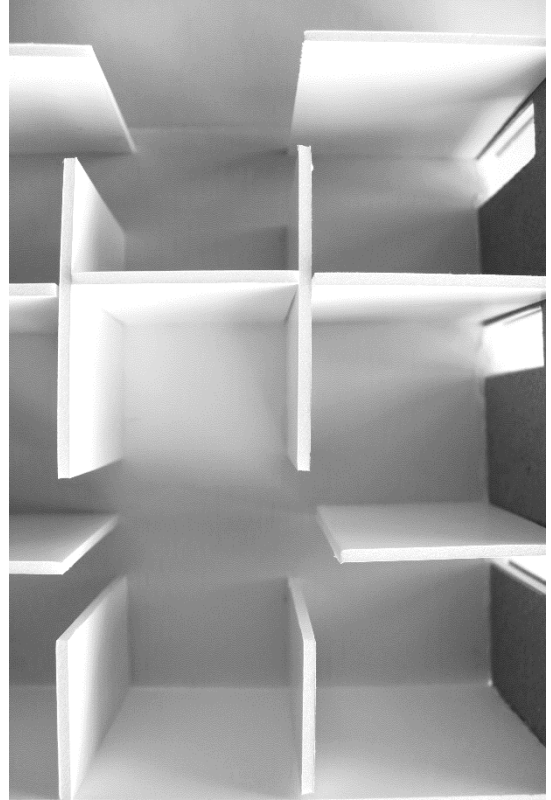
Um dos princípios conceptuais será respeitar a pré-existência e ter em conta a sua história e evolução programática. Pretende-se intervir com uma linguagem contemporânea e reabilitar o edifício tendo em conta a sua particularidade.

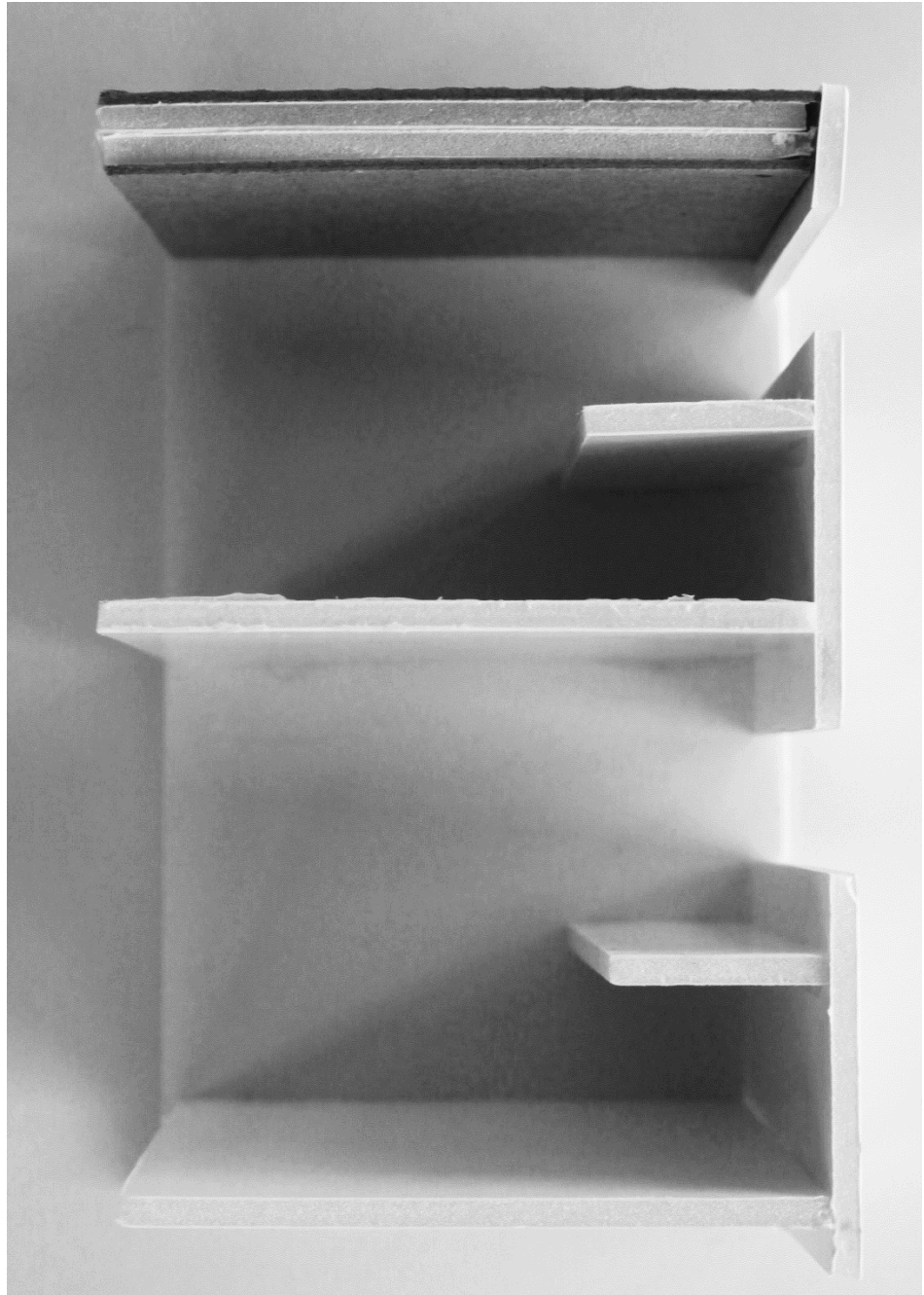
A proposta funcional e de programa é baseada na criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade. A proposta prevê a criação de espaços comuns e de passagem e de permanência para a comunidade.

| PROGRAMA | UNIDADE L | UNIDADE M | UNIDADE S | ESP. COMUNS |
|------------------------|-----------|-----------|-----------|-------------|
| Ateliers | X | X | X | X |
| Cafeteria | X | X | X | X |
| Centro de Saúde | X | X | X | X |
| Ateliers | X | X | X | X |
| Atravessamento Público | X | X | X | X |



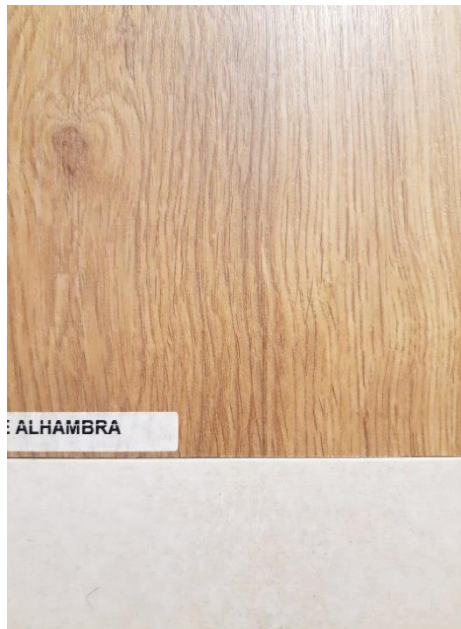
Unidade M 1:50

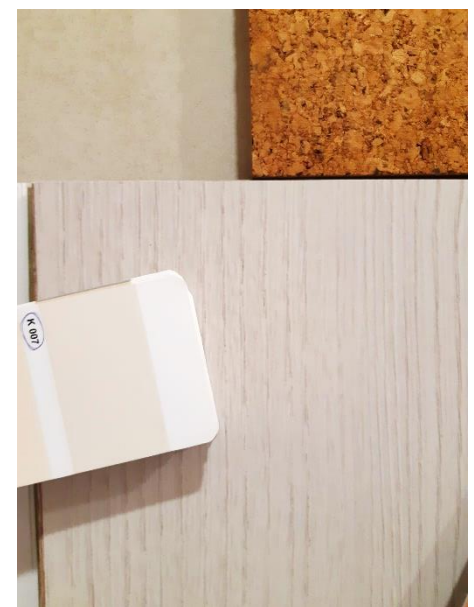
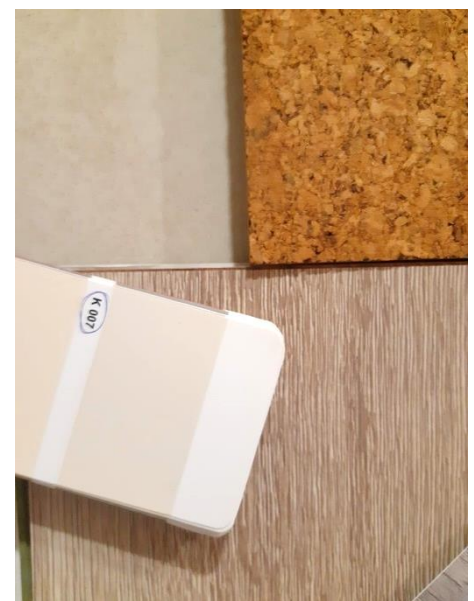




Anexo XII) Materialidade









Selos de Acabamentos – Estudos

The image displays three architectural study sheets for floor finishes, organized by floor level (PISO 0, PISO 1, PISO 2, PISO 3). Each sheet includes a legend, cross-sectional diagrams, and material samples.

Sheet 1 (Top):

- Legend:** ? (blue), Volekromat (purple), Cortes (yellow), Vinil (orange), Volekromat (red).
- Text:** "continuidade de material e cor paredes em volekromat (tambem mobilario)"
- Material Samples:** A reddish-brown square and a dark grey rectangle.
- Diagrams:** Cross-sections for PISO 0, PISO 1, PISO 2, and PISO 3 showing various material combinations and transitions.

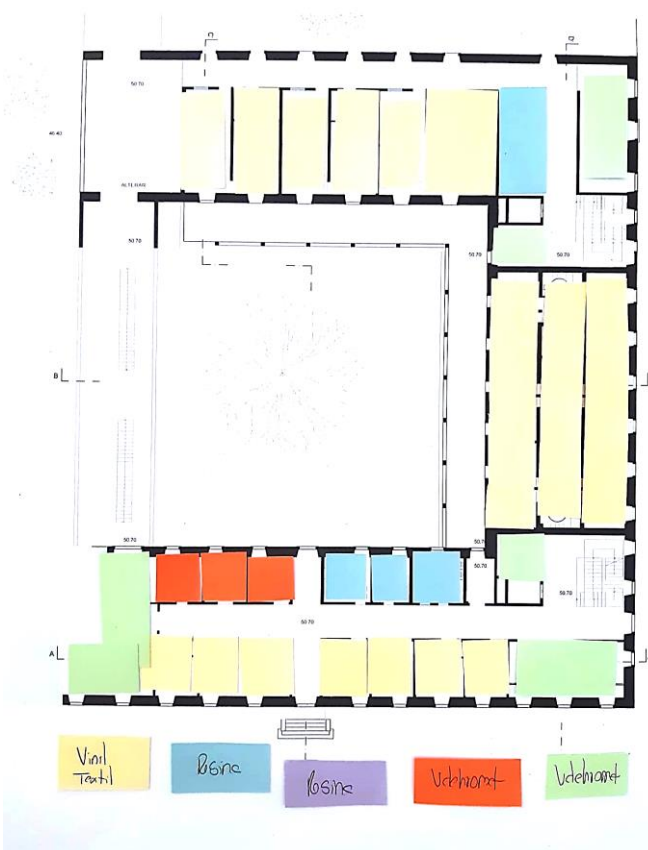
Sheet 2 (Middle):

- Legend:** Pedra (green), Volekromat (red), Cortes (yellow), Volekromat (purple), Vinil (orange).
- Material Samples:** A reddish-brown square.
- Diagrams:** Cross-sections for PISO 0, PISO 1, PISO 2, and PISO 3 showing material combinations.

Sheet 3 (Bottom):

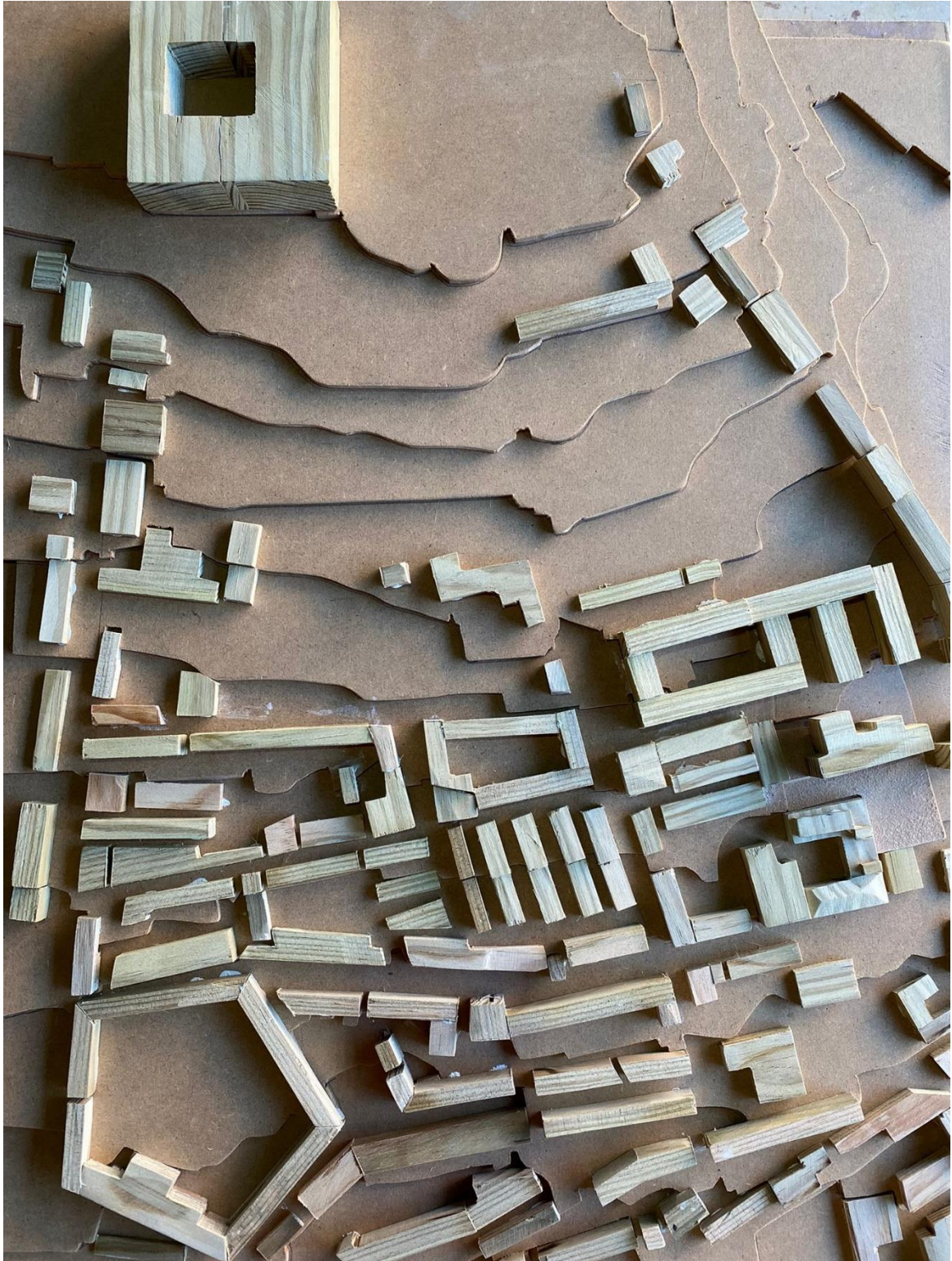
- Legend:** (red square), resina epoxi (red), Cortes (yellow), Volekromat (blue), Volekromat (purple), Volekromat (red).
- Material Samples:** A dark grey rectangle.
- Diagrams:** Cross-sections for PISO 0, PISO 1, PISO 2, and PISO 3 showing material combinations.

Planta de Pavimentos - Estudos



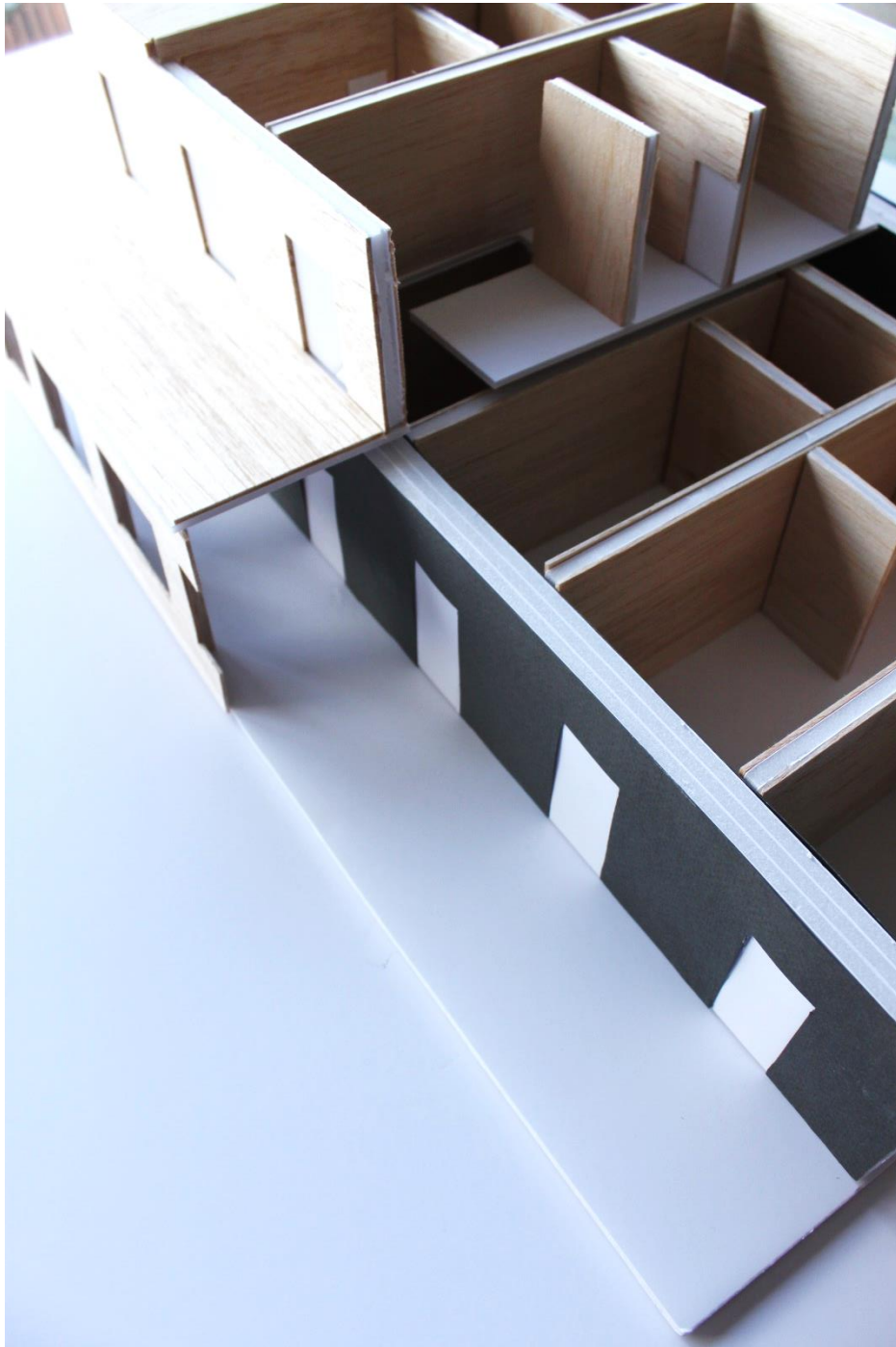
Maquetes:

Território 1:1000





Unidade L 1:50







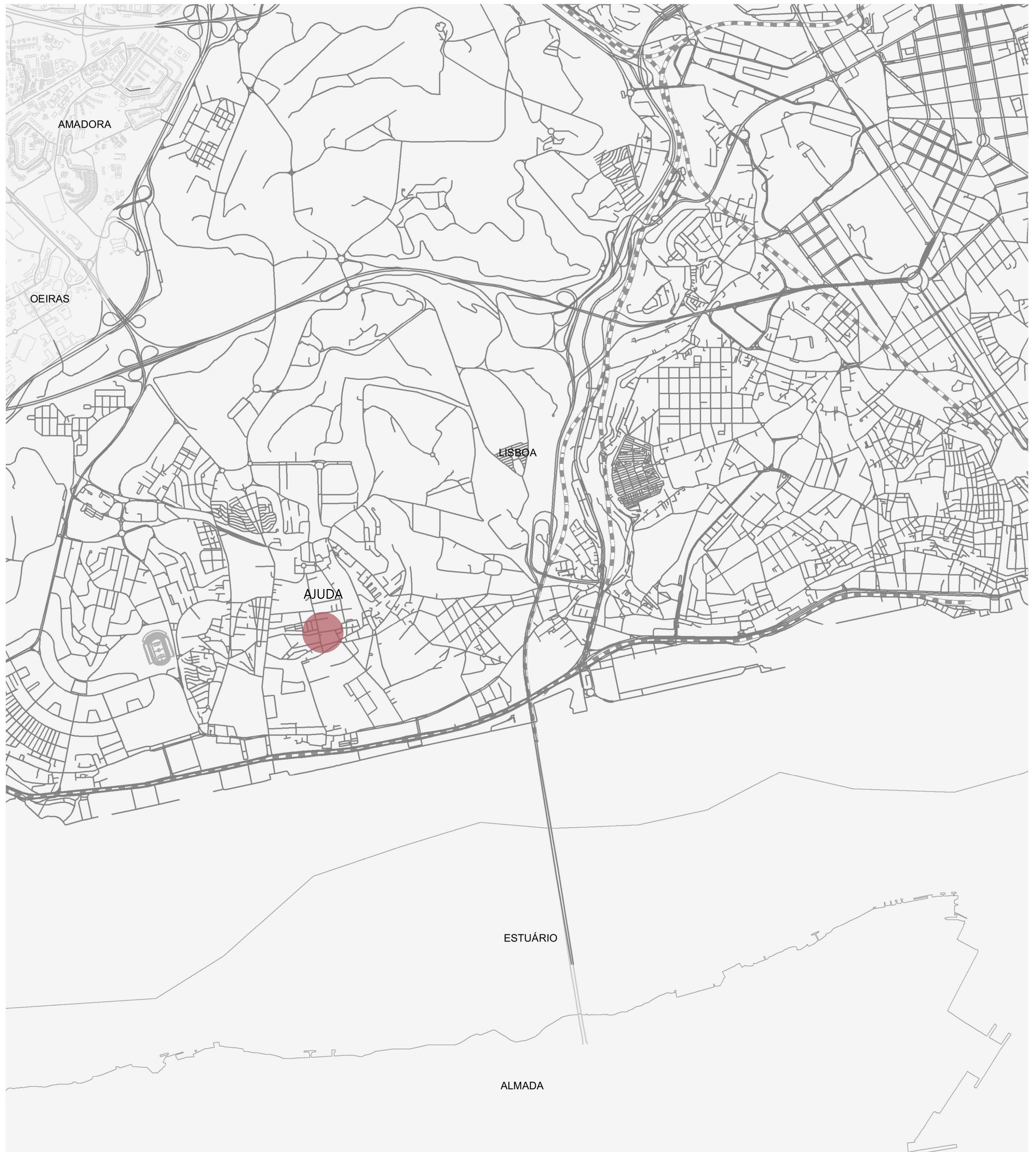


Unidade S 1:50





Painéis A1



FORÇAS

Enquadramento geográfico
 Orientação solar
 História do local
 Vista sobre o rio Tejo

FRAQUEZAS

Carência de espaço público qualificado
 Manutenção do edificado
 Pouca coesão social e geracional
 Topografia com pendentes acentuadas

OPORTUNIDADES

Espaços públicos com potencial
 Comércio ativo
 Regeneração urbana em curso
 Edificado desocupado
 Terrenos vazios
 População de diferentes gerações

AMEAÇAS

Gentrificação
 Destruição do Património
 Perda de identidade local
 Pressão imobiliária

LOCALIZAÇÃO 



CONVENTO DA BOA HORA | VISTA AÉREA



CONVENTO DA BOA HORA | CLAUSTRO



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO | 1:1000

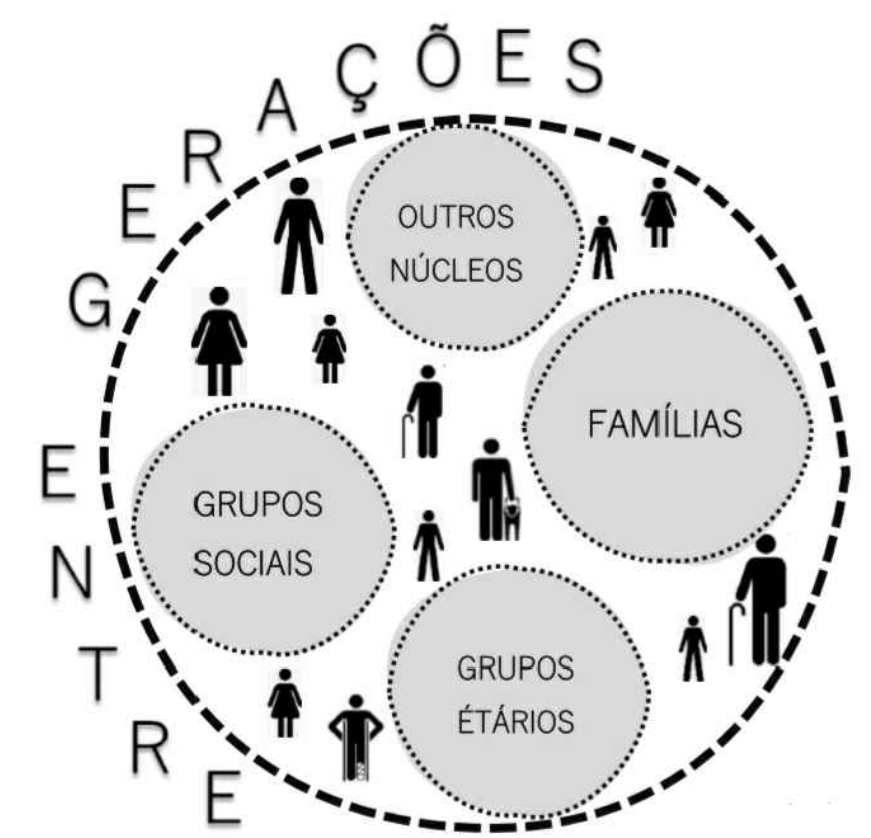


UNIDADE INTERGERACIONAL

1. INTERGERACIONALIDADE

"ENTRE-GERAÇÕES"

DIFERENTES NÚCLEOS
 MAIS DO QUE APENAS
 DIFERENTES GRUPOS
 ETÁRIOS



2. PONTOS DE INTERVENÇÃO

— ESCALA URBANA
 LOCAL DE INTERVENÇÃO

CONTEXTO URBANO
 CONTEXTO SOCIAL

— ESCALA DO OBJETO

LOCALIZAÇÃO
 PRÉ-EXISTÊNCIA
 TEORIA DE VALOR

3. IMPULSIONADORES

— SENTIDO DE COMUNIDADE
 VERTENTE PÚBLICA

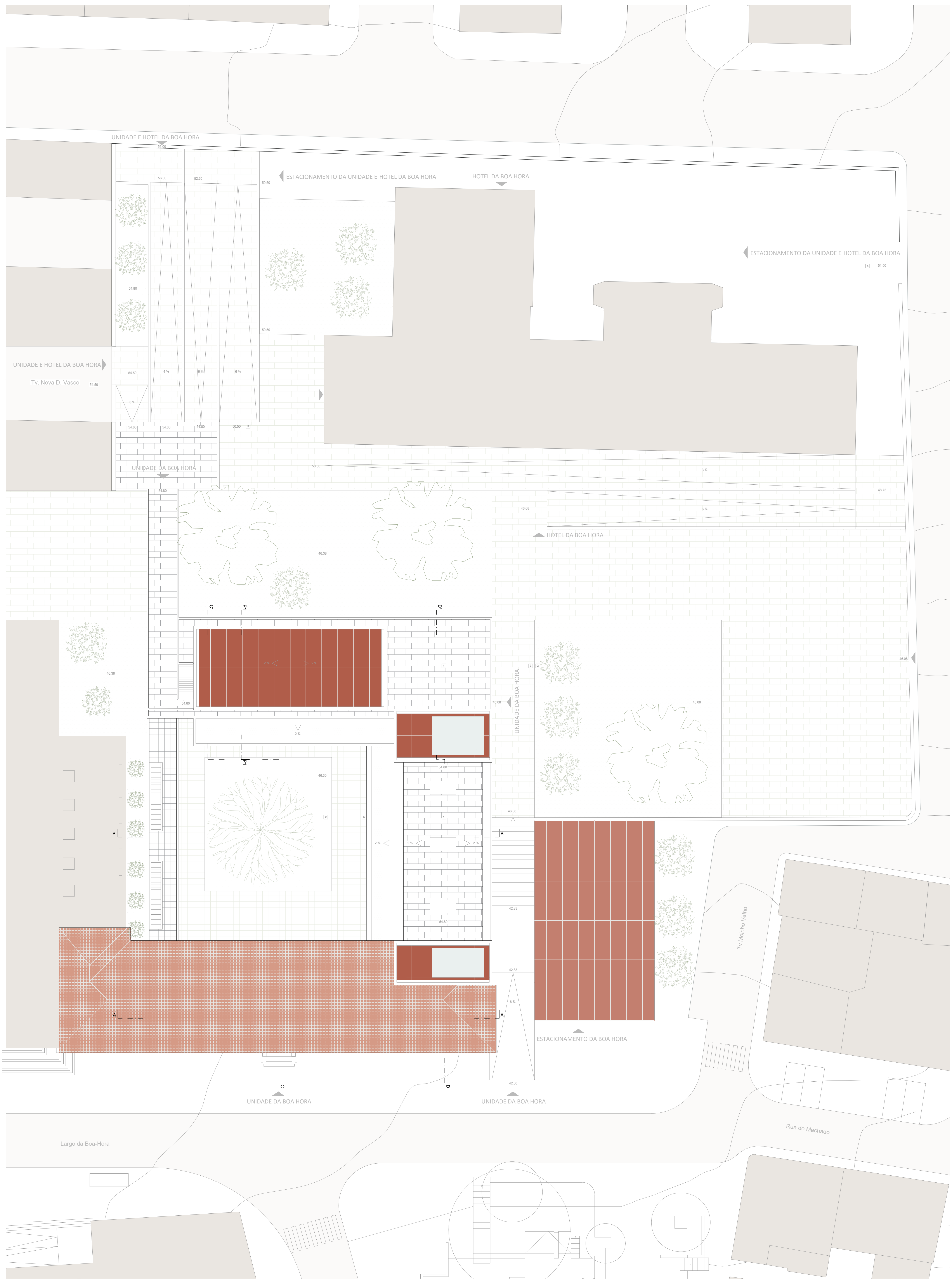
ESPAÇOS DE ESTAR / CONVÍVIO
 VIAS EXISTENTES
 EIXOS DE CIRCULAÇÃO
 PROGRAMA PÚBLICO

PERMEABILIDADE URBANA
 OBJETO COMO PARTE
 INTEGRANTE DO ESPAÇO
 PÚBLICO

— FAMÍLIAS
 VERTENTE PRIVADA

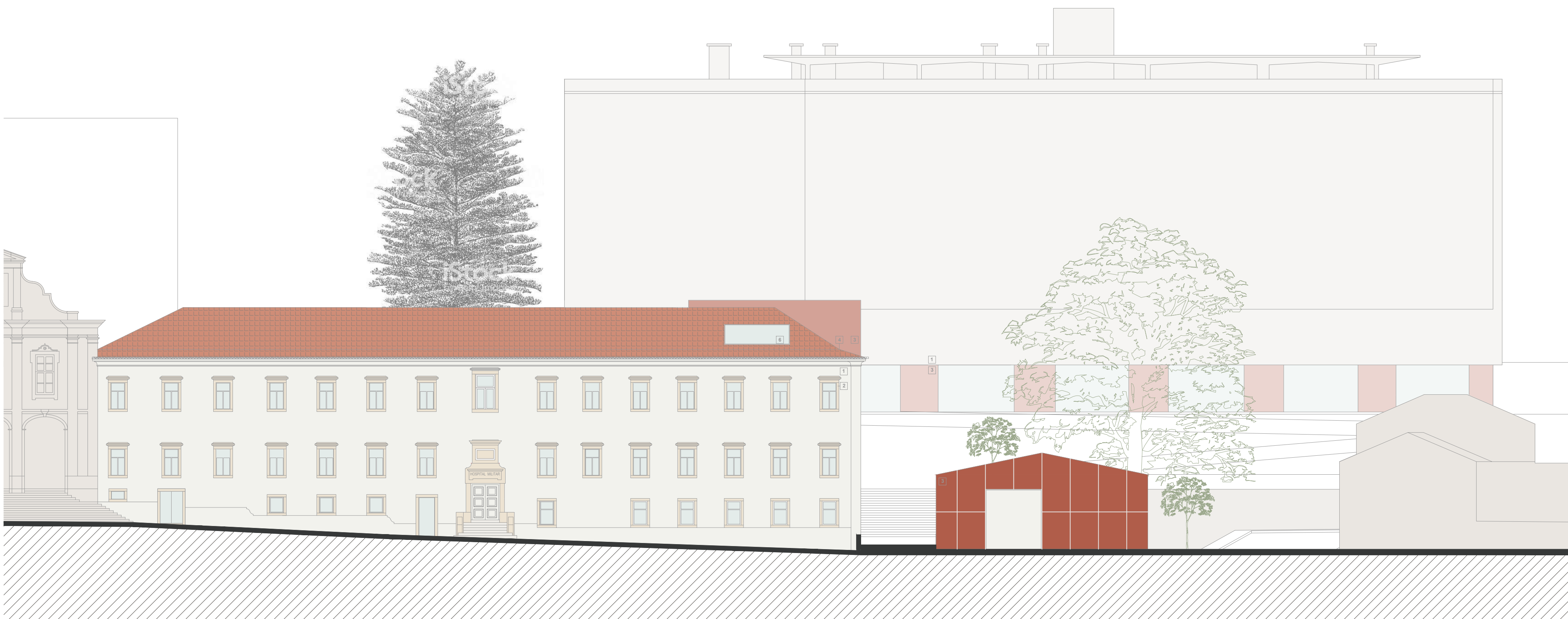
HABITAÇÃO
 DIFERENTES GERAÇÕES
 DIFERENTES TIPOLOGIAS

**FLEXIBILIDADE
 PASSIVA**
 A AMBIGUIDADE ESPACIAL
 SEM MANIPULAÇÃO FÍSICA



1 LAJETAS TÉRMICAS (IMPERMEÁVEL)
 2 SEIXO ROLADO VERMELHO (PERMEÁVEL)
 3 LAJETA DE BETÃO (IMPERMEÁVEL)
 4 SAIBRO (PERMEÁVEL)
 5 CERÂMICO ANTI-DERRAPANTE

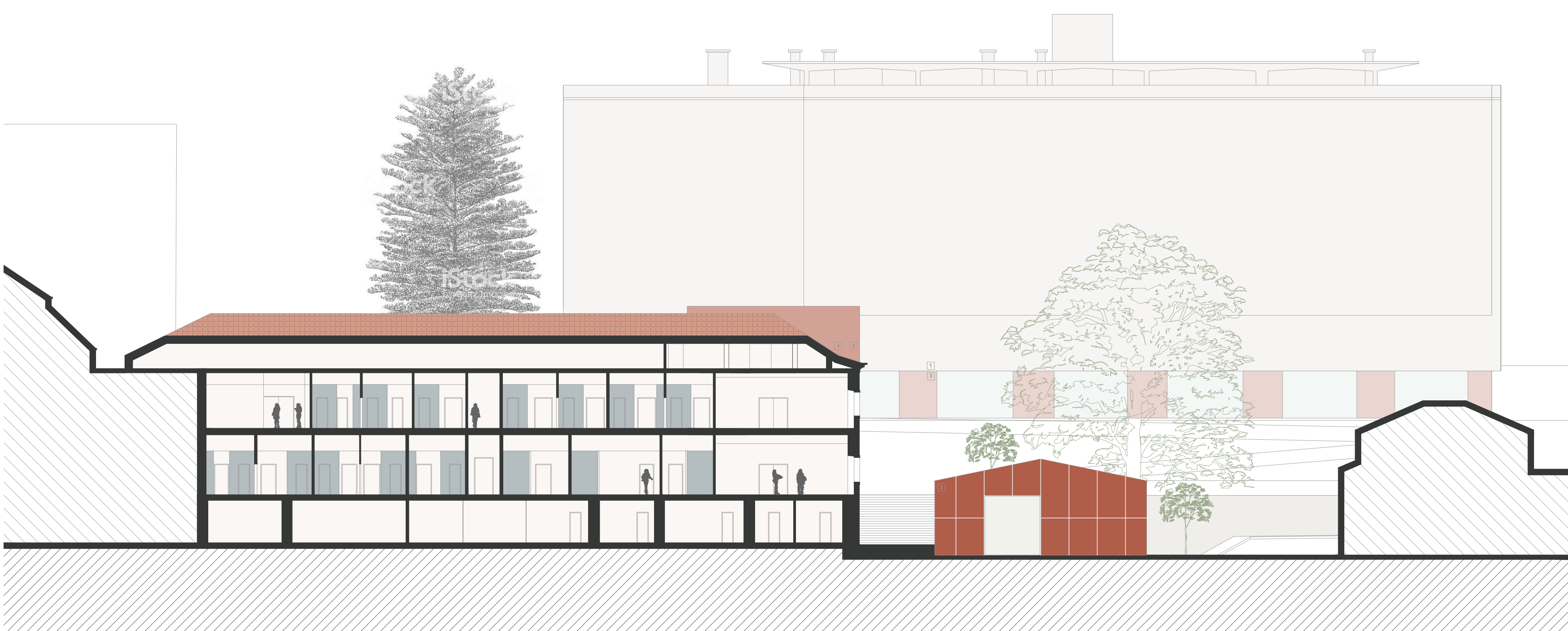
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | 1:200



LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL) 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO) 5 LAJETAS TÉRMICAS 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

ALÇADO SUL | 1:200



LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL) 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO) 5 LAJETAS TÉRMICAS 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

CORTE A-A' | 1:200



LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL) 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO) 5 LAJETAS TÉRMICAS 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

CORTE B-B' | 1:200

ALA SUL

Bom estado de conservação

| | |
|---------------|--|
| Privados | Quartos |
| Sociais | Lavandarias Cozinhas Zona de Refeições Balneários Salas de Estar Salas de Convívio Salas de Trabalho |
| Serviços | Ateliers |
| Distributivos | Corredor de circulação |

PISO 3 | 54.50

Unidade S

- S.3.1. Área Técnica | 300 m²
- S.3.2. Sala Reuniões Habitantes | 57 m²
- S.3.3. Bloco Sanitário | 5 m²
- S.3.4. Arrumos | 9 m²
- S.3.5. Zona de Convívio | 35 m²

Unidade M

- M.3.1. Arrumos | 14 m²
- M.3.2. Bloco Sanitário | 3 m²
- M.3.3. Zona de Convívio | 40 m²

PISO 2 | 50.70

Unidade L

- L.2.0. Estacionamento | 650 m²
- L.2.1. Zona de Convívio/Passagem | 70 m²
- L.2.2. Corredor | 70 m²
- L.2.3. Bloco Sanitário | 8 m²
- L.2.4. Arrumos Apartamentos 3x | 6 m²
- L.2.5. Lavandaria | 27 m²
- L.2.6. Galeria | 77 m²
- AP.L.1 | 130 m² (MR)
- AP.L.2 | 130 m² (MR)
- AP.L.3 | 150 m² (MR)

Unidade M

- M.2.1. Galeria | 74 m²
- AP.M.1 | 70 m² (MR)
- AP.M.2 | 70 m² (MR)
- AP.M.3 | 70 m² (MR)

Unidade S

- S.2.1. Galeria | 70 m²
- S.2.2. Cozinha | 25 m²
- S.2.3. Zona de Refeições | 30 m²
- S.2.4. Sala de Estar | 11 m²
- S.2.5. Sala de Jogos | 12 m²
- S.2.6. Sala de Trabalho | 11 m²
- S.2.7. Balneário F | 13 m²
- S.2.8. Balneário M | 11 m²
- S.2.9. Bloco Sanitário | 14 m²
- S.2.10. Quarto | 14 m²
- S.2.11. Quarto | 14 m²
- S.2.12. Quarto | 15 m²
- S.2.13. Quarto | 13 m²
- S.2.14. Quarto | 14 m²
- S.2.15. Quarto | 16 m²
- S.2.16. Quarto | 13 m²
- S.2.17. Lavandaria | 40 m²
- S.2.18. Arrumos | 12 m²
- S.2.19. Corredor | 120 m²
- S.2.20. Corredor | 20 m²

(MR) Apto para mobilidade reduzida

PISO 1 | 46.15

Unidade L

- L.1.1. Cafeteria | 65 m²
- L.1.2. Atelier | 50 m²
- L.1.3. Atelier | 30 m²
- L.1.4. Atelier | 26 m²
- L.1.5. Atelier | 26 m²
- L.1.6. Atelier | 26 m²
- L.1.7. Atelier | 58 m²
- L.1.8. Corredor | 93 m²

Unidade M

- M.1.1. Corredor | 65 m²
- M.1.2. Gabinete | 18 m²
- M.1.3. Gabinete | 7 m²
- M.1.4. Gabinete | 9 m²
- M.1.5. Bloco Sanitário | 8 m²
- M.1.6. Bloco Sanitário | 9 m²
- M.1.7. Recepção | 18 m²
- M.1.8. Sala de Espera | 18 m²
- M.1.9. Gabinete | 9 m²
- M.1.10. Gabinete | 8 m²

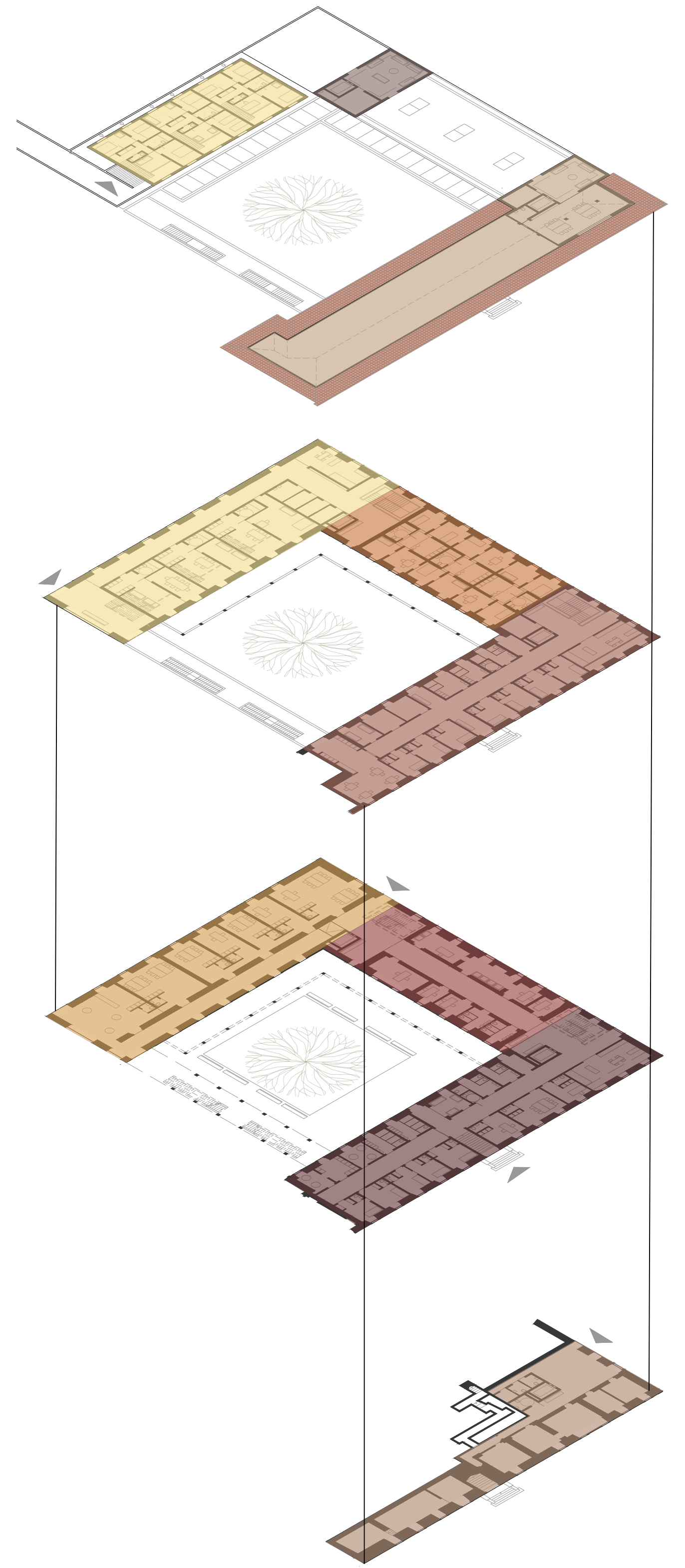
Unidade S

- S.1.1. Zona de Refeições | 9 m²
- S.1.2. Cozinha | 12 m²
- S.1.3. Zona de Refeições | 12 m²
- S.1.4. Balneário F | 12 m²
- S.1.5. Balneário M | 12 m²
- S.1.6. Sala de Convívio | 12 m²
- S.1.7. Bloco Sanitário | 15 m²
- S.1.8. Bloco Sanitário | 10 m²
- S.1.9. Quarto | 14 m²
- S.1.10. Quarto | 16 m²
- S.1.11. Quarto | 12 m²
- S.1.12. Quarto | 13 m²
- S.1.13. Quarto | 16 m²
- S.1.14. Atelier | 20 m²
- S.1.15. Atelier | 27 m²
- S.1.16. Atelier | 15 m²
- S.1.17. Lavandaria | 40 m²
- S.1.18. Corredor | 46 m²
- S.1.19. Corredor | 115 m²
- S.1.20. Corredor | 20 m²

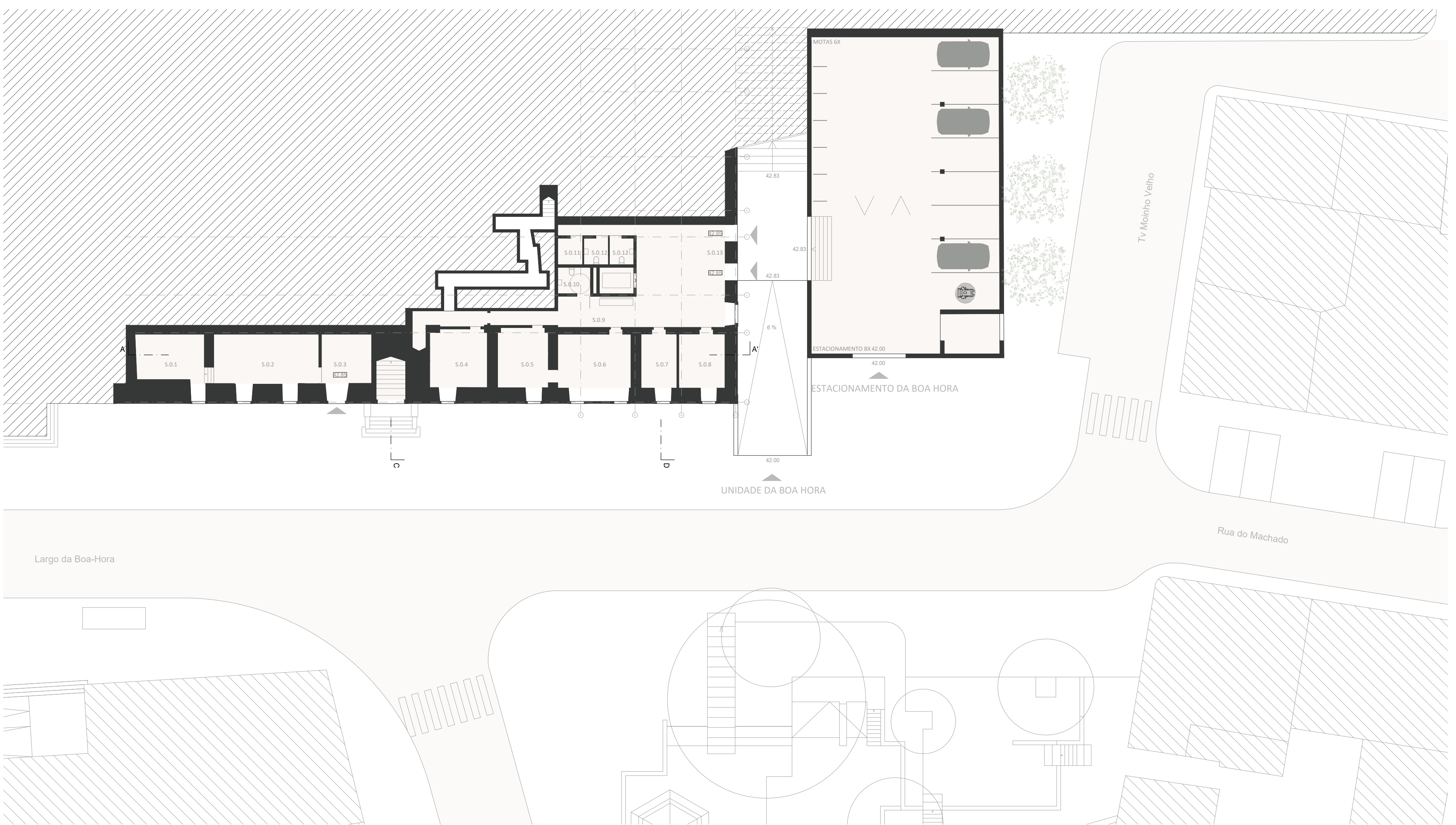
PISO 0 | 42.85

Unidade S

- S.0.1. Gabinete | 16 m²
- S.0.2. Gabinete | 28 m²
- S.0.3. Gabinete | 14 m²
- S.0.4. Gabinete | 18 m²
- S.0.5. Gabinete | 18 m²
- S.0.6. Gabinete | 21 m²
- S.0.7. Gabinete | 10 m²
- S.0.8. Gabinete | 13 m²
- S.0.9. Corredor | 80 m²
- S.0.10. Bloco Sanitário | 5 m²
- S.0.11. Arrumos | 5 m²
- S.0.12. Bloco Sanitário | 4 m²
- S.0.13. Átrio de acessos | 30 m²



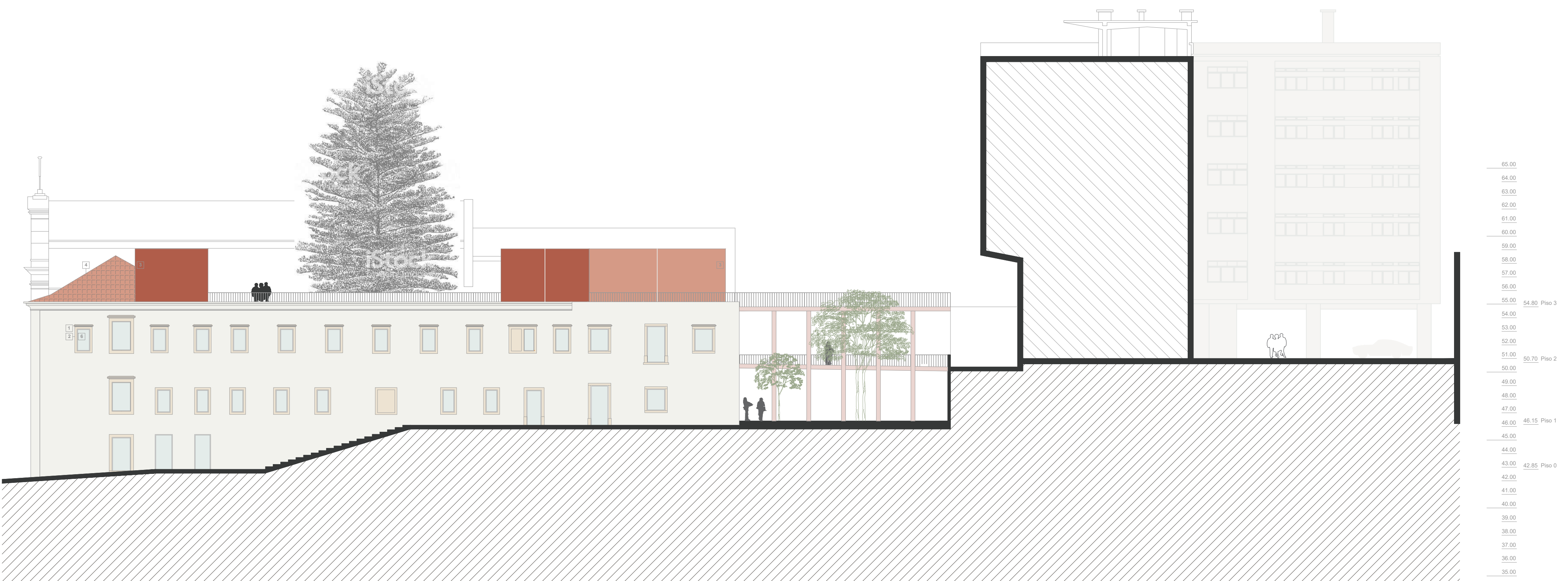
DESTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA



PLANTA PISO 0 | 1:200



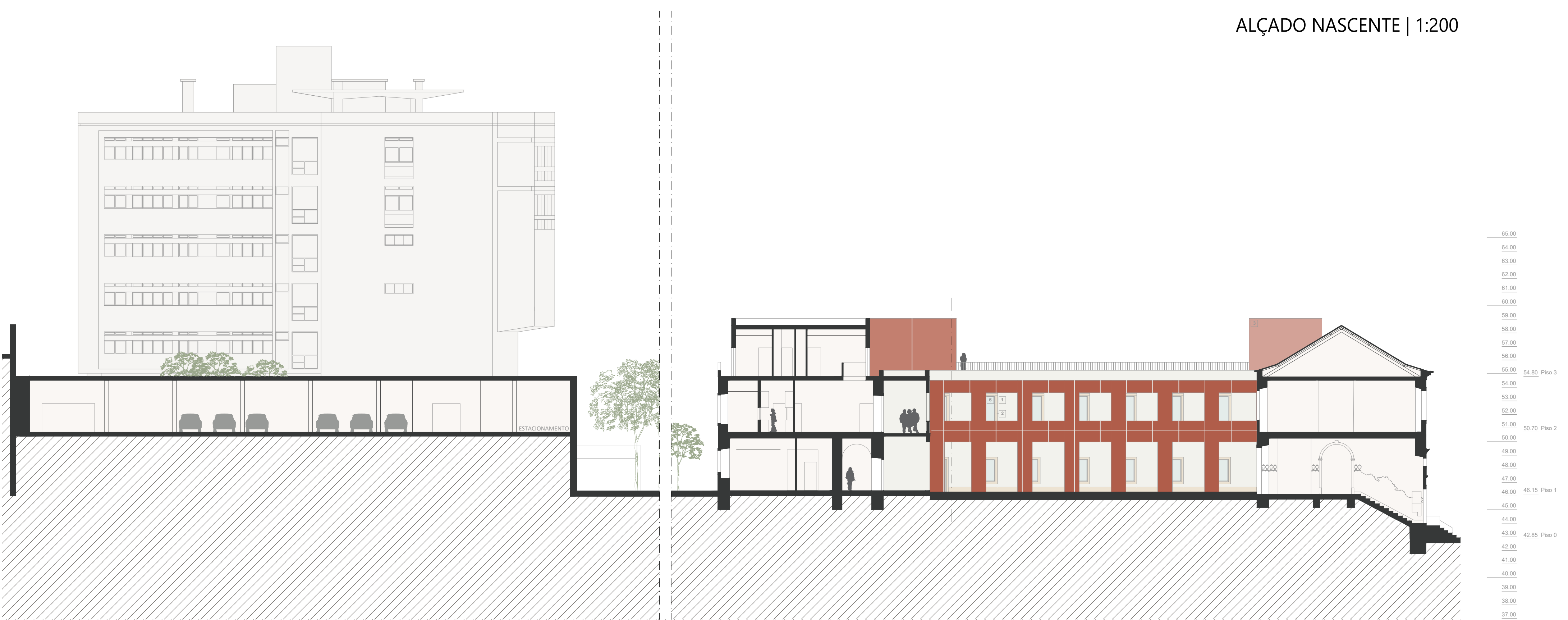
PERMEABILIDADE URBANA, CONTRASTES E CONTINUIDADES



LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL)
- 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ
- 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40
- 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO)
- 5 LAJETAS TÉRMICAS
- 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO
- 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

ALÇADO NASCENTE | 1:200



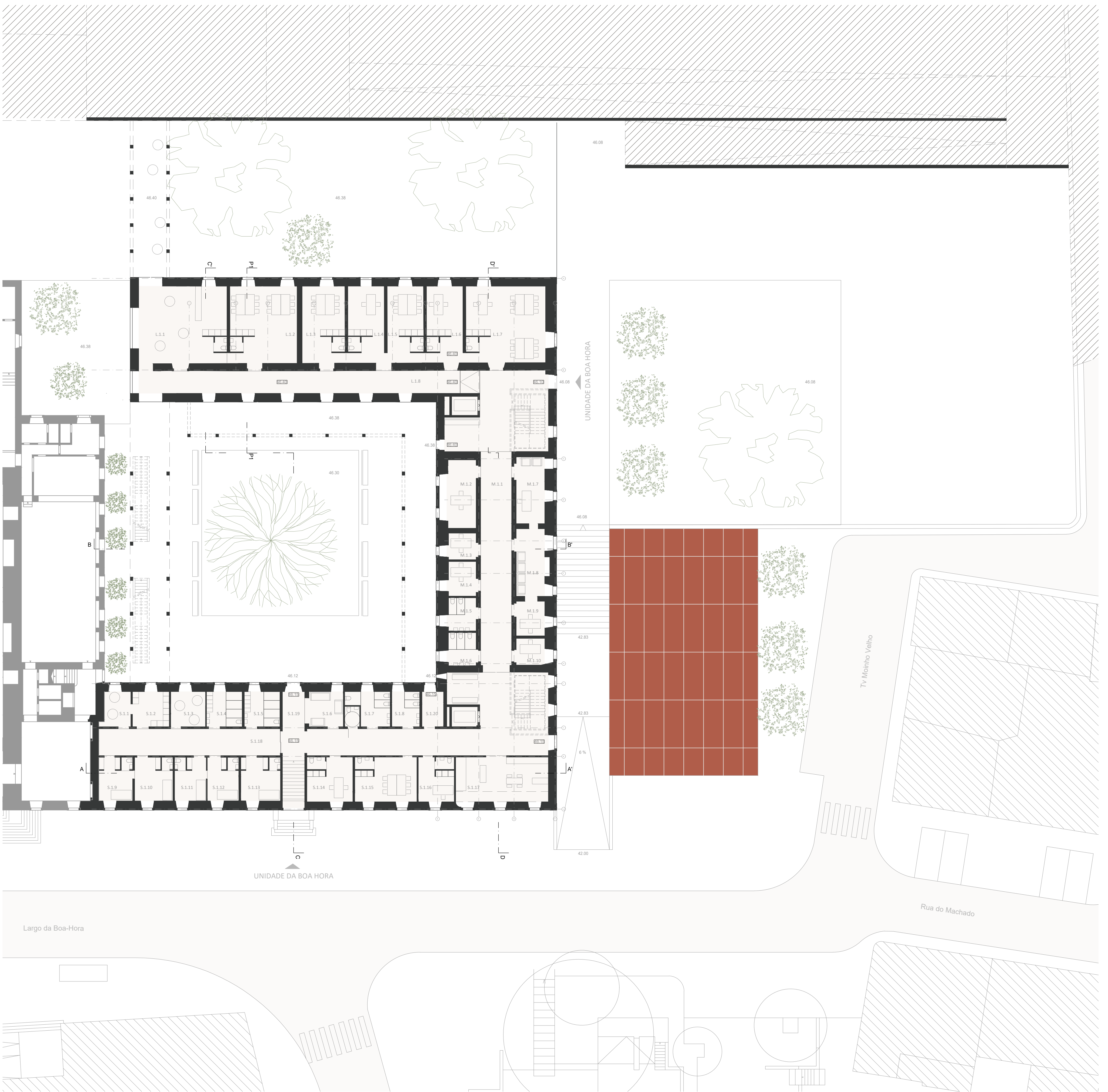
LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL)
- 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ
- 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40
- 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO)
- 5 LAJETAS TÉRMICAS
- 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO
- 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

CORTE C-C' | 1:200



CLAUSTRO, O CENTRO DA INTERGERACIONALIDADE



PLANTA PISO 1 | 1:200



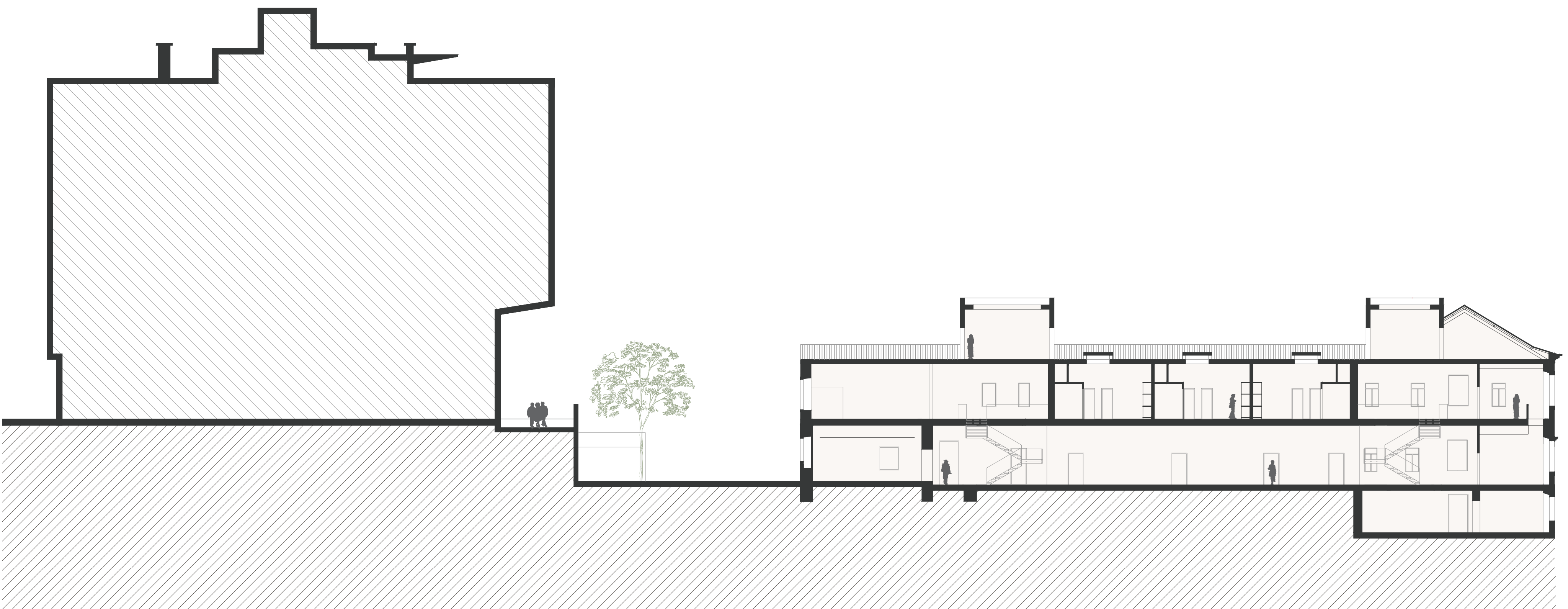
GALERIA, UM ATRAVESSAMENTO PÚBLICO



LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL)
- 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ
- 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40
- 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO)
- 5 LAJETAS TÉRMICAS
- 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO
- 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

ALÇADO NORTE | 1:200



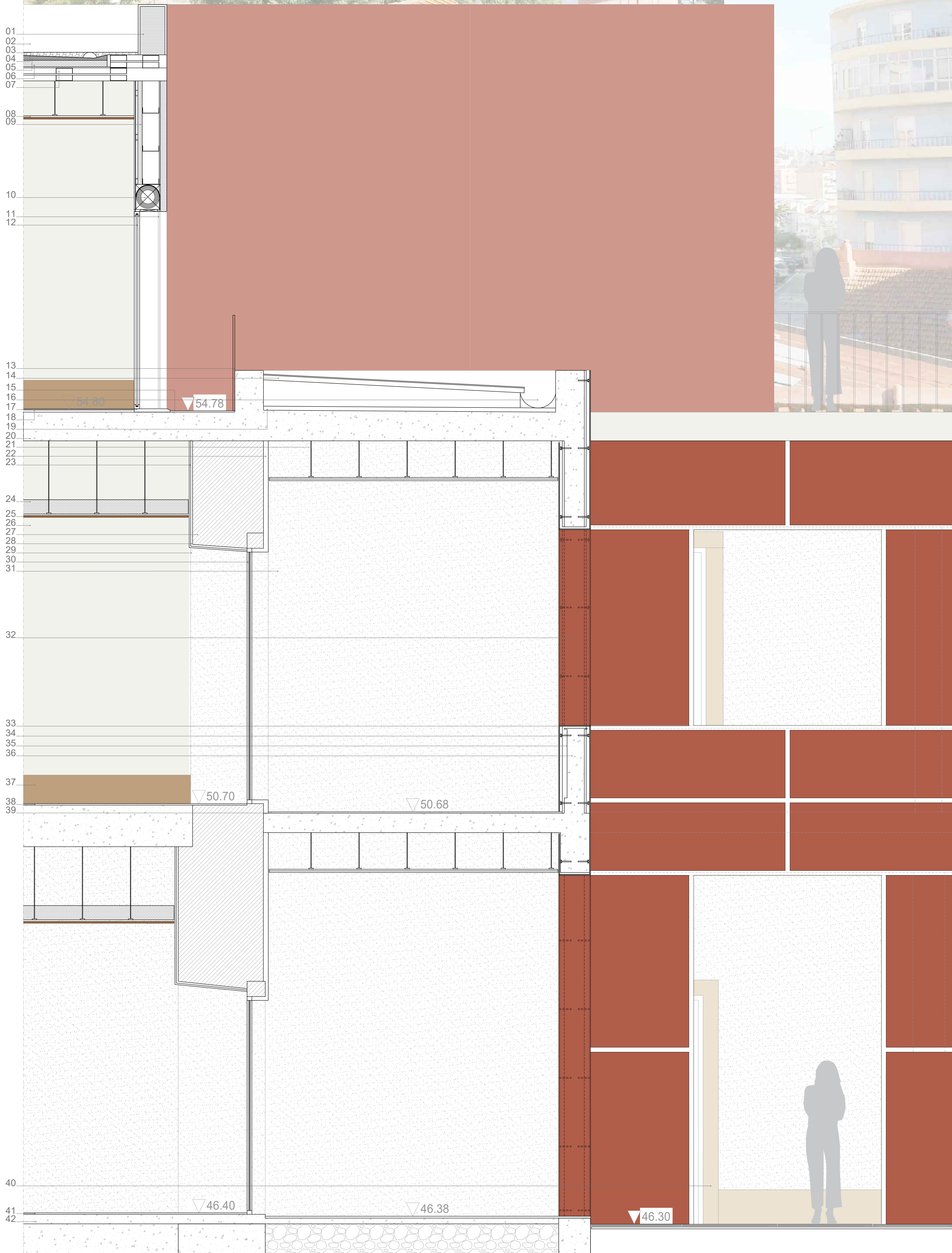
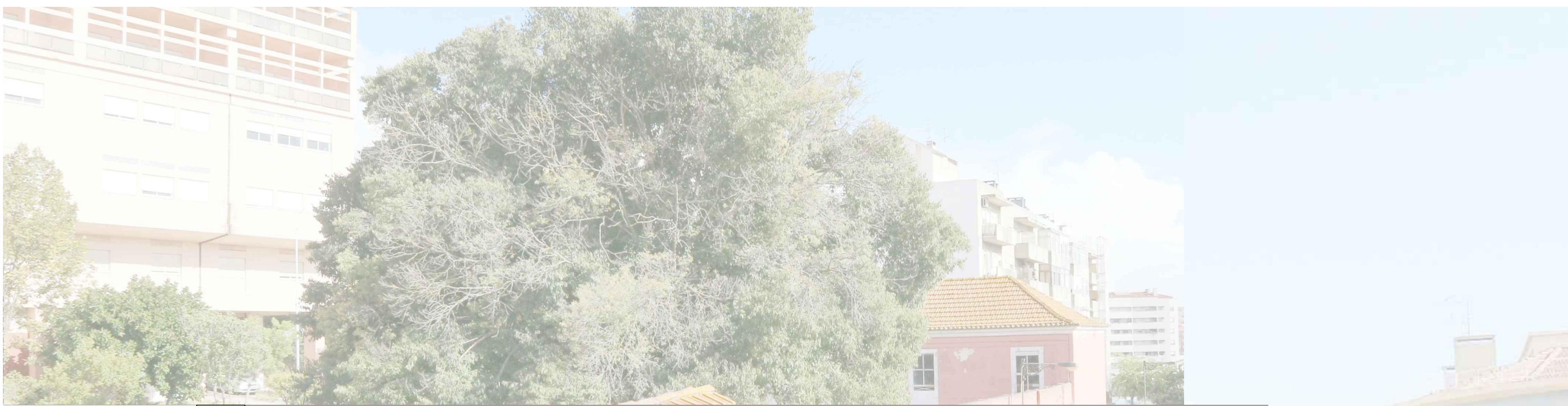
LEGENDA DE ACABAMENTOS DA FACHADA

- 1 REBOCO PINTADO A BRANCO (COR ORIGINAL)
- 2 ARO EXISTENTE EM PEDRA LIOZ
- 3 PAINEL GRC COR K 084 / RAL 040 50 40
- 4 TELHA CERÂMICA MARSELHA (ORIGINAL COM TRATAMENTO)
- 5 LAJETAS TÉRMICAS
- 6 VIDRO DUPLO C/ CAIXILHO ALUMÍNIO BRANCO
- 7 ESTORE EM ALUMÍNIO TÉRMICO BRANCO

CORTE D-D' | 1:200



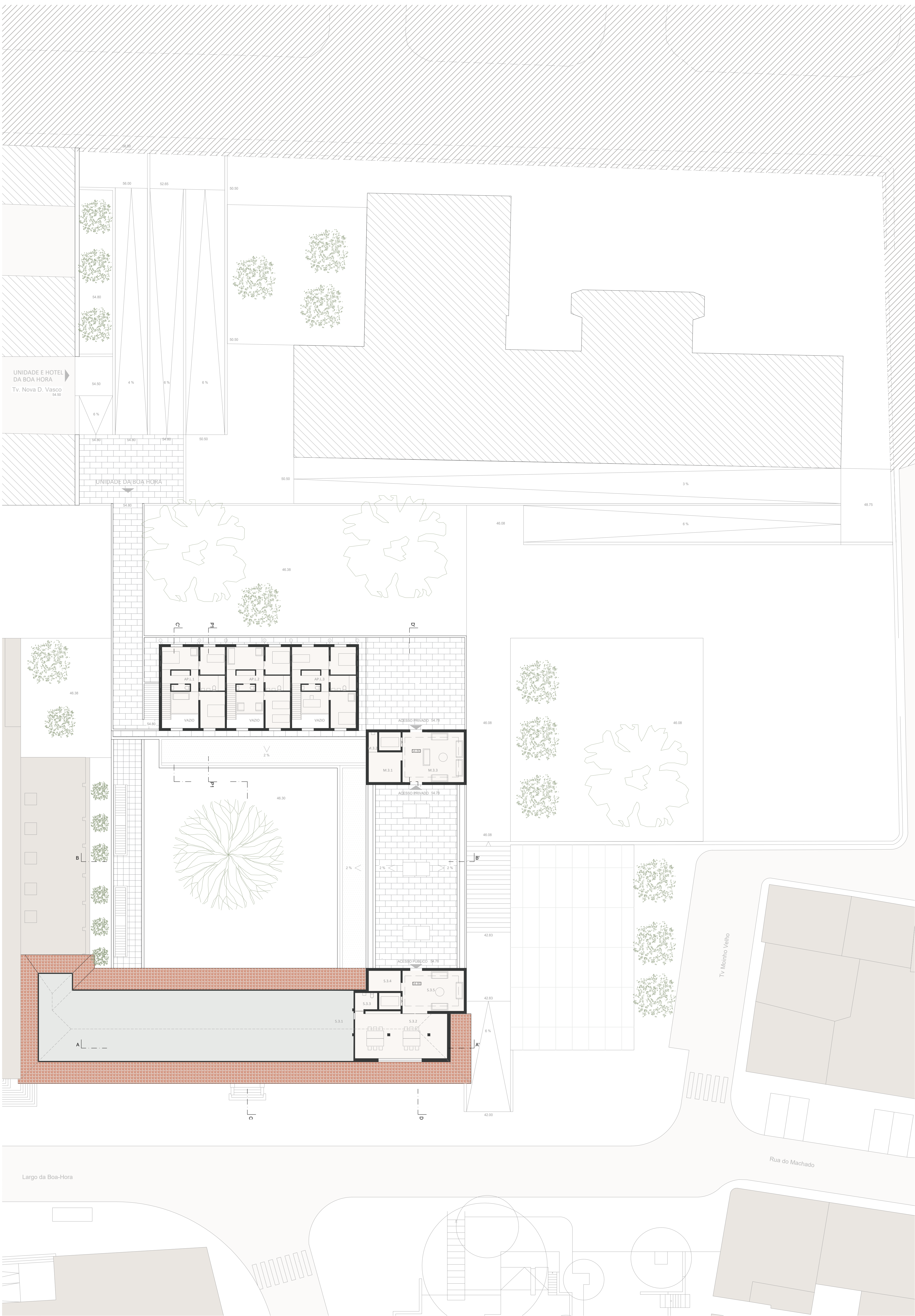
PLANTA PISO 2 | 1:200



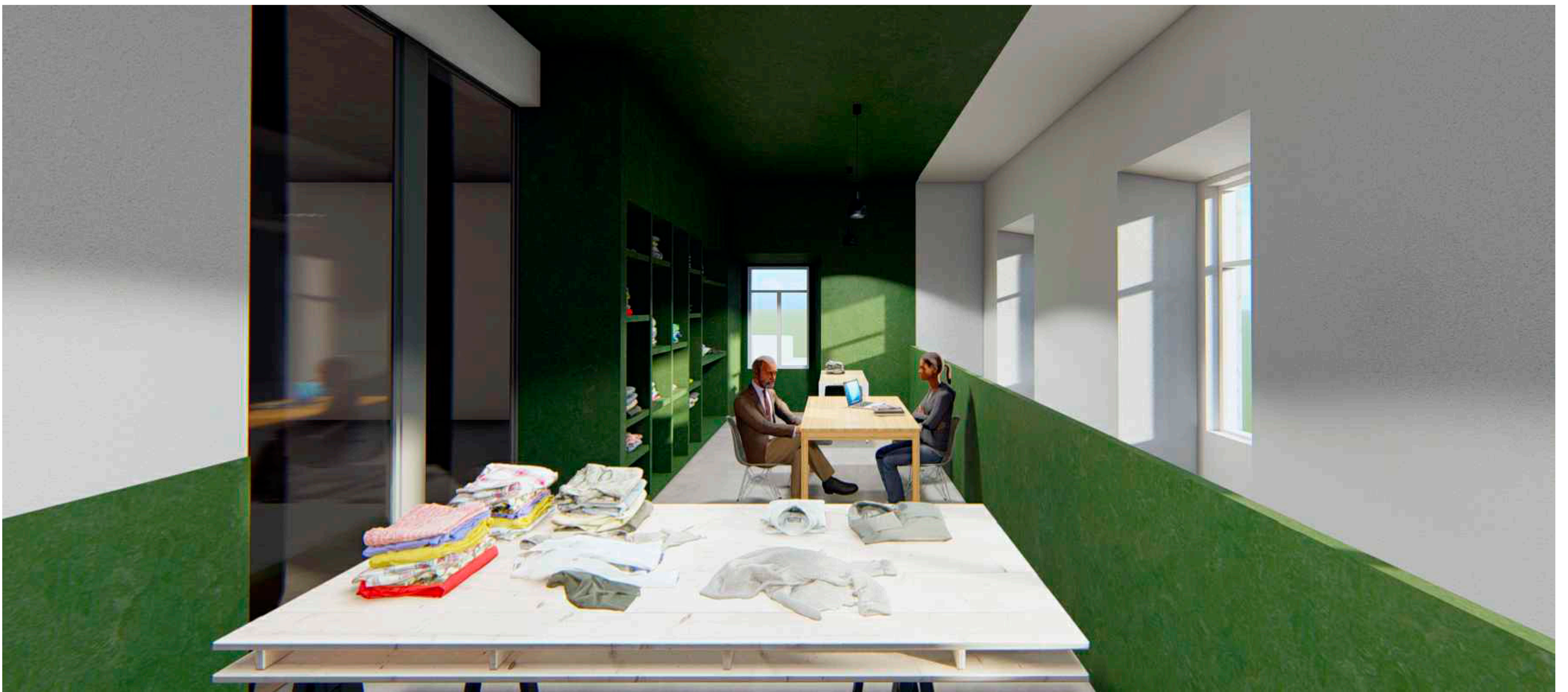
Legenda

- 01 | Platibanda
- 02 | Capiamento
- 03 | Impermeabilização
- 04 | Camada de forma
- 05 | Isolamento térmico EPS
- 06 | Isolamento acústico
- 07 | Estrutura de aço leve
- 08 | Teto falso em estrutura metálica e OSB com aplicação de cortiça
- 09 | Isolamento acústico
- 10 | Caixa de estore com acabamento térmico e acústico
- 11 | Calha de estor em alumínio térmico de cor branca K 001
- 12 | Caixilharia em alumínio cor branca K 001 com corte térmico e vidro duplo
- 13 | Guarda Corpos em alumínio
- 14 | Cobertura com acabamento em painel grc 10 mm de espessura pigmentado cor rosa K 077
- 15 | Cobertura com acabamento em painel grc 10 mm de espessura pigmentado cor rosa K 077
- 16 | Caleira
- 17 | Pedra de soleira em pedra marmore cinza
- 18 | Pavimento em madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood
- 19 | Betonilha de regularização
- 20 | Laje de betão reforçada
- 21 | Teto falso em estrutura metálica e PVC laminado branco cor K 001
- 22 | Sistema Capoto
- 23 | Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil | K 001
- 24 | Isolamento acústico
- 25 | Teto falso em estrutura metálica e OSB com aplicação de cortiça
- 26 | Pintura | K 001
- 27 | Parede de betão armado existente
- 28 | Betão projetado de reforço estrutural tipo UNIPROJ Sécil
- 29 | Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil | K 001
- 30 | Caixilharia em alumínio cor branca K 001 com corte térmico e vidro duplo
- 31 | Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil | K 001
- 32 | Painel grc 10 mm de espessura pigmentado cor K 084 / RAL 040 50 40
- 33 | Painel grc 10 mm de espessura pigmentado cor K 084 / RAL 040 50 40
- 34 | Perfis de fixação para Painel grc 10 mm de
- 35 | Revestimento existente em azulejo
- 36 | Pilar existente em betão armado
- 37 | Rodapé em madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood
- 38 | Pavimento em madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood
- 39 | Cerâmico anti-derrapante tipo Aleluia Cerâmicas P6101R - Urban Stone Greige 60x60 Retificado Natural (mate)
- 40 | Aro existente em pedra lioz
- 41 | Cerâmico tipo Aleluia Cerâmicas Balance Beige 60x60 Retificado Natural (mate)
- 42 | Laje térrea

PORMENOR CONSTRUTIVO | 1:20



PLANTA PISO 3 | 1:200

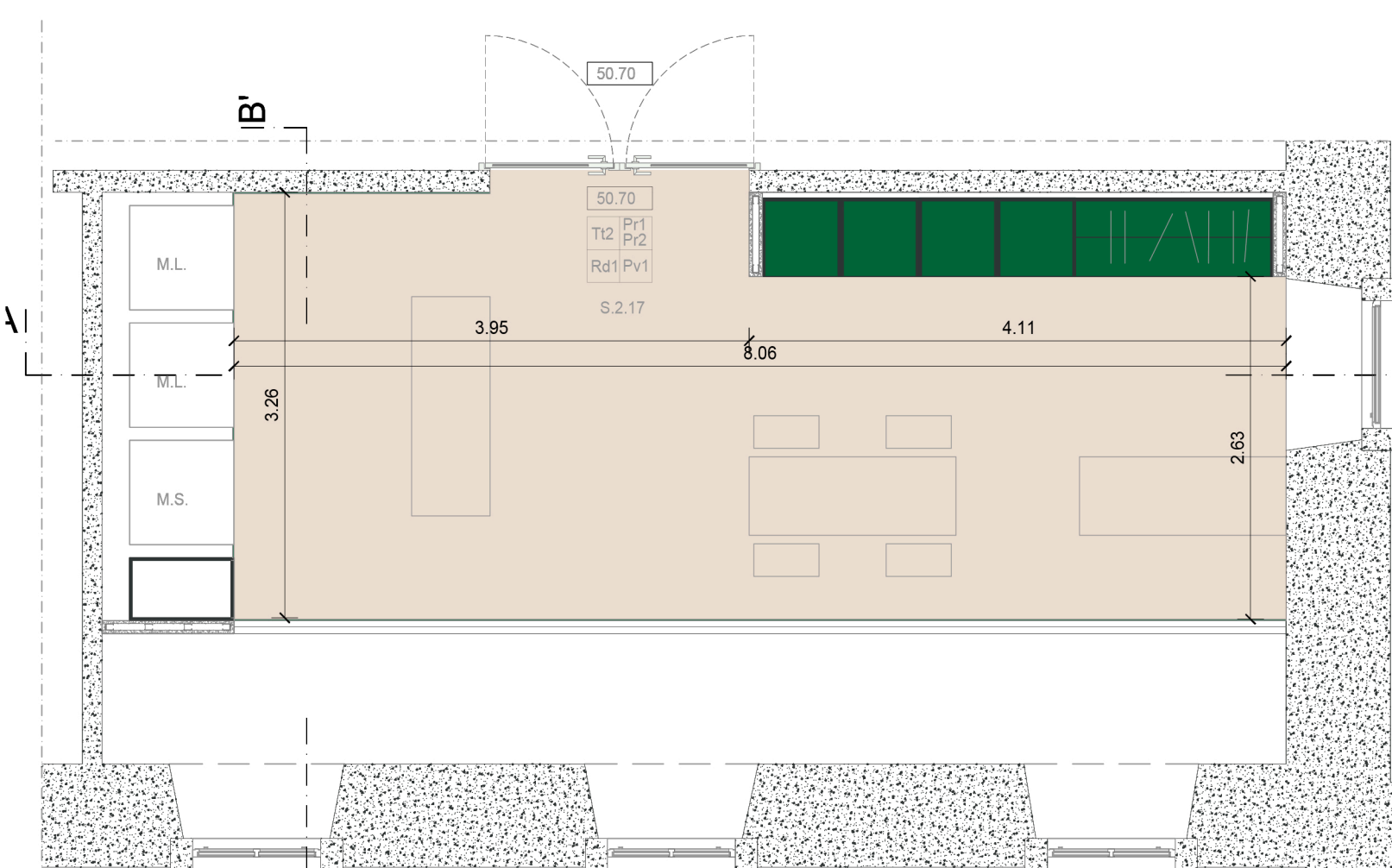


LAVANDARIA, UM CANTO INTERGERACIONAL

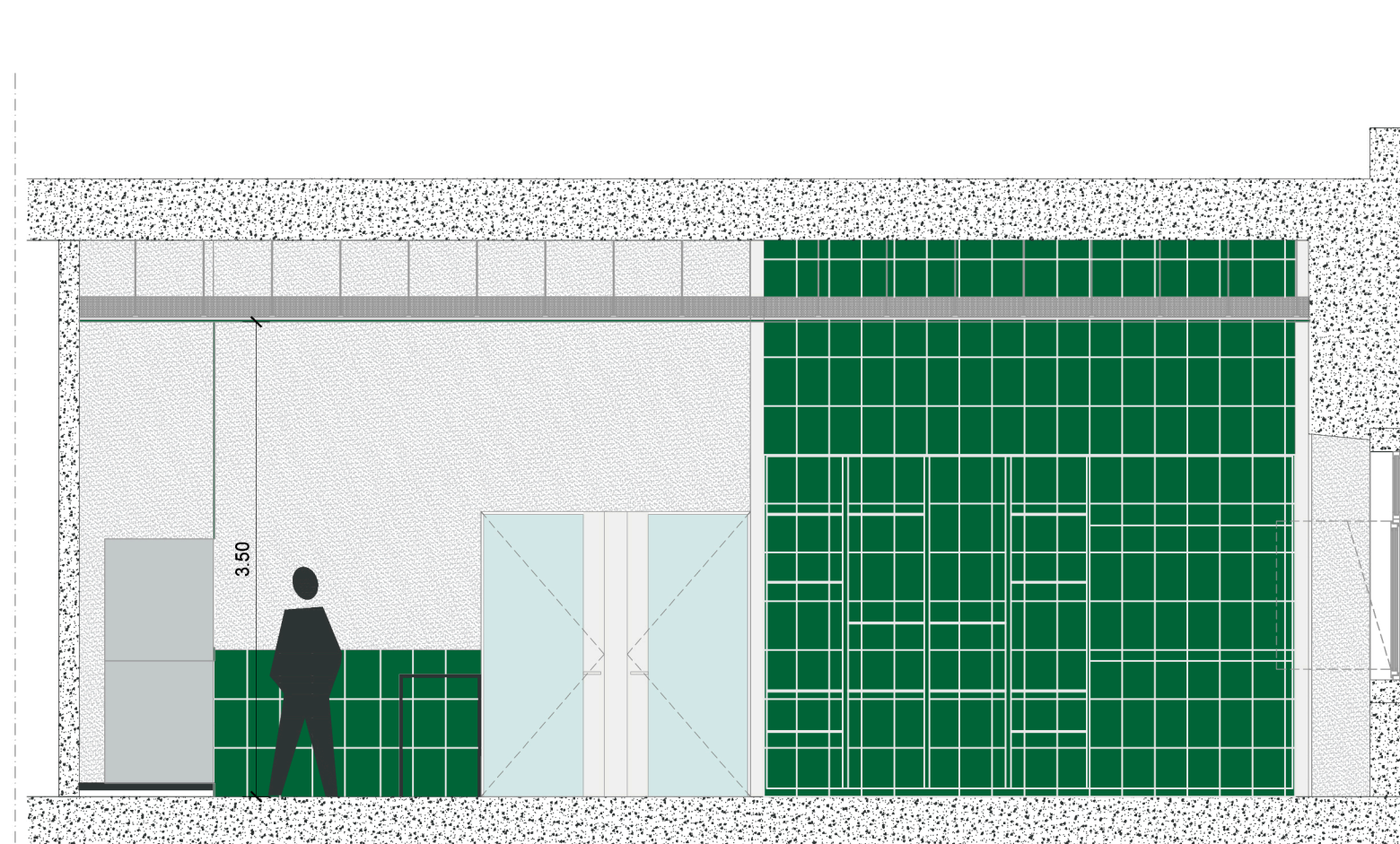


| TETOS | PAREDES | PAVIMENTOS |
|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> Green Mint tipo Investwood Orange tipo Investwood Grey tipo Investwood OSB com aplicação de cortiça falso em gesso cartonado com pintura K 001 Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil K 001 | <ul style="list-style-type: none"> Green Mint tipo Investwood Orange tipo Investwood Grey tipo Investwood Pintura K 001 Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil K 001 | <ul style="list-style-type: none"> Madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood Cerâmico tipo Aleluia Cerâmicas Balance Beige 60x60 Retificado Nat. (mate) Resina Epoxi Brilhante K 007 Cerâmico anti-derrapante tipo Aleluia Cerâmicas P6101R - Urban Stone Greige 60x60 Retificado Natural (mate) Pedra Existente |

OS INTERIORES



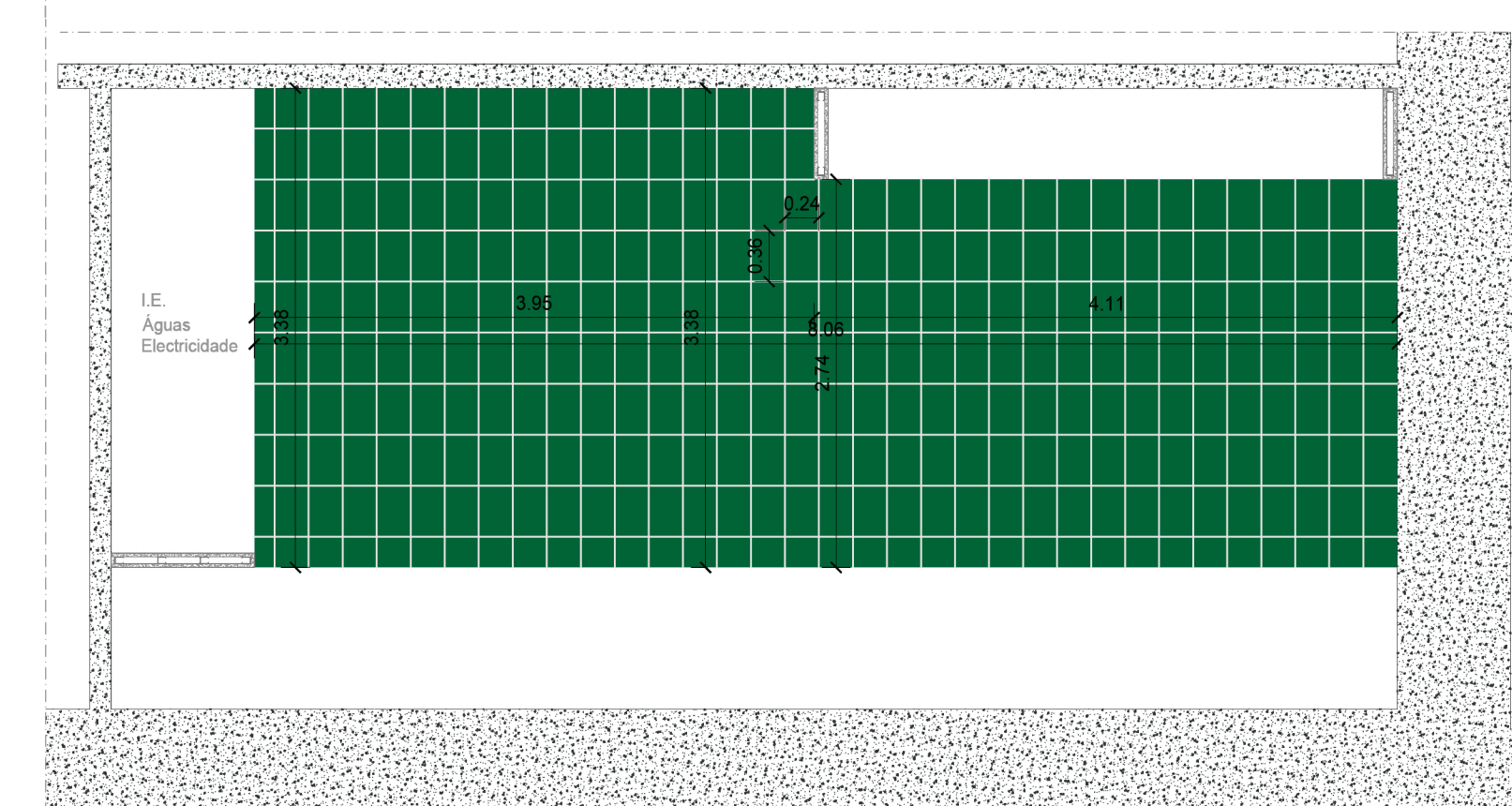
PLANTA | 1:50



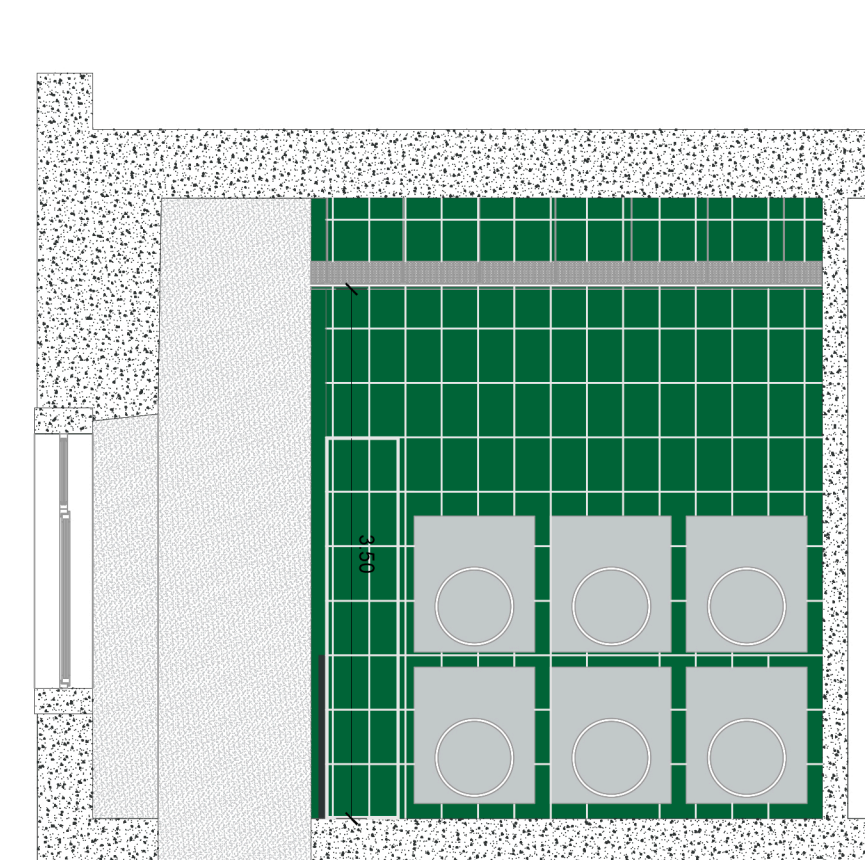
VISTA A | 1:50



VISTA LAVANDARIA



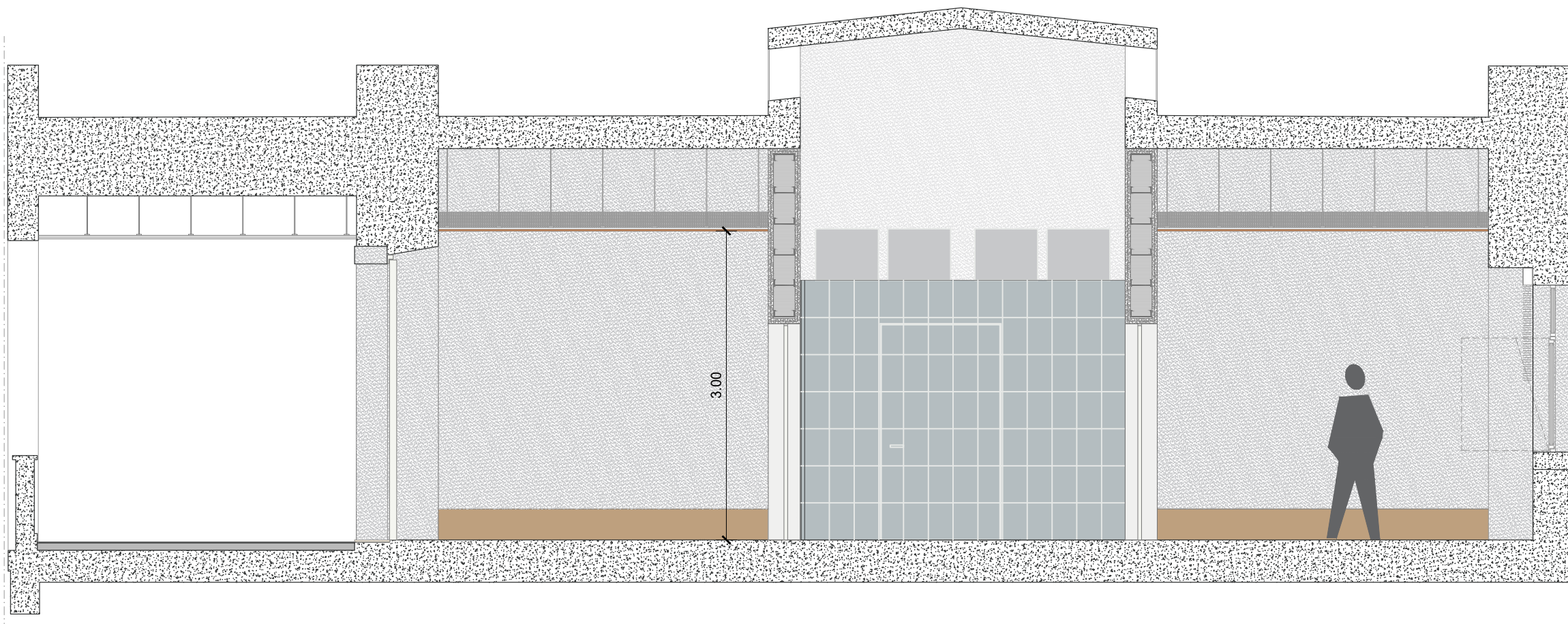
PLANTA DE TETO | 1:50



VISTA B | 1:50

| | |
|-------------------|--|
| TETOS | Tt1 Teto falso em Valchromat Cor Green Mint tipo Investwood |
| RODAPÉS | Rd1 Valchromat Cor Green Mint tipo Investwood |
| PAREDES | Pr1 Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil K 001 Pr2 Valchromat Cor Green Mint tipo Investwood |
| PAVIMENTOS | Pv1 Resina Epoxi Brilhante K 007 |

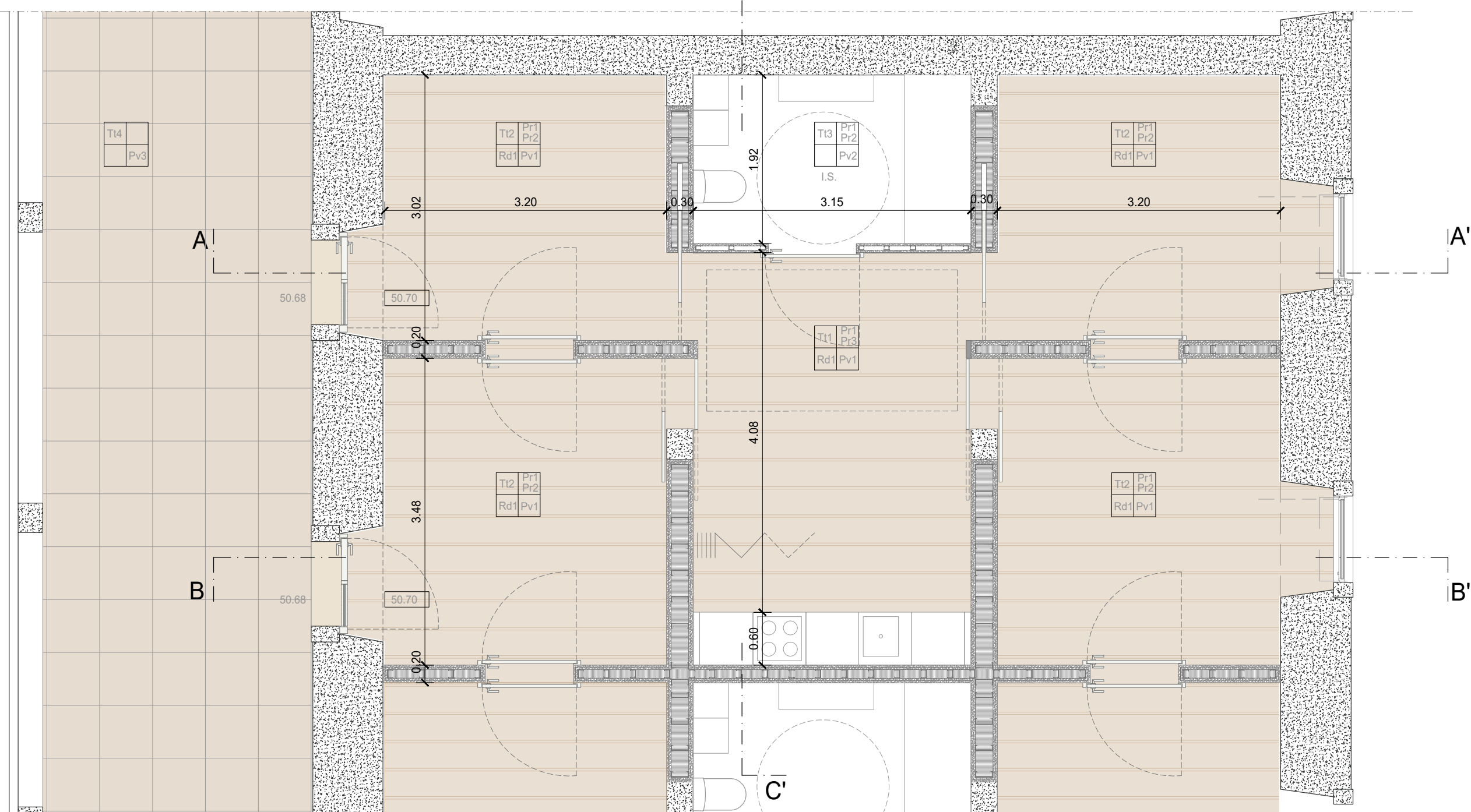
MATERIALIDADE



VISTA A | 1:50



AMOSTRAS MATERIALIDADE



PLANTA | 1:50

TETOS

- Tt1 | Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil | K 001
- Tt2 | Teto falso em OSB com aplicação de cortiça
- Tt3 | Teto em Valchomat | Cor Grey tipo Investwood
- Tt4 | Teto falso em PVC Lamindo Branco

RODAPÉS

- Rd1 | Madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood

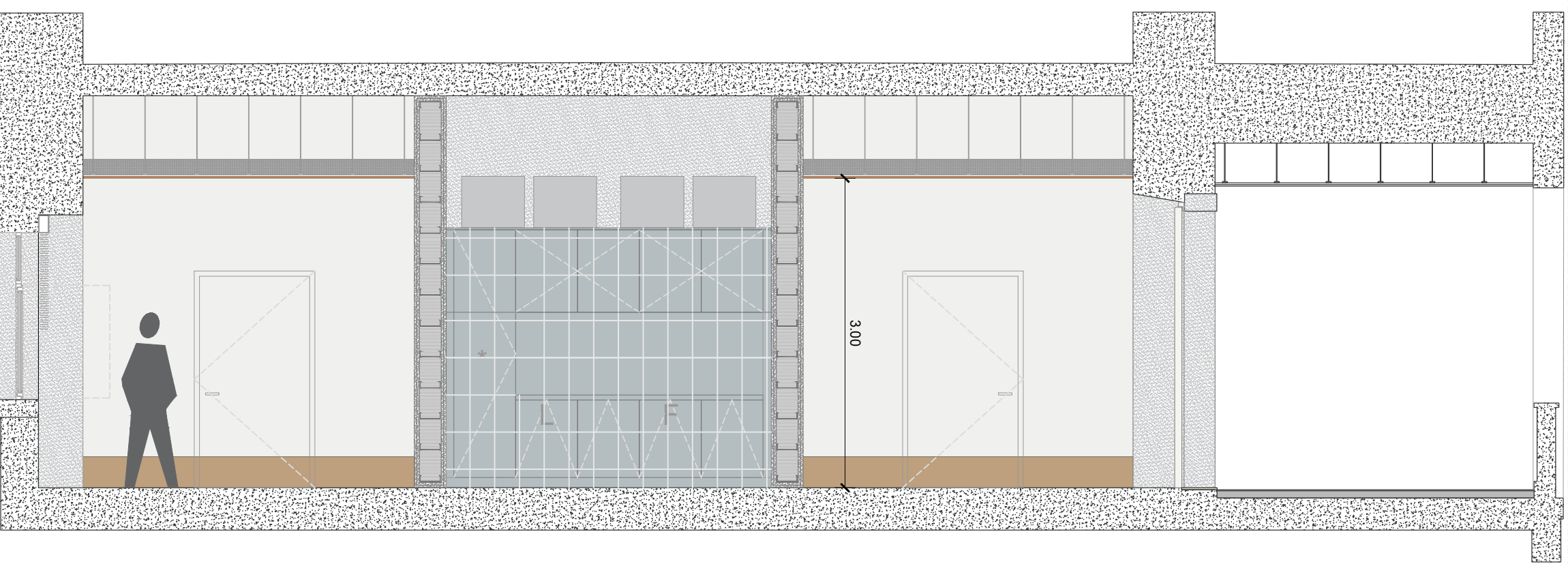
PAREDES

- Pr1 | Pintura | K 001
- Pr2 | Argamassa de acabamento areado tipo REABILITA RS 34 Sécil | K 001
- Pr3 | Valchomat | Cor Grey tipo Investwood

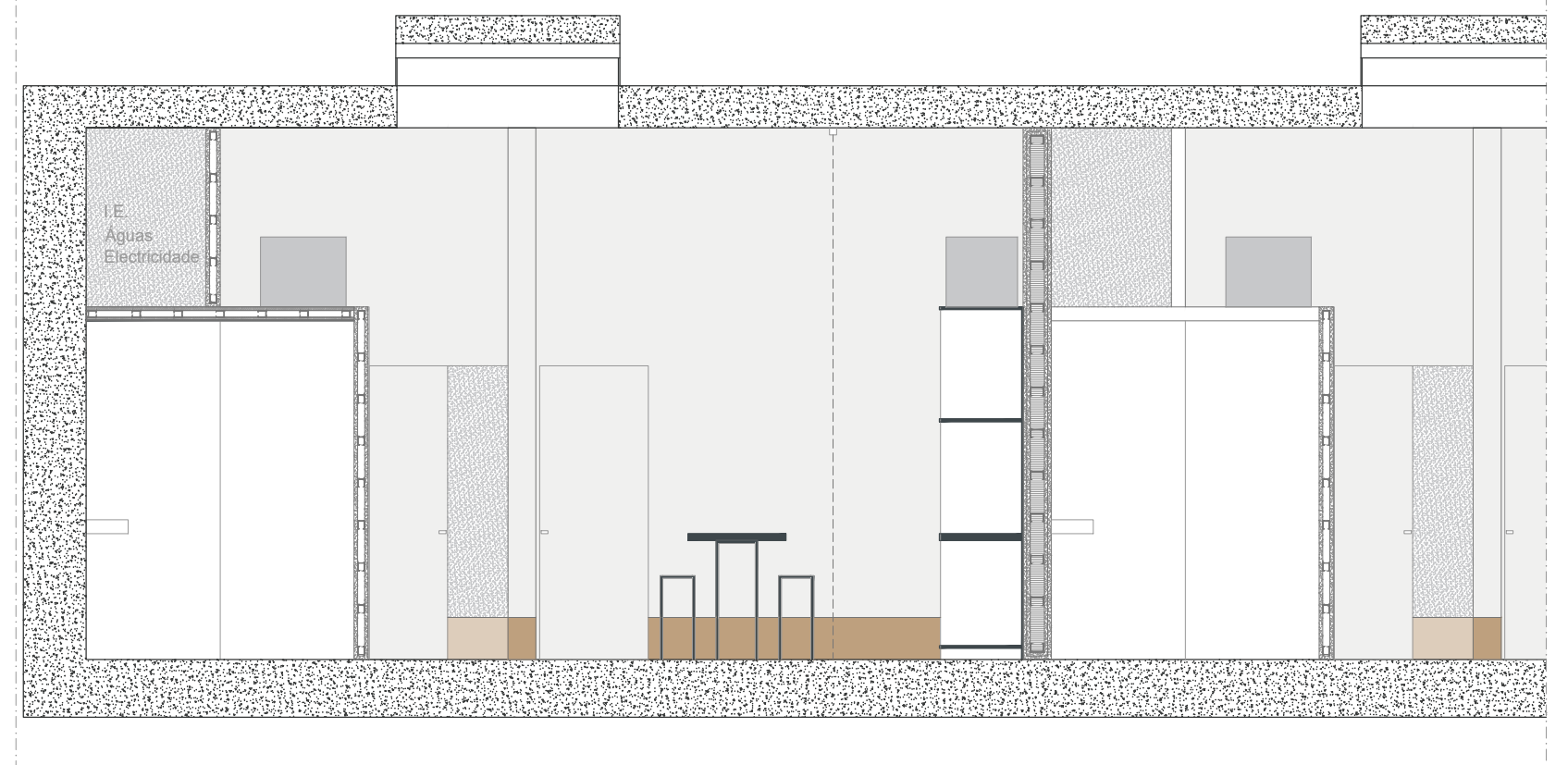
PAVIMENTOS

- Pv1 | Madeira tipo Roble Alhambra Faus Wood
- Pv2 | Valchomat | Cor Grey tipo Investwood
- Pv3 | Cerâmico anti-derrapante 60x60

MATERIALIDADE

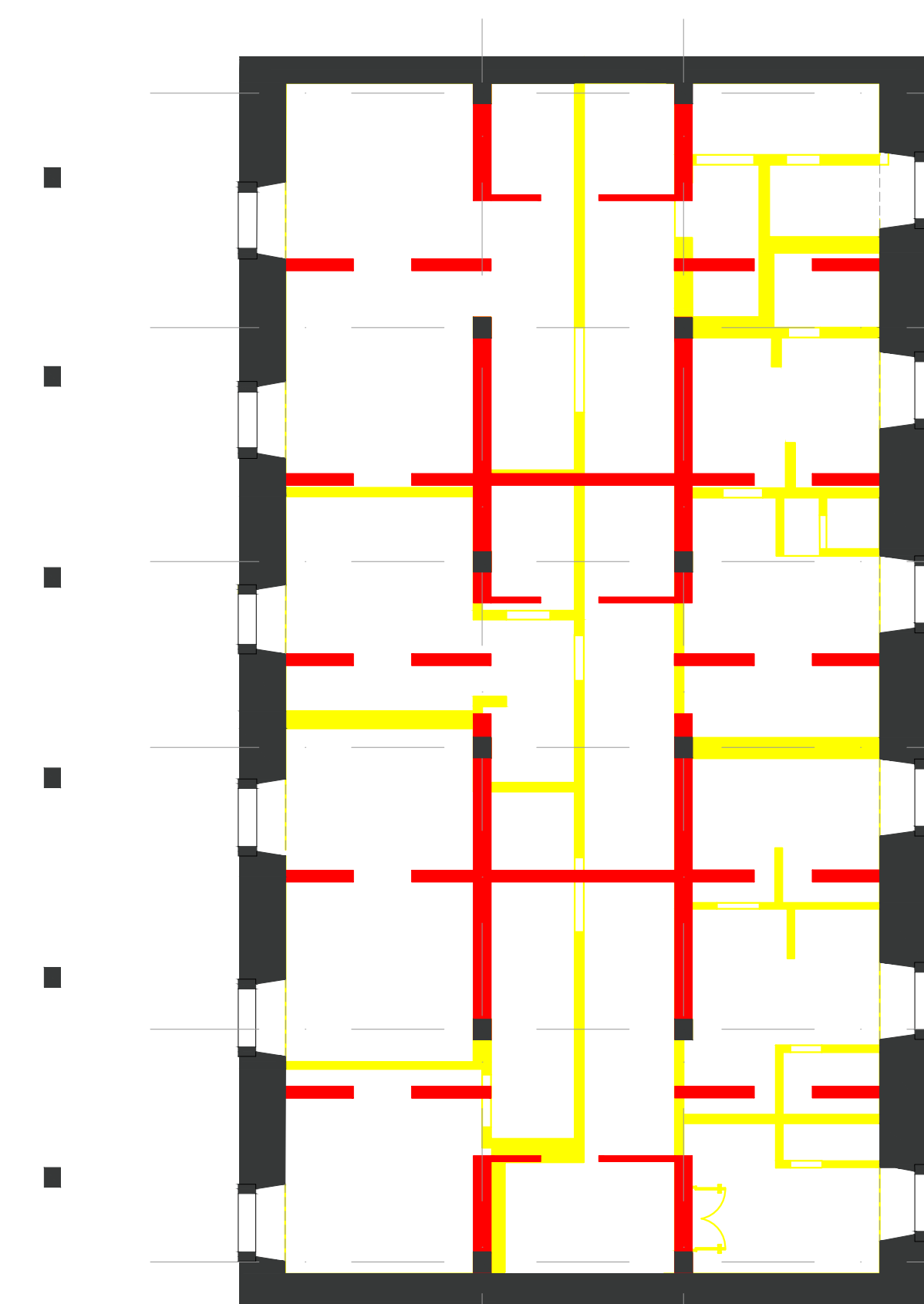


VISTA B | 1:50

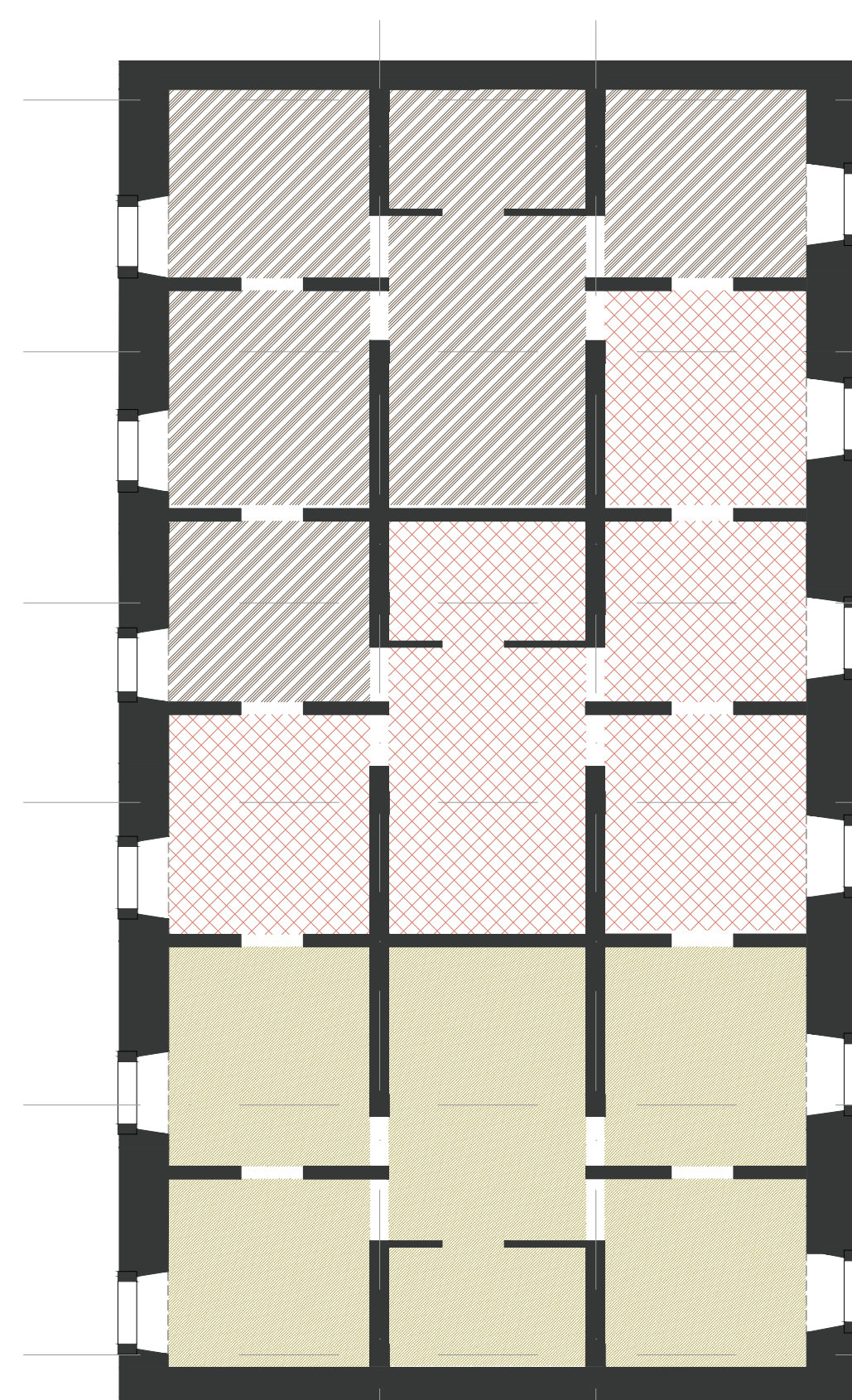


VISTA C | 1:50

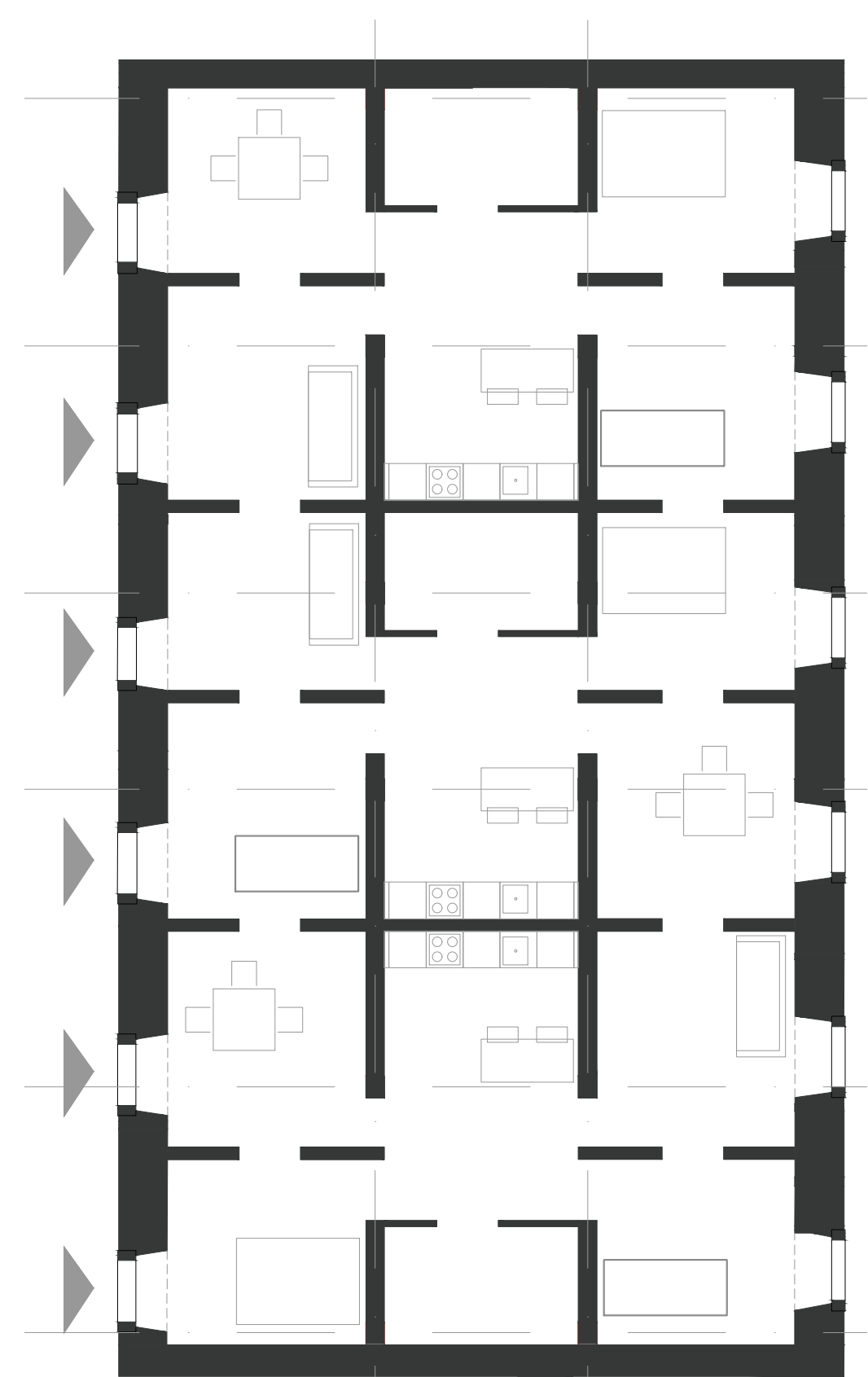
FLEXIBILIDADE PASSIVA: MULTIPLICIDADE DE ACESSOS EXTERIORES | AMBIGUIDADE ESPACIAL | AGREGAÇÃO E DESAGREGAÇÃO | COMPARTIMENTOS INTERCOMUNICANTES



PLANTA AMARELOS E VERMELHOS | 1:100



PLANTA TIPOLOGIAS TIPO | 1:100



PLANTA USOS DOS COMPARTIMENTOS | 1:100